2553.

Os Lusiadas

Poema épico de Luís de Camões

Por Miguel Rodrigues

Lisboa

Na officina de Miguel Rodrigues, impressor do Emmo Cardeal Patriarca.

1772.

C-13-1-48



ILLUSTRISSIMO,

E

EXCELLENTISSIMO

SENHOR.



Acho-me no ultimo quartel da vida, e conheço que naõ póde ser de muita duraçaõ, ajuntando-se a mais de

oitenta annos de idade as molestias continuadas, e frequentes affliçoens de animo, que ainda acabaõ mais que as mesmas molestias. Entre estas circumstancias, que dezenganaõ, e fazem lembrar, o que he melhor, me tem lembrado muitas vezes quanto devo a V. Excellencia, quanto V. Excellencia me tem favorecido sempre, e me tem dado a maõ, naõ sómente para eu poder passar a vida com comodo, mas tambem para deixar os meus filhos em melhor fortuna. Conheço que tudo isto merece o fiel agradecimento, que até agora mostrei para com V. Excellencia, e a sua illustrissima Caza: ou para o dizer melhor, merece hum testemunho publico do mesmo agradecimento, que dure depois da minha morte, para sempre entre

tre os homens. Sim, Senhor, devem elles todos, para dezobrigaçaõ minha, e para honra digna de V. Excellencia, saber que V. Excellencia unicamente por bondade, e grandeza do seu coraçaõ, me acudio sempre com todos os meios uteis para eu adiantar a minha caza, e melhorar a minha condiçaõ, e fortuna, occupando quazi continuadamente a minha Officina no serviço de S. MAGESTADE, procurando-me para mim, e para meu Filho aquelles empregos, a que eu pela minha condiçaõ, e elle pela sua, deviamos aspirar; honrando-nos com palavras mui distintas, e com obras effectivas.

Como elles pois o devem saber assim, e conseguintemente eu tenho obrigaçaõ de lho declarar, e para isso he occasiaõ a mais oportu-

portuna esta, em que para beneficio commum reimprimo novamente todas as Obras do nosso grande Poeta Camoens; aproveito-me della, dedicando-as ao respeitavel nome de V. Excellencia, e ajuntando-lhe estas poucas palavras, que tenho dito.

Dezejei por este modo facilitar mais a todos os nossos Portuguezes a liçaõ deste nosso primeiro Poeta, tanto porque póde servir, conforme ouço a todos, e ouvi sempre, para encaminhar os que pertendem ser bons Poetas; como para ensinar com doutrinas virtuozas, e sans, os que procuraõ ser homens de bem: E por este motivo espero eu ser ainda muito mais aceito a V. Excellencia; pois em todo o seu sabio Ministerio, o que muito devéras intenta, he que os Portugue-

zes

zes saibaõ dignamente celebrar as Reaes acçoens dos seus Monarcas, e tenhaõ todas as virtudes dos homens de bem, e honrados Cidadãos. Na verdade que mais gostozo, e agradavel serviço podia eu fazer, do que publicar á sombra, e debaixo do patrocinio de V. Excellencia hum Autor Mestre de duas coizas taõ nobres, e taõ louvaveis? Certamente creio que he este o maior, e melhor signal do meu agradecimento para com V. Excellencia; e por isso com a liberdade, que he licita aos meus annos, digo que tenho grande satisfaçaõ em o dar ao publico.

Tenho dito, o que tinha que dizer a V. Excellencia, e só accrescento que espero com toda a segurança que a mesma protecçaõ, e amparo, que V. Ex-

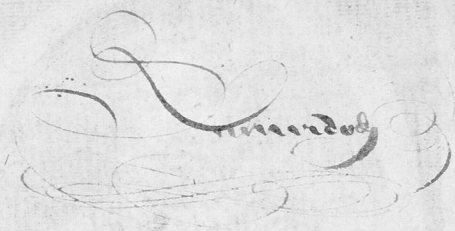
Excellencia me concedeo a mim, a ha de conceder a meus Filhos, e a meus Descendentes. Esta esperança he prova bem evidente de quanto eu confio em Deos que haja de conservar a V. Excellencia largos annos para bem, e felicidade de todos os nossos naturaes, e fiel serviço do melhor Rei do mundo.

De V. Excellencia

Obrigadissimo, e mui reverente criado.

Miguel Rodrigues.

VIDA





MUSIS ET POSTERITATI. S.

LUDOVICO DE CAMÕES, Equiti Lusitano, Poetæ celeberrimo, Musarum delitiis Gratiarum Alumno humanarum literarum Encyclopedico, Nec non armatæ Paladis egregio sectatori: In quo felicissimum Ingenium et adversa Fortuna decertarunt: GASPAR SEVERINUS de Faria veram effigiem enea Tabula incisam ut qui orbem Jam Fama occupavit, presentia exornet. D. D. Q.

VIDA DE LUIZ DE CAMOENS.

DEixando o que pertence á origem da Familia de Camoens em Portugal, em que outros se demoraõ menos necessariamente, diremos o que só he proprio deste lugar. Simaõ Vaz de Camoens, que passando á India por Capitaõ de huma Nau, naufragou na Costa de Goa, e depois falleceu nesta Cidade, cazou com D. Anna de Sá, Senhora grave da Villa de Santarem, e della teve Luiz de Camoens, em quem se extinguio a Familia, por morrer este sem geraçaõ. Naceo elle em Lisboa, ainda que Coimbra, e Santarem pertendaõ a gloria de ser sua Patria, mas sem o fundamento, que basta para o provar. Dizem huns, que nascera em 1517, outros que em 1524, e a estes seguio Manoel de Faria, sendo visto hum assento da Caza

za da India feito em 1550, onde Camoens declarava ter 25 de idade ao tempo, em que se alistava para aquelle estado.

Da Canção IV. que começa = *Vaõ as serenas agoas do Mondego descendo* = se infere que viveo alguns annos na Universidade de Coimbra, cultivando os estudos da Filozofia, e outros alli novamente restabelecidos. Voltando á Corte continuou no enganozo exercicio das suas Poezias. E dirigindo-as a assumptos, a que os seus verdes annos o prendiaõ, sem temer os perigos, que lhe podiaõ sobrevir, nem attender ao respeito de huma pessoa illustre, nem ao do lugar, em que vivia; ellas lhe serviraõ de motivo para experimentar a mesma fortuna, que experimentou outro Poeta da Antiguidade, com quem se compara na sua III. Elegia; ainda que com grande differença na severidade do desterro; pois o de Camoens foi para a Villa de Santarem, cuja assistencia só lhe podia ser violenta, por lhe ser dada em pena; sendo quanto ao mais quazi sua Patria.

Tendo aqui vivido algum tempo, se determinou a passar á Africa, á Praça de Ceuta, entaõ Escola Militar da Nobreza

za de Portugal; e nesta viagem em hum recontro naval, que teve com os Mouros (*) no Estreito de Gibraltar, perdeo o olho direito, de huma faisca do tiro de hum canhaõ, que os inimigos disparáraõ. Feito aqui algum serviço com infelicidade, ainda que naõ sem brio, e valor grande, voltou a Lisboa. Mas o seu genio lhe naõ permittia viver socegadamente na sua Patria; e as suas Poezias encaminhadas quasi sempre a objectos, ou arriscados, ou atrevidos, ainda que vulgares aos Poetas celebres, o obrigáraõ a deixalla com animo de nunca mais voltar a ella, fazendo o protesto de que naõ seria nella a sua sepultura. Embarcou com Fernando Alvares Cabral Capitaõ mór de quatro Naus, que hiaõ á India em Março de 1553. Tendo-se perdido tres destas Naus com huma grande tempestade, aportou só a Capitania em Goa no fim de Setembro do mesmo anno.

Logo em Novembro seguinte se embarcou com o Vice-Rey, que entaõ era daquelle Estado, D. Affonso de Noronha,

(*) Veja-se Canç. 10. Est. 10.

ronha, em huma groſſa Armada, que hia em ſoccorro dos Reys de Cochim, e de Porcá, aos quaes tinha tomado algumas Ilhas dos ſeus Dominios ElRey de Chembé. Na Elegia I. fala Camoens deſta expediçaõ, e do ſucceſſo, que ella teve.

Com grande gloria do Vice-Rey ſe recolheraõ a Goa no principio do anno de 1555., e acháraõ a triſte noticia de ter fallecido em Lisboa em 2 de Janeiro de 1554. o Principe D. Joaõ Pai d'ElRey D. Sebaſtiaõ, e em Africa em 16 de Abril de 1553. D. Antonio de Noronha, filho do Santo D. Franciſco de Noronha II. Conde de Linhares. A' morte de D. Antonio, ſeu particular amigo, compoz Camoens o Soneto XII., que começa = *Em flor vos arrancou* = e a Egloga I. em que tambem faz menção da morte do Principe D. Joaõ taõ ſenſivel para todos os bons Portuguezes.

Succedêra no Governo da India a D. Affonſo de Noronha, o Vice-Rey D. Pedro Maſcarenhas, e expedindo em Fevereiro de 1555. huma armada ao Eſtreito de Meca commandada por Manoel de Vaſconcellos: nella embarcou Camoens. De todo o ſucceſſo da expediçaõ tomou mate-

materia para a Cançaõ IX., que começa com a diſcripçaõ Topografica do monte Felix, que fica dominando aquelle Eſtreito. Tendo invernado em Ormuz, ſe recolheo a Goa em Outubro do meſmo anno.

Tinha ſuccedido em 16 de Junho a morte de D. Pedro Maſcarenhas, e governava já aquelle Eſtado Franciſco Barreto. Ainda Camoens naõ acabava com as ſuas traveſſuras. Eſcreveo alguns verſos picantes, e ſatyricos, que intitulou = *Diſparates da India* = : ajuntou mais huma compoziçaõ em Proza, e Verſo, onde engraçadamente fazia ridiculas algumas peſſoas das mais diſtintas daquella Capital, que em obzequio do novo Governador tinhaõ feito hum feſtejo publico. Eſte o fez prender, e no anno ſeguinte de 1556. o degradou para a Cidade de Macau na China. Na viagem topando a Nau em huns baixos na coſta de Cambaia, defronte da Fós do Rio Mecon, e ficando alli deſpedaçada; em huma taboa, que poude ganhar, ſalvando o ſeu Poema dos Luziadas com huma maõ, e com a outra a propria vida, ſahio em terra. Parece veroſimil, que neſte

lugar

lugar compoz as Redondilhas tão celebradas pelo insigne Poeta Lope da Vega. Começão ellas = *Sobe los rios, que vão de Babylonia, me achei*, = onde fazendo huma parafraze do Psalmo 130, combina entre si os trabalhos dos Hebreus soffridos no Cativeiro daquella Cidade, com os que elle actualmente soffria neste novo desterro. Desta desgraça se lembrou o Poeta na Estancia 128. do Canto I.

Chegado a Macau; parte pela sua diligencia, na occupação de Provedor mór dos Defuntos, que ahi servio; parte pelo favor dos seus amigos, adquirio algum cabedal, nos sinco annos, que alli esteve. Parece que tambem assistio algum tempo em Tidore, e em Ternate; porque descreve o sitio, e mais coizas notaveis destas Ilhas no Canto X. do seu Poema, como quem as vio, e observou muito de perto.

No fim deste tempo tornou a embarcar para Goa, onde entrou em 1561. sendo já Vice-Rey D. Constantino de Bragança, que em 3 de Setembro de 1578. tinha começado o seu Governo. A este Principe offereceo as belissimas estancias, que começão = *Como nos vossos hombros*

bros taõ conſtantes &c. = Nellas celebra as grandes acçoens dos Senhores da Caza de Bragança, progenitores do Vice-Rey; e tambem os illuſtres feitos acontecidos no governo deſte Principe. Succedeu-lhe no principio de Outubro do dito anno de 1561. o Conde de Redondo D. Franciſco Coutinho; e logo foi adverſa a fortuna do noſſo Poeta. Accuzaraõ-no de alguns erros, e faltas cõmettidas no cargo, que exercitára em Macau; e daqui rezultou ſer logo prezo á ordem do Conde D. Franciſco. Juſtificou-ſe de toda a accuzaçaõ, e eſtando a ponto de conſeguir a liberdade, o fez embargar na prizaõ, com o pretexto de huma divida, hum Miguel Rodrigues Coutinho, por alcunha Fios-Seccos. Sobre eſte ſucceſſo eſcreveo Camoens ao Vice-Rey o engraçado Memorial, que começa = *Que diabo ha taõ danado, que naõ tema a cutilada &c.* =

Alcançada em fim a liberdade, continuou a vida militar, e as ſuas compoziçoens Poeticas: acabou o Poema dos Luziadas; e para o offerecer ao ſeu Soberano, rezolveo paſſar-ſe a Lisboa contra o propozito, que tinha feito de nunca mais tornar a ella; do qual eſtava naõ ſó

arre-

arrependido, mas dezobrigado, pelo que tantas vezes experimentára nas estranhas. Embaraçou-o nesta determinaçaõ Francisco Barreto, que fora despachado Capitaõ de Sofala; rogou-lhe o quizesse acompanhar, e para os provimentos da viagem lhe empréstou duzentos cruzados. Julgou Camoens, que deste modo mais facilmente poderia passar-se ao Reino, fazendo alli algum negocio, e esperando embarcaçaõ mais comoda. Assim foi; porque passados poucos mezes arribou ao porto de Sofala a Nau chamada Santa Fé, que vinha de torna-viagem para Lisboa. Nella embarcava Heitor da Sylveira, Duarte de Abreu, e outros Fidalgos amigos de Camoens, que lhe offereceraõ a sua companhia, e o transporte gratuito. Naõ o queria assim Francisco Barreto; e para reter comsigo a Camoens, o obrigou, menos honradamente a que lhe pagasse os duzentos cruzados, sabendo muito bem que Camoens o naõ podia fazer. Os amigos ajustando-se entre si, pagaraõ a divida, e o puzeraõ em liberdade. Entre estes estava Diogo de Couto, celebre Historiador nosso, è honrado estimador de Camoens, com quem na viagem contrahio

hio particular amizade : e moſtrando-lhe elle os ſeus Luziadas, fez que quizeſſe illuſtrallos com algumas a notaçoens ; o que Diogo do Couto ſatisfez, ainda que ellas nunca ſe publicáraõ, ao menos que nos conſte.

Entrou finalmente Camoens em Lisboa em 1569., e achou a Cidade na maior conſtrenaçaõ pelo contagio, que nella ſe tinha ateado : eſte, e outros embaraços fizeraõ que naõ publicaſſe o ſeu Poema dos Luziadas, ſenaõ em 1571., alcançando Privilegio Real para elle em 4 de Setembro. Concluio-ſe a impreſſaõ em 1572., e teve logo aceitaçaõ taõ geral, que no meſmo anno foi neceſſario que ſe reimprimiſſe.

Naõ obſtante tudo iſto ; ou por infelicidade ſua, ou por negligencia propria dos ſeus intereſſes, nos ſete annos, que viveo mais, paſſou com tal mizeria, e em tal dezamparo de meios para ſubſiſtir, que lhe era neceſſario que hum eſcravo, que tinha, lhe andaſſe de noite pedindo eſmola para ſe poder ſuſtentar ; pois nada mais tinha de renda annual, e fixa, do que a pequena quantia de quinze mil réis, de que ElRey lhe fizera mer-

mercê, com obrigaçaõ de viver na Corte. Como assim passava, era obrigado a naõ apparecer quasi nunca, nem communicar-se. Só algumas vezes sahia ao Convento de S. Domingos ouvir Theologia Moral, estudo, que o consolava na sua afflicaõ, e no seu trabalho; e tratar com alguns Religiozos graves, e pios, que o ajudavaõ, como podiaõ, dirigindo-o, para que da sua tribulaçaõ se aproveitasse para alcançar a felicidade segura, e eterna.

A todos estes desgostos, e trabalhos de Camoens se lhe ajuntou a lamentavel desgraça da sua Patria, succedida com a perda do Senhor Rey D. Sebastiaõ, que lhe aggravou tanto as molestias, e enfermidades, que cahindo na cama com huma doença importuna, e dilatada, no anno de 1579. acabou a vida. Como tinha tido tempo para se preparar, tinha-o feito como bom Catholico: naõ se sabe o dia, em que falleceo; nem tambem o lugar, aonde: alguns dizem que no Hospital; outros que em sua pobre caza; e que da de D. Francisco Manoel se lhes déra por esmola hum lençol para mortalha: seja o que for; o que he certo

to he que seu corpo foi sepultado no Convento das Religiozas de Santa Anna, que entaõ era tambem Freguezia; e que achando-se a sepultura em 1595. D. Gonçalo Coutinho mandara passar o cadaver para outra mais decente, e lhe pozera o seguinte Epitafio:

Aqui jaz Luiz de Camoens
Principe dos Poetas do seu tempo
Viveo pobre, e mizeravelmente
E assi morreo
Anno de 1579.

Esta campa lhe mandou aqui pôr D. Gonçalo Coutinho. Na qual se naõ enterrará pessoa alguma.

Passados 136. annos, fazendo-se da entrada, que era da dita Igreja, Coro para as Religiozas, se conservou neste lugar a mesma sepultura.

Era Camoens de estatura mediana, mas cheio de carnes; o rosto hum pouco carregado; o nariz comprido, levantado no meio, e grosso na extremidade; o cabello loiro; olhos muito vivos, mas perdendo hum delles, como dissemos, na guer-

guerra, este defeito lhe alterou notavelmente a boa graça do semblante. Era affavel no trato, na conversaçaõ divertido, e agradavel, liberal, e benigno com os seus amigos; honrava as virtudes, e aborrecia os vicios; amou a sua Patria, mostrando valor nas occazioens de defendella, e constancia nas adversidades, que dentro, e fóra della experimentou.

Innumeraveis homens judiciozos, e de bem delicado gosto falaraõ sobre o merecimento de Camoens, como Poeta; mas para nós o qualificarmos com a authoridade, que nos basta, trasladaremos sómente o que escreveo o eruditissimo D. Nicolau Antonio, cujo voto he da maior authoridade, e pezo, muito mais em materia similhante. *Tinha Camoens* (diz este Sabio) *hum engenho maravilhozamente excellente, creado de propozito pela natureza para a Poezia; facil, abundante, sublime, vivo: exprimia os seus pensamentos, que eraõ muitos, e admiraveis, em Versos, ou fossem Epicos, ou Liricos, elegantissimos, e cheios de espirito: mereceraõ em toda a parte igual louvor, tanto as amorozas Poezias, que escreveo apaixonada, e suavemente, como*

os

os esforçados feitos, sublimes dos grandes Generaes, que descreveo á medida da magestade do assumpto; huma, e outra coiza engenhosissimamente naõ só entre os termos de Portugal, mas onde quer que resta algum sentimento do saõa, e delicado gosto. Nas descripçoens Geograficas, e Prozopograficas igualou a arte nelle a natureza: Conciliou entre si o que era bem o posto; e esmaltou formosissimamente com a variedade dos Epizodios, como com aprazeveis digreçoens fabulozas, desde o principio, toda a serie das accoens; e isto todavia sem perder a summa fé, com que em o verso comprehendeu factos verdadeiros. Além de Camoens ter mostrado assaz, que era erudito no conhecimento de todos os primeiros Poetas, de toda a Antiguidade, e das sciencias mais severas. Brilhaõ de sorte estas coizas todas, e se offerecem aos entendimentos dos eruditos, e mostraõ que o Autor as comprehendia maravilhozamente todas em si. Até aqui aquelle eruditissimo Hespanhol.

Naõ dezagradará aos nossos Nacionaes ler aqui tambem o juizo de hum sabio Francez, cujo voto deve ser de grande pezo entre os homens eruditos, ainda

da que em grande parte funde o que diz ſobre o que deixámos referido do erudíto D. Nicolau Antonio. He eſte Mr. Baillet nos ſeus juizos dos Sabios (*) *Paſſa Camoens*, diz eſte judiciozo Critico, *no mundo pelo Marcial, o Ovidio, Horacio.* (Naõ tinha eſte Sabio noticia nem do noſſo inſigne Ferreira, nem do noſſo celebre Bernardes, que taõ ſimilhantes ſaõ a eſtes dois Romanos,) *e o Virgilio dos Portuguezes. Os Epigrammas, Elegias, e Odes, que elle fez, ſe imprimiraõ em Lisboa em quarto. Poder-ſe-hia ter contado tambem, como o Plauto do ſeu Paiz.* (Melhor merecia eſte nome o noſſo Sá de Miranda, e o noſſo Ferreira) *ſe para iſto baſtaſſe ſómente o ter eſcrito Comedias. Mas agora conſiderallo-hemos unicamente como Poeta heroico, e como verdadeiro Virgilio da ſua Naçaõ, por cauza do ſeu celebre Poema dos Luziadas, ou Conquiſta das Indias pelos Portuguezes. Tinha com effeito Camoens hum genio inteiramente extraordinario; havia naſcido Poeta; tinha o engenho vivo, ſublime, polido,*

(*) Tom. 4. Part. 3.

lido, abundante, facil. Até aqui este Sabio; que depois continúa a dizer o que já referimos de D. Nicolau Antonio; e depois continúa desta sorte.

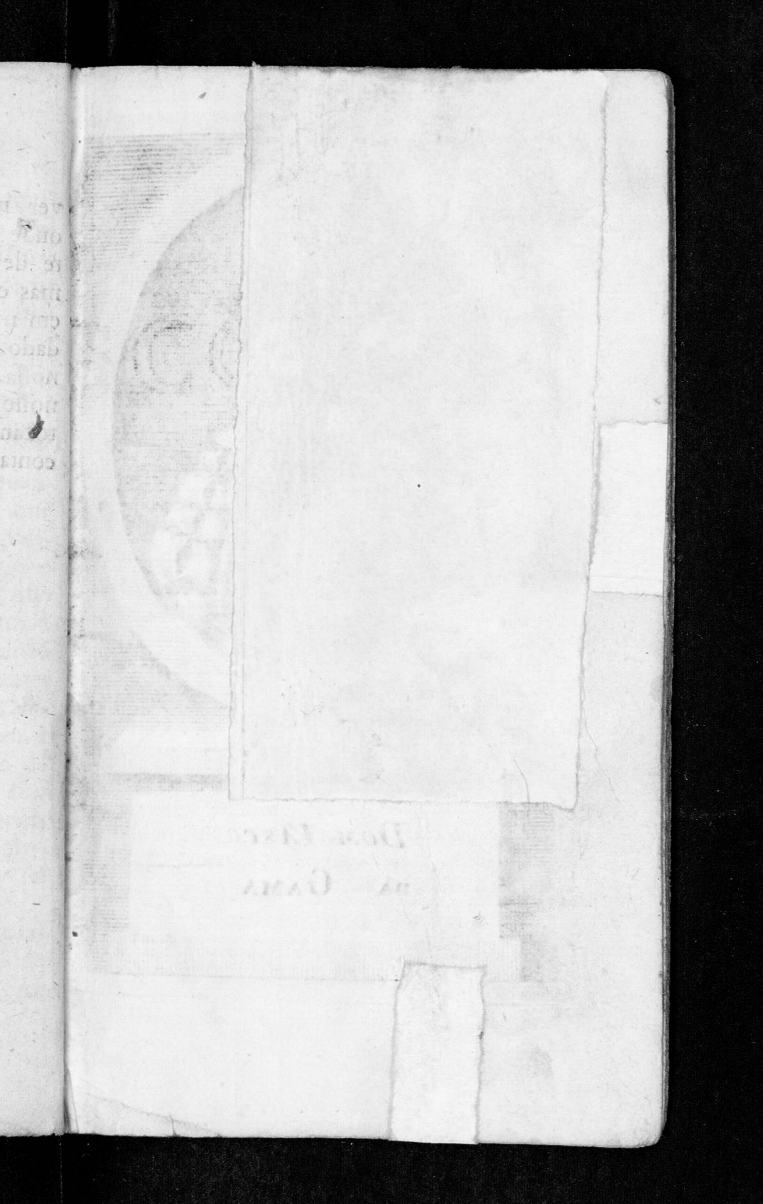
Saõ estes os defeitos, que o Padre Rapin notou no Poema dos Luziadas. *Diz na Primeira Parte das suas Reflexoens, que naõ obstante ser Camoens taõ admiravel, como he no juizo dos Portuguezes, naõ deixa de ser reprehensivel em serem os seus versos taõ escuros, que poderiaõ passar por mysterios* (creio que o Padre Rapin, ou nunca leu Camoens na lingoa original, ou se o leu, entendia esta muito pouco, ou nada. Nunca os que bem a entendemos lhe achámos tal obscuridade; mas elle escreveo só para os que entendessem a sua lingua.) Continúa mais: *Na Segunda Parte diz este Padre que o designio deste Poema he mui vasto, sem proporçaõ, sem regularidade de expressaõ, e he muito mau modelo para o Poema Epico.* (Parece-nos que em todas estas palavras ouvimos hum homem, que sonha estando enfermo de huma febre activa, e em delirio furiozo, e inquieto.) Até aqui o que Baillet refere do Padre Rapin a respeito de

Camoens, e neſte Padre nada encontrámos judiciozo, e acertado mais do que o notar elle a equivocaçaõ, e miſtura das Divindades profanas em hum Poema Chriſtaõ, e alguma irregularidade daquellas, em que ainda os maiores genios naõ deixaõ de ter miſtura: porém das divindades profanas ſó a podemos attribuir a huma preoccupaçaõ quazi geral dos tempos, em que Camoens eſcreveo.

Neſta ediçaõ ajuntámos tudo quanto ſe poude prudentemente julgar, que pertencia ás compoziçoens do noſſo grande Poeta; e procurámos que ſahiſſe o mais correta, e exactamente, que foſſe poſſivel, naõ perdoando para iſſo nem á diligencia, nem ao cuidado. Além diſto naõ ſe cuidou menos em que os volumes ficaſſem taõ comodos, que podeſſem facilmente todos os Portuguezes com a menor deſpeza aproveitar-ſe da liçaõ de hum Poeta, que os podeſſe enſinar naõ ſó de muitas maximas Civis, e Moraes excellentes; mas até da graça, e propriedade, e elegancia de ſe explicar na ſua lingoa patria.

Tem-ſe reimpreſſo muitas vezes as Obras de Camoens todas, como ſe póde ver

ver no artigo da Biblioteca Luzitana, onde se falla neste Poeta. A mais elegante de todas he a que se fez em Pariz; mas certamente nem na correcçaõ, nem em numero de compoziçoens, que cuidadozamente se ajuntáraõ, excede a esta nossa. Pelo que merece ser bem aceito dos nossos Nacionaes este serviço, que gostozamente lhe faz, quem o tomou por sua conta.





Dom Vasco
da Gama

ARGUMENTO HISTORICO, DOS LUSIADAS.

NOmeado Vasco da Gama, por El-Rei D. Manoel para a empreza do descobrimento da India: em Sabbado oito de Julho de 1497. sahio do porto de Belem distante de Lisboa huma legua; com quatro Naos, tres de Guerra, e huma de mantimentos, e nellas cento e quarenta e oito homens, entre Soldados, e Marinheiros. Seguio a sua derróta demandando as Ilhas Affortunadas, e passada a da Madeira, e toda a costa da Mauritania, e de Guiné, tomou terra a primeira vez na Ilha de Santiago em vinte e oito do dito mez de Julho. Fazendo-se a Leste demandou o Cabo de Boa Esperança, onde se deteve os mezes de Agosto, Setembro, e Outubro, soffrendo grandes tormentas. Em quatro de Novembro a vistou a costa da Cafraria, em que desembarcou. Para reconhecer o paiz entrou pela

pela terra dentro Fernam Velloſo, hum dos Soldados da Armada: encontrando-ſe com huma tropa de Negros, o obrigaraõ com tiros de pedras, e ſettas a recolher-ſe ás Naos. Acudio-lhe Vaſco da Gama, e foi ferido em huma perna. A eſta terra deraõ os noſſos o nome de Angra de Santa Elena; e ao Rio, que alli faz porto, o de Santiago.

Sahio deſta Angra a Armada em 16 do dito mez de Novembro, e aos vinte do meſmo mez, em hum Domingo, dobrou o Cabo de Boa Eſperança, e aos 25 aportou á Aguada de S. Braz, para lá do Cabo ſeſſenta leguas. Sahio a gente aqui terceira vez em terra, e Vaſco da Gama mandou queimar a Nao dos mantimentos por inutil. Era Capitaõ della Gonçalo Nunes.

Partiram daqui dia da Conceiçaõ de noſſa Senhora 8 de Dezembro, e ſobrevindo-lhe hum grande temporal foraõ obrigados a tornar outra vez a tomar terra. A 16 aviſtaram os Ilheos Chaõs, ſeſſenta leguas além da Aguada de S. Braz, e cinco do Ilheo da Cruz, onde Bartholomeu Dias já tinha poſto hum Padraõ, e era o ultimo termo, até onde ſe tinha nave-

navegado no Reinado de El-Rei Dom Joaõ o II.

Provendo-se de agua, e carnes, sahindo do porto, navegaram alguns dias; mas como desconheciam os mares, e a força das aguas os naõ deixava adiantar-se, foi-lhe necessario tomar terra novamente, e esperar occasiaõ de vento de servir. Assim o fizeram em 6 de Janeiro de 1498. Em memoria do dia, a hum Rio, que alli entra no mar, chamaram o rio dos Reis.

Em 25 do mesmo mez entráraõ por outro grande Rio de huma, e outra margem povoado de muitas arvores: encontráraõ gente de cor negra; mas humana no trato. Della com tudo naõ poderáõ perceber palavra alguma. Passados tres dias chegáraõ alli quatro homens, hum dos quaes em Lingua Arabica (ainda que explicando-se mal) lhes disse, que havia pouco tempo viera de huma terra, onde vira Naus da forma, e da grandeza das que alli via. Inferio Vasco da Gama ser a India, e por isso deu ao Rio o nome dos Bons Sinaes. Deteve-se vinte e dous dias neste sitio: adoeceu-lhe a maior parte da gente, e morreu muita: mandou dar

dar pendor ás Naus, e deixou hum Padraõ levantado com as Armas do Reino: intitulou-o Saõ Rafael.

Em 24 de Fevereiro partio deste Porto, e no primeiro de Março avistou quatro Ilhas, que ficavaõ naõ muito longe da costa. Vio Nicolao Coelho, desde a sua Nau, que de huma dellas sahiaõ sete, ou oito Batéis a todo o panno, demandando as nossas Naus. Chegaram á Capitania, e sendo recebidos dos nossos; os Mouros que nelles vinhaõ deraõ noticia da terra, e do seu governo, e lhe prometteraõ Piloto para os guiar á India, e se retiráraõ.

Chamava-se a Ilha principal Moçambique. Ao outro dia veio o Governador della vizitar Vasco da Gama. Teve com elle huma larga pratica. Como o Rei presumio que os nossos eraõ Turcos (ainda que depois soube o contrario) retirou-se com animo de armar alguma traiçaõ, em que ou os matasse, ou os destruisse, se sahissem em terra. Presentio isto Vasco da Gama, e sahindo em terra foi acompanhado de alguns dos seus muito bem armados. Vendo que os Mouros, armados tambem o esperavaõ na praia, investíraõ com

com elles, matáraõ muitos, e ſe retiráraõ ás Naus com victoria. Offereceu depois o Governador da Ilha novas pazes, e lhe mandou o Piloto que promettera: Vaſco da Gama o aceitou. Sahiraõ de Moçambique para Quiloa no primeiro de Abril, mas como o vento era contrario, naõ tomou o porto, que o Piloto Mouro queria com intento de alli deſtruír a armada, como levava por inſtrucçaõ. Fez-ſe na volta de Mombaça, onde entrou em ſete do meſmo mez.

Apenas tinha dado fundo fóra do porto, quando vieraõ á noſſa Capitania alguns Batéis, e ſubindo a ella quatro Mouros, que nelles vinhaõ, diſſeraõ a Vaſco da Gama da parte do ſeu Rey: que elle informado da ſua chegada quizera moſtrar-lhe, que deſejava a ſua amizade: que a terra era abundantiſſima de tudo o que a India produzia, e de que alli podia prover-ſe, o que El-Rey lhe offerecia com muito goſto: que lhe pedia entraſſe com as Naus para dentro do porto, e teria El-Rei o goſto de o vizitar. Agradeceu Vaſco da Gama a boa vontade de El-Rey; e por dous degradados, dos que trazia para ſimilhantes cazos, lhe mandou hum preſente. Recebeu-os El-

Rei

Rei com moſtras de benevolencia : fez-lhe ver que na Cidade havia muitos generos de aromas, dos que produz a India, e lhe deu huma porçaõ delles para apreſentarem a Vaſco da Gama. Retiráraõ-ſe no outro dia ás Naus ; e com elles de companhia vieraõ alguns Mouros.

Alegre Vaſco da Gama com o que os degrados lhe contaraõ , fez levar ancora , e chegar as Naus mais perto da Cidade. Como a ſua Nau hia muito deſpedida , temendo topaſſe em algum vao, mandou tomar o panno , e lançar ferro novamente : e ás outras ordenou o meſmo. Viraõ iſto os Mouros, e como ignoravaõ o motivo deſconfiaraõ de que eſtava conhecida a ſua traiçaõ : lançaõ-ſe ao mar , e a nado ſe acolhem a alguns barcos, que eſtavaõ ao longe : o meſmo fez o Piloto de Moçambique. Bradou Vaſco da Gama, que lhe reſtituiſſem o Piloto; mas elles o naõ attenderaõ , e com elle ſe recolheraõ a terra. No maior ſilencio da noite preſentíraõ os noſſos , que os Mouros embarcados cautelozamente vinhaõ tentar picar as amarras as Naus, que eſtavaõ ſobre ancora ; e rebatendo os á força ; logo no dia 13 do dito mez

mez ſahiraõ do porto ſem eſperar mais.

Navegando de Mombaça para Melinde, toparaõ dous navios de Mouros: acommettêraõ-nos: hum eſcapou, retirando-ſe á praia, onde deu á coſta, o outro rendeu-ſe. Tomou delle quatorze homens Vaſco da Gama; os mais deixou-os ir livremente. Achou-ſe entre eſtes prizioneiros hum, que parecia ſer ſuperior aos mais na autoridade. Eſte vendo que Vaſco da Gama com o perigo que tivera em Mombaça, receava aportar a Melinde, lhe pedio o deixaſſe ir diante a tentar o animo do Rei daquella terra. Conſiderou Vaſco da Gama (ainda que naõ ſe fiava do Mouro) que arriſcava pouco em o deixar ir, mandou-o lançar n'uma pequena Ilha, que fica perto da Cidade, e defronte. Della paſſou logo o Mouro em hum barco, que para iſſo lhe foi mandado. Apreſentou-ſe a El-Rei, informou-o da noſſa gente, louvando-lhe os coſtumes, e a grande humanidade. Eraõ 15 do mez (dia em que naquelle anno cahio Domingo da Reſurreiçaõ) quando a Armada aportou em Melinde. Era o Rei de genio affavel, benigno, e agazalhador; mandou logo hum de ſeus domeſticos, com-

comprimentar Vasco da Gama, com hum refresco de carneiros, gallinhas, e frutas da terra. Agradeceu Vasco da Gama este obsequio com hum bom presente, que lhe fez de varias peças escolhidas.

Desejava o Rei muito ver as nossas Naus; mas a sua muita idade, e huma molestia com que estava ao presente o embaraçava. Veio hum filho, que já em seu lugar governava o Reino: estava ricamente vestido, acompanhado de muitos homens nobres da Corte, e adiante huma grande muzica, mas muito mal concertada, e sem ordem. Deceu Vasco da Gama da Nau a hum Batel a receber o Principe com maior decóro: entrou este de hum salto, e abraçou Vasco da Gama com tal familiaridade, como se o conhecera desde muito tempo. Sentados no bordo do Batel tiverão entre si larga conversaçaõ. Entre tanto observava o Principe muito attentamente toda a forma das nossas Naus. Pedio a Vasco da Gama quizesse ir ver seu Pai, e que em penhor da boa fé lhe deixaria dous de seus filhos. Escuzou-se elle, dizendo, que naõ tinha licença do seu Soberano para sair em terra. Instou o Principe, que ao menos dei-

deixaſſe a dous dos noſſos ir na ſua companhia: aſſim ſe fez, e com iſto ſe deſpedio.

Sahio Vaſco da Gama n'hum Batel ao outro dia obſervar a Cidade de mais perto. Foi ſegunda vez vizitado do Principe, que lhe deu hum Piloto pratico para o guiar á India: e lhe pedio que quando voltaſſe para Portugal paſſaſſe por aquelle ſeu porto. Tinha intento de mandar hum de ſeus Vaſſallos a eſtabelecer amizade com El-Rei de Portugal.

Sahio a Armada do porto de Melinde em 20 do dito mez de Abril, e tendo navegado vinte dias aviſtaraõ em 17 de Maio huma terra alta, que o Piloto de Melinde por eſtar o dia ennevoado naõ pode bem diſtinguir. Aos 19 em hum Domingo muito de manhaã divizou huns montes altos, que eſtaõ junto á Cidade de Calecut. Deu logo parte a Vaſco da Gama, pedindo-lhe alviçaras, que elle lhe deu, louvando a Deos com todos os da ſua companhia pelos ter chgado em fim ao lugar que buſcavaõ depois de dez mezes e meio de navegaçaõ. Foraõ as Naus no meſmo dia ſurgir duas leguas abaixo da Cidade. Em pouco tempo acudiraõ a

elias

ellas muitos barcos de peſcadores, de quem ſoube Vaſco da Gama onde ſe achava o ſeu Rei naquelle tempo.

Mandou logo hum dos degradados á Cidade. Apenas ſahio em terra, quando foi cercado de innumeravel povo, que concorria a ver hum homem de cor, aſpecto, e veſtido totalmente eſtranho. Perguntavaõ-lhe donde vinha, que buſcava? naõ podia elle reſponder a nada; naõ entendia a Lingua em que ſe lhe fallava, nem o entendiaõ a elle. Foi levado a huma parte, e a outra por aquelle povo, que o naõ deixava, até que topou com dous Mercadores de Tunes, que o conheceraõ pelo trage, admirando-ſe muito de ver naquellas partes hum Heſpanhol.

Chamava-ſe hum deſtes Monſaide, e eſte lhe perguntou em Lingua Caſtelhana, de que parte de Heſpanha era? Ouvindo que de Portugal, o levou a ſua caza, e o convidou para a ſua meza. Diſſe-lhe, que naõ era poſſivel que naquelle dia fallaſſe a El-Rei, que ſe achava em Pandarane, lugar diſtante da Cidade tres leguas; que ſe recolheſſe á Armada, que com elle queria ir á preſença

ça do Capitaõ. Conveio o Portuguez, partiraõ logo, chegáraõ á Capitaina; foi Monsaide recebido dos nossos com grande festa. Na larga conversaçaõ que teve com Vasco da Gama informou de muitas cousas pertencentes á Cidade, e ao Reino de Calecut.

Ao outro dia mandou Vasco da Gama com Monsaide dous dos seus a falar a El-Rei. Sendo admittidos a isso, lhe expuzeraõ: que chegando a fama do seu poder, e grandeza á noticia de El-Rey de Portugal, lhe mandava hum de seus Capitaens para estabelecer com elle perpetua amizade: que tendo o mesmo Capitaõ aportado áquella Corte, lhe pedia licença para ter a honra de lhe falar Respondeu El-Rey, que lhe agradava muito a boa vinda do Capitaõ Portuguez, e a proposta que trazia da parte do seu Monarca: que daria as ordens para que sem demora lhe falasse: que mandasse chegar a Armada mais perto de Pandarane; porque o lugar onde estava surto, em tal tempo do anno, naõ era seguro: que para este effeito lhe mandaria hum Piloto pratico: Voltáraõ com esta reposta os dous Portuguezes, e com elles o Mouro Monsaide.

Passa-

Passados alguns dias, mandou El-Rei hum seu Catual (era este o nome de hum cargo da Corte) a Vasco da Gama com ordem de que o conduzisse a Pandarane. Em quanto hia entregou Vasco da Gama a seu Irmaõ Paulo da Gama o governo da Armada, determinando-lhe, e juntamente a Nicolao Coelho, que se por algum desastre a pessoa delle Vasco da Gama se perdesse, se naõ demorassem em recuperalla, antes voltassem logo ao Reino com as novas do que tinhaõ descoberto naquella navegaçaõ. Meteu-se em hum Batel com doze homens escolhidos para sua guarda, e foi desembarcar á praia da Cidade; onde o Catual o estava esperando. Vinha este em hum andor á maneira de pequeno leito, aos hombros de homens (costume das pessoas nobres do Malabar), e noutro similhante que estava aparelhado entrou Vasco da Gama. Partiraõ ambos cercados dos doze Portuguezes a pé, entre grande numero de gente nobre daquelle Reino, a que chamaõ Naires.

Havia no caminho hum grande Templo, que os nossos entendêraõ, ser de Christaõs; por terem ouvido, que naquellas

quellas terras havia muitos, e por verem á entrada delle alguns finaes de couſas ſimilhantes ás dos noſſos. Eſtavaõ á porta quatro homens nús da cintura para cima, e dahi até os joelhos cingidos de pannos de algodaõ brancos. Trazia cada hum delles ſobre o peito, do hombro direito ao lado eſquerdo tres fios tambem de algodaõ. Eraõ eſtes homens os ſeus Sacerdotes. Chamaõ-ſe Bramenes. Ao tempo que os noſſos entravaõ no Templo, com o Catual, e os da ſua companhia lhe fizeraõ huma pequena aſperſaõ com agua. Eſtavaõ nas paredes do Templo pintadas varias figuras. No meio huma eſpecie de Capella de figura redonda, a que ſe ſubia por muitos degraos. A porta era de bronze muito eſtreita. Dentro em frente á porta eſtava huma eſtatua, que por ſer eſcuro o lugar ſe lhe naõ divizava bem o feitio. Era prohibida a todos a entrada, excepto aos Bramenes, que foraõ dentro, e apontando com o dedo para a Eſtatua gritaraõ duas vezes, dizendo Maria, e no meſmo tempo ſe poſtraraõ os Gentios todos por terra. Entenderaõ os noſſos que ſe invocava a Virgem Santiſſima: poſtos de joelhos pediraõ á Senhora o ſeu patrocinio. Con-

Continuaraõ o caminho de Pandarane. Mas era tanto o concurso, que acudia a ver os novos hospedes, que para facilitar o passo, era necessario aos Naires, e aos nossos de pé ir abrindo campo com as espadas nuas na maõ. Ouviaõ-se por toda a parte trombetas, e outros instrumentos dezentoados. Perto de Palacio sahiraõ a esperallos algumas pessoas das mais illustres, dos que chamaõ Camáes. Entrando na primeira salla veio hum homem já de maior idade a receber Vasco da Gama com muitas mostras de cortezia, e bondade. Era este o Superior entre os Brameros: introduzio logo Vasco da Gama aprezença de El-Rei, que o estava esperando noutra grande salla magnificamente ornada, recostado sobre hum rico leito. Era El-Rei alto do corpo, veneravel no semblante. Vestia humas largas roupas de algodaõ, que por diante se abotoavaõ com fivellas de oiro. Tinha na cabeça hum barrete, tambem de algodaõ, guarnecido de oiro, e muitas pedras preciozas.

Chegando Vasco da Gama perto lhe fez huma profunda reverencia, segundo o nosso costume. Mandou o El-Rei sentar

tar junto de sí numa cadeira ; aos mais Portuguezes em outras algum tanto affastados. Troxeraõ-lhe logo agoa para que lavassem as maõs , e varias frutas para se refazerem do incomodo do caminho. Por ultimo ordenou El-Rei a Vasco da Gama , que désse a sua Embaxada. Replicou elle , que os Portuguezes naõ costumavaõ expôr os negocios , que o seu Soberano mandava tratar com algum Principe , estando prezentes outras pessoas : que se queria cumprisse a sua obrigaçaõ , fosse servido ouvillo sómente assistindo as pessoas de que pudésse fiar todo o segredo. Indo acompanhado El-Rei de alguns dos seus, e de Monsaide , que servia de interprete , se retirou a outra caza com Vasco da Gama , que ahi lhe expoz tudo , o que pertendia.

Era em summa: que El-Rei D. Manoel seu Senhor o mandara a estabelecer alliança , e boa amizade com elle Rei de Calecut : em testimunho do que lhe trazia cartas do seu mesmo Soberano. Respondeu El-Rei , que lhe agradava muito a amizade de Principe taõ excellente : que estava prompto para satisfazer a tudo , que elle levasse em gosto.

Man-

Mandou ao Catual hospedasse Vasco da Gama em sua caza, e os doze Portuguezes em outras differentes.

Passados tres dias tornou Vasco da Gama acompanhado do Catual á prezença de El-Rei. Entregou-lhe as cartas, e hum prezente, de que El-Rei mostrou naõ fazer grande cazo. Notou isto Vasco da Gama, e lhe disse que naõ estranhasse ser aquella offerta taõ desigual á Magestade, e grandeza de tal Principe: que assim tinha sido pela incerteza, em que El Rei D. Manoel estivera do succésso da viagem. Que se olhava a maior utilidade, considerasse quaõ grande podia ter o seu Reino, se a elle viessem de Portugal cada anno muitas Naus carregadas de preciozos generos. Pedio-lhe emfim, que o segredo das cartas de El-Rei D. Manoel seu Senhor o naõ communicasse com os Mouros, que viviaõ em Calecut. Já a este tempo sabia Vasco da Gama, por via de Monsaide, que elles lhe maquinavaõ a sua ruina.

Com effeito naõ cessavaõ entre tanto os Mouros de maquinar artificios com que fizessem aos nossos perder a graça de El Rei. Sobornavaõ os familiares do mesmo Rei: publi-

publicavaõ, que Vaſco da Gama era hum pirata, que em todas as partes honde tinha ſido recebido moſtrára tyrannia, e fizera roubos. Que ſe logo ao principio ſe naõ acodia ao perigo, que os ameaçava, poderia depois ſer ſem remedio o damno de todo o Reino.

Maquinaraõ tudo iſto os Mouros, naõ ſó pelo odio geral que tem ao nome Chriſtaõ, mas porque temiaõ, que eſtabelecendo-ſe alli os Portuguezes, ou os lançariaõ fóra de todo, ou ao menos arruinariaõ notavelmente o ſeu commercio. Tirava delles El-Rei grandes intereſſes: era de genio vario, e mudavel; e aſſim tendo noticia do que ſe paſſava, eſtava embaraçado ſobre o que devia reſolver. Temia ſer tido por infiel ſe lhe entregava os noſſos: e ſe os deixava ir livremente receava perder a graça dos Mouros.

Aprezentou-ſe-lhe hum delles, e em huma comprida falla lhe moſtrou os inconvenientes, a que ſe arriſcava em ſe fiar das palavras de Vaſco da Gama. Soube elle todas eſtas nogociaçoens, e que nellas tinha parte o Catual. Sahio de caza hum dia muito de manhaã, e foi-ſe a Pandarane. Preſentiraõ-no os Mouros:

pedi-

pediraõ El-Rei ordenaſſe modo de lhe impedir toda a ſahida. Commetteu El-Rei o negocio ao Catual, que partio logo para eſte effeito a Pandarane, e outra vez trouce Vaſco da Gama comſigo para ſua caza. Nella o tinha com a maior cautella, como prezo, ainda que o incubria querendo fazer lhe entender, que era maior obſequio. Rogou-lhe que aos Portuguezes da ſua guarda mandaſſe, que ſe retiraſſem as Naus: que chegaſſem eſtas mais perto da terra; que as vélas, e mais apreſtos ſe podiaõ pôr em lugar ſeguro. Que deſta maneira tiraria a El-Rey toda a ſuſpeita, que ſe lhe tinha inſpirado de que elle naõ entrára naquelle porto com o motivo, que dizia. Em nada diſto conſentio Vaſco da Gama, ſó por ultimo concordáraõ ambos, em que mandaria vir para terra as fazendas que trazia, e algumas peſſoas, que ficaſſem entregues da ſua venda. Ajuſtado iſto teve Vaſco da Gama liberdade, e ſe retirou ás Naus.

Mandou logo para Calecut dous Feitores com as fazendas, como ajuſtára, porém os Mouros embaraçavaõ vendellas. Paſſado algum tempo mandou El-Rei prender eſtes Feitores, e pôr em depoſi-

to

to as fazendas. Requereo Vasco da Gama, que lhas fizessem restituir, e entregar os dous Feitores. Mas El-Rei lhe naõ deferio.

Tinha Monsaide licença de falar, todas as vez que quizesse, a Vasco da Gama; e lhe descubrio que os Mouros, o que pertendiaõ, era demorallo até entrarem as Naus de Meca, que todos os anvinhaõ a Calecut: que como eraõ superiores em numero, e forças, esperava poder acabar com elle de todo por meio dellas.

Naõ tinha Vasco da Gama, cousa que o demorasse mais, doque recobrar as fazendas, e os dous Feitores: para o conseguir valeo-se desta industria. Mandou levar ancora, pôr as Naus hum pouco ao largo, a tempo que nellas estavaõ huns Mercadores dos ricos de Calecut: persuadindo-se deste modo as mulheres, e os filhos, que elles ficavaõ prezos dos nossos, era certo que logo recorreriaõ a El-Rei, que daria meios para serem restituidos, entregues primeiro os Feitores, e as fazendas. Assim foi: foraõ restituidos os nossos, e as fazendas por El-Rei, e Vasco da Gama restituhio tambem os Mercadores.

Mas

Mas alguns dos seus familiares ficarão com os nossos, e vierão ao Reino. Monsaide offereceu-se para vir tambem. Veio com effeito, e chegando ao Reino se baptizou, e viveu, e morreu bom Catholico.

Sahio de Calecut a Armada no principio de Outubro. Antes de tomar terra numas pequenas Ilhas que estão perto, foi accommettida de oito Navios: poz em fugida os sete, e tomou hum. Era Comandante destes Navios hum Levantado que tinha posto em terror todos aquelles mares: chamava-se Timoia. Passou Vasco de Gama a Anchidiva, Ilha que ficava dalli duas leguas: aqui se proveu de agua, e mantimentos. Em 5 de Outubro partio de Anchidiva em direitura de Melinde: nesta viagem gastou quatro mezes: e em 2 de Fevereiro avistou a primeira terra, era Magadaxo na costa da Ethiopia, cento e treze leguas abaixo de Melinde Soube que praça terra era de Mouros: descarregou a artilharia contra os muros, que em grande parte deixou razos.

Em 7 do mesmo mez entrou em Melinde: deteve-se cinco dias. Como a Nau de seu irmaõ fazia muita agua, mandou-a

dou-a queimar, e a gente repartio-a pelas outras duas, tomando para a ſua a ſeu irmaõ comſigo. Em 18 de Outubro ſahio de Melinde: a 28 ſe achou defronte da Ilha de Zanzibar, cinco leguas arredada da coſta da Ethiopia. Ainda que o Governador era Mouro, tratou a Vaſco da Gama com agazalho. No 1 de Março ſahio, e ainda que tomou terra na Ilha de S. Jorge; huma das de Moçambique, paſſou ſem fallar ao Xeque. Na Aguada de S. Braz fez ſeu provimento de agua, e lenha. No dia 20 deſte meſmo mez dobrou o Cabo de Boa Eſperança; e ainda que foi com bom tempo, ſobreveio-lhe logo hum temporal, que obrigou as Naus a ſepararem-ſe huma da outra. A de Nicolao Coelho deu fundo em Caſcaes a 10 de Julho de 1499. Por ella ſoube El-Rei as primeiras noticias deſta larga viagem. Vaſco da Gama aportou na Ilha de Santiago em 25 de Abril. Vinha ſeu irmaõ Paulo da Gama muito doente: a ſua Nau fazia muita agua: foi-lhe neceſſario demandar a Ilha Terceira. Demorou-ſe alguns dias com a doença de ſeu irmaõ, que aqui lhe faleceu. Embarcou-ſe em huma Caravella, e entrou em Lis-

boa a 30 de Agosto deste anno. Havia dous annos, e tantos mezes que deste Porto tinha sahido. Levara 148 homens; destes sómente trazia vivos 55. Deu El-Rei a Vasco da Gama para si, e seus descendentes o titulo de Dom, e o fez Almirante da India, e Conde da Vidigueira de juro, e herdade. A Nicoláo Coelho deu o foro de Fidalgo da sua Caza: aos mais fez suas mercês conforme as suas qualidades, e graduaçoens.

Havia
e deſte
omens;
Deu
, e ſeus
o fez
a Vidi-
Nicolão
da ſua
conſor-
pens.



canto 1

OS LUSIADAS
DE LUIS DE CAMOENS.

CANTO I.

ARGUMENTO.

Fazem concilio os Deoſes na alta corte;
Oppoem-ſe Bacco á Luſitana gente,
Favorece-a Venus, e Mavorte,
E em Moçambique lança o ferreo dente:
Depois de aqui moſtrar ſeu braço forte,
Deſtruindo, e matando juntamente,
Torna as partes buſcar da roxa Aurora,
E chegando a Mombaça ſurge fora.

I.

AS Armas, e os Varoens aſſinalados,
Que da Occidental praia Luſitana,
Por mares nunca d'antes navegados
Paſſaraõ ainda além da Taprobana:
Que em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que permittia a força humana,
Entre gente remota edificaraõ
Novo Reino, que tanto ſublimaraõ.

II.

E tambem as memorias glorioſas
Daquelles Reis, que foraõ dilatando
A Fé, o Imperio, e as terras vicioſas
D'Africa, e d'Aſia andáraõ devaſtando:
E aquelles, que por obras valeroſas
Se vam da lei da Morte libertando,
Cantando eſpalharei por toda parte
Se a tanto me ajudar o engenho, e arte.

III.

Ceſſem do ſabio Grego, e do Troiano
As navegaçoens grandes, que fizeraõ:
Calle-ſe de Alexandre, e de Trajano
A fama das vitorias, que tiveraõ:
Que eu canto o peito illuſtre Luſitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceraõ;
Ceſſe tudo o que a Muſa antiga canta,
Que outro valor mais alto ſe levanta.

IV.

E vós, Tagides minhas, pois criado
Tendes em mi hum novo engenho ardente,
Se ſempre em verſo humilde celebrado
Foi de mi voſſo rio alegremente:
Dai-me agora hum ſom alto, e ſublimado,
Hum eſtilo grandiloquo, e corrente,
Porque de voſſas agoas Phebo ordene,
Que naõ tenhaõ inveja ás de Hypocrene.

Dai-me

V.

Dai-me huma furia grande, e ſonoroſa,
E naõ de agreſte avena, ou frauta ruda,
Mas de tuba canora, e bellicoſa,
Que o peito acende, e a côr ao geſto muda:
Dai-me igual canto aos feitos da famoſa
Gente voſſa, a que Marte tanto ajuda,
Que ſe eſpalhe, e cante no univerſo,
Se taõ ſublime preço cabe em verſo.

VI.

E vós, ó bem nacida ſegurança
Da Luſitana antiga liberdade,
E naõ menos certiſſima eſperança
Do augmento da pequena Chriſtandade:
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da noſſa idade,
Dada ao mundo por Deos, q̃ todo o mande,
Para do mundo a Deos dar parte grande.

VII.

Vós, tenro, e novo ramo florecente
De huma arvore de Chriſto mais amada,
Que nenhuma nacida no Occidente,
Ceſarea, ou Chriſtianiſſima chamada:
Vede-o no voſſo eſcudo, que preſente
Vos moſtra a victoria já paſſada,
Na qual vos deu por armas, e deixou
Aſ que elle para ſi na Cruz tomou.

VIII.

Vós, poderoso Rei, cujo alto Imperio
O Sol logo em nascendo vê primeiro,
Vê-o tambem no meio do Emisterio,
E quando desce o deixa derradeiro:
Vós, que esperamos jugo, e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro,
Do Turco Oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o licor do santo Rio.

IX.

Inclinai por hum pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra qual na inteira idade
Quando subindo ireis ao eterno Templo:
Os olhos da Real benignidade
Ponde no chaõ, vereis hum novo exemplo
De amor, dos patrios feitos valerosos
Em versos divulgado numerosos.

X.

Vereis amor da patria naõ movido
Do premio vil, mas alto, e quasi eterno,
Que nam he premio vil ser conhecido
Por hum pregaõ do ninho meu paterno:
Ouvi, vereis o nome engrandecido
Daquelles, de quem sois senhor superno,
E julgareis qual he mais excellente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

Ouvi:

XI.

Ouvi; que naõ vereis com vans façanhas
Fantaſticas, fingidas, mentirоſas,
Louvar os voſſos, como nas eſtranhas,
Muſas, de engrandecer-ſe deſejoſas:
As verdadeiras voſſas ſaõ tamanhas,
Que excedem as ſonhadas fabuloſas;
Que excedem Rodamon e, e o vaõ Rugeiro,
E Orlando, inda que fora verdadeiro.

XII.

Por eſtes vos darei hum Nuno fero,
Que fez ao Rei, e ao Reino tal ſerviço:
Hum Egas e hum D. Fuas, que de Homero
A citara para elles ſó cobiço:
Pois pelos doze Pares dar vos quero
Os doze de Inglaterra, e o ſeu Magriço;
Dou-vos tambem aquelle Illuſtre Gama,
Que para ſi de Eneas toma a fama.

XIII.

Pois ſe a troco de Carlos Rei de França,
Ou de Ceſar, quereis igual memoria,
Vede o primeiro Affonſo, cuja lança
Eſcura faz qualquer eſtranha gloria:
E aquelle, que a ſeu Reino a ſegurança
Deixou co' a grande, e proſpera victoria,
Outro Joanne invicto cavalleiro,
O quarto, e quinto Affonſo, e o terceiro.

Nem

XIV.

Nem deixarão meus versos esquecidos
Aquelles, que no Reino lá da Aurora
Se fizerão por armas tam subidos,
Vossa bandeira sempre vencedora:
Hum Pacheco fortissimo, e os temidos
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora,
Albuquerque terribel, Castro forte,
E outros, em quem poder não teve a morte.

XV.

E em quãto eu estes cãto, e a Vós não posso,
Sublime Rei (que não me atrevo a tanto)
Tomai as redeas vós do Reino vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto:
Comecem a sentir o pezo grosso,
Que pelo mundo todo faça espanto,
De exercitos, e feitos singulares,
D'Africa as terras, e de Oriente os mares.

XVI.

Em Vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exicio afigurado:
Só com vos ver o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado:
Thetis todo o ceruleo senhorio
Tem para Vós por dote aparelhado;
Que affeiçoada ao gesto bello, e tenro,
Deseja de comprarvos para genro.

Em

XVII.

Em Vós se vem da Olimpica morada
Dos dous Avós as almas cá famosas,
Huma na paz Angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas:
Em Vós esperaõ ver-se renovada
Sua memoria, e obras valerosas,
E lá vos tem lugar no fim da idade
No Templo da suprema Eternidade.

XVIII.

Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejaõ,
Dai Vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejaõ:
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas, porque vejaõ,
Que saõ vistos de Vós no mar irado,
E costumai-vos já a ser invocado.

XIX.

Já no largo Oceano navegavaõ,
As inquietas ondas apartando,
Os ventos brandamente respiravaõ,
Das naos as véllas concavas inchando:
Da branca escuma os mares se mostravaõ
Cubertos, onde as ondas vaõ cortando
As maritimas agoas consagradas,
Que do gado de Protheo saõ cortadas.

Quan-

XX.

Quando os Deoſes no Olimpo luminoſo,
Onde o governo eſtá da humana gente,
Se ajuntaõ em concilio glorioſo
Sobre as couſas futuras do Oriente:
Pizando o criſtalino Ceo fermoſo,
Vem pela via Lactea juntamente,
Convocados da parte do Tonante,
Pelo Neto gentil do velho Athlante.

XXI.

Deixaõ dos ſete Ceos o regimento,
Que do poder mais alto lhes foi dado,
Alto poder, que ſó co' penſamento
Governa o Ceo, a Terra, e o Mar irado:
Alli ſe acháraõ juntos n'um momento
Os que habitaõ o Arcturo congelado,
E os que o Auſtro tem, e as partes, onde
A Aurora naſce, e o claro Sol ſe eſconde.

XXII.

Eſtava o Padre alli ſublime, e dino,
Que vibra os teros raios de Vulcano,
N'um aſſento de eſtrellas criſtalino,
Com geſto alto, ſevero, e ſoberano:
Do roſto reſpirava hum ar divino,
Que divino tornára hum corpo humano;
A coroa, e o ſceptro rutilante,
D'outra pedra mais clara que diamante.

Em

XXIII.

Em luzentes assentos, marchetados
De ouro, e perlas mais abaxo estavaõ
Os outros Deoses todos assentados,
Como a razaõ, e ordem concertavaõ:
Precedem os antigos mais honrados,
Mais abaxo os menores se assentavaõ:
Quando Jupiter alto, assi dizendo,
Com tom de voz começa grave, e horrendo.

XXIV.

Eternos moradores do luzente
Estellifero pólo, e claro assento,
Se do grande valor da forte gente
De Luso naõ perdeis o pensamento:
Deveis de ter sabido claramente,
Como he dos Fados grandes certo intento,
Que por ella se esqueçaõ os humanos
De Assirios, Persas, Gregos, e Romanos.

XXV.

Já lhe foi, bem o vistes, concedido,
Com poder taõ singello, e taõ pequeno,
Tomar ao Mouro forte, e guarnecido,
Toda a terra, que rega o Tejo ameno:
Pois contra o Castelhano taõ temido
Sempre alcançou favor do Ceo sereno,
Assi que sempre em fim com fama, e gloria
Teve os trofeos pendentes da victoria.

Deixo

XXVI.

Deixo, Deoſes, a traz a fama antiga,
Que co' a gente de Romulo alcançáraõ,
Quando com Viriato na inimiga
Guerra Romana tanto ſe afamáraõ:
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando levantáraõ
Hum por ſeu Capitaõ, que peregrino
Fingio na Cerva ſpirito divino.

XXVII.

Agora vedes bem, que cometendo
O duvidoſo mar num lenho leve,
Por vias nunca uſadas, naõ temendo
D'Africo, e Noto a força, a mais ſe atreve:
Que avendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, e onde he breve,
Inclinaõ ſeu propoſito, e porfia,
A ver os berços, onde naſce o dia.

XXVIII.

Prometido lhe eſtá do Fado eterno,
Cuja alta lei naõ póde ſer quebrada,
Que tenhaõ longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:
Nas agoas tem paſſado o duro Inverno,
A gente vem perdida, e trabalhada:
Já parece bem feito que lhe ſeja
Moſtrada a nova terra, que deſeja.

E por-

XXIX.

E porque, como viſtes, tem paſſados
Na viagem taõ aſperos perigos,
Tantos climas, e Ceos exprimentados,
Tanto furor de ventos inimigos:
Que ſejaõ, determino, agaſalhados
Neſta coſta Africana, como amigos,
E tendo guarnecida a laſſa frota,
Tornaráõ a ſeguir ſua longa rota.

XXX.

Eſtas palavras Jupiter dizia,
Quando os Deoſes por ordem reſpondendo,
Na ſentença hum do outro differia,
Razoens diverſas dando, e recebendo:
O padre Bacco alli naõ conſentia
No que Jupiter diſſe, conhecendo,
Que eſqueceráõ ſeus feitos no Oriente,
Se lá paſſar a Luſitana gente.

XXXI.

Ouvido tinha aos Fados, que viria
Huma gente fortiſſima de Heſpanha,
Pelo mar alto, a qual ſogeitaria
Da India tudo quanto Doris banha:
E com novas victorias venceria
A fama antiga, ou ſua, ou ſoſſe eſtranha;
Altamente lhe doe perder a gloria,
De que Niſa celebra inda a memoria.

Vè,

XXXII.

Vê, que já teve o Indo ſobjugado,
E nunca lhe tirou Fortuna, ou caſo,
Por vencedor da India ſer cantado
De quantos bebem a agoa do Parnaſo:
Teme agora que ſeja ſepultado
Seu taõ celebre nome em negro vaſo
Da agoa do eſquecimento, ſe lá chegaõ
Os fortes Portuguezes, que navegaõ.

XXXIII.

Suſtentava contra elle Venus bella
Affeiçoada á gente Luſitana,
Por quantas qualidades via nella,
Da antiga taõ amada ſua Romana:
Nos fortes coraçoens, na grande eſtrella,
Que moſtrára na terra Tingitana,
E na lingoa, na qual quando imagina,
Com pouca corrupçaõ crê que he Latina.

XXXIV.

Eſtas couſas moviaõ Cytherea,
E mais porque das Parcas claro entende,
Que ha de ſer celebrada a clara Dea,
Onde a gente belligera ſe eſtende:
Aſſi que hum pela infamia que recea,
E o outro pelas honras que pertende,
Debatem, e na porfia permanecem,
A qualquer ſeus amigos favorecem.

Qual

XXXV.

Qual Auſtro féro, ou Boreas na eſpeſſura
De ſilveſtre arvoredo abaſtecida,
Rompendo os ramos vai da mata eſcura
Com impeto, e braveza deſmedida:
Brama toda a montanha, o ſom murmura,
Rompem-ſe as folhas, ferve a ſerra erguida:
Tal andava o tumulto levantado,
Entre os Deoſes no Olympo conſagrado.

XXXVI.

Mas Martè, que da Deoſa ſuſtentava
Entre todas as partes em porfia,
Ou porque o amor antigo o obrigava,
Ou porque a gente forte o merecia:
De entre os Deoſes em pé ſe levantava
Merencorio no geſto parecia,
O forte eſcudo ao collo pendurado,
Deitando para traz medonho, e irado.

XXXVII.

A viſeira do elmo de diamante
Allevantando hum pouco, mui ſeguro,
Por dar ſeu parecer ſe poz diante
De Jupiter armado, forte, e duro:
E dando huma pancada penetrante
Co conto do baſtaõ no ſolio puro,
O Ceo tremeo; e Apollo de turvado
Hum pouco a luz perdeo, como infiado.

E diſſe

XXXVIII.

E disse assi: O Padre, a cujo Imperio
Tudo aquillo obedece, que criaste,
Se esta gente, que busca outro Emisferio,
Cuja valia, e obras tanto amaste,
Naõ queres que padeça vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste,
Naõ ouças mais, pois es juiz direito,
Razoens, de quem parece que he suspeito.

XXXIX.

Que se aqui a razaõ se naõ mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fora que aqui Bacco os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu taõ privado:
Mas esta tençaõ sua agora passe;
Porque em fim vem de estamago danado,
Que nunca tirará alhea inveja
O bem que outrem merece, e o Ceo deseja.

XL.

E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinaçaõ, que tens tomada,
Naõ tornes para traz, pois he fraqueza
Desistir-se da cousa começada:
Mercurio (pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á setta bem talhada)
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme.

Como

XLI.

Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mavorte valeroso,
E Nectar sobre todos esparzio:
Pelo caminho Lacteo glorioso
Logo cada hum dos Deoses se partio,
Fazendo seus Reaes acatamentos,
Para os determinados apousentos.

XLII.

Em quanto isto se passa na fermosa
Casa Etherea do Olimpo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa
Já lá da banda do Austro, e do Oriente:
Entre a costa Ethiopica, e a famosa
Ilha de Saõ Lourenço: e o Sol ardente
Queimava entaõ os Deoses, que Tifeo
Cõ' temor grande em peixes converteo.

XLIII.

Taõ brandamente os ventos os levavaõ,
Como quem o Ceo tinha por amigo,
Sereno o ar, e os tempos se mostravaõ
Sem nuvens, sem receio de perigo:
O promontorio Prasso já passavaõ,
Na costa de Ethiopia, nome antigo,
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas Ilhas, que em torno cérca, e lava.

Vasco

XLIV.

Vasco da Gama, o forte Capitaõ,
Que a tamanhas emprezas se offerece,
De soberbo, e de altivo coraçaõ,
A quem fortuna sempre favorece,
Para se aqui deter naõ vê razaõ;
Que inhabitada a terra lhe parece,
Por diante passar determinava;
Mas naõ lhe succedeo como cuidava.

XLV.

Eis aparecem logo em companhia
Huns pequenos bateis, que vem daquella,
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vella:
A gente se alvoroça, e de alegria
Naõ sabe mais que olhar a causa della;
Que gente será esta? (em si diziaõ)
Que costumes, que lei, que Rei teriaõ?

XLVI.

As embarcaçoens eraõ na maneira
Mui velozes, estreitas, e compridas,
As vellas, com que vem, eraõ de esteira,
De humas folhas de palma bem tecidas:
A gente da côr era verdadeira,
Que Phaeton nas terras acendidas
Ao mundo deu de ousado, e naõ prudente:
O Pado o sabe, & Lampetusa o sente.

De

XLVII.

De pannos de algodam vinhaõ veſtidos,
De varias cores, brancos, e liſtados:
Huns trazem ao redor de ſi cingidos,
Outros em modo airoſo ſobraçados:
Da cinta para cima vem deſpidos:
Por armas tem adargas, e terçados:
Com toucas na cabeça; e navegando,
Anafis ſonoroſos vaõ tocando.

XLVIII.

Cos pannos, e cos braços acenavaõ,
A's gentes Luſitanas, que eſperaſſem,
Mas já as proas ligeiras ſe inclinavaõ,
Para que junto ás Ilhas amainaſſem:
A gente, e marinheiros trabalhavaõ,
Como ſe aqui os trabalhos ſe acabaſſem:
Tomam vellas; amaina-ſe a verga alta;
Da ancora o mar ferido em cima ſalta.

XLIX.

Naõ eraõ ancorados, quando a gente
Eſtranha pelas cordas já ſubia:
No geſto ledos vem; e humanamente
O Capitaõ ſublime os recebia:
As mezas manda pôr em continente,
Do licor, que Liêo prantado avia;
Enchem vaſos de vidro, e do que deitaõ,
Os de Phaeton queimados nada engeitaõ.

Comen-

L.

Comendo alegremente perguntavaõ,
Pela Arabica lingoa, donde vinhaõ?
Quem eram? de que terra? que buſcavaõ?
Ou que partes do mar corrido tinhaõ?
Os fortes Luſitanos lhe tornavaõ
As diſcretas repoſtas, que convinhaõ:
Os Portuguezes ſomos do Occidente:
Himos buſcando as terras do Oriente.

LI.

Do mar temos corrido, e navegado
Toda a parte do Antartico, e Caliſto,
Toda a coſta Africana rodeado,
Diverſos ceos, e terras temos viſto:
Dum Rei potente ſomos, tam amado,
Tam querido de todos, e bem quiſto,
Que naõ no largo mar com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.

LII.

E por mandado ſeu, buſcando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega;
Por elle o mar remoto navegamos,
Que ſó dos feios Focas ſe navega:
Mas já razaõ parece, que ſaibamos,
(Se entre vós a verdade naõ ſe nega)
Quem ſois? que terra he eſta que habitaes?
Ou ſe tendes da India alguns ſinaes?

Somos

LIII.

Somos, hum dos da Ilha lhe tornou,
Eſtrangeiros na terra, lei, naçaõ,
Que os proprios ſaõ aquelles, que criou
A natura, ſem lei, e ſem razaõ:
Nós temos a lei certa, que enſinou
O claro deſcendente de Abrahaõ,
Que agora tem do mundo o ſenhorio,
A mãi Hebrea teve, e o pai Gentio.

LIV.

E eſta Ilha pequena, que habitamos,
He em toda eſta terra certa eſcala
De todos os que as ondas navegamos,
De Quilôa, Mombaça, e de Sofala:
E por ſer neceſſaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habitala:
E porque tudo em fim vos notifique,
Chama-ſe a pequena Ilha Moçambique.

LV.

E já que de taõ longe navegaes,
Buſcando o Indo Idaſpe, e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem ſejaes
Guiados pelas ondas ſabiamente:
Tambem ſerá bem feito que tenhaes
Da terra algum refreſco, e que o Regente,
Que eſta terra governa, que vos veja,
E do mais neceſſario vos proveja.

Iſto

LVI.

Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia,
Do Capitaõ, e gente se apartou,
Com mostras de devida cortezia:
Nisto Phebo nas agoas encerrou
Co carro de cristal o claro dia,
Dando cargo á irmáa, que alumiasse
O largo mundo, em quanto repouzasse.

LVII.

A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria, e naõ cuidada,
Por acharem da terra taõ remota
Nova de tantó tempo desejada:
Qualquer entaõ comsigo cuida, e nota
Na gente, e na maneira desusada,
E como os que na errada seita creraõ,
Tanto por todo o mundo se estenderaõ.

LVIII.

Da Lua os claros raios rutilavaõ
Pelas argenteas ondas Neptuninas;
As Estrellas os Ceos acompanhavaõ,
Qual campo revestido de boninas:
Os furiosos ventos repousavaõ
Pelas covas escuras peregrinas;
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

Mas

LIX.

Mas assi como a Aurora marchetada
Os fermosos cabellos espalhou,
No Ceo sereno abrindo a roxa entrada
Ao claro Hiperionio, que acordou:
Começa a embandeirarse toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, e alegria,
O Regedor das Ilhas, que partia.

LX.

Partia, alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando
Que sam aquellas gentes inhumanas:
Que os apolentos Caspios habitando
A conquistar as terras Asianas
Vieraõ; e por ordem do Destino
O Imperio tomar a Constantino.

LXI.

Recebe o Capitaõ alegremente
O Mouro, e toda sua companhia,
Da-lhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito já trazia:
Da-lhe conserva doce, e da-lhe o ardente
Naõ usado licor, que dá alegria;
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come, e bebe.

Está

LXII.

Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia de admirada,
Notando o estrangeiro modo, e uso,
E a lingoagem taõ barbara, e enleada:
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a côr, o trajo, e a forte armada:
E perguntando tudo, lhe dizia,
Se por ventura vinhaõ de Turquia?

LXIII.

E mais lhe diz tambem, que ver deseja
Os livros de sua Lei, Preceito, ou Fé,
Para ver se conforme á sua seja,
Ou se saõ dos de Christo, como crê:
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitaõ pedia, que lhe dê
Mostra das fortes armas, de que usavaõ,
Quando c'os inimigos pele javaõ.

LXIV.

Responde o valeroso Capitaõ
Por hum, que a lingoa escura bem sabia:
Dar-te-hei, senhor illustre, relaçaõ
De mim, da lei, das armas, que trazia:
Naõ sou da terra, nem da geraçaõ
Das gentes enojosas de Turquia;
Mas sou da forte Europa bellicosa:
Busco as terras da India taõ famosa.

A Lei

LXV.

A Lei tenho daquelle, a cujo Imperio
Obedece o visivel, e invisivel,
Aquelle que criou todo o Emisferio,
Tudo o que sente, e tudo o insensivel:
Que padeceo deshonra, e vituperio,
Soffrendo morte injusta, e insuffrivel:
E que do Ceo á terra em fim deceo,
Por subir os mortaes da terra ao Ceo.

LXVI.

Deste Deos Homem, alto, e infinito
Os livros, que tu pedes, naõ trazia;
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel, o que n'alma andar devia:
Se as armas queres ver, como tens dito,
Comprido esse desejo te seria,
Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
Que nunca as queiras ver como inimigo.

LXVII.

Isto dizendo, manda os diligentes
Ministros a mostrar as armaduras:
Vem arnezes, e peitos reluzentes,
Malhas finas, e laminas seguras:
Escudos de pinturas differentes,
Pilouros, espingardas de aço puras,
Arcos, e sagitiferas aljavas,
Partazanas agudas, chuças bravas.

As

LXVIII.

As bombas vem de fogo, e juntamente
As panellas sulfureas taõ damnosas:
Porém aos de Vulcano naõ consente,
Que dem fogo ás bombardas temerosas:
Porque o generoso animo, e valente
Entre gentes taõ poucas, e medrosas,
Naõ mostra quanto póde; e com razaõ;
Que he fraqueza entre ovelhas ser leaõ.

LXIX.

Porém disto, que o Mouro aqui notou,
E de tudo o que vio com olho attento,
Hum odio certo n'alma lhe ficou,
Huma vontade má de pensamento:
Nas mostras, e no gesto o naõ mostrou,
Mas com risonho, e ledo fingimento,
Tratalos brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina.

LXX.

Pilotos lhe pedia o Capitaõ,
Por quem podesse á India ser levado:
Diz-lhe que largo premio levaráõ
Do trabalho, que nisso for tomado:
Promete-lhos o Mouro, com tençaõ
De peito venenoso, e taõ damnado,
Que a morte, se podesse, neste dia,
Em lugar de Pilotos lhe daria.

Tama-

LXXI.

Tamanho o odio foi, e a má vontade,
Que aos estrangeiros subito tomou,
Sabendo ser sequazes da verdade,
Que o filho de David nos ensinou:
Oh segredos daquella eternidade,
A quem juizo algum naõ alcançou!
Que nunca falte hum perfido inimigo,
A aquelles, de quem fostes tanto amigo.

LXXII.

Partio-se nisto emfim co' a companhia
Das naos o falso Mouro despedido
Com enganosa, e grande cortezia,
Com gesto ledo a todos, e fingido:
Cortáraõ os bateis a curta via
Das agoas de Neptuno, e recebido
Na terra do obsequente ajuntamento,
Se foi o Mouro ao cognito aposento.

LXXIII.

Do claro assento ethereo o gram Thebano,
Que da paternal coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto, e aborrecido;
No pensamento cuida hum falso engano,
Com que seja de todo destruido,
E em quanto isto só n'alma imaginava,
Comsigo estas palavras praticava.

LXXIV.

Está do Fado já determinado,
Que tamanhas victorias, tam famosas
Hajaõ os Portuguezes alcançado
Das Indianas gentes bellicosas;
E eu só filho do Padre sublimado,
Com tantas qualidades generosas
Hei de soffrer, que o Fado favoreça
Outrem, por quem meu nome se escureça?

LXXV.

Já quizeraõ os Deoses, que tiveſſe
O filho de Filippe nesta parte
Tanto poder, que tudo sobmeteſſe
Debaixo de seu jugo o fero Marte;
Mas ha-se de soffrer que o Fado déſſe
A taõ poucos tamanho esforço, e arte,
Que eu co' graõ Macedonio, e co'Romano
Demos lugar ao nome Lusitano?

LXXVI.

Naõ será assi, porque antes que chegado
Seja este Capitaõ, astutamente
Lhe será tanto engano fabricado,
Que nunca veja as partes do Oriente:
Eu decerei á terra, e o indignado
Peito revolverei da Maura gente,
Porque sempre por via irá direita
Quem do opportuno tempo se aproveita.

Isto

LXXVII.

Isto dizendo, irado, e quasi insano,
Sobre a terra Africana descendeo,
Onde vestindo a fórma, e gesto humano
Para o Prasso sabido se moveo:
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteo
Dum Mouro em Moçambique conhecido
Velho, sabio, e c'o Xeque mui valido.

LXXVIII.

E entrando assi a fallar-lhe a tẽpo, e horas
A' sua falsidade acomodadas,
Lhe diz, como eraõ gentes roubadoras
Estas, que ora de novo saõ chegadas;
Que das naçoens na costa moradoras,
Correndo a fama veio, que roubadas
Foraõ por estes homens, que passavaõ,
Que com pactos de paz sempre ancoravaõ.

LXXIX.

E sabe mais, lhe diz, como entendido
Tenho destes Christaõs sanguinolentos,
Que quasi todo o mar tem destruido
Com roubos, com incendios violentos:
E trazem já de longe engano urdido
Contra nós, e que todos seus intentos
Saõ para nos matarem, e roubarem,
E mulheres, e filhos cativarem.

LXXX.

E tambem sei, que tem determinado
De vir por agoa a terra muito cedo
O Capitaõ, dos seus acompanhado,
Que da tençaõ damnada nasce o medo:
Tu deves de ir tambem c'os teus armado,
Esperalo em cilada occulto, e quedo,
Porque saindo a gente descuidada,
Cahiráõ facilmente na cilada.

LXXXI.

E se inda naõ ficarem deste feito
Destruidos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginado no conceito
Outra manha, e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar Piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e taõ prudente,
Que os leve aonde sejaõ destruidos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.

LXXXII.

Tanto que estas palavras acabou
O Mouro, nos taes casos sabio, e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belligero aparelho,
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua que buscasse.

E bul-

LXXXIII.

E busca mais, para o cuidado engano,
Mouro, que por Piloto á nao lhe mande,
Sagaz, astuto, e sabio em todo o damno,
De quem fiar se possa hum feito grande:
Diz-lhe, que acompanhando o Lusitano
Por taes costas, e mares com elle ande,
Que se daqui escapar, que lá diante
Vá cair donde nunca se levante.

LXXXIV.

Já o raio Apollineo visitava,
Os montes Nabatheios acendido,
Quando o Gama c'os seus determinava
De vir por agoa á terra apercebido;
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido,
Mas pôde suspeitar-se facilmente;
Que o coraçaõ presago nunca mente.

LXXXV.

E mais tambem mandado tinha á terra
De antes pelo Piloto necessario,
E foilhe respondido em som de guerra,
Caso do que cuidava mui contrario:
Por isto, e porque bem sabe quanto erra
Quem se crê de seu perfido adversario,
Apercebido vai como podia
Em tres bateis sómente, que trazia.

Mas

LXXXVI.

Mas os Mouros, que andavaõ pela praia
Por lhe defender a agoa desejada,
Hum de escudo embaraçado, e de azagaia,
Outro de arco encurvado, e seta ervada:
Esperaõ que a guerreira gente saia,
Outros muitos já postos em cilada;
E porque o caso leve se lhe faça,
Poem huns poucos diante por negaça.

LXXXVII.

Andaõ pela ribeira alva, arenosa,
Os bellicosos Mouros acenando,
Com a adarga, e com a haste perigosa,
Os fortes Portuguezes incitando:
Naõ soffre muito a gente generosa
Andarlhe os caens os dentes amostrando;
Qualquer em terra falta taõ ligeiro,
Que nenhum dizer póde que he primeiro.

LXXXVIII.

Qual no corro sanguineo o ledo amante
Vendo a fermosa dama desejada,
O touro busca, e pondo-se diante
Salta, corre, sibila, acena, e brada:
Mas o animal atroce nesse instante,
Com a fronte cornigera inclinada,
Bramando duro corre, e os olhos cerra,
Derriba, fere, mata, e poem por terra.

Eis

LXXXIX.

Eis nos bateis o fogo se levanta
Na furiosa, e dura artilharia,
A plumbea péla mata, o brado espanta,
Ferido o ar retumba, e assovia:
O coraçaõ dos Mouros se quebranta,
O temor grande o sangue lhes resfria;
Já foge o escondido de medroso,
E morre descuberto o venturoso.

XC.

Naõ se contenta a gente Portugueza,
Mas seguindo a victoria, estroe, e mata,
A povoaçaõ sem muro, e sem defeza,
Esbombardea, acende, e disbarata:
Da cavalgada ao Mouro já lhe peza,
Que bem cuidou comprala mais barata,
Já blasfema da guerra, e maldizia
O velho inerte, e a mái, que o filho cria.

XCI.

Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
Sem força de covarde, e de apressado,
A pedra, o páo, e o conto arremessando,
Da-lhe armas o furor desatinado:
Já a Ilha, e tudo o mais desamparando,
A' terra firme foge amedrentado,
Passa, e corta do mar o estreito braço,
Que a Ilha em torno cerca em pouco espa-
(ço. Huns

XCII.

Huns vaõ nas almadias carregadas,
Hum corta o mar a nado diligente,
Quem ſe afoga nas ondas encurvadas,
Quem bebe o mar, e o deita juntamente:
Arrombaõ as miudas bombardadas
Os pangaios ſubtis da bruta gente,
Deſta arte o Portuguez em fim caſtiga
A vil malicia, perfida, inimiga.

XCIII.

Tornaõ vitorioſos para a armada,
C'o deſpojo da guerra, e rica preza,
E vaõ a ſeu prazer fazer agoada,
Sem achar reſiſtencia, nem defeza:
Ficava a Maura gente magoada,
No odio antigo, mais que nunca aceza;
E vendo ſem vingança tanto damno,
Sómente eſtriba no ſegundo engano.

XCIV.

Pazes commetter manda arrependido
O Regedor daquella iniqua terra,
Sem ſer dos Luſitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o Piloto falſo promettido,
Que toda a má tençaõ no peito encerra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Como em final das pazes, que tratava.

O

XCV.

O Capitaõ, que já lhe entam convinha
Tornar a seu caminho acostumado,
Que tempo concertado, e ventos tinha,
Para ir buscar o Indo desejado:
Recebendo o Piloto, que lhe vinha,
Foi delle alegremente agasalhado,
E respondendo ao mensageiro attento,
As vellas mandou dar ao largo vento.

XCVI.

Desta arte despedida a forte armada
As ondas de Anfitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre, e doce companhia:
O Capitaõ, que naõ cahia em nada
Do enganoso ardil, que o Mouro urdia,
Delle mui largamente se informava
Da India toda, e costas, que passava.

XCVII.

Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o malevolo Bacco lhe ensinara,
De morte, ou cativeiro novos damnos,
Antes que á India chegue, lhe prepara:
Dando razaõ dos pórtos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara,
Que havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.

XCVIII.

E diz-lhe mais c'o falso pensamento,
Com que Sinon aos Frygios enganou,
Que perto está huma Ilha, cujo assento,
Povo antigo Christaõ sempre habitou:
O Capitaõ, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra, onde esta gente estava.

XCIX.

O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christaõ lhe manda, e pede,
Que a terra he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede:
Aqui o engano, e morte lhe imagina,
Porque em poder, e forças muito excede
A Moçambique esta Ilha, que se chama
Quiloa, mui conhecida pela fama.

C.

Para lá se inclinava a leda frota,
Mas a Deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por hir buscar a morte naõ cuidada:
Naõ consente, que em terra taõ remota
Se perca a gente della tanto amada:
E com ventos contrarios a desvia,
Donde o Piloto falso a leva, e guia.

Mas

CI.

Mas o malvado Mouro, naõ podendo
Tal determinaçaõ levar avante,
Outra maldade iniqua comettendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz: que pois as agoas discorrendo,
Os leváraõ por força por diante,
Que outra Ilha tem perto, cuja gente
Eraõ Christaõs, com Mouros juntamente.

CII.

Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava,
Que aqui gente de Christo naõ havia,
Mas a que Mafamede celebrava:
O Capitaõ, que em tudo o Mouro cria,
Virando as vellas, a Ilha demandava,
Mas naõ querendo a Deosa guardadora,
Naõ entra pela barra, e surge fóra.

CIII.

Estava a Ilha á terra taõ chegada,
Que hum estreito pequeno a dividia;
Huma Cidade nella situada,
Que na fronte do mar apparecia:
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descubria,
Regida por hum Rei de antiga idade,
Mombaça he o nome da Ilha, e da Cidade.

CIV.

E ſendo a ella o Capitaõ chegado,
Eſtranhamente ledo, porque eſpera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falſo Piloto lhe diſſera:
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que já ſabia a gente, que era,
Que Bacco muito d'antes o aviſara,
Na fórma d'outro Mouro, que tomára.

CV.

O recado que trazem he de amigos,
Mas debaixo o veneno vem cuberto,
Que os penſamentos eraõ de inimigos,
Segundo foi o engano deſcuberto:
Oh grandes, e graviſſimos perigos!
Oh caminho da vida, nunca certo!
Que aonde a gente poem ſua eſperança,
Tenha a vida taõ pouca ſegurança!

CVI.

No mar tanta tormenta, e tanto damno,
Tantas vezes a morte apercebida,
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta neceſſidade aborrecida:
Onde póde acolher-ſe hum fraco humano?
Onde terá ſegura a curta vida?
Que naõ ſe arme, e indigne o Ceo ſereno,
Contra hum bicho da terra taõ pequeno?

CAN-



canto 2

CANTO II.

ARGUMENTO.

Dar ElRei de Mombaça o fim prepara
Ao Gama illuſtre, com mortal engano:
Dece Venus ao mar; a frota ampara;
E fallar ſóbe ao Padre ſoberano:
Jove os caſos futuros lhe declara;
Apparece Mercurio ao Luſitano;
Chega a Frota a Melinde, e o Rei potente
Em ſeu porto a recebe alegremente.

I.

JA neſte tempo o lucido Planeta,
Que as horas vai do dia diſtinguindo,
Chegava á deſejada, e lenta meta,
A luz celeſte ás gentes encubrindo:
E da caſa maritima ſecreta (do,
Lhe eſtava o Deos Nocturno a porta abrin-
Quando as infidas gentes ſe chegáraõ,
A's naos, que pouco havia que ancoráraõ.

D'en-

II.

D'entre elles hum, que traz encomendado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitaõ valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o Reino, e falsa via:
O Rei, que manda esta Ilha, alvoroçado
De tua vinda, tem tanta alegria,
Que naõ deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.

III.

E porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada,
Te roga, que de nada receoso
Entres a barra tu com toda a armada:
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil, e cançada,
Diz, que na terra podes reformalla,
Que a natureza obriga a desejalla.

IV.

E se buscando vás mercadoria,
Que produz o aurifero Levante,
Canella, Cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera, e prestante:
Ou se queres luzente pedraria,
O Rubí fino, o rigido Diamante,
Daqui levarás tudo taõ sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.

Ao

V.

Ao menſageiro o Capitaõ reſponde,
As palavras do Rei agradecendo,
E diz; que porque o Sol no mar ſe eſconde,
Naõ entra para dentro obedecendo:
Porém que como a luz moſtrar por onde
Vá ſem perigo a frota, naõ temendo,
Cumprirá ſem receio ſeu mandado,
Que a mais por tal ſenhor eſtá obrigado.

VI.

Pergunta-lhe depois ſe eſtaõ na terra
Chriſtaõs, como o Piloto lhe dizia:
O menſageiro aſtuto, que naõ erra,
Lhe diz, que a mais da gẽte em Chriſto cria:
Deſta ſorte do peito lhe deſterra
Toda a ſoſpeita, e cauta fanteſia,
Por onde o Capitaõ ſeguramente
Se fia da infiel, e falſa gente.

VII.

E de alguns, que trazia condenados
Por culpas, e por feitos vergonhoſos,
Porque podeſſem ſer aventurados
Em caſos deſta ſorte duvidoſos;
Manda dous mais ſagazes enſaiados,
Porque notem dos Mouros enganoſos
A Cidade, o poder, e porque vejaõ
Os Chriſtãos, que ſó tanto ver deſejaõ.

VIII.

E por eſtes ao Rei preſentes manda,
Porque a boa vontade, que moſtrava,
Tenha firme, ſegura, limpa, e branda,
A qual bem ao contrario em tudo eſtava:
Já a companhia perfida, e nefanda
Das naos ſe deſpedia, e o mar cortava:
Foraõ com geſtos ledos, e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.

IX.

E depois que ao Rei apreſentáraõ
C'o recado os preſentes, que traziaõ,
A Cidade corrêraõ, e notáraõ
Muito menos daquillo, que queriaõ:
Que os Mouros cauteloſos ſe guardáraõ
De lhe moſtrarem tudo o que pediaõ;
Que onde reina malicia eſtá o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.

X.

Mas aquelle, que ſempre a mocidade
Tem no roſto perpetua, e foi naſcido
De duas mãis, que urdia a falſidade,
Por ver o navegante deſtruido:
Eſtava em huma caſa da Cidade
Com roſto humano, e habito fingido,
Moſtrando-ſe Chriſtaõ, e fabricava
Hum altar ſumptuoſo, que adorava.

Alli

XI.

Alli tinha em retrato affigurada
Do alto, e Santo Eſpirito a pintura,
A candida Pombinha debuxada,
Sobre a unica Phenix, Virgem pura:
A companhia ſanta eſtá pintada
Dos doze, taõ torvados na figura,
Como os que ſó das lingoas, que cahiraõ
De fogo, varias lingoas referiraõ.

XII.

Aqui os dous companheiros conduzidos
Onde com eſte engano Bacco eſtava,
Poem em terra os giolhos, e os ſentidos
Naquelle Deos, que o mundo governava:
Os cheiros excellentes produzidos
Na Pancaia odorifera queimava
O Thioneo: e aſſi por derradeiro
O falſo deos adora o verdadeiro.

XIII.

Aqui foraõ de noite agaſalhados
Com todo o bom, e honeſto tratamento
Os dous Chriſtãos, naõ vẽdo que enganados
Os tinha o falſo, e ſanto fingimento:
Mas aſſim como os raios eſpalhados
Do Sol foraõ no mundo, e num momento
Appareceo no rubido Orizonte
Da moça de Titaõ a roxa fronte.

Tor-

XIV.

Tornaõ da terra os Mouros com recado
Do Rei, para que entraſſem, e comſigo
Os dous, que o Capitaõ tinha mandado,
A quem ſe o Rei moſtrou ſincero amigo:
E ſendo o Portuguez certificado
De naõ aver receio de perigo,
E que gente de Chriſto em terra avia,
Dentro no ſalſo rio entrar queria.

XV.

Dizem-lhe os que mandou, que em terra
Sacras aras, e Sacerdote ſanto, (viraõ
Que alli ſe agaſalháraõ, e dormîraõ,
Em quanto a luz cubrio o eſcuro manto:
E que no Rei, e gentes naõ ſentîraõ,
Senaõ contentamento, e goſto tanto,
Que naõ podia certo haver ſoſpeita
Numa moſtra taõ clara, e taõ perfeita.

XVI.

Com iſto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros, que ſubiaõ;
Que levemente hum animo ſe fia
De moſtras, que taõ certas pareciaõ:
A nao da gente perfida ſe enchia,
Deixando a bordo os barcos, que traziaõ,
Alegres vinhaõ todos, porque crem,
Que a preſa deſejada certa tem.

Na

XVII.

Na terra cautamente aparelhavaõ
Armas, e muniçoens, que como viſſem,
Que no rio os navios ancoravaõ,
Nelles ouſadamente ſe ſubiſſem:
E com eſta treiçaõ determinavaõ,
Que os de Luſo do porto naõ ſahiſſem,
E que incautos pagaſſem deſte geito
O mal, que em Moçambique tinhaõ feito.

XVIII.

As ancoras tenaces vaõ levando,
Com a nautica grita coſtumada,
Da proa as vellas ſós ao vento dando,
Inclinaõ para a barra abaliſada:
Mas a linda Ericina, que guardando
Andava ſempre a gente aſſinalada,
Vendo a cilada grande, e taõ ſecreta,
Voa do Ceo ao mar como huma ſeta.

XIX.

Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia,
Que porque no ſalgado mar naſceo,
Das agoas o poder lhe obedecia:
E propondo-lhe a cauſa, a que deceo,
Com todas juntamente ſe partia,
Para eſtorvar, que a armada naõ chegaſſe
Aonde para ſempre ſe acabaſſe.

Já

XX.

Já n'agoa erguendo vaõ com grãde preſſa
Com as argenteas caudas branca eſcuma,
Cloto c'o peito corta, e atraveſſa
Com mais furor o mar, do que coſtuma:
Salta Niſe, Nerine ſe arremeſſa
Por cima da agoa creſpa, em força ſumma:
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apreſſadas.

XXI.

Nos hombros d'hum Tritaõ com geſto
Vai a linda Dióne furioſa, (aceſo,
Naõ ſente quem a leva o doce peſo,
De ſoberbo com carga taõ fermoſa:
Já chegaõ perto donde o vento teſo
Enche as vellas da frota bellicoſa;
Repartemſe, e rodeaõ neſſe inſtante
As naos ligeiras, que hiaõ por diante.

XXII.

Poem-ſe a Deoſa com outras em direito
Da proa Capitana, e alli fechando
O caminho da barra, eſtaõ de geito,
Que em vaõ aſſopra o vẽto a vella inchãdo:
Poem no madeiro duro o brando peito,
Para detraz a forte nao forçando;
Outras em derredor levando-a eſtavaõ,
E da barra inimiga a déſviavaõ.

Quaes

XXIII

XXIII.

Quaes para a cova as próvidas formigas,
Levando o peſo grande acomodado,
As forças exercitaõ de inimigas,
Do inimigo Inverno congelado:
Alli ſaõ ſeus trabalhos, e fadigas,
Alli moſtraõ vigor nunca eſperado:
Taes andavaõ as Ninfas eſtorvando
Aa gente Portugueſa o fim nefando.

XXIV.

Torna para detraz a nao forçada,
A peſar dos que leva, que gritando,
Mareaõ vellas, ferve a gente irada,
O leme a hum bordo, e outro atraveſſando:
O meſtre aſtuto em vaõ da popa brada,
Vendo como diante ameaçando
Os eſtava hum maritimo penedo,
Que de quebrarlhe a nao lhe mete medo.

XXV.

A celeuma medonha ſe levanta
No rude marinheiro, que trabalha:
O grande eſtrondo a Maura gente eſpanta,
Como ſe viſſem horrida batalha:
Naõ ſabem a razaõ de furia tanta,
Naõ ſabem neſta preſſa quem lhe valha,
Cuidaõ, que ſeus enganos ſaõ ſabidos,
E que haõ de ſer por iſſo aqui punidos.

Eilos

XXVI.

Eilos subitamente se lançavaõ
A seus bateis velozes, que traziaõ,
Outros em cima o mar alevantavaõ,
Saltando na agoa, a nado se acolhiaõ:
De hum bordo, e de outro subito saltavaõ,
Que o medo os compellia, do que viaõ;
Que antes querem ao mar aventurarse,
Que nas mãos inimigas entregarse.

XXVII.

Assi como em selvatica alagoa
As rãs, no tempo antigo Lycia gente,
Se sentem por ventura vir pessoa,
Estando fóra da agoa incautamente:
Daqui, e dalli saltando, o charco soa,
Por fugir do perigo, que se sente,
E acolhendo-se ao couto, que conhecem,
Sós as cabeças na agoa lhe aparecem.

XXVIII.

Assi fogem os Mouros; e o Piloto,
Que ao perigo grande as naos guiára,
Crendo, que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agoa amara:
Mas por naõ darem no penedo immoto,
Onde percaõ a vida doce, e chara,
A ancora solta logo a Capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.

Tendo

XXIX.

Tendo o Gama atentado a eſtranheza
Dos Mouros, naõ cuidada, e juntamente
O Piloto fugirlhe com preſteza,
Entende o que ordenava a bruta gente:
E vendo ſem contraſte, e ſem braveza
Dos ventos, ou das agoas ſem corrente,
Que a nao paſſar avante naõ podia,
Avendo-o por milagre, aſſi dizia.

XXX.

Oh caſo grande, eſtranho, e naõ cuidado!
Oh milagre clariſſimo, e evidente!
Oh deſcuberto engano inopinado!
Oh perfida, inimiga, e falſa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrarſe ſem perigo ſabiamente,
Se lá de cima a guarda ſoberana
Naõ acudir á fraca força humana?

XXXI.

Bem nos moſtra a Divina Providencia
Deſtes portos a pouca ſegurança,
Bem claro temos viſto na apparencia,
Que era enganada a noſſa confiança:
Mas pois ſaber humano, nem prudencia
Enganos taõ fingidos naõ alcança,
Oh tu guarda divina tem cuidado
De quem ſem ti naõ póde ſer guardado.

XXXII.

E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade,
Da gente a salvas perfida, e malina:
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina,
Ou nos amostra a terra, que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos.

XXXIII.

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A fermosa Dióne, e commovida,
D'entre as Ninfas se vai, que saudosas
Ficáraõ desta subita partida:
Já penetra as estrellas luminosas,
Já na terceira Esfera recebida,
Avante passa, e lá no sexto Ceo,
Para onde estava o Padre, se moveo.

XXXIV.

E como hia afrontada do caminho,
Tam fermosa no gesto se mostrava,
Que as Estrellas, e o Ceo, e o Ar vizinho,
E tudo quanto a via, namorava:
Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
Huns espiritos vivos inspirava,
Com que os Polos gelados acendia,
E tornava de fogo a Esfera fria.

XXXV.

E por mais namorar ao ſoberano
Padre, de quem foi ſempre amada, e chaña,
Se lhe apreſenta aſſi como ao Troyano
Na ſelva Idea já ſe apreſentára:
Se a vira o caçador, que o vulto humano
Perdeo, vendo a Diana na agoa clara,
Nunca os famintos galgos o matáraõ,
Que primeiro deſejos o acabáraõ.

XXXVI.

Os creſpos fios de ouro ſe eſparziaõ
Pelo collo, que a neve eſcurecia;
Andando, as lacteas tetas lhe tremiaõ,
Com que o Amor brincava, e naõ ſe via:
Da alva petrina flamas lhe ſahiaõ,
Onde o minino as almas acendia;
Pelas lizas columnas lhe trepavaõ
Deſejos, que como Hera ſe enrolavaõ.

XXXVII.

C'um delgado cendal as partes cobre
De quem vergonha he natural reparo;
Porém nem tudo eſconde, nem deſcobre
O veo dos roxos lirios pouco avaro:
Mas para que o deſejo acenda, e dobre,
Lhe poem diante aquelle objecto raro;
Já ſe ſentem no Ceo por toda a parte
Ciumes em Vulcano, amor em Marte.

XXXVIII.

E moſtrando no angelico ſemblante
C'o riſo huma triſteza miſturada,
Como dama, que foi do incauto amante,
Em brincos amoroſos maltratada,
Que ſe queixa, e ſe ri num meſmo inſtante,
E ſe torna entre alegre magoada:
Deſta arte a Deoſa, a quem nenhuma igua'a,
Mais mimoſa, que triſte, ao Padre fala.

XXXIX.

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoſo,
Que para as couſas, que eu do peito amaſſe
Te achaſſe brando, affavel, e amoroſo,
Poſto que a algum contrario lhe pezaſſe:
Mas pois que contra mi te vejo iroſo,
Sem que to mereceſſe, nem te erraſſe,
Faça-ſe como Bacco determina,
Aſſentarei em fim, que fui moſina.

XL.

Eſte povo, que he meu, por quê derramo
As lagrimas, que em vaõ caídas vejo,
Que aſſaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu deſejo:
Por elle a ti rogando, choro, e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo,
Ora pois, porque o amo, he maltratado,
Quero-lhe querer mal, ſerá guardado.

Mas

XLI.

Mas morra em fim nas maõs das brutas gentes,
Que pois eu fui; e niſto, de mimoſa,
O roſto banha em lagrimas ardentes,
Como c'o orvalho fica a freſca roſa:
Callada hũ pouco, como ſe entre os dentes
Se lhe impedira a falla piedoſa,
Torna a ſeguila, e indo por diante,
Lhe atalha o poderoſo, e graõ Tonante.

XLII.

E deſtas brandas moſtras commovido,
Que moveraõ de hũ Tigre o peito duro,
C'o vulto alegre, qual do Ceo ſubido
Torna ſereno, e claro o ar eſcuro:
As lagrimas lhe alimpa, e acendido
Na face a beija, e abraça o collo puro,
De modo que dalli, ſe ſó ſe achára,
Outro novo Cupido ſe gerára.

XLIII.

E c'o ſeu apertando o roſto amado,
Que os ſoluços, e lagrimas augmenta,
Como o minino da ama caſtigado,
Que quem o afaga, o choro lhe accreſcenta:
Por lhe pôr em ſoſſego o peito irado,
Muitos caſos futuros lhe apreſenta,
Dos Fados as entranhas revolvendo,
Deſta maneira em fim lhe eſtá dizendo:

XLIV.

Fermoſa filha minha, naõ temais
Perigo algum nos voſſos Luſitanos,
Nem que ninguem comigo poſſa mais,
Que eſſes choroſos olhos ſoberanos:
Que eu vos prometto, filha, que vejais
Eſquecerem-ſe Gregos, e Romanos
Pelos illuſtres feitos, que eſta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

XLV.

Que ſe o facundo Ulyſſes eſcapou
De ſer na Ogygia Ilha eterno eſcravo,
E ſe Antenor os ſeios penetrou
Iliricos, e a fonte de Timavo:
E ſe o piedoſo Eneas navegou
De Scila, e de Caribdis o mar bravo:
Os voſſos, móres couſas intentando,
Novos mundos ao mundo iraõ moſtrando.

XLVI.

Fortalezas, Cidades, e altos muros,
Por elles vereis, filha, edificados:
Os Turcos bellaciſſimos, e duros,
Delles ſempre vereis desbaratados:
Os Reis da India livres, e ſeguros,
Vereis ao Rei potente ſubjugados;
E por elles, de tudo em fim ſenhores,
Seraõ dadas na terra leys melhores.

Ve-

XLVII.

Vereis este, que agora presuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer delle Neptuno de medroso,
Sem vento suas agoas encrespando:
Oh caso nunca visto, e milagroso,
Que trema, e ferva o mar em calma estando!
Oh gente forte, e de altos pensamentos;
Que tambem della haõ medo os Elementos!

XLVIII.

Vereis a terra, que agoa lhe tolhia,
Que inda ha de ser hũ porto muĩ decente,
Em que vaõ descançar da longa via
As naos, que navegarem do Occidente:
Toda esta costa em fim, que agora urdia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributo, conhecendo
Naõ poder resistir ao Luso horrendo.

XLIX.

E vereis o Mar roxo taõ famoso
Tornar-se-lhe amarello de enfiado:
Vereis de Ormuz o Reino poderoso
Duas vezes tomado, e sobjugado:
Alli vereis o Mouro furioso
De suas mesmas setas traspassado;
Que quem vai contra os vossos claro veja
Que, se resiste, contra si peleja.

Ve-

L.

Vereis a inexpugnavel Dio forte,
Que dous cercos terá, dos voſſos ſendo,
Alli ſe moſtrará ſeu preço, e ſorte,
Feitos de armas grandiſſimos fazendo:
Envejoſo vereis o graõ Mavorte,
Do peito Luſitano fero, e horrendo;
Do Mouro alli veraõ, que a voz extrema,
Do falſo Mafamede ao Ceo blasfema.

LI.

Goa vereis aos Mouros ſer tomada,
A qual virá depois a ſer ſenhora
De todo Oriente, e ſublimada
C'os triumphos da gente vencedora:
Alli ſoberba, altiva, e exalçada,
Ao Gentio, que os Idolos adora,
Duro freo porá, e a toda a terra,
Que cuidar de fazer aos voſſos guerra.

LII.

Vereis a fortaleza ſuſtentarſe
De Cananor com pouca força, e gente;
E vereis Calecut desbaratarſe,
Cidade populoſa, e tam potente:
E vereis em Cochim aſſinalarſe
Tanto hum peito ſoberbo, e inſolente,
Que citara já mais cantou victoria,
Que aſſi mereça eterno nome, e gloria.

Nun-

LIII.

Nunca com Marte inſtructo, e furioſo
Se vio ferver Leucate, quando Auguſto
Nas civis Accias guerras animoſo,
O Capitaõ venceo Romano injuſto:
Que dos povos da Aurora, e do famoſo
Nilo, e do Bactro Scitico, e robuſto,
A victoria trazia, e preſa rica,
Preço da Egypcia linda, e naõ pudica.

LIV.

Como vereis o mar fervendo aceſo,
C'os incendios dos voſſos pelejando,
Levando o Idolatra, e o Mouro preſo,
De naçoens differentes triunfando:
E ſogeita a rica Aurea Cherſoneſo,
Até o longinquo China navegando,
E as Ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.

LV.

De modo, filha minha, que de geito
Amoſtraráõ esforço mais que humano,
Que nunca ſe verá taõ forte peito
Do Gangetico mar ao Gaditano:
Nem das Boreaes ondas ao Eſtreito,
Que moſtrou o agravado Luſitano,
Poſto que em todo o mundo de afrontados
Reſuſcitaſſem todos os paſſados.

Como

LVI.

Como isto disse, manda o consagrado
Filho de Maya á terra, porque tenha
Hum pacifico porto, e sossegado,
Para onde sem receo a frota venha:
E para que em Mombaça aventurado
O forte Capitaõ se naõ detenha,
Lhe manda mais, q̃ em sonhos lhe mostrasse
A terra, onde quieto repousasse.

LVII.

Já pelo ar o Cyleneo voava;
Com as azas nos pés á terra dece,
Sua vara fatal na maõ levava,
Com que os olhos cançados adormece;
Com esta as tristes almas revocava
Dos infernos, e o vento lhe obedece;
Na cabeça o galero costumado,
E desta arte a Melinde foi chegado.

LVIII.

Comsigo a fama leva, porque diga
Do Lusitano o preço grande, e raro,
Que o nome illustre a hũ certo amor obriga,
E faz a quem o tem amado, e charo:
Desta arte vai fazendo a gente amiga,
C'o rumor famosissimo, e preclaro;
Já Melinde em desejos arde todo
De ver da gente forte o gesto, e o modo.

Dalli

LIX.

Dalli para Mombaça logo parte,
Aonde as naos eſtavaõ temeroſas,
Para que á gente mande, que ſe aparte
Da barra imiga, e terras ſoſpeitoſas:
Porque mui pouco val eſforço, e arte
Contra infernaes vontades enganoſas;
Pouco val coraçaõ, aſtucia, e ſiſo,
Se lá dos Ceos naõ vem celeſte aviſo.

LX.

Meió caminho a noite tinha andado,
E as Eſtrellas no Ceo co' a luz alhea
Tinhaõ o largo mundo allumiado,
E ſó c'o ſono a gente ſe recrea:
O Capitaõ illuſtre já cançado
De vigiar a noite, que recea,
Breve repouſo entaõ aos olhos dava,
A outra gente a quartos vigiava.

LXI.

Quando Mercurio em ſonhos lhe appa-
Dizendo: Fuge, fuge Luſitano (rece,
Da cilada, que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim, e extremo damno.
Fuge, que o vento, e o Ceo te favorece,
Sereno o tempo tens, e o Oceano,
E outro Rei mais amigo noutra parte,
Onde podes ſeguro agaſalharte.

Naó

LXII.

Naõ tens aqui ſenaõ aparelhado
O hoſpicio, que o cru Diomedes dava,
Fazendo ſer manjar acoſtumado
De cavallos a gente, que hoſpedava:
As aras de Buſiris infamado,
Onde os hoſpedes triſtes immolava,
Terás certas aqui, ſe muito eſperas:
Fuge das gentes perfidas, e feras.

LXIII.

Vai-te ao longo da coſta diſcorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quaſi junto donde o Sol ardendo
Iguala o dia, e noite em quantidade:
Alli tua frota alegre recebendo
Hum Rei com muitas obras de amizade,
Gaſalhado ſeguro te daria,
E para a India certa, e ſabia guia.

LXIV.

Iſto Mercurio diſſe: e o ſono leva
Ao Capitaõ, que com mui grande eſpanto
Acorda, e vê ferida a eſcura treva
De huma ſubita luz, e raio ſanto:
E vendo claro quanto lhe releva
Naõ ſe deter na terra iniqua tanto,
C'o novo eſprito ao meſtre ſeu mandava,
Que as vellas déſſe ao vento, que aſſoprava.

Dai

LXV.

Dai vellas, disse, dai ao largo vento,
Que o Ceo nos favorece, e Deos o manda;
Que hum mensageiro vi do claro assento,
Que só em favor de nossos passos anda.
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros de huma, e d'outra banda,
Levaõ, gritando, as ancoras acima,
Mostrando a rude força, que se estima.

LXVI.

Neste tempo, que as ancoras levavaõ,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavaõ,
Por serem, dando á costa, destruidos:
Mas com vista de linces vigiavaõ
Os Portuguezes sempre apercebidos;
Elles como acordados os sentiraõ,
Voando, e naõ remando lhes fugiraõ.

LXVII.

Mas já as agudas proas apartando
Hiaõ as vias humidas de argento;
Assopra-lhe galerno o vento, e brando,
Com suave, e seguro movimento:
Nos perigos passados vaõ fallando;
Que mal se perderáõ do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida escapa em salvo por acerto.

Tinha

LXVIII.

Tinha huma volta dado o Sol ardente,
E noutra começava, quando viraõ
Ao longe dous navios, brandamente
C'os ventos navegando, que reſpiraõ:
Porque haviaõ de ſer da Maura gente,
Para elles arribando as vellas viraõ;
Hum do temor do mal, que receava,
Por ſe ſalvar a gente, á coſta dava.

LXIX.

Naõ he o outro, que fica, taõ manhoſo,
Mas nas maõs vai cair do Luſitano,
Sem o rigor de Marte furioſo,
E tem a furia horrenda de Vulcano:
Que como foſſe debil, e medroſo
Da pouca gente o fraco peito humano
Naõ teve reſiſtencia; e ſe a tivera,
Mais damno, reſiſtindo, recebera.

LXX.

E como o Gama muito deſejaſſe
Piloto para a India, que buſcava,
Cuidou, que entre eſtes Mouros o tomaſſe;
Mas naõ lhe ſuccedeo como cuidava;
Que nenhum delles ha, que lhe enſinaſſe
A que parte dos Ceos a India eſtava:
Porém dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharáõ Piloto certo.

Louvaõ

LXXI.

Louvaõ do Rei os Mouros a bondade,
Condiçaõ liberal, ſincero peito,
Magnificencia grande, e humanidade,
Com partes de grandiſſimo reſpeito:
O Capitaõ o aſſella por verdade,
Porque já lho diſſera deſte geito
O Cilenêo em ſonhos, e partia,
Para onde o ſonho, e o Mouro lhe dizia.

LXXII.

Era o tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz Febea,
Quando hum, e outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthea:
A memoria do dia renovava
O preſuroſo Sol, que o Ceo rodea,
Em que aquelle, a que tudo eſtá ſugeito,
O ſello poz a quanto tinha feito.

LXXIII.

Quando chegava a frota áquella parte,
Onde o Reino Melinde já ſe via,
De toldos adornada, e leda de arte,
Que bem moſtra eſtimar o ſanto Dia:
Treme a bandeira, voa o eſtandarte,
A côr purpurea ao longe appareciá:
Soaõ os atambores, e pandeiros,
E aſſi entravaõ ledos, e guerreiros.

LXXIV.

Enche-se toda a praia Melindana
Da gente, que vem ver a leda armada,
Gente mais verdadeira, e mais humana,
Que toda a d'outra terra atraz deixada:
Surge diante a frota Lusitana;
Pega no fundo a ancora pezada;
Mandaõ fóra hum dos Mouros, q̃ tomaraõ,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaraõ.

LXXV.

O Rei, que já sabia da nobreza,
Que tanto os Portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto préza,
Quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo, e pureza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito, que saissem,
Para que de seus Reinos se servissem.

LXXVI.

Saõ offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, naõ dobradas,
As que o Rei manda aos nobres Cavaleiros,
Que tanto mar, e terras tem passadas:
Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
E galinhas domesticas cevadas,
Com as frutas, que entaõ na terra havia,
E a vontade á dadiva excedia.

Recebe

LXXVII.

Recebe o Capitaõ alegremente
O menſageiro ledo, e ſeu recado,
E logo manda ao Rei outro preſente,
Que de longe trazia aparelhado;
Eſcarlata purpurea côr ardente,
O ramoſo coral, fino, e prezado,
Que debaixo das agoas molle creſce,
E como he fóra dellas ſe endurece.

LXXVIII.

Manda mais hum na pratica elegante,
Que c'o Rei nobre as pazes concertaſſe,
E que de naõ ſahir aquelle inſtante
De ſuas naos em terra o deſculpaſſe.
Partido aſſi o Embaixador preſtante,
Como na terra ao Rei ſe apreſentaſſe,
Com eſtilo, que Pallas lhe enſinava,
Eſtas palavras taes fallando orava:

LXXIX.

Sublime Rei, a quem do Olympo puro
Foi da ſumma Juſtiça concedido
Refrear o ſoberbo povo duro,
Naõ menos delle amado, que temido:
Como porto mui forte, e mui ſeguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buſcar, para que achemos
Em ti o remedio certo, que queremos.

Naõ

LXXX.

Naõ somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro, e a fogo as gentes vam matando,
Por roubar-lhe as fazendas cobiçadas:
Mas da soberba Europa navegando,
Himos buscando as terras apartadas
Da India grande, e rica, por mandado
De hum Rei, que temos alto, e sublimado.

LXXXI.

Que geraçaõ tam dura ha hi de gente,
Que barbaro costume, e usança fea,
Que naõ vedem os portos tam sómente,
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que má tençaõ, que peito em nós se sente,
Que de tam pouca gente se arrecea?
Que com laços armados tam fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruidos?

LXXXII.

Mas tu, em quem mui certos confiamos
Achar-se mais verdade, ó Rei benigno,
E aquella certa ajuda em ti esperamos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino:
A teu porto seguro navegamos,
Conduzidos do Interprete divino,
Que, pois ati nos manda, está mui claro,
Que he de peito sincero, humano, e raro.

E naõ

LXXXIII.

E naõ cuides, ó Rei, que naõ ſahiſſe
O noſſo Capitaõ eſclarecido
A ver-te, ou a ſervir-te, porque viſſe,
Ou ſoſpeitaſſe em ti peito fingido:
Mas ſaberás, que o fez, porque compriſſe
O regimento, em tudo obedecido,
De ſeu Rei, que lhe manda que naõ ſaia,
Deixando a frota em algum porto, ou praia.

LXXXIV.

E porque he de vaſſallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Naõ quererás, pois tens de Rei o officio,
Que ninguem a ſeu Rei deſobedeça:
Mas as mercês, e o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promette, que conheça
Em tudo aquillo, que elle, e os ſeus puderẽ,
Em quanto os rios para o mar correrem.

LXXXV.

Aſſi dizia; e todos juntamente,
Huns com outros em pratica fallando,
Louvaõ muito o eſtamago da gente,
Que tantos Ceos, e mares vai paſſando:
E o Rei illuſtre, o peito obediente
Dos Portuguezes, na alma imaginando,
Tinha por valor grande, e mui ſubido
O do Rei, que he tam longe obedecido.

LXXXVI.

E com risonha vista, e ledo aspeito
Responde ao Embaixador, que tão estima:
Toda a sospeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima;
Que vosso preço, e obras saõ de geito
Para vos ter o mundo em muita estima:
E quem vos fez molesto tratamento,
Naõ póde ter subido pensamento.

LXXXVII.

De naõ sair em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Ainda que me pese estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia:
Mas se lho o regimento naõ consente,
Nem eu consentirei, que a excellencia
De peitos tam leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.

LXXXVIII.

Porém como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu hirei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo ha tantos dias:
E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias,
Aqui terá de limpos pensamentos
Piloto, muniçoens, e mantimentos.

Isto

LXXXIX.

Isto disse, e nas agoas se escondia
O filho de Latona, e o mensageiro
Co' a embaixada alegre se partia
Para a frota no seu batel ligeiro:
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro
Para acharem a terra, que buscavaõ;
E assi ledos a noite festejavaõ.

XC.

Naõ faltaõ alli raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando;
Fazem os bombardeiros seu officio,
O Ceo, a terra, e as ondas atroando:
Mostra-se dos Cyclópas o exercicio
Nas bombas, que de fogo estaõ queimando;
Outros com vozes, com que o Ceo feriaõ,
Instrumentos altisonos tangiaõ.

XCI.

Respondem-lhe da terra juntamente
C'o raio volteando com zonido,
Anda em giros no ar a roda ardente,
Estoura o pó sulfureo escondido:
A grita se levanta ao Ceo da gente,
O mar se via em fogos acendido,
E naõ menos a terra: e assi festeja
Hum ao outro á maneira de peleja.

Mas

XCII.

Mas já o Ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho,
E já a Mãi de Memnon a luz trazendo,
Ao sono longo punha certo atalho:
Hiaõ-se as sombras lentas desfazendo
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o Rei Melindano se embarcava
A ver a frota, que no mar estava.

XCIII.

Viaõ-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda;
Luzem da fina purpura as cabaias,
Lustraõ os panos da tecida seda:
Em lugar das guerreiras azagaias,
E do arco, que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de Palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.

XCIV.

Hum batel grande, e largo, que toldado
Vinha de seda de diversas cores,
Traz o Rei de Melinde, acompanhado
De nobres de seu Reino, e de senhores:
Vem de ricos vestidos adornado,
Segundo seus costumes, e primores;
Na cabeça huma fóta guarnecida
D'ouro, e de seda, e de algodaõ tecida.

Caba-

XCV.

Cabaia de Damaſco rico, e dino,
Da Tiria côr, entre elles eſtimada,
Hum collar ao peſcoço de ouro fino,
Onde a materia da obra he ſuperada:
C'um reſplandor reluze adamantino,
Na cinta a rica adaga bem lavrada,
Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
Cobrem ouro, e aljofar ao veludo.

XCVI.

Com hum redondo amparo alto de ſeda
Numa alta, e dourada haſtea enxerido,
Hum miniſtro a Solar quentura veda,
Que naõ offenda, e queime o Rei ſubido:
Muſica traz na proa eſtranha, e leda,
De aſpero ſom, horriſono ao ouvido,
De trombetas arcadas em redondo,
Que ſem concerto fazem rude eſtrondo.

XCVII.

Naõ menos guarnecido o Luſitano
Nos ſeus bateis da frota ſe partia
A receber no mar ao Melindano
Com luſtroſa, e honrada companhia:
Veſtido o Gama vem ao modo Hiſpano,
Mas Franceza era a roupa, que veſtia;
De cetim da Adriatica Veneza,
Carmeſi, côr que a gente tanto preza.

De

XCVIII.

De botoens d'ouro as mangas vem toma-
Onde o Sol reluzindo a viſta cega; (das,
As calças ſoldadeſcas recamadas
Do metal, que Fortuna a tantos nega;
E com pontas do meſmo delicadas
Os golpes do gibam ajunta, e chega:
Ao Italico modo a aurea eſpada;
Pluma na gorra hum pouco declinada.

XCIX.

Nos de ſua companhia ſe moſtrava
Da tinta, que dá o Murice excellente,
A varia côr, que os olhos alegrava,
E a maneira do trajo differente:
Tal o fermoſo eſmalte ſe notava
Dos veſtidos olhados juntamente,
Qual apparece o arco rutilante,
Da bella Ninfa, filha de Thaumante.

C.

Sonoroſas trombetas incitavam
Os animos alegres reſonando;
Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,
Os toldos pelas agoas arrojando:
As bombardas horriſonas bramavam
Com as nuves do fumo o Sol tomando;
Ameudaõ-ſe os brados accendidos,
Tapam co' as maõs os Mouros os ouvidos.

Já

CI.

Já no batel entrou do Capitaõ
O Rei, que nos seus braços o levava,
Elle co' a cortesia, que a razaõ,
(Por ser Rei) requeria, lhe falava:
C'umas mostras de espanto, e admiraçaõ
O Mouro o gesto, e modo lhe notava,
Como quem em mui grande estima tinha
Gente, que de taõ longe á India vinha.

CII.

E com grandes palavras lhe offerece
Tudo o que de seus Reinos lhe compriſſe;
E que, se mantimento lhe falece,
Como se proprio fosse, lho pediſſe:
Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
A gente Lusitana, sem que a viſſe;
Que já ouvio dizer, que n'outra terra
Com gente de sua lei tivesse guerra.

CIII.

E como por toda Africa se soa,
Lhe diz os grandes feitos, que fizeraõ,
Quando nella ganharaõ a Coroa
Do Reino, onde as Hesperides viveraõ:
E com muitas palavras apregoa
O menos, que os de Luso mereceraõ,
E o mais, que pela fama o Rei sabia.
Mas desta sorte o Gama respondia:

O' tu

CIV.

Oh tu, que só tiveste piedade,
Rei benigno, da gente Lusitana,
Que com tanta miseria, e adversidade,
Dos mares exprimenta a furia insana:
Aquella alta, e divina Eternidade,
Que o Ceo revolve, e rege a gente humana,
Pois que de ti taes obras recebemos,
Te pague o que nosoutros naõ podemos.

CV.

Tu só de todos quantos queima Apollo,
Nos recebeste em paz do mar profundo,
Em ti dos ventos horridos de Eolo
Refugio achamos bom, fido, e jucundo:
Em quanto apacentar o largo polo
As Estrellas, e o Sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama, e gloria
Viviráõ teus louvores em memoria.

CVI.

Isto dizendo, os barcos vaõ remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja;
Vaõ as naos huma, e huma rodeando,
Porque de todas tudo note, e veja:
Mas para o Ceo Vulcano fuzilando,
A frota co' as bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangiaõ;
C'os anafis os Mouros respondiaõ.

Mas

CVII.

Mas depois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava:
Mandava estar quieto, e ancorado
N'agoa o batel ligeiro, que os levava,
Por falar devagar c'o forte Gama
Nas cousas, de que tem noticia, e fama.

CVIII.

Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas, e excellentes
C'o povo havidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora;
Agora pelos povos seus visinhos,
Agora pelos humidos caminhos.

CIX.

Mas antes, valeroso Capitaõ,
Nos conta, lhe dizia, diligente
Da terra tua o clima, e regiaõ
Do mundo, onde morais, distintamente:
E assi de vossa antiga geraçaõ,
E o principio do Reino tam potente,
C'os successos das guerras do começo,
Que, sem sabelas, sei que saõ de preço.

CX.

E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes barbaros alheios,
Que a nossa Africa rude tem creado:
Conta, que agora vem c'os aureos freios
Os cavallos, que o carro marchetado
Do novo Sol da fria Aurora trazem;
O vento dorme, e o mar, e as ondas jazem.

CXI.

E naõ menos c'o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares;
Que quem ha, que por Fama naõ conhece
As obras Portuguezas singulares?
Nam tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, para julgares,
Que os Melindanos tem tam rude peito,
Que naõ estimem muito hum grande feito.

CXII.

Cometteraõ soberbos os Gigantes
Com guerra vãa o Olympo claro, e puro;
Tentou Peritho, e Theseo, de ignorantes,
O Reino de Plutaõ horrendo, e escuro:
Se houve feitos no mundo tam possantes,
Naõ menos he trabalho illustre, e duro,
Quanto foi cometter Inferno, e Ceo,
Que outrem cometta a furia de Nereo.

Quei-

CXIII.

Queimou o ſagrado Templo de Diana,
Do ſutil Tezifonio fabricado,
Heroſtrato, por ſer da gente humana
Conhecido no mundo, e nomeádo:
Se tambem com taes obras nos engana
O deſejo de hum nome avantejado,
Mais razaõ he, que queira eterna gloria
Quem faz obras tam dignas de memoria.

CANTO III.

ARGUMENTO.

A populoſa Europa ſe deſcreve:
De Egas Moniz o feito ſublimado:
Luſitania que Reis, que guerras teve:
Chriſto a Affonſo ſe expoem Crucificado:
De Dona Ignez de Caſtro a pura neve
Em purpura converte o povo irado:
Moſtra-ſe o vil deſcuido de Fernando,
E o graõ poder de hum geſto ſuave, e brãdo.

I.

AGora tu, Calliope, me enſina
O q̃ contou ao Rei o illuſtre Gama;
Inſpira immortal canto, e voz divina
Neſte peito mortal, que tanto te ama:
Aſſi o claro inventor da medicina,
De quem Orpheo pariſte, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothóe
Te negue o amor devido, como foe.

Poem



canto 3

II.

Poem tu, Ninfa, em effeito meu deſejo,
Como merece a gente Luſitana,
Que veja, e ſaiba o mundo, que do Tejo
O licor de Aganipe corre, e mana:
Deixa as flores do Pindo, que já vejo
Banhar-me Apollo na agoa ſoberana;
Se naõ, direi que tens algum receo
Que ſe eſcureça o teu querido Orfeo.

III.

Promptos eſtavaõ todos eſcutando
O que o ſublime Gama contaria,
Quando, depois d'hum pouco eſtar cuidando
Alevantando o roſto aſſi dizia:
Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a graõ genealogia:
Naõ me mandas contar eſtranha hiſtoria,
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.

IV.

Que outrem poſſa louvar eſforço alheo,
Couſa he que ſe coſtuma, e ſe deſeja;
Mas louvar os meus proprios, arreceo
Que louvor taõ ſuſpeito mal me eſteja:
E para dizer tudo, temo, e creo,
Que qualquer longo tempo curto ſeja:
Mas, pois o mandas, tudo ſe te deve,
Irei contra o que devo, e ſerei breve.

Além

V.

Além disso, o que a tudo em fim me obri-
He naõ poder mentir no que disser, (ga,
Porque de feitos taes por mais que diga,
Mais me ha de ficar ainda por dizer:
Mas porque nisto a ordem leve, e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.

VI.

Entre a Zona, que o Cancro senhorea,
Méta Septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodea
Pela parte do Arcturo, e do Occidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral o mar Mediterrano.

VII.

Da parte, donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avizinha; mas o Rio,
Que dos montes Riféos vai correndo,
Na lagoa Meotis, curvo, e frio,
As divide; e o mar, que fero, e horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troia triunfante,
Naõ vê mais que a memoria o navegante.

Lá

VIII.

Lá, onde mais debaixo está do Polo,
Os montes Hyperboreos apparecem,
E aquelles, onde sempre sopra Eolo,
E c'o nome dos sopros se ennobrecem:
Aqui tam pouca força tem de Apollo
Os raios, que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.

IX.

Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antigamente grande guerra
Tiveraõ sobre a humana antiguidade,
C'os que tinhaó entaõ a Egypcia terra:
Mas quem taõ fóra estava da verdade
(Já que o juizo humano tanto erra)
Para que de mais certo se informára,
Ao campo Damasceno o perguntára.

X.

Agora nestas partes se nomea
A Lapia fria, a inculta Noruéga,
Escandinavia Ilha, que se arrea
Das victorias, que Italia naõ lhe nega:
Aqui em quanto as agoas naõ refrea
O congelado Inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Oceano
Pelo Brusio, Suecio, e frio Dano.

En-

XI.

Entre eſte Mar, e o Tanais vive eſtranha
Gente, Ruthenos, Moſcos, e Livonios,
Sarmatas outro tempo, e na montanha
Hircinia os Marcomanos ſaõ Polonios:
Sogeitos ao Imperio de Alemanha,
Saõ Saxones, Boemios, e Panonios,
E outras varias naçoens, que o Reino frio
Lava, e o Danubio, Amaſis, e Albis rio.

XII.

Entre o remoto Iſtro, e claro Eſtreito,
Aonde Helle deixou co' nome a vida,
Eſtaõ os Thraces de robuſto peito,
Do fero Marte patria taõ querida:
Onde c'o Hemo o Rhodope ſogeito
Ao Otomano eſtá, que ſom tida
Bizancio tem a ſeu ſerviço indino,
Boa injuria do grande Conſtantino.

XIII.

Logo de Macedonia eſtaõ as gentes,
A quem lava do Axio a agoa fria:
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos coſtumes, engenhos, e ouſadia,
Que criaſtes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta fantaſia,
Com que tu, clara Grecia, o Ceo penetras,
E naõ menos por armas, que por letras.

Logo

XIV.

Logo os Dalmatas vivem, e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das agoas, que tam baixa começou:
Da terra hum braço vem ao mar, que cheio
De esforço, naçoens varias sugeitou,
Braço forte de gente sublimada
Naõ menos nos engenhos, que na espada.

XV.

Em torno o cérca o Reino Neptunino
C'os muros naturaes, por outra parte
Pelo meio o divide o Apenino,
Que tam illustre fez o patrio Marte:
Mas depois que o Porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio, e bellica arte,
Pobre está já da antiga potestade:
Tanto Deos se contenta da humildade!

XVI.

Gallia alli se verá, que nomeada
C'os Cesareos triunfos foi no mundo,
Que do Sequana, e do Rhódano he regada,
E do Garumna frio, e Rheno fundo:
Logo os montes da Ninfa sepultada
Pyrene se levantaõ, que segundo
Antiguidades contaõ, quando arderaõ,
Rios de ouro, e da prata entaõ correraõ.

Eis

XVII.

Eis-aqui ſe deſcobre a nobre Eſpanha,
Como cabeça alli de Europa toda,
Em cujo ſenhorio, e gloria eſtranha
Muitas voltas tem dado a fatal roda:
Mas nunca poderá com força, ou manha
A Fortuna inquieta porlhe noda,
Que lha naõ tire o esforço, e ouſadia
Dos bellicoſos peitos, que em ſi cria.

XVIII.

Com Tingitania enteſta, e alli parece,
Que quer fechar o mar Mediterrano
Onde o ſabido Eſtreito ſe ennobrece
Com o extremo trabalho do Thebano:
Com naçoens differentes ſe engrandece,
Cercadas com as ondas do Oceano,
Todas de tal nobreza, e tal valor,
Que qualquer dellas cuida, que he melhor.

XIX.

Tem o Tarragonez, que ſe fez claro,
Sugeitando Partenope inquieta,
O Navarro; as Aſturias, que reparo
Já foraõ, contra a gente Mahometa:
Tem o Galego cauto, e o grande, e raro
Caſtelhano, a quem fez o ſeu Planeta
Reſtituidor de Eſpanha, e ſenhor della,
Bethis, Leaõ, Granada com Caſtella.

Eis

XX.

Eis-aqui quaſi cume da cabeça
De Europa toda, o Reino Luſitano,
Onde a terra ſe acaba, e o mar começa,
E onde Phebo repouſa no Oceano:
Eſte quiz o Ceo juſto, que floreça
Nas armas contra o torpe Mauritano,
Deitando-o de ſi fóra, e lá na ardente
Africa eſtar quieto o naõ conſente.

XXI.

Eſta he a ditoſa patria minha amada,
A' qual, ſe o Ceo me dá, que eu ſem perigo
Torne com eſta empreza já acabada,
Acabe-ſe eſta luz alli comigo:
Eſta foi Luſitania derivada
De Luſo, ou Liſa, que de Bacco antigo
Filhos foraõ, parece, ou companheiros,
E nella entaõ os Incolas primeiros.

XXII.

Deſta o Paſtor naſceo, que no ſeu nome
Se vê, que de homem forte os feitos teve,
Cuja fama, ninguem virá, que dome,
Pois a grande de Roma naõ ſe atreve:
Eſta o velho, que os filhos proprios come,
Por decreto do Ceo, ligeiro, e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Criando-a Reino illuſtre, e foi deſta arte.

XXIII.

Hum Rei, por nome Affonſo, foi na Eſpa-
Que fez aos Sarracenos tanta guerra, (nha,
Que por armas ſanguineas, força, e manha,
A muitos fez perder a vida, e terra:
Voando deſte Rei a fama eſtranha,
Do Herculano Calpe á Caſpia ſerra,
Muitos (para na guerra eſclarecerſe)
Vinhaõ a elle, e á morte offerecerſe.

XXIV.

E com amor intrinſeco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eraõ de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada, e propios lares,
Depois que em feitos altos, e ſubidos
Se moſtraraõ nas armas ſingulares,
Quiz o famoſo Affonſo, que obras taes,
Levaſſem premio digno, e doens iguaes.

XXV.

Deſtes, Henrique, dizem, que ſegundo
Filho d'hum Rei de Ungria exprimentado,
Portugal houve em ſorte, que no mundo
Entaõ naõ era illuſtre, nem prezado:
E para mais final de amor profundo,
Quiz o Rei Caſtelhano, que caſado
Com Tereza ſua filha o Conde foſſe,
E com ella das terras tomou poſſe.

Eſte

XXVI.

Este depois que contra os descendentes
Da escrava Agar vitorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve:
Em premio destes feitos excellentes
Deo-lhe o supremo Deos em tempo breve
Hum filho, que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso Reino Lusitano.

XXVII.

Já tinha vindo Henrique da conquista
Da Cidade Hierosolima sagrada,
E do Jordaõ a area tinha vista,
Que vio de Deos a carne em si lavada:
Que naõ tendo Gotfredo, a quem resista,
Depois de ter Judéa sobjugada,
Muitos, que nestas guerras o ajudaraõ,
Para seus senhorios se tornaraó.

XXVIII.

Quando chegado ao fim de sua idade
O forte, e famoso Ungaro estremado,
Forçado da fatal necessidade,
O espirito deu a quem lho tinha dado:
Ficava o filho em tenra mocidade,
Em quem o pai deixava seu traslado,
Que do mundo os mais fortes igualava,
Que de tal pai tal filho se esperava.

Mas

XXIX.

Mas o velho rumor, naõ ſei ſe errado
(Que em tanta antiguidade naõ ha certeza)
Conta, que a mái tomando todo o eſtado,
Do ſegundo Himinéo naõ ſe deſpreza:
O filho orfaõ deixava desherdado,
Dizendo, que das terras a grandeza,
E o ſenhorio todo ſó ſeu era,
Porque, para caſar, ſeu pai lhas dera.

XXX.

Mas o Principe Affonſo, que deſta arte
Se chamava, do Avô tomando o nome,
Vendo-ſe em ſuas terras naõ ter parte,
Que a mái, com ſeu marido as manda, e co-
Fervendo-lhe no peito o duro Marte, (me!
Imagina conſigo como as tome:
Revolvidas as couſas no conceito,
Ao propoſito firme ſegue o effeito.

XXXI.

De Guimaraens o campo ſe tingia
C'o ſangue proprio da inteſtina guerra,
Onde a mái, que taõ pouco o parecia,
A ſeu filho negava o amor, e a terra:
Com elle poſta em campo já ſe via,
E naõ vê a ſoberba o muito que erra
Contra Deos, contra o maternal amor;
Mas nella o ſenſual era maior.

Oh

XXXII.

Oh Progne crua, oh magica Medea,
Se em voſſos proprios filhos vos vingais
Da maldade dos pais, da culpa alhea,
Olhai que ainda Tereſa pecca mais:
Incontinencia má, cobiça fea,
Saõ as cauſas deſte erro principais;
Scylla por huma mata o velho pai,
Eſta por ambas contra o filho vai.

XXXIII.

Mas já o Principe claro o vencimento
Do padraſto, e da iniqua mãi levava,
Já lhe obedece a terra num momento,
Que primeiro contra elle pelejava:
Porém vencido de ira o entendimento,
A mãi em ferros aſperos atava;
Mas de Deos foi vingada em tempo breve:
Tanta veneraçaõ aos pais ſe deve!

XXXIV.

Eis ſe ajunta o ſoberbo Caſtelhano
Para vingar a injuria de Tereſa
Contra o taõ raro em gente Luſitano,
A quem nenhum trabalho agrava, ou peſa:
Em batalha cruel o peito humano,
Ajudado da Angelica defeſa,
Naõ ſó contra tal furia ſe ſuſtenta,
Mas o inimigo aſperrimo afugenta.

Naõ

XXXV.

Naõ paſſa muito tempo, quando o forte
Principe em Guimaraens eſtá cercado
De infinito poder que deſta ſorte
Foi refazer-ſe o imigo magoado:
Mas com ſe offerecer á dura morte,
O fiel Egas Amo, foi livrado,
Que de outra arte pudera ſer perdido,
Segundo eſtava mal apercebido.

XXXVI.

Mas o leal vaſſallo conhecendo,
Que ſeu ſenhor naõ tinha reſiſtencia,
Se vai ao Caſtelhano, promettendo
Que elle faria darlhe obediencia:
Levanta o inimigo o cerco horrendo,
Fiado na promeſſa, e conſciencia
D' Egas Moniz; mas naõ conſente o peito
Do moço illuſtre a outrem ſer ſogeito.

XXXVII.

Chegado tinha o praſo promettido,
Em que o Rei Caſtelhano já aguardava,
Que o Principe, a ſeu mando ſobmettido,
Lhe déſſe a obediencia, que eſperava:
Vendo Egas, que ficava fementido,
O que delle Caſtella naõ cuidava,
Determina de dar a doce vida
A troco da palavra mal cumprida.

XXXVIII.

E com seus filhos, e mulher se parte
A levantar com elles a fiança,
Descalços, e despidos, de tal arte,
Que mais move a piedade, que a vingança:
Se pretendes, Rei alto, de vingarte,
De minha temeraria confiança,
Dizia, eis-aqui venho offerecido
A te pagar co' a vida o promettido.

XXXIX.

Vês aqui trago as vidas innocentes
Dos filhos sem peccado, e da consorte:
Se a peitos generosos, e excellentes
Dos fracos satisfaz a fera morte;
Vês aqui as maõs, e a lingua delinquentes:
Nellas sós exprimenta toda a sorte
De tormentos, de mortes, pelo estillo
De Cinis, e do touro de Perillo.

XL.

Qual diante do algoz o condemnado,
Que já na vida a morte tem bebido,
Poem no cepo a garganta, e já entregado,
Espera pelo golpe tam temido;
Tal diante do Principe indignado,
Egas estava a tudo offerecido:
Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,
Mais pode em fim, que a ira, a piedade.

Oh

XLI.

Oh gram fidelidade Portugueza
De vaſſallo, que a tanto ſe obrigava!
Que mais o Perſa fez naquella empreza,
Onde roſto, e narizes ſe cortava?
Do que ao grande Dario tanto peza,
Que mil vezes dizendo, ſuſpirava,
Que mais o ſeu Zopyro ſaõ prezára,
Que vinte Babilonias, que tomára.

XLII.

Mas já o Principe Affonſo aparelhava
O Luſitano exercito ditoſo
Contra o Mouro, que as terras habitava
De além do claro Tejo deleitoſo:
Já no campo de Ourique ſe aſſentava
O arraial ſoberbo, e bellicoſo,
Defronte do inimigo Sarraceno,
Poſto que em força, e gente taõ pequeno.

XLIII.

Em nenhuma outra couſa confiado,
Senaõ no ſummo Deos, que o Ceo regia,
Que tam pouco era o povo bautizado,
Que para hum ſó cem Mouros haveria:
Julga qualquer juizo ſoſſegado
Por mais temeridade, que ouſadia,
Cometter hum tamanho ajuntamento,
Que para hum cavalleiro houveſſe cento.

Sinco

XLIV.

Sinco Reis Mouros saõ os inimigos,
Dos quaes o principal Ismar se chama,
Todos experimentados nos perigos
Da guerra, onde se alcança a illustre fama:
Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a fermosa, e forte dama,
De quem tanto os Troianos se ajudaraõ,
E as que do Termodonte já gostaraõ.

XLV.

A matutina luz serena, e fria
As Estrellas do Polo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de MARIA,
Amostrando-se a Affonso o animava:
Elle adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflamado, assi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E naõ a mi, que creio o que podeis.

XLVI.

Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflamados levantavaõ
Por seu Rei natural este excellente
Principe, que do peito tanto amavaõ:
E diante do exercito potente
Dos imigos gritando, o Ceo tocavaõ,
Dizendo em alta voz: Real, Real,
Por Affonso Alto Rei de Portugal.

Qual

XLVII.

Qual c'os gritos, e vozes incitado
Pela montanha o rabido moloſo
Contra o touro remete, que fiado
Na força eſtá do corno temeroſo;
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro, que forçoſo,
Até que em fim rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda ſe quebranta.

XLVIII.

Tal do Rei novo o eſtamago accendido
Por Deos, e pelo povo juntamente,
O barbaro comette apercebido,
Com animoſo exercito rompente.
Levantaõ niſto os perros o alarido
Dos gritos; tocaõ arma; ferve a gente:
As lanças, e arcos tomaõ, tubas ſoaõ,
Inſtrumentos de guerra tudo atroaõ.

XLXI.

Bem como quando a flama, que ateada
Foi nos aridos campos (aſſoprando
O ſibilante Boreas) animada
C'o vento o ſeco mato vai queimando:
A paſtoral companha, que deitada
C'o doce ſono eſtava, deſpertando
Ao eſtridor do fogo, que ſe atea,
Recolhe o fato, e foge para a aldea.

Deſta

L.

Desta arte o Mouro attonito, e turbado,
Toma sem tento as armas mui depressa;
Naõ foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa:
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa;
Huns caem meios mortos, e outros vaõ
A ajuda convocando do Alcoraõ.

LI.

Alli se vem encontros temerosos,
Para se desfazer huma alta serra,
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno mostrou ferindo a terra:
Golpes se daõ medonhos, e forçosos:
Por toda a parte andava aceza a guerra,
Mas o de Luso arnez, couraça, e malha,
Rompe, corta, desfaz, abolla, e talha.

LII.

Cabeças pelo campo vaõ saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido,
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a côr, e o gesto amortecido:
Já perde o campo o exercito nefando;
Correm rios do sangue desparzido,
Com que tambem do campo a côr se perde,
Tornado Carmesi de branco, e verde.

Já

LIII.

Já fica vencedor o Luſitano,
Recolhendo os trofeos, e preſa rica;
Desbaratado, e roto o Mauro Iſpano,
Tres dias o gram Rei no campo fica:
Aqui pinta no branco eſcudo uſano,
Que agora eſta victoria certifica,
Sinco eſcudos azues eſclarecidos,
Em ſinal deſtes cinco Reis vencidos.

LIV.

E neſtes cinco eſcudos pinta os trinta
Dinheiros, por que Deos fora vendido,
Eſcrevendo a memoria em varia tinta,
Daquelle, de quem foi favorecido:
Em cada hum dos ſinco, ſinco pinta,
Porque aſſi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos ſinco azues, que em Cruz pintâdo veio.

LV.

Paſſado já algum tempo, que paſſada
Era eſta gram victoria, o Rei ſubido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fora, mui pouco havia, do Vencido:
Com eſta a forte Arronches ſobjugada
Foi juntamente, e o ſempre ennobrecido
Scablicaſtro, cujo campo ameno
Tu, claro Tejo, regas tão ſereno.

A

LVI.

A eſtas nobres Villas ſobmetidas
Ajunta tambem Mafra em pouco eſpaço,
E nas ſerras da Lua conhecidas
Sobjuga a fria Cintra o duro braço:
Cintra, onde as Naiádes eſcondidas
Nas fontes vaõ fugindo aos doces laços,
Onde amor as enreda brandamente,
Nas agoas accendendo fogo ardente.

LVII.

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Facilmente das outras es Princeza,
Que edificada foſte do facundo,
Por cujo engano foi Dardania acceza:
Tu, a quem obedece o mar profundo,
Obedeceſte á força Portugueza,
Ajudada tambem da forte Armada,
Que das Boreaes partes foi mandada.

LVIII.

Lá do Germanico Albis, e do Rheno,
E da fria Bretanha conduzidos,
A deſtruir o povo Sarraceno,
Muitos com tençaõ ſanta eraõ partidos:
Entrando a boca já do Tejo ameno,
Com o arraial do grande Affonſo unidos,
Cuja alta fama entaõ ſubia aos Ceos,
Foi poſto cerco aos muros Ulíſſeos.

Sinco

LIX.

Sinco vezes a Lua se escondera,
E outras tantas mostrara cheo o rosto,
Quando a Cidade entrada se rendera
Ao duro cerco, que lhe estava posto:
Foi a batalha taõ sanguinea, e fera,
Quanto obrigava o firme presuposto
De vencedores asperos, e ousados,
E de vencidos já desesperados.

LX.

Desta arte em fim tomada se rendeo
Aquella, que nos tempos já passados
A' grande força nunca obedeceo,
Dos frios povos Sciticos ousados:
Cujo poder a tanto se estendeo,
Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrentados,
E em fim do Bethis tanto alguns puderaõ,
Que á terra de Vandalia nome deraõ.

LXI.

Que Cidade taõ forte por ventura
Haverá, que resista, se Lisboa
Naõ pode resistir á força dura
Da genre, cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alenquer, por onde soa
O tom das frescas agoas entre as pedras,
Que murmurando lava, e Torres-Vedras.

E

LXII.

E vós tambem, ó terras Transtaganas,
Affamadas co' dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros, e os poderes:
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres,
Que Elvas, e Moura, e Serpa conhecidas,
E Alcaçare do Sal estaõ rendidas.

LXIII.

Eis a nobre Cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antigamente,
Onde ora as agoas nitidas de argento
Vem sustentar de longe a terra, e a gente,
Pelos arcos reaes, que cento, e cento
Nos ares se levantaõ nobremente,
Obedeceo por meio, e ousadia
De Giraldo, que medos naõ temia.

LXIV.

Já na Cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida
Affonso, que naõ sabe sossegar,
Por estender co' a fama a curta vida:
Naõ se lhe póde muito sustentar
A Cidade, mas sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.

LXV.

Com eſtas ſobjugada foi Palmella,
E a piſcoſa Cezimbra, e juntamente,
Sendo ajudado mais de ſua eſtrella,
Desbarata hum exercito potente:
Sentio a Villa, e vio o ſenhor della,
Que a ſoccorrella vinha diligente,
Pela fralda da ſerra, deſcuidado
Do temeroſo encontro inopinado.

LXVI.

O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furioſos,
Innumeros pioens, d'armas, e de ouro
Guarnecidos, guerreiros, e luſtroſos:
Mas qual no mez de Maio o bravo touro,
C'os ciumes das vacas receoſos,
Sentindo gente o bruto, e cego amante
Saltea o deſcuidado caminhante:

LXVII.

Deſta arte Affonſo, ſubito moſtrado,
Na gente dá, que paſſa bem ſegura;
Fere, mata, derriba denodado:
Foge o Rei Mouro, e ſó da vida cura:
De hum panico terror todo aſſombrado,
Só de ſeguillo o exercito procura,
Sendo eſtes, que fizeraõ tanto aballo,
Naõ mais, que ſó ſeſſenta de cavallo.

Logo

LXVIII.

Logo segue a vitoria sem tardança
O graõ Rei incançavel, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando:
Cercar vai Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo pelejando
Com tanto esforço, e arte, e valentia,
Que a fez fazer ás outras companhia.

LXIX.

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo daquelle, que o merece,
Ou, para que se emende, ás vezes tarda,
Ou por segredos, que homem naõ conhece:
Se até aqui o forte Rei resguarda
Dos perigos, a que elle se offerece,
Agora lhe naõ deixa ter defeza
Da maldiçaõ da mãi, que estava preza:

LXX.

Que estando na Cidade, que cercara,
Cercado nella foi dos Leonezes,
Porque a conquista della lhe tomara,
De Leaõ sendo, e naõ dos Portuguezes:
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo accezo
Aa batalha, onde foi vencido, e prezo.

LXXI.

Oh famoso Pompeio, naõ te pene
De teus feitos illustres a ruina,
Nem ver que a justa Nemesis ordene
Ter teu sogro de ti vitoria indina:
Posto que o Rio Fasis, ou Syene,
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Beotes gelado, e a linha ardente
Temessem o teu nome geralmente.

LXXII.

Posto que a rica Arabia, e que os ferozes
Eniocos, e Colchos, cuja fama
O véo dourado estende, e os Capadoces,
E Judea, que hum Deos adora, e ama:
E que os molles Sofenos, e os atroces
Cilicios, com a Armenia, que derrama
As agoas dos dous rios, cuja fonte,
Está noutro mais alto, e santo monte.

LXXIII.

E posto em fim, q̃ desdo mar de Athlante
Até o Scythico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem, naõ te espante,
Se o campo Emathio só te vio vencido:
Porque Affonso verás soberbo, e ovante
Tudo render, e ser depois rendido:
Assi o quiz o Conselho alto celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a este.

Tor-

LXXIV.

Tornado o Rei ſublime finalmente,
Do divino Juizo caſtigado,
Depois que em Santarem ſoberbamente
Em vaõ dos Sarracenos foi cercado:
E depois que do Martyre Vicente
O ſantiſſimo corpo venerado,
Do ſacro promontorio conhecido,
Aa Cidade Ulyſſea foi trazido.

LXXV.

Porque levaſſe avante ſeu deſejo,
Ao forte filho manda o laſſo velho,
Que ás terras ſe paſſaſſe de Alem-Tejo
Com gente, e com beſligero aparelho:
Sancho de eſforço, e animo ſobejo,
Avante paſſa, e faz correr vermelho
O Rio, que Sevilha vai regando,
Co' ſangue Mouro, barbaro, e nefando.

LXXVI.

E com eſta vitoria cobiçoſo
Já naõ deſcança o moço até que veja
Outro eſtrago, como eſte temeroſo
No barbaro, que tem cercado Beja:
Naõ tarda muito o Principe ditoſo,
Sem ver o fim daquillo, que deſeja:
Aſſi, eſtragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas poem ſua eſperança.

Já

LXXVII.

Já se juntaõ do monte, a quem Meduſa
O corpo fez perder, que teve o Ceo;
Já vem do promontorio de Ampeluſa,
E do Tinge, que aſſento foi de Anteo:
O morador de Abila naõ ſe eſcuſa,
Que tambem com ſuas armas ſe moveo
Ao ſom da Mauritana, e rouca tuba
Todo o Reino, que foi do nobre Juba.

LXXVIII.

Entrava com toda eſta companhia
O Miralmuminim em Portugal,
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o Ceptro Imperial:
E aſſi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem,
Porém naõ lhe ſuccede muito bem.

LXXIX.

Dalhe combates aſperos, fazendo
Ardîs de guerra mil o Mouro iroſo,
Naõ lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina ſecreta, ariete forçoſo:
Porque o filho de Affonſo, naõ perdendo
Nada de eſforço, e acordo generoſo,
Tudo provê com animo, e prudencia;
Que em toda a parte ha eſforço, e reſiſtencia.

Mas

LXXX.

Mas o velho, a quem tinhaõ já obrigado
Os trabalhoſos annos ao ſoſſego,
Eſtando na Cidade, cujo prado
Enverdecem as agoas do Mondego:
Sabendo como o filho eſtá cercado
Em Santarem do Mouro, povo cego,
Se parte diligente da Cidade,
Que naõ perde a preſteza com a idade.

LXXXI.

E co' a famoſa gente, á guerra uſada,
Vai ſoccorrer o filho, e aſſi juntados,
A Portugueza furia coſtumada
Em breve os Mouros tem desbaratados:
A campina, que toda eſtá qualhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, preza rica,
De ſeus ſenhores mortos chea fica.

LXXXII.

Logo todo o reſtante ſe partio
De Luſitania, poſtos em fugida;
O Miralmuminim ſó naõ fugio,
Porque antes de fugir, lhe foge a vida:
A quem lhe eſta victoria permittio,
Daõ louvores, e graças ſem medida;
Que em caſos taõ eſtranhos, claramente
Mais peleja o favor de Deos, que a gente.

De

LXXXIII.

De tamanhas victorias triunfava
O velho Affonſo, Principe ſubido,
Quando, quem tudo em fim vencendo anda-
Da larga, e muita idade foi vencido: (va
A pallida doença lhe tocava
Com fria maõ o corpo enfraquecido,
E pagaraõ ſeus annos deſte geito
A' triſte Libitina ſeu direito.

LXXXIV.

Os altos promontorios o chorараõ,
E dos rios as agoas ſaudoſas
Os ſemeados campos alagaraõ
Com lagrimas correndo piedoſas:
Mas tanto pelo mundo ſe alargaraõ
Com fama ſuas obras valeroſas,
Que ſempre no ſeu Reino chamaráõ
Affonſo, Affonſo os eccos, mas em vaõ.

LXXXV.

Sancho, forte mancebo, que ficara
Imitando ſeu pai na valentia,
E que em ſua vida já ſe exprimentara,
Quando o Bethis de ſangue ſe tingia;
E o barbaro poder desbaratara
Do Iſmaelita Rei de Andaluzia,
E mais quando, os que Beja em vaõ cercaraõ
Os golpes de ſeu braço em vaõ provaraõ.

De-

LXXXVI.

Depois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava:
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada, que paſſava,
De armas fortes, e gente apercebida,
A recobrar Judea já perdida.

LXXXVII.

Paſſavaõ a ajudar na ſanta empreſa
O roxo Federi o, que moveo
O poderoſo exercito em defeſa
Da Cidade, onde Chriſto padeceo:
Quando Guido co' a gente em ſede aceſa
Ao grande Saladino ſe rendeo
No lugar, onde aos Mouros ſobejavaõ
As agoas, que os de Guido deſejavaõ.

LXXXVIII.

Mas a fermoſa armada, que vieſa
Por contraſte de vento áquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Já que em ſerviço vai do ſanto Marte:
Aſſi como a ſeu pai acontecera,
Quando tomou Lisboa, da meſma arte,
Do Germano ajudado, Sylves toma,
E o bravo morador deſtroe, e doma.

LXXXIX.

E se tantos trofeos do Mahometa
Alevantando vai, tambem do forte
Leonês naõ consente estar quieta
A terra usada aos casos de Mavorte:
Até que na cerviz seu jugo meta
Da soberba Tui, que a mesma sorte
Vio ter a muitas Villas suas vizinhas,
Que por armas, tu Sancho, humildes tinhas.

XC.

Mas entre tantas palmas salteado
Da temerosa morte, fica herdeiro
Hum filho seu, de todos estimado,
Que foi segundo Affonso, e Rei terceiro:
No tempo deste aos Mouros foi tomado
Alcaçare do Sal por derradeiro,
Porque de antes os Mouros o tomáraõ,
Mas agora estruidos o pagaraõ.

XCI.

Morto depois Affonso, lhe succede
Sancho segundo, manço, e descuidado,
Que tanto em seus descuidos se desmede,
Que de outrem, que mandava, era mandado:
De governar o Reino, que outro pede,
Por causa dos privados, foi privado,
Porque, como por elles se regia,
Em todos os seus vicios consentia.

Naõ

XCII.

Naõ era Sancho, naõ, taõ deshoneſto
Como Nero, que hum moço recebia
Por mulher, e depois horrendo inceſto
Com a mãi Agripina comettia:
Nem taõ cruel ás gentes, e moleſto,
Que a Cidade queimaſſe, onde vivia:
Nem taõ mao, como foi Heleogabalo,
Nem como o molle Rei Sardanapalo.

XCIII.

Nem era o povo ſeu tiranizado,
Como Sicilia foi de ſeus tyrannos:
Nem tinha, como Falaris, achado
Generos de tormentos inhumanos:
Mas o Reino de altivo, e coſtumado
A ſenhores em tudo ſoberanos,
A Rei naõ obedece, nem conſente,
Que naõ for mais que todos excellente.

XCIV.

Por eſta cauſa o Reino governou
O Conde Bolonhez, depois alçado
Por Rei, quando da vida ſe apartou
Seu irmaõ Sancho, ſempre ao ocio dado:
Eſte Affonſo o Terceiro ſe chamou,
E deſque teve o Reino ſegurado,
Em dilatalo cuida, que em terreno
Naõ cabe o altivo peito taõ pequeno.

Da

XCV.

Da terra dos Algarves, que lhe fora
Em casamento dada, grande parte
Récupera co' braço, e deita fóra
O Mouro mal querido já de Marte:
Este de todo fez livre, e senhora
Lusitania com força, e bellica arte,
E acabou de opprimir a naçaõ forte
Na terra, que aos de Luso coube em sorte.

XCVI.

Eis depois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre, e dina,
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina:
Com este o Reino prospero florece
(Alcançada já a paz aurea, divina)
Em constituiçoens, leis, e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.

XCVII.

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva,
E de Helicona as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil erva:
Quanto póde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva;
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do Baccaro, e do sempre verde Louro.

No-

XCVIII.

Nobres Villas de novo edificou,
Fortalezas, caſtellos mui ſeguros,
E quaſi o Reino todo reformou
Com edificios grandes, e altos muros:
Mas depois que a dura Atropos cortou
O fio de ſeus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonſo, mas forte, e excellente.

XCIX.

Eſte ſempre as ſoberbas Caſtelhanas
Com peito deſprezou firme, e ſereno,
Porque naõ he das forças Luſitanas
Temer poder maior, por mais pequeno:
Mas porém quando as gentes Mauritanas
A poſſuir o Eſperico terreno
Entráraõ pelas terras de Caſtella,
Foi o ſoberbo Affonſo a ſoccorrella.

C.

Nunca com Semiramis gente tanta
Veio os campos Hidaſpicos enchendo,
Nem Attila, que Italia toda eſpanta,
Chamando-ſe de Deos açoute horrendo,
Gottica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro eſtupendo,
Co' poder exceſſivo de Granada,
Foi nos campos Tarteſios ajuntada.

CI.

E vendo o Rei ſublime Caſtelhano
A força inexpugnavel, grande, e forte,
Temendo mais o fim do povo Iſpano
Já perdido huma vez, que a propria morte:
Pedindo ajuda ao forte Luſitano,
Lhe mandava a chariſſima conſorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
Daquelle, a cujo Reino foi mandada,

CII.

Entrava a fermoſiſſima Maria
Pelos paternaes paços ſublimados,
Lindo o geſto, mas fóra de alegria,
E ſeus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros eſpalhados;
Diante do pai ledo, que a agaſalha,
Eſtas palavras taes chorando eſpalha.

CIII.

Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera, e eſtranha,
O graõ Rei de Marrocos conduzio,
Para vir poſſuir a nobre Eſpanha:
Poder tamanho junto náõ ſe vio,
Depois que o ſalſo mar a terra banha:
Traz tal ferocidade, e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz eſpanto.

Aquel-

CIV.

Aquelle, que me déſte por marido,
Por defender ſua terra amedrontada,
Co' pequeno poder offerecido
Ao duro golpe eſtá da Maura eſpada:
E ſe naõ for contigo ſoccorrido,
Verme-has delle, e do Reino ſer privada,
Viuva triſte, e poſta em vida eſcura,
Sem marido, ſem Reino, e ſem ventura.

CV.

Por tanto, ó Rei, de quem com puro me-
O corrente Muluca ſe congéla, (do
Rompe toda a tardança, acode cedo
A' miſeravel gente de Caſtella:
Se eſſe geſto que moſtras claro, e ledo,
De pai o verdadeiro amor aſſella,
Acode, e corre, pai; que, ſe naõ corres,
Póde ſer que naõ aches quem ſoccorres.

CVI.

Naõ de outra ſorte a timida Maria
Fallando eſtá, que a triſte Venus, quando
A Jupiter ſeu pai favor pedia
Para Eneas ſeu filho navegando:
Que a tanta piedade o commovia,
Que cahido das maõs o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco que lhe pede.

Mas

CVII.

Mas já c'os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vaõ qualhados;
Lustra c'o Sol o arnez, a lança, a espada;
Vaõ rinchando os cavallos jaezados:
A canora trombeta embandeirada,
Os coraçoens á paz acostumados,
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.

CVIII.

Entre todos no meio se sublima,
Das insignias Reaes acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos leva o collo levantado:
E sómente c'o gesto esforça, e anima
A qualquer coraçaõ amedrontado:
Assi entra nas terras de Castella
Com a filha gentil Rainha della.

CIX.

Juntos os dous Affonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estaõ defronte
Da grande multidaõ da cega gente,
Para quem saõ pequenos campo, e monte:
Naõ ha peito taõ alto, e taõ potente,
Que de desconfiança naõ se afronte,
Em quanto naõ conheça, e claro veja,
Que c'o braço dos seus Christo peleja.

Estaõ

CX.

Estaõ de Agar os netos quasi rindo
Do poder dos Christaõs fraco, e pequeno,
As terras como suas repartindo
Ante maõ, entre o exercito Agareno,
Que com titulo falso possuindo
Está o famoso nome Serraceno;
Assi tambem com falsa conta, e nua
A' nobre terra alhea chamaõ sua.

CXI.

Qual o membrudo, e barbaro Gigante
Do Rei Saul, com causa taõ temido,
Vendo o Pastor inerme estar diante,
Só de pedras, e esforço apercebido;
Com palavras soberbas arrogante,
Despreza o fraco moço mal vestido,
Que rodeando a funda o desengana
Quanto mais póde a fé, que a força humana!

CXII.

Desta arte o Mouro perfido despreza
O poder dos Christaõs, e naõ entende,
Que está ajudado da alta Fortaleza,
A quem o inferno horrifico se rende:
Com ella o Castelhano, e com destreza,
De Marrocos o Rei comette, e offende;
O Portuguez, que tudo estima em nada,
Se faz temer ao Reino de Granada.

Eis

CXIII.

Eis as lanças, e espadas reteniaõ
Por cima dos arnezes, bravo estrago,
Chamaõ (segundo as leis, que alli seguiaõ)
Huns Mafamede, e outros San-Tiago:
Os feridos com grita o Ceo feriaõ,
Fazendo de seu sangue bruto lago,
Onde outros meio mortos se afogavaõ,
Quando do ferro as vidas escapavaõ.

CXIV.

Com esforço tamanho estrue, e mata
O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
Totalmente o poder lhe desbarata,
Sem lhe valer defesa, ou peito de aço:
De alcançar tal victoria tam barata
Inda naõ bem contente o forte braço,
Vai ajudar ao bravo Castelhano,
Que pelejando está c'o Mauritano.

CXV.

Já se hia o Sol ardente recolhendo
Para a casa de Thetis, e inclinado
Para o ponente o vespero trazendo,
Estava o claro dia memorado;
Quando o poder do Mouro grãde, horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo vio taõ gram victoria.

Naõ

CXVI.

Naõ matou quarta parte o forte Mario
Dos que morreraõ neſte vencimento,
Quando as agoas c'o ſangue do adverſario
Fez beber ao exercito ſedento;
Nem o Peno aſperiſſimo contrario
Do Romano poder de naſcimento,
Quando tantos matou da illuſtre Roma,
Que alqueires tres de aneis dos mortos toma.

CXVII.

E ſe tu tantas almas ſó pudeſte
Mandar ao Reino eſcuro de Cocito,
Quando a ſanta Cidade desfizeſte
Do povo pertinaz no antigo rito:
Permiſſaõ, e vingança foi celeſte,
E naõ força de braço, ó nobre Tito;
Que aſſi dos Vates foi profetizado,
E depois por JESUS certificado.

CXVIII.

Paſſada eſta taõ proſpera victoria,
Tornado Affonſo á Luſitana terra,
A ſe lograr da paz com tanta gloria,
Quanta ſoube ganhar na dura guerra:
Oh caſo triſte, e dino de memoria,
Que do ſepulchro os homens deſenterra!
Aconteceo da mizera, e meſquinha,
Que depois de ſer morta foi Rainha.

Tu

CXIX.

Tu ſó tu, puro amor, com força crua,
Que os coraçoens humanos tanto obriga,
Déſte cauſa á moleſta morte ſua,
Como ſe fora perfida inimiga:
Se dizem, fero amor, que a ſede tua
Nem com lagrimas triſtes ſe mitiga,
He porque queres, aſpero, e tyranno,
Tuas aras banhar em ſangue humano.

CXX.

Eſtavas, linda Ignez, poſta em ſoſſego,
De teus annos colhendo o doce fruto,
Naquelle engano da alma, ledo, e cego,
Que a Fortuna naõ deixa durar muito:
Nos ſaudoſos campos do Mondego,
De teus fermoſos olhos nunca enxuto,
Aos montes enſinando, e ás ervinhas
O nome, que no peito eſcrito tinhas.

CXXI.

Do teu Principe alli te reſpondiaõ
As lembranças, que na alma lhe moravaõ,
Que ſempre ante ſeus olhos te traziaõ,
Quando dos teus fermoſos ſe apartavaõ:
De noite em doces ſonhos, que mentiaõ,
De dia em penſamentos, que voavaõ,
E quanto emfim cuidava, e quanto via,
Eraõ tudo memorias de alegria.

D'ou-

CXXII.

D'outras bellas ſenhoras, e Princezas
Os deſejados thalamos engeita,
Que tudo emfim tu, puro amor, deſprezas,
Quando hum geſto ſuave te ſugeita.
Vendo eſtas namoradas eſtranhezas,
O velho pai ſeſudo, que reſpeita,
O murmurar do povo, e fantaſia
Do filho, que caſar-ſe naõ queria;

CXXIII.

Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho, que tem preſo,
Crendo c'o ſangue ſó da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceſo:
Que furor conſentio, que a eſpada fina,
Que pode ſuſtentar o grande peſo
Do furor Mauro, foſſe levantada,
Contra huma fraca dama delicada?

CXXIV.

Traziaõ-na os horriferos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falſas, e ferozes
Razoens á morte crua o perſuade:
Ella com triſtes, e piedoſas vozes,
Sahidas ſó da magoa, e ſaudade
Do ſeu Principe, e filhos, que deixava,
Que mais que a propria morte a magoava.

Para

CXXV.

Para o Ceo criſtalino levantando
Com lagrimas os olhos piedoſos,
Os olhos, porque as maõs lhe eſtava atando
Hum dos duros miniſtros riguroſos:
E depois nos mininos atentando,
Que taõ queridos tinha, e taõ mimoſos,
Cuja orfandade como mãi temia,
Para o avô cruel aſſi dizia:

CXXVI.

Se já nas brutas féras, cuja mente
Natura fez cruel de naſcimento;
E nas aves agreſtes, que ſómente
Nas rapinas aerias tem o intento:
Com pequenas crianças vio a gente,
Terem taõ piedoſo ſentimento,
Como co' a mãi de Nino já moſtráraõ,
E c'os irmaõs, que Roma edificáraõ.

CXXVII.

Oh tu, q̃ tens de humano o geſto, e peito,
(Se de humano he matar huma donzella
Fraca, e ſem força, ſó por ter ſugeito
O coraçaõ, a quem ſoube vencello)
A eſtas criancinhas tem reſpeito,
Pois o naõ tens á morte eſcura della;
Mova-te a piedade ſua, e minha,
Pois te naõ move a culpa, que naõ tinha.

E

CXXVIII.

E se, vencendo a Maura resistencia,
A morte sabes dar com fogo, e ferro,
Sabe tambem dar vida com clemencia
A quem para perdella naõ fez erro:
Mas se t'o assi merece esta innocencia,
Poem-me em perpetuo, e misero desterro
Na Scythia fria, ou lá na Libia ardente,
Onde em lagrimas viva eternamente.

CXXIX.

Poem-me onde se use toda a feridade,
Entre Leoens, e Tigres, e verei
Se nelles achar posso a piedade,
Que entre peitos humanos naõ achei:
Alli c'o amor intrinseco, e vontade,
Naquelle, por quem mouro, criarei
Estas reliquias suas, que aqui viste,
Que refrigerio sejaõ da mãi triste.

CXXX.

Queria perdoar-lhe o Rei benino,
Movido das palavras, que o magoaõ;
Mas o pertinaz povo, e seu destino,
(Que desta sorte o quiz) lhe naõ perdoaõ.
Arrancaõ das espadas de aço fino
Os que por bom tal feito alli pregoaõ:
Contra huma dama, ó peitos carniceiros,
Ferozes vos mostraes, e cavaleiros?

Qual

CXXXI.

Qual contra a linda moça Policena,
Conſolaçaõ extrema da mái velha,
Porque a ſombra de Achilles a condemna,
C'o ferro o duro Pirrho ſe aparelha:
Mas ella os olhos, com que o ar ſerena
(Bem como paciente, e manſa ovelha)
Na miſera mái poſtos, que endoudece,
Ao duro ſacrificio ſe offerece.

CXXXII.

Taes contra Ignez os brutos matadores,
No collo de alabaſtro, que ſoſtinha
As obras, com que amor matou de amores
Aaquelle, que depois a fez Rainha,
As eſpadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos ſeus regadas tinha,
Se encarniçavaõ fervidos, e iroſos,
No futuro caſtigo naõ cuidoſos.

CXXXIII.

Bem poderas, ó Sol, da viſta deſtes,
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da ſeva meſa de Thyeſtes,
Quando os filhos por maõ de Atreu comia:
Vós, ó concavos valles, que pudeſtes
A voz extrema ouvir da boca fria,
O nome do ſeu Pedro, que lhe ouviſtes,
Por muito grande eſpaço repetiſtes.

Aſſi

CXXXIV.

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida, e bella,
Sendo das maõs lascivas mal tratada,
Da minina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a côr murchada;
Tal está morta a pallida donzella,
Secas do rosto as rosas, e perdida
A branca, e viva côr co' a doce vida.

CXXXV.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoráraõ,
E por memoria eterna em fonte pura
As lagrimas choradas transformáraõ:
O nome lhe puzeraõ, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaraõ:
Vede, que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas saõ a agoa, e o nome amores.

CXXXVI.

Naõ correo muito tempo, que a vingança
Naõ visse Pedro das mortaes feridas,
Que, em tomando do Reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas:
De outro Pedro cruissimo os alcança,
Que ambos imigos das humanas vidas,
O concerto fizeraõ duro, e injusto,
Que com Lepido, e Antonio fez Augusto.

CXXXVII.

Este castigador foi riguroso
De latrocinios, mortes, e adulterios;
Fazer nos maus cruezas, fero, e iroso,
Eraõ os seus mais certos refrigerios:
As Cidades guardando justiçoso
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladroens castigando à morte deo,
Que o vagabundo Alcides, ou Theseo.

CXXXVIII.

Do justo, e duro Pedro nasce o brando
(Vede da natureza o desconcerto)
Remisso, e sem cuidado algum Fernando,
Que todo o Reino poz em muito aperto:
Que, vindo o Castelhano devastando
As terras sem defesa, esteve perto
De destruir-se o Reino totalmente;
Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

CXXXIX.

Ou foi castigo claro do peccado
De tirar Leonor a seu marido,
E casar-se com ella, de elevado
Num falso parecer, mal entendido:
Ou foi, que o coraçaõ sugeito, e dado
Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
Molle se fez, e fraco; e bem parece,
Que hum baixo amor os fortes enfraquece.

Do

CXL.

Do peccado tiveraõ sempre a pena
Muitos, que Deos o quiz, e permitio,
Os que foraõ roubar a bella Elena,
E com Apio tambem Tarquino o vio:
Pois por quem David santo se condena?
Ou quem o Tribu illustre destruio
De Benjamin? bem claro no-lo ensina,
Por Sara Faraó, Sichem por Dina.

CXLI.

E pois se os peitos fortes enfraquece
Hum inconcesso amor desatinado,
Bem no filho de Alcmena se parece,
Quando em Omfale andava transformado:
De Marco Antonio a fama se escurece,
Com ser tanto a Cleopatra affeiçoado;
Tu tambem, Peno prospero, o sentiste,
Depois que a moça vil na Apulia viste.

CXLII.

Mas quem póde livrar-se por ventura
Dos laços, que amor arma brandamente
Entre as rosas, e a neve humana, e pura,
O ouro, e o alabastro transparente?
Quem de huma peregrina fermosura,
De hum vulto de Medusa propriamente,
Que o coraçaõ converte, que tem preso,
Em pedra naõ, mas em desejo aceso?

CXLIII.

Quem vio hũ olhar ſeguro, hũ geſto brâ-
Huma ſuave, e angelica excellencia, (do,
Que em ſi eſtá ſempre as almas trâsformâdo,
Que tiveſſe contra ella reſiſtencia?
Deſculpado por certo eſtá Fernando,
Para quem tem de amor experiencia;
Mas antes, tendo livre a fanteſia,
Por muito mais culpado o julgaria.





canto 4

CANTO IV.

ARGUMENTO.

Acclamado Joaõ, de Pedro herdeiro,
Convoca Leonor ao Caſtelhano:
Oppoem-ſe Nuno intrepido guerreiro:
Da-ſe batalha, vence o Luſitano:
Quem a Aurora buſcar tentou primeiro
Pelas tumidas ondas do Oceano:
E como ao Gama coube eſta alta empreſa,
Para affinar a gloria Portugueza.

I.

DEpois da proceloſa tempeſtade,
Nocturna ſombra, e ſibilante vento,
Traz a manhãa ſerena claridade,
Eſperança de porto, e ſalvamento;
Aparta o Sol a negra eſcuridade,
Removendo o temor do penſamento:
Aſſi no Reino forte aconteceo,
Depois que o Rei Fernando falleceo.

Por-

II.

Porque se muito os nossos desejárão
Quem os danos, e offensas vá vingando
Naquelles, que tambem se aproveitárão
Do descuido remisso de Fernando:
Depois de pouco tempo o alcançárão,
Joanne sempre illustre levantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

III.

Ser isto ordenação dos Ceos Divina,
Por sinaes muito claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de huma minina
Ante tempo fallando o nomeou:
E como cousa em fim, que o Ceo destina,
No berço o corpo, e a voz alevantou:
Portugal, Portugal, alçando a mão,
Disse, pelo Rei novo Dom João.

IV.

Alteradas então do Reino as gentes,
Com o odio, que occupado os peitos tinha,
Absolutas cruezas, e evidentes
Faz do povo o furor por onde vinha:
Matando vão amigos, e parentes
Do adultero Conde, e da Rainha,
Com quem sua incontinencia deshonesta,
Mais depois de viuva manifesta.

Mas

V.

Mas elle emfim com cauſa deshonrado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado;
Que tudo o fogo erguido queima, e corre:
Quem como Aſtianax precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre,
A quem ordens, nem aras, nem reſpeito,
Quem nú por ruas, e em pedaços feito.

VI.

Podem-ſe pôr em longo eſquecimento
As cruezas mortaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario, e do cruento
Scylla, quando o contrario lhe fugio:
Por iſſo Leonor, que o ſentimento
Do morto Conde ao mundo deſcubrio,
Faz contra Luſitania vir Caſtella,
Dizendo ſer ſua filha herdeira della.

VII.

Beatriz era a filha, que caſada
C'o Caſtelhano eſtá, que o Reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede:
Com eſta voz Caſtella levantada,
Dizendo, que eſta filha ao pai ſuccede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De varias regioens, de varias terras.

Vem

VIII.

Vem de toda a Provincia, q̃ de hum Brigo
(Se foi) já teve o nome derivado,
Das terras, que Fernando, e que Rodrigo
Ganhárão do tyranno, e Mauro eſtado:
Naõ eſtimaõ das armas o perigo
Os que cortando vaõ co' duro arado
Os campos Leonezes, cuja gente
C'os Mouros foi nas armas excellente.

IX.

Os Vandalos, na antiga valentia
Ainda confiados, ſe ajuntavaõ
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquivir as agoas lavaõ:
A nobre Ilha tambem ſe apercebia,
Que antigamente os Tyrios habitavaõ,
Trazendo por inſignias verdadeiras
As Herculeas columnas nas bandeiras.

X.

Tambem vem lá do Reino de Toledo,
Cidade nobre, e antiga, a quem cercando
O Tejo em torno vai ſuave, e ledo,
Que das ſerras de Conca vem manando:
A voſoutros tambem naõ tolhe o medo,
Oh ſordidos Gallegos, duro bando,
Que para reſiſtirdes vos armaſtes,
A' quelles, cujos golpes já provaſtes.

Tam-

XI.

Tambem move da guerra as negras furias
A gente Biſcainha, que carece
De pollidas razoens, e que as injurias
Muito mal dos eſtranhos compadece:
A terra de Guipuſcua, e das Aſturias,
Que com minas de ferro ſe ennobrece,
Armou delle os ſoberbos moradores,
Para ajudar na guerra a ſeus ſenhores.

XII.

Joanne, a quem do peito o esforço crece,
Como a Samſaõ Hebreo da guedelha,
Poſto que tudo pouco lhe parece,
C'os poucos de ſeu Reino ſe aparelha:
E naõ porque conſelho lhe falleça,
C'os principaes ſenhores ſe aconcelha,
Mas ſó por ver das gentes as ſentenças;
Que ſempre ouve entre muitos differenças.

XIII.

Naõ falta com razões quem deſconcerte,
Da opiniaõ de todos, na vontade
Em quem o esforço antigo ſe converte
Em deſuſada, e má deslealdade:
Podendo o temor mais gelido, inerte,
Que a propria, e natural fidelidade,
Negaõ o Rei, e a pattia; e ſe convém,
Negarám (como Pedro) o Deos, que tem.

Mas

XIV.

Mas nunqua foi que este erro se sentisse
No forte Dom Nuno Alvarez; mas antes,
Posto que em seus irmaõs taõ claro o visse,
Reprovando as vontades inconstantes:
A'aquellas duvidosas gentes disse
Com palavras mais duras, que elegantes,
A maõ na espada irado, e naõ facundo,
Ameaçando a terra, o mar, e o mundo:

XV.

Como da gente illustre Portugueza
Ha de haver, quem refute o patrio Marte?
Como desta Provincia, que Princeza
Foi das gentes na guerra em toda parte,
Ha de sair quem negue ter defeza,
Quem negue a fé, o amor, o esforço, e arte
De Portuguez, e por nenhum respeito
O proprio Reino queira ver sugeito?

XVI.

Como? naõ sois vós inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Enriquez, feros, e valentes,
Vencestes esta gente taõ guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes,
Puzeraõ em fugida de maneira,
Que sete illustres Condes lhe trouxeraõ
Prezos, a fóra a preza, que tiveraõ.

Com

XVII.

Com quem foraõ contino ſopeados
Eſtes, de quem o eſtais agora vós,
Por Diniz, e ſeu filho ſublimados,
Senaõ c'os voſſos fortes paiſ, e avós?
Pois ſe com ſeus deſcuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza aſſi vos poz,
Torne-vos voſſas forças o Rei novo,
Se he certo que c'o Rei ſe muda o povo.

XVIII.

Rei tendes tal, que, ſe valor tiverdes
Igual ao Rei, que agora levantaſtes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbarataſtes:
E ſe com iſto emfim vos naõ moverdes,
Do penetrante medo, que tomaſtes,
Atai as maõs a voſſo vaõ receio,
Que eu ſó reſiſtirei ao jugo alheio.

XIX.

Eu ſó com meus vaſſallos, e com eſta
(E dizendo iſto arranca meia eſpada)
Defenderei da força dura, e inteſta,
A terra nunca de outrem ſojugada:
Em virtude do Rei, da Patria meſta,
Da lealdade já por vós negada,
Vencerei, naõ ſó eſtes adverſarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.

Bem

XX.

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canuſio, reliquias ſós de Canas,
Já para ſe entregar quaſi movidos
Aa Fortuna das forças Africanas;
Cornelio moço os faz, que compelidos
Da ſua eſpada jurem, que as Romanas
Armas naõ deixarám, em quanto a vida
Os naõ deixar, ou nellas for perdida:

XXI.

Deſta arte a gente fórça, e esfórça Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razoens,
Remove o temor frio, e importuno,
Que gelados lhes tinha os coraçoens:
Nos animaes cavalgaõ de Neptuno,
Brandindo, e volteando arremeſſoens;
Vaõ correndo, e gritando a boca aberta:
Viva o famoſo Rei, que nos liberta.

XXII.

Das gentes populares huns approvaõ
A guerra, com que a patria ſe ſoſtinha;
Huns as armas alimpaõ, e renovaõ,
Que a ferrugem da paz gaſtadas tinha:
Capacetes eſtofaõ, peitos provaõ,
Arma-ſe cada hum como convinha:
Outros fazem veſtidos de mil cores,
Com letras, e Tençoens de ſeus amores.

Com

XXIII.

Com toda esta lustroza companhia
Joanne forte sae da fresca Abrantes,
Abrantes, que tambem da fonte fria
Do Tejo logra as agoas abundantes:
Os primeiros armigeros regia
Quem para reger era os mui possantes
Orientaes exercitos sem conto,
Com que passava Xerxes o Hellesponto.

XXIV.

Dom Nuno Alvarez digo, verdadeiro
Açoute de soberbos Castelhanos,
Como já o fero Huno o foi primeiro
Para Francezes, para Italianos:
Outro tambem famoso cavalleiro,
Que a ala direita tem dos Lusitanos,
Apto para mandalos, e regelos,
Mem Rodriguez se diz de Vasconcelos.

XXV.

E da outra ala, que a esta corresponde,
Antaõ Vasquez de Almada he Capitaõ,
Que depois foi de Abranches nobre Conde,
Das gentes vai regendo a sestra maõ:
Logo na retaguarda naõ se esconde
Das quinas, e castellos o pendaõ,
Com Joanne Rei forte em toda parte,
Que escurecendo o preço vai de Marte.

Esta-

XXVI.

Estavaõ pelos muros temerosas,
E de hum alegre medo quasi frias,
Rezando as máis, irmás, damas, e espoſas,
Prometendo jejuns, e romarias:
Já chegaõ as esquadras bellicoſas
Defronte das imigas companhias,
Que com grita grandiſſima os recebem,
E todas grande duvida concebem.

XXVII.

Reſpondem ás trombetas menſageiras
Pifanos ſibilantes, e atambores;
Os Alferes volteaõ as bandeiras,
Que variadas saõ de muitas cores.
Era no ſeco tempo, que nas eiras
Ceres o fruito deixa aos Lavradores;
Entra em Aſtréa o Sol, no mez de Agoſto,
Bacco das uvas tira o doce moſto.

XXVIII.

Deu ſinal a trombeta Caſtelhana
Horrendo, fero, ingente, e temeroſo;
Ouvio-o o monte Artabro, e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroſo;
Ouvio-o o Douro, e a terra Tranſtagana,
Correo ao mar o Tejo duvidoſo;
E as máis, que o ſom terrivel eſcutáraõ,
Aos peitos os filhinhos apertáraõ.

Quan-

XXIX.

Quantos roſtos alli ſe vem ſem cor,
Que ao coraçaõ acode o ſangue amigo;
Que nos perigos grandes o temor
He maior muitas vezes, que o perigo:
E ſe o naõ he, pareceo, que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz naõ ſentir, que he perda grande, e rara
Dos membros corporaes a vida cara.

XXX.

Começa-ſe a travar a incerta guerra,
De ambas partes ſe move a primeira ala;
Huns leva a defenſaõ da propria terra,
Outros as eſperanças de ganhala:
Logo o grande Pereira, em quem ſe encerra
Todo o valor, primeiro ſe aſſinala;
Derriba, encontra, e a terra emfim ſemea,
Dos que tanto a deſejaõ, ſendo alhea.

XXXI.

Já pelo eſpeſſo ar os eſtridentes
Farpoens, ſetas, e varios tiros voaõ;
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles ſoaõ:
Eſpedaçaõ-ſe as lanças, e as frequentes
Quedas c'o as duras armas tudo atroaõ;
Recrecem os imigos ſobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.

Eis

XXXII.

Eis alli seus irmaõs contra elle vaõ
(Caso feo, e cruel) mas naõ se espanta;
Que menos he querer matar o irmaõ
Quem contra o Rei, e a patria se levanta:
Destes arrenegados muitos saõ
No primeiro esquadraõ, que se adianta,
Contra irmaõs, e parentes, caso estranho!
Quaes nas guerras civis de Julio, e Magno.

XXXIII.

Oh tu Sertorio, oh nobre Coriolano,
Catilina, e vosoutros dos antigos,
Que contra vossas patrias com profano
Coraçaõ vos fizestes inimigos;
Se lá no Reino escuro de Sumano
Receberdes gravissimos castigos,
Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
Alguns traidores houve algumas vezes.

XXXIV.

Rompem-se aqui dos nossos os primeiros,
Tantos dos inimigos a elles vaõ:
Está alli Nuno, qual pelos outeiros
De Ceita está o fortissimo Leaõ,
Que cercado se vê dos cavalleiros,
Que os campos vaõ correr de Tetuaõ;
Perseguem-no c'o as lanças, e elle iroso
Turbado hum pouco está, mas naõ medroso.

Com

XXXV.

Com torva viſta os vê; mas a natura
Ferina, e a ira naõ lhe compadecem
Que as coſtas dê; mas antes na eſpeſſura
Das lanças ſe arremeſſa, que recrecem:
Tal eſtá o cavalleiro, que a verdura
Tinge c'o ſangue alheio: alli perecem
Alguns dos ſeus; que o animo valente
Perde a virtude contra tanta gente.

XXXVI.

Sentio Joanne a afronta, que paſſava
Nuno, que como ſabio Capitaõ
Tudo corria, e via, e a todos dava
Com preſença, e palavras coraçaõ:
Qual parida Leoa fera, e brava,
Que os filhos, que no ninho ſós eſtaõ,
Sentio, que em quanto o paſto lhes buſcára,
O paſtor de Maſſilia lhos furtára:

XXXVII.

Corre raivoſa, e freme, com bramidos
Os montes ſete irmaõs atroa, e abala:
Tal Joanne, com outros eſcolhidos
Dos ſeus, correndo acode á primeira ala:
Oh fortes companheiros, oh ſubidos
Cavaleiros, a quem nenhum ſe iguala,
Defendei voſſas terras, que a eſperança
Da liberdade eſtá na voſſa lança.

Ve-

XXXVIII.

Vedes-me aqui Rei voſſo, e companheiro,
Que entre as lanças, e ſetas, e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro:
Pelejai verdadeiros Portuguezes.
Iſto diſſe o magnanimo guerreiro;
E ſopeſando a lança quatro vezes,
Com força tira; e deſte unico tiro
Muitos lançáraõ o ultimo ſuſpiro.

XXXIX.

Porque eis os ſeus aceſos novamente
De huma nobre vergonha, e honroſo fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do Marcio jogo,
Perfiaõ: tinge o ferro o fogo ardente,
Rompem malhas primeiro, e peitos logo,
Aſſi recebem junto, e daõ feridas,
Como a quem já naõ doe perder as vidas.

XL.

A muitos mandaõ ver o Eſtigio lago,
Em cujo corpo a morte, e o ferro entrava;
O Meſtre morre alli de Sant-Iago,
Que fortiſſimamente pelejava:
Morre tambem fazendo grande eſtrago
Outro Meſtre cruel de Calatrava;
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo, e os Fados.

Mui-

XLI.

Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vaõ, e tambem dos nobres ao profundo,
Onde o Trifauce Caõ perpetua fome
Tem das almas, que paſſaõ deſte mundo:
E porque mais aqui ſe amance, e dome
A ſoberba do imigo furibundo,
A ſublime bandeira Caſtelhana
Foi derribada aos pés da Luſitana.

XLII.

Aqui a fera batalha ſe encruece
Com mortes, gritos, ſangue, e cutiladas;
A multidaõ da gente, que perece,
Tem as flores da propria côr mudadas:
Já as coſtas daõ, e as vidas; já falece
O furor, e ſobejaõ as lançadas;
Já de Caſtella o Rei desbaratado
Se vê, e de ſeu propoſito mudado.

XLIII.

O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe naõ deixar a vida;
Seguem-no os que ficáraõ, e o temor
Lhe dá naõ pés, mas azas á fugida:
Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda deſpendida,
Da magoa, da deshonra, e triſte nojo
De ver outrem triunfar de ſeu deſpojo.

Al-

XLIV.

Alguns vaõ maldizendo, e blasfemando
Do primeiro, que guerra fez no mundo;
Outros a sede dura vaõ culpando
Do peito cobiçoso, e sitibundo,
Que, por tomar o alheo, o miserando
Povo aventura ás penas do profundo,
Deixando tantas máis, tantas espoſas,
Sem filhos, sem maridos desditoſas.

XLV.

O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande gloria;
Com offertas depois, e romarias
As graças deu a quem lhe deu victoria:
Mas Nuno, que naõ quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senaõ por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.

XLVI.

Ajuda-o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento,
Porque a terra, dos Vandalos fronteira,
Lhe concede o despojo, e o vencimento:
Já de Sevilha a Bethica bandeira,
E de varios senhores num momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da força Portugueza.

Des-

XLVII.

Deſtas, e outras victorias longamente
Eraõ os Caſtelhanos opprimidos,
Quando a paz, deſejada já da gente
Deraõ os vencedores aos vencidos,
Depois que quiz o Padre Omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
Aas duas illuſtriſſimas Inglezas,
Gentís, formoſas, inclitas Princezas.

XLVIII.

Naõ ſofre o peito forte, uſádo á guerra,
Naõ ter imigo, a quem naõ faça dano;
E aſſi naõ tendo a quem vencer na terra,
Vai cometter as ondas do Oceano:
Eſte he o primeiro Rei, que ſe deſterra
Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas quanto excede
A lei de Chriſto á lei de Mafamede.

XLIX.

Eis mil nadantes aves pelo argento
Da furioſa Thetis inquieta,
Abrindo as pandas azas vaõ ao vento,
Para onde Alcides poz a extrema meta:
O monte Abyla, e o nobre fundamento
De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra, ſegura toda Eſpanha
Da Juliana má, e desleal manha.

Naõ

L.

Naõ conſentio a morte tantos annos,
Que de Heroe taõ ditoſo ſe lograſſe
Portugal, mas os coros ſoberanos
Do Ceo ſupremo quiz que porvaſſe:
Mas para defenſaõ dos Luſitanos
Deixou quem o levou quem governaſſe,
E augmentaſſe a terra mais que de antes,
Inclita geraçaõ, altos Infantes.

LI.

Naõ foi do Rei Duarte taõ ditoſo
O tempo, que ficou na ſumma alteza;
Que aſſi vai alternando o tempo iroſo
O bem c'o mal, o goſto c'o a triſteza.
Quem vio ſempre hum eſtado deleitoſo?
Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
Pois inda neſte Reino, e neſte Rei
Naõ uſou ella tanto deſta lei.

LII.

Vio ſer cativo o ſanto Irmaõ Fernando,
Que a taõ altas emprezas aſpirava,
Que por ſalvar o povo miſerando,
Cercado ao Sarraceno ſe entregava:
Só por amor da Patria eſtá paſſando
A vida de ſenhora feita eſcrava,
Por naõ ſe dar por elle a forte Ceita,
Mais o publico bem, que o ſeu, reſpeita.

Co-

LIII.

Codro, porque o inimigo naõ venceſſe,
Deixou antes vencer da morte a vida:
Regulo, porque a Patria naõ perdeſſe,
Quiz mais a liberdade ver perdida:
Eſte, porque ſe Eſpanha naõ temeſſe,
A cativeiro eterno ſe convida;
Codro, nem Curcio ouvido por eſpanto,
Nem os Decios leaes fizeraõ tanto.

LIV.

Mas Affonſo do Reino unico herdeiro,
(Nome em armas ditoſo em noſſa Eſperia)
Que a ſoberba do barbaro fronteiro
Tornou em baixa, e humillima miſeria,
Fora por certo invito cavaleiro,
Senaõ quizéra ir ver a terra Ibéria;
Mas Africa dirá ſer impoſſivel
Poder ninguem vencer o Rei terrivel.

LV.

Eſte póde colher as maçãs de ouro,
Que ſómente o Thyrinthio colher pôde;
Do jugo, que elle poz ao bravo Mouro,
A cerviz inda agora naõ ſacóde:
Na fronte a palma leva, e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte Villa,
Tânger populoſa, e a dura Arzilla.

Po-

LVI.

Porém ellas em fim, por força entradas
Os muros abaixáraõ de diamante
Aas Portuguezas forças, coſtumadas
A derribarem quanto achaõ diante:
Maravilhas em armas eſtremadas,
E de eſcritura dinas elegante,
Fizeraõ cavaleiros neſta empreza,
Mais affinando a fama Portugueza.

LVII.

Porém depois, tocado de ambiçaõ,
E gloria de mandar amara, e bella,
Vai cometter Fernando de Aragaõ,
Sobre o potente Reino de Caſtella:
Ajunta-ſe a inimiga multidaõ
Das ſoberbas, e varias gentes della,
Deſde Cadiz ao alto Pireneo;
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

LVIII.

Naõ quiz ficar nos Reinos ocioſo
O mancebo Joanne; e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioſo,
Que entaõ lhe foi ajuda naõ pequena:
Sahio-ſe emfim do tranſe perigoſo,
Com fronte naõ turbada, mas ſerena,
Desbaratado o pai ſanguinolento;
Mas ficou duvidoſo o vencimento.

Por-

LIX.

Porque o filho ſublime, e ſoberano,
Gentil, forte, animoſo cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenſo dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro:
Deſta arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor ſeu companheiro,
Quando daquelles, que Ceſar matáraõ,
Nos Filipicos campos ſe vingáraõ.

LX.

Porém depois que a eſcura noite eterna
Affonſo apoſentou no Ceo ſereno,
O Principe, que o Reino entaõ governa,
Foi Joanne ſegundo, e Rei trezeno:
Eſte, por haver fama ſempiterna,
Mais, do que tentar póde homem terreno,
Tentou, que foi buſcar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buſcando agora.

LXI.

Manda ſeis companheiros, que paſsáraõ
Eſpanha, França, Italia celebrada,
E lá no illuſtre porto ſe embarcáraõ,
Onde já foi Parténope enterrada:
Napoles, onde os fados a moſtráraõ,
Fazendo-a a varias gentes ſobjugada,
Para a illuſtrar no fim de tantos annos
Co' ſenhorio de inclytos Hiſpanos.

LXII.

Pelo mar alto Siculo navegaõ;
Vaõ-ſe ás praias de Rhodes arenoſas,
E dalli ás ribeiras altas chegaõ,
Que c'o a morte de Magno ſaõ famoſas:
Vaõ a Menfis, e ás terras, que ſe regaõ
Das enchentes Niloticas undoſas;
Sobem a Ethiopa ſobre Egyto,
Que de Chriſto lá guarda o ſanto rito.

LXIII.

Paſſaõ tambem as ondas Erythréas,
Que o povo de Iſrael ſem nau paſſou;
Ficaõ-lhe atraz as ſerras Nabathéas,
Que o filho de Iſmael com o nome ornou:
As coſtas odoriferas Sabéas,
Que a mãi do bello Adonis tanto honrou,
Cercaõ com toda Arabia deſcuberta
Feliz, deixando a Petrea, e a Deſerta.

LXIV.

Entraõ no Eſtreito Perſico, onde dura
Da confuſa Babel inda a memoria:
Alli c'o Tigre o Eufrates ſe miſtura,
Que as fontes, onde naſcem, tem por gloria:
Dalli vaõ em demanda da agoa pura,
Que cauſa ainda ſerá de larga hiſtoria,
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde naõ ſe atreveo paſſar Trajano.

Vi-

XVII.

Os casos vi, que os rudes marinheiros,
Que tem por mestra a longa experiencia,
Contaõ por certos sempre, e verdadeiros,
Julgando as cousas só pela apparencia:
E que os que tem juizos mais inteiros,
Que só por puro engenho, e por sciencia
Vem do mundo os segredos escondidos,
Julgaõ por falsos, ou mal entendidos.

XVIII.

Vi claramente visto o lume vivo,
Que a maritima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta, e vento esquivo,
De tempestade escura, e triste pranto:
Nam menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa certo de alto espanto,
Ver as nuves do mar com largo cano
Sorver as altas agoas do Oceano.

XIX.

Eu o vi certamente (e nam presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar hum vaporsinho, e sutil fumo,
E do vento trazido rodear-se:
De aqui levado hum cano ao Polo summo
Se via tam delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente nam podia;
Da materia das nuves parecia.

Hia-se

XX.

Hia-se pouco, e pouco accreſcentando,
E mais que hum largo maſto ſe engroſſava,
Aqui ſe eſtreita, aqui ſe alarga, quando
Os golpes grandes de agoa em ſi chupava:
Eſtava-ſe co' as ondas ondeando,
Em cima delle nuve ſe eſpeſſava,
Fazendo-ſe maior, mais carregada,
Co' a carga grande de agoa em ſi tomada.

XXI.

Qual roxa ſanguexuga ſe veria
Nos beiços da alimaria, que, imprudente
Bebendo, a recolheo na fonte fria,
Fartar do ſangue alheo a ſede ardente;
Chupando mais, e mais ſe engroſſa, e cria,
Alli ſe enche, e ſe alarga grandemente:
Tal a grande columna enchendo augmenta
Aſi, e á nuve negra, que ſuſtenta.

XXII.

Mas depois que de todo ſe fartou,
O pé, que tem no mar, a ſi recolhe,
E pelo Ceo chovendo em fim voou,
Porque co' agoa a jacente agoa molhe;
Aas ondas torna as ondas, que tomou,
Mas o ſabor do ſal lhe tira, e tolhe:
Vejaõ agora os ſabios na Eſcritura,
Que ſegredos ſaõ eſtes de Natura.

Se

XXIII.

Se os antigos Filoſofos, que andaraõ
Tantas terras por ver ſegredos dellas,
As maraviihas, que eu paſſei, paſſaraõ,
A taõ diverſos ventos dando as vellas;
Que grandes eſcrituras que deixaraõ!
Que influiçaõ de ſignos, e de eſtrellas!
Que eſtranhezas, que grandes qualidades!
E tudo, ſem mentir, puras verdades.

XXIV.

Mas já o Planeta, que no Ceo primeiro
Habita, cinco vezes apreſſada,
Agora meio roſto, agora inteiro
Moſtrara, emquáto o mar cortava a armada,
Quando da eterea gavea hum marinheiro,
Pronto c'o a viſta, terra, terra brada:
Salta no bordo alvoroçada a gente,
C'os olhos no Orizonte do Oriente.

XXV.

Aa maneira de nuvens ſe começaõ
A deſcubrir os montes, que enxergamos;
As ancoras pezadas ſe adereçaõ,
As vellas, já chegados, amainamos:
E para que mais certas ſe conheçaõ
As partes taõ remotas, onde eſtamos;
Pelo novo inſtrumento do Aſtrolabio,
Invençaõ de ſubtil juizo, e ſabio.

XXVI.

Desembarcámos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa
De terra, que outro povo naõ pizou:
Porém eu c'os Pilotos na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do Sol a altura,
E compassar a universal pintura.

XXVII.

Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle, e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta:
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomaraõ por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

XXVIII.

Turvado vem na vista, como aquelle,
Que naõ se vira nunca em tal estremo,
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Salvagem mais que o bruto Polifemo:
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colcos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria;
A nada disto o bruto se movia.

Man-

XXIX.

Mando moſtrar-lhe peças mui ſomenos,
Contas de criſtalino tranſparente,
Alguns ſoantes caſcaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, côr contente:
Vi logo por ſinaes, e por acenos,
Que com iſto ſe alegra grandemente;
Mando-o ſoltar com tudo, e aſſi caminha
Para a povoaçaõ, que perto tinha.

XXX.

Mas logo ao outro dia ſeus parceiros
Todos nús, e da côr da eſcura treva,
Decendo pelos aſperos outeiros,
As peças vem buſcar, que eſtoutro leva:
Domeſticos já tanto, e companheiros
Se nos moſtraõ, que fazem que ſe atreva
Fernaõ Velloſo a ir ver da terra o trato,
E partirſe com elles pelo mato.

XXXI.

He Velloſo no braço confiado,
E de arrogante crê, que vai ſeguro;
Mas ſendo hum grande eſpaço já paſſado,
Em que algum bom final ſaber procuro;
Eſtando, a viſta alçada, c'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece, e ſegundo ao mar caminha,
Mais apreſſado, do que ſôra, vinha.

XXXII.

O batel de Coelho foi depressa,
Pelo tomar; mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque naõ se lhe escapasse:
Outro, e outro lhe saem, vê-se em pressa
Velloso, sem que alguem lhe alli ajudasse:
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descuberto.

XXXIII.

De espessa nuve settas, e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida,
E naõ foraõ ao vento em vaõ deitadas,
Que esta perna trouxe eu dalli ferida:
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe démos taõ tecida,
Que em mais que nos barretes se sospeita,
Que a côr vermelha levaõ desta feita.

XXXIV.

E sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fea, e rude intento
Da gente bestial, bruta, e malvada;
De quem nenhum melhor conhecimento
Pudemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della:
E assi tornei a dar ao vento a vella.

Disse

XXXV.

Disse então a Velloso hum companheiro
(Começando-se todos a sorrir)
Oh lá, Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de descer, que de subir.
Si he, responde o ousado aventureiro;
Mas quando eu para cá vi tantos vir
Daquelles caens, depressa hum pouco vim,
Por me lembrar que estaveis cá sem mim.

XXXVI.

Contou então, que tanto que passaraõ
Aquelle monte os negros, de quem fallo,
Avante mais passar o naõ deixaraõ,
Querendo, se naõ torna, ali matallo:
E tornando-se logo, se emboscaraõ;
Porque sabindo nós para tomallo,
Nos pudessem mandar ao Reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.

XXXVII.

Porém já cinco Soes eraõ passados,
Que dalli nos partiramos, cortando
Os mares nunca de outtem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando:
Quando huma noite estando descuidados,
Na cortadora proa vigiando,
Huma nuve, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças apparece.

Taõ

XXXVIII.

Tam temerosa vinha, e carregada,
Que poz nos coraçoens hum grande medo;
Bramindo o negro mar de longe brada,
Como se désse em vaõ n'algum rochedo.
Oh potestade, disse, sublimada,
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima, e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece, que tormenta?

XXXIX.

Naõ acabava, quando huma figura
Se nos mostra no ar, robusta, e valida,
De disforme, e grandissima estatura,
[illegible] esquallida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha, e má, e a côr terrena, e pallida,
Cheos de terra, e crespos os cabellos,
A boca negra, os dentes amarellos.

XL.

Tam grande era de membros, q̃ bem posso
Certifica-te, que este era o segundo
De Rhodes estranhissimo Colosso,
Que hum dos sete milagres foi do mundo:
Cum tom de voz nos falla horrêdo, e grosso,
Que pareceo sahir do mar profundo;
Arrepiaõ-se as carnes, e o cabello
A mim, e a todos só de ouvilo, e vello.

E disse

XLI.

E disse: Oh gente ousada, mais que quãtas
No mundo cometteraõ grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, taes, e tantas,
E por trabalhos vaõs nunca repousas:
Pois os vedados terminos quebrantas,
E navegar meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo ha já q̃ guardo, e tenho
Nunca arados de estranho, ou propio lenho.

XLII.

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza, e do humido elemento,
A nenhum grande humano concedidos,
De nobre, ou de immortal merecimento:
Ouve[illegible] que apercebidos
Estam a teu sobejo atrevimento
Por todo o largo mar, e pela terra,
Que inda has de sojugar com dura guerra.

XLIII.

Sabe, que quantas naos esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga teram esta paragem,
Com ventos, e tormentas desmedidas:
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insuffridas,
Eu farei de improviso tal castigo,
Que seja mór o damno, que o perigo.

Aqui

XLIV.

Aqui espero tomar (se naõ me engano)
De quem me descobrio summa vingança,
E naõ se acabará só nisto o damno
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas naos vereis cada anno
(Se he verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdiçoens de toda sorte;
Que o menor mal de todos seja a morte.

XLV.

E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Ceos,
Serei eterna, e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca [illegible]
Os [illegible], e prosperos troseos;
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.

LXVI.

Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro, namorado,
E comsigo trara a formosa dama,
Que amor por graõ mercê lhe terá dado:
Triste ventura, e negro fado os chama,
Neste terreno meu, que duro, e irado
Os deixará de hum cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.

Veraõ

XLVII.

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados, e nascidos;
Verão os Cafres asperos, e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os cristalinos membros, e preclaros
Aa calma, ao frio, ao ar verão despidos,
Depois de ter pizado longamente
C'os delicados pés a arêa ardente.

XLVIII.

E verão mais os olhos, que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida, e implacavel espessura:
Alli, depois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de magoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da fermosa, e miserrima prizão.

XLIX.

Mais hia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: Quem es tu, que esse estupendo
Corpo, certo, me tem maravilhado?
A boca, e os olhos negros retrocendo,
E dando hum espantoso, e grande brado,
Me respondeo com voz pezada, e amara,
Como quem da pergunta lhe pezara.

Eu

L.

Eu sou aquelle occulto e grande Cabo,
A quem chamais vós outros Tormentorio,
Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Estrabo,
Plinio, e quantos passaram fui notorio:
Aqui toda a Africana costa acabo
Neste meu nunca visto Promontorio,
Que para o Polo Antartico se estende,
A quem vossa ousadia tanto offende.

LI.

Fui dos filhos asperrimos da terra,
Qual Encelado, Egeo, e o Centimano;
Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano:
Naõ que puzesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui Capitaõ do mar, por onde andava
A armada de Neptuno, que eu buscava.

LII.

Amores da alta esposa de Peléo
Me fizeraõ tomar tamanha empreza;
Todas as Deosas desprezei do Ceo,
Só por amar das agoas a Princeza:
Hum dia a vi c'o as filhas de Neréo
Sahir nua na praia, e logo preza
A vontade senti de tal maneira,
Que inda naõ sinto cousa, que mais queira.

Como

LIII.

Como fosse impossivel alcançalla,
Pela grandeza fea de meu gesto,
Determinei por armas de tomalla,
E a Doris este caso manifesto:
De medo a Deosa entaõ por mi lhe falla;
Mas ella cum fermoso rizo honesto
Respondeo: Qual será o amor bastante
De Ninfa, que sustente o de hum Gigante?

LIV.

Com tudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que com minha honra escuse o dáno:
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir naõ pude neste engano
(Que he grande dos amantes a cegueira)
Encheraõ-me com grandes abundanças
O peito de desejos, e esperanças.

LV.

Já nescio, já da guerra desistindo,
Huma noite, de Doris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida:
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços, para aquella, que era vida
Deste corpo; e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

O

LVI.

Oh que naõ ſei, de nojo, como o conte,
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei cũm duro monte
De aſpero mato, e de eſpeſſura brava:
Eſtando c'um penedo fronte a fronte,
Que eu pelo roſtro angelico apertava,
Naõ fiquei homem naõ, mas mudo, e quedo,
E junto de hum penedo, outro penedo.

LVII.

Oh Ninfa a mais fermoſa do Oceano,
Já que minha preſença naõ te agrada,
Que te cuſtava ter-me neſte engano,
Ou foſſe monte, nuvem, ſonho, ou nada?
Daqui me parto irado, e quaſi inſano
Da magoa, e da deshonra alli paſſada,
A buſcar outro mundo, onde naõ viſſe
Quem de meu pranto, e de meu mal ſe riſſe.

LVIII.

Eraõ já neſte tempo meus irmãos
Vencidos, e em miſeria extrema poſtos,
E por mais ſegurar-ſe os Deoſes vaõs,
Alguns a varios montes ſotopoſtos:
E como contra o Ceo naõ valem maõs,
Eu, que chorando andava meus deſgoſtos,
Comecei a ſentir do fado imigo
Por meus atrevimentos o caſtigo.

Con-

LIX.

Converteo-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeraõ,
Estes membros, que vês, e esta figura
Por estas longas agoas se estenderaõ:
Em fim minha grandissima estatura
Neste remoto cabo converteraõ
Os Deoses, e por mais dobradas magoas,
Me anda Thetis cercando destas agoas.

LX.

Assi contava, e c'um medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu levantando as maõs ao santo Coro
Dos Anios, que tam longe nos guiou,
A Deos pedi, que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.

LXI.

Já Flegon, e Pyroes vinhaõ tirando
C'os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o gram Gigante:
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hum pouco navegamos,
Onde segunda vez terra tomamos.

A gen-

LXII.

A gente, que esta terra possuhia,
Posto que todos Ethiópes eraõ,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que taõ mal nos receberaõ:
Com bailes, e com festas de alegria,
Pela praia arenosa, a nós vieraõ,
As mulheres comsigo, e o manso gado,
Que apacentavaõ, gordo, e bem criado.

LXIII.

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois alli sentadas,
Animaes, que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris em prosa, ou rima,
Na sua lingua cantaõ concertadas
C'o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Titiro as Camenas.

LXIV.

Estes como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataraõ,
Trazendo-nos galinhas, e carneiros
A troco d'outras peças, que levaraõ:
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra alguma sua lhe alcançaraõ, (ros
Que désse algum final do que buscamos,
A's vellas dando, as ancoras levamos.

Já

LXV.

Já aqui tinhamos dado hum graõ rodeio
Aa coſta negra de Africa, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do Ceo, e o Polo Antartico ficava:
Aquelle Ilheo deixámos, onde veio
Outra armada primeira, que buſcava
O tormentorio Cabo; e deſcuberto,
Naquelle Ilheo fez ſeu limite certo.

LXVI.

Daqui fomos cortando muitos dias
(Entre tormentas triſtes, e bonanças)
O largo mar, fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas eſperanças:
C'o mar hum tempo andámos em porfias,
Que como tudo nelle ſaõ mudanças,
Corrente nelle achámos taõ poſſante,
Que paſſar naõ deixava por diante.

LXVII.

Era maior a força em demaſia,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós alli corria,
Que por nós a do vento, que aſſoprava:
Injuriado Noto da porfia,
Em que c'o mar parece tanto eſtava,
Os aſſopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a graõ corrente.

Tra-

LXVIII.

Trazia o Sol o dia celebrado,
Em que tres Reis das partes do Oriente
Foraõ buſcar hum Rei de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente:
Neſte dia outro porto foi tomado
Por nós, da meſma já contada gente,
Num largo rio, ao qual o nome démos
Do dia, em que por elle nos metemos.

LXIX.

Deſta gente refreſco algum tomámos,
E do rio freſca agoa; mas com tudo
Nenhum ſinal aqui da India achámos
No povo, com nós outros quaſi mudo:
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,
Sem ſahir nunca deſte povo rudo,
Sem vermos nunca nova, nem ſinal
Da deſejada parte Oriental.

LXX.

Ora imagina agora quam coitados
Andariamos todos, quam perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas, e por mares naõ ſabidos;
E do eſperar comprido taõ cançados,
Quanto a deſeſperar já compelidos,
Por Ceos naõ naturaes, de qualidade
Inimiga de noſſa humanidade.

Cor-

LXXI.

Corrupto já, e danado o mantimento,
Danoso, e mao ao fraco corpo humano,
E além disso nenhum contentamento,
Que se quer da esperança fosse engano:
Crês tu que, se este nosso ajuntamento
De soldados naõ fora Lusitano,
Que durára elle tanto obediente
Por ventura a seu Rei, e a seu Regente?

LXXII.

Crês tu, que já naõ foraõ levantados
Contra seu Capitaõ, se os resistira,
Fazendo-se Piratas, obrigados
De desesperaçaõ, de fome, e de ira?
Grandemente por certo estaõ provados,
Pois que nenhum trabalho grande os tira
Daquella Portugueza alta excellencia
Da lealdade firme, e obediencia.

LXXIII.

Deixando o porto em fim do doce rio,
E tornando a cortar a agoa salgada,
Fizemos desta costa algum desvio,
Deitando para o pégo toda armada:
Porque ventando Noto manso, e frio,
Naõ nos apanhasse a agoa da enseada,
Que a costa faz alli daquella banda,
Donde a rica Sofala o ouro manda.

Esta

LXXIV.

Esta passada, logo o leve leme,
Encomendado ao sacro Nicolao,
Para onde o mar na costa brada, e geme,
A proa inclina de huma, e de outra nao:
Quando indo o coraçaõ, que espera, e teme,
E que tanto fiou de hum fraco pao,
Do que esperava já desesperado;
Foi de huma novidade alvoroçado.

LXXV.

E foi, que estando já da costa perto,
Onde as praias, e valles bem se viaõ,
N'um rio, que alli sahe ao mar aberto,
Batéis à vella entravaõ, e sahiaõ:
Alegria mui grande foi por certo,
Acharmos já pessoas, que sabiaõ
Navegar, porque entre ellas esperámos
De achar novas algumas, como achámos.

LXXVI.

Ethiopes saõ todos, mas parece,
Que com gente melhor communicavaõ;
Palavra alguma Arabia se conhece
Entre a linguagem sua, que fallavaõ:
E com panno delgado, que se tece
De algodaõ, as cabeças apertavaõ;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada hum as vergonhosas partes cinge.

Pela

LXXVII.

Pela Arabica lingua, que mal fallaõ,
E que Fernaõ Martins mui bem entende,
Nos dizem, que por naos, que eſtas igualaõ
Na grandeza, o ſeu mar ſe corta, e fende:
Mas que là donde ſahe o Sol ſe abalaõ
Para onde a coſta ao Sul ſe alarga, e eſtende,
E do Sul para o Sol; terra, onde havia
Gente aſſi como nós da côr do dia.

LXXVIII.

Mui grandemente aqui nos alegrámos,
C'o a gente, e c'o as novas muito mais,
Pelos ſinaes, que neſte rio achámos,
O nome lhe ficou dos bons ſinais:
Hum padraõ neſta terra levantámos,
(Que para aſſinalar lugares tais
Trazia alguns) o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.

LXXIX.

Aqui de limos, caſcas, e de oſtrinhos,
Nojoſa criaçaõ das agoas fundas,
Alimpámos as naos, que dos caminhos
Longos do mar vem ſordidas, e immundas:
Dos hoſpedes, que tinhamos viſinhos,
Com moſtras apraſiveis, e jucundas
Houvemos ſempre o uſado mantimento,
Limpos de todo o falſo penſamento.

Mas

LXXX.

Mas naõ foi da esperança grãde, e immẽsa,
Que nesta terra houvemos, limpa, e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Ramnusia com nova desventura:
Assi no Ceo sereno se dispensa;
Com esta condçaõ pezada, e dura
Nacemos; o pezar terá firmeza;
Mas o bem logo muda a natureza.

LXXXI.

E foi, que de doença crua, e fea
A mais, que eu nunca vi, desamparáraõ
Muitos a vida, e em terra estranha, e alhea
Os ossos para sempre sepultáraõ.
Quem haverá que sem o ver o crea?
Que taõ disformemente alli lhe incháraõ
As gengivas na boca, que crescia
A carne, e juntamente apodrecia.

LXXXII.

Apodrecia c'um fetido, e bruto
Cheiro, que o ar visinho inficionava;
Naõ tinhamos alli Medico astuto,
Cirurgiaõ subtil menos se achava:
Mas qualquer neste officio pouco instruto
Pela carne já podre assi cortava,
Como se fora morta; e bem convinha,
Pois que morto ficava quem a tinha.

Em

LXXXIII.

Em fim, que neſta incognita eſpeſſura
Deixámos para ſempre os companheiros,
Que em tal caminho, e em tanta deſventura
Foraõ ſempre comnoſco aventureiros.
Quaõ facil he ao corpo a ſepultura! (ros,
Quaesquer ondas do mar, quaesquer outei-
Eſtranhos aſſi meſmo, como noſſos,
Receberaõ de todo o illuſtre os oſſos.

LXXXIV.

Aſſi que deſte porto nos partimos
Com maior eſperança, e mór triſteza,
E pela coſta abaixo o mar abrimos,
Buſcando algum final de mais firmeza:
Na dura Moçambique em fim ſurgimos,
De cuja falſidade, e má vileza
Já ſerás ſabedor, e dos enganos
Dos póvos de Mombaça pouco humanos.

LXXXV.

Até que aqui no teu ſeguro porto
(Cuja brandura, e doce tratamento
Dará ſaude a hum vivo, e vida a hũ morto)
Nos trouxe a piedade do alto aſſento:
Aqui repouſo, aqui doce conforto,
Nova quietaçaõ do penſamento
Nos déſte: e vês aqui, ſe atento ouviſte,
Te contei tudo quanto me pediſte.

Jul-

LXXXVI.

Julga tu agora, oh Rei, se houve no mũdo
Gentes, que taes caminhos cometteſſem?
Crês tu, que tanto Eneas, e o facundo
Ulyſſes pelo mundo ſe eſtendeſſem?
Ouſou algum a ver do mar profundo,
Por mais verſos, que delle ſe eſcreveſſem,
Do que eu vi, a poder de esforço, e de arte,
E do que inda hei de ver, a oitava parte?

LXXXVII.

Eſſe, que bebeo tanto da agoa Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre ſi, Rhode, Smirna, e Colofonia,
Atenas, Yos, Argo, e Salamina:
Eſſoutro, que eſclarece toda Auſonia,
A cuja voz altiſona, e divina,
Ouvindo o patrio Mincio ſe adormece,
Mas o Tybre c'o ſom ſe enſoberbece:

LXXXVIII.

Cantem, louvem, e eſcrevaõ ſempre eſtre-
(mos
Deſſes ſeus Semideoſes, e encareçaõ,
Fingindo Magas, Circes, Polifemos,
Sirenas, que c'o canto os adormeçaõ:
Dem-lhe mais navegar á vella, e remos
Os Cicones, e a terra, onde ſe eſqueçaõ
Os companheiros, em goſtando o Loto;
Dem-lhe perder nas agoas o Piloto.

Ven-

LXXXIX.

Ventos ſoltos lhes finjaõ, e imaginem
Os odres, e Calipſos, namoradas
Harpias, que o manjar lhe contaminem,
Decer ás ſombras nuas já paſſadas:
Que por muito, e por muito que ſe affinem
Neſtas fabulas váas tam bem ſonhadas,
A verdade, que eu conto nua, e pura,
Vence toda grandiloqua eſcritura.

XC.

Da boca do facundo Capitaõ
Pendendo eſtavaõ todos embebidos,
Quando deu fim á longa narraçaõ
Dos altos feitos, grandes, e ſubidos.
Louva o Rei o ſublime coraçaõ
Dos Reis, em tantas guerras conhecidos,
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade de animo, e nobreza.

XCI.

Vai recontando o povo, que ſe admira,
O caſo, cada qual que mais notou;
Nenhum delles da gente os olhos tira,
Que tam longos caminhos rodeou:
Mas já o mancebo Delio as redeas vira,
Que o irmaõ de Lampecia mal guiou,
Por vir a deſcançar nos Thetios braços,
E ElRei ſe vai do mar aos nobres paços.

Quam

XCII.

Quam doce he o louvor, e a juſta gloria
Dos proprios feitos, quando ſaõ ſoados!
Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença, ou iguale os grandes já paſſados:
As invejas da illuſtre, e alhea hiſtoria,
Fazem mil vezes feitos ſublimados;
Quem valeroſas obras exercita,
Louvor alheo muito o eſperta, e incita.

XCIII.

Naõ tinha em tanto os feitos glorioſos
De Achiles Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta os numeroſos
Verſos, iſſo ſó louva, iſſo deſeja:
Os troféos de Melciades famoſos,
Temiſtocles deſpertam ſó de inveja,
E diz, que nada tanto o deſpertava,
Como a voz, que ſeus feitos celebrava.

XCIV.

Trabalha por moſtrar Vaſco da Gama,
Que eſſas navegaçoens, que o mundo canta,
Naõ merecem tamanha gloria, e fama,
Como a ſua, que o Ceo, e a terra eſpanta:
Si, mas aquelle Heroe, que eſtima, e ama,
Com dons, merces, favores, e honra tanta,
A lira Mantuana faz, que ſoe
Eneas, e a Romana gloria voe.

Dá

XCV.

Dá a terra Luſitana Scipioens,
Ceſares, Alexandres, e dá Auguſtos,
Mas naõ lhe dá com tudo aquelles doens,
Cuja falta os faz duros, e robuſtos:
Octavio entre as maiores oppreſſoens,
Compunha verſos doutos, e venuſtos:
Naõ dirá Fulvia certo, que he mentira,
Quando a deixava Antonio por Glafira.

XCVI.

Vai Ceſar ſojugando toda França,
E as armas nam lhe impedem a ſciencia,
Mas n'uma maõ a pena, e n'outra a lança
Igualava de Cicero a eloquencia:
O que de Scipiaõ ſe ſabe, e alcança,
He nas comedias grande experiencia:
Lia Alexandre a Homero de maneira,
Que ſempre ſe lhe ſabe á cabeceira.

XCVII.

Em fim naõ houve forte Capitaõ,
Que naõ foſſe tambem douto, e ſciente,
Da Lacia, Grega, ou Barbara naçaõ,
Senaõ da Luſitana taõ ſómente:
Sem vergonha o naõ digo, que a razaõ
D'algum naõ ſer nas armas excellente,
He naõ ſe ver prezado o verſo, e rima:
Que quem naõ ſabe a arte, naõ a eſtima.

XCVIII.

Por isso, e naõ por falta de natura,
Naõ ha tambem Virgilios, nem Homeros,
Nem haverá, se este costume dura,
Pios Eneas, nem Achiles féros.
Mas o peor de tudo he, que a ventura
Taõ asperos os fez, e taó austéros,
Taõ duros, e de engenho taó remisso,
Que a muitos lhes dá pouco ou nada disso.

XCIX.

Aas Musas agradeça o nosso Gama
O muito amor da patria, que as obriga
A dar aos seus na lira nome, e fama
De toda a illustre, e bellica fadiga:
Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
Caliope naõ tem por tam amiga,
Nem as filhas do Tejo, que deixassem
As téllas d'ouro fino, e que o cantassem.

C.

Porque o amor fraterno, e puro gosto
De dar a todo o Lusitano feito
Seu louvor, he sómente o presuposto
Das Tagides gentís, e seu respeito:
Porém naõ deixe em fim de ter disposto
Ninguem a grandes obras sempre o peito;
Que por esta, ou por outra qualquer via,
Naõ perderá seu preço, e sua valia.

CAN-



Canto 6

CANTO VI.

ARGUMENTO.

Parte-se de Melinde o illustre Gama
Com Pilotos da terra, e mantimento:
Dece Lieo ao mar; Neptuno chama
Todos os Deoses do humido elemento:
Conta Velloso, aos seus dando honra, e Fama,
Dos doze de Inglaterra o vencimento:
Soccorre Venus a afligida armada,
E á India chega tanto dezejada.

I.

NAõ sabia em que modo festejasse
O Rei pagám os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançasse
Do Rei Christaõ, das gentes taõ possantes:
Peza-lhe que taõ longe o aposentasse
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que naõ o fez vizinho,
Donde Hercules ao mar abrio caminho.

II.

Com jogos, danças, e outras alegrias
(Segundo a policia Melindana)
Com uſadas, e ledas peſcarias,
Com q̃ a Lageia Antonio alegra, e engana,
Eſte famoſo Rei todos os dias
Feſteja a companhia Luſitana,
Com banquetes, manjares deſuſados,
Com frutas, aves, carnes, e peſcados.

III.

Mas vendo o Capitaõ, que ſe detinha
Já mais do que devia, e o freſco vento
O convida que parta, e tome aſinha
Os Pilotos da terra, e mantimento:
Nam ſe quer mais deter; que ainda tinha
Muito para cortar do ſalſo argento;
Já do pagám benigno ſe deſpede,
Que a todos amizade longa pede.

IV.

Pede-lhe mais, que aquelle porto ſeja
Sempre com ſuas frotas viſitado;
Que nenhum outro bem maior deſeja,
Que dar a taes varoens ſeu Reino, e eſtado;
E que em quanto ſeu corpo o eſpirito reja,
Eſtará de contino aparelhado
A pôr a vida, e Reino totalmente
Por tam bom Rei, por tam ſublime gente.

Outras

V.

Outras palavras taes lhe reſpondia
O Capitam; e logo ás vellas dando
Para as terras da Aurora ſe partia,
Que tanto tempo ha já que vai buſcando:
No Piloto, que leva, nam havia
Falſidade, mas antes vai moſtrando
A navegaçaõ certa; e aſſi caminha
Já mais ſeguro do que dantes vinha.

VI.

As ondas navegavam do Oriente,
Já nos mares da India; e enxergavam
Os talamos do Sol, que naſce ardente;
Já quaſi ſeus deſejos ſe acabavam.
Mas o mao Tioneo, que na alma ſente
As venturas, que entam ſe aparelhavam
Aa gente Luſitana, dellas dina;
Arde, morre, blasfema, e deſatina.

VII.

Via eſtar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma;
Nam no póde eſtorvar, que deſtinado
Eſtá doutro poder, que tudo doma:
Do Olympo deſce em fim deſeſperado,
Novo remedio em terra buſca, e toma;
Entra no humido Reino, e vai-ſe á Corte
Daquelle, a quem o mar cahio em ſorte.

Na

VIII.

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas sahem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e moram as jucundas
Nereidas, e outros Deoses do mar, onde
As agoas campo deixam ás Cidades,
Que habitam estas humidas Deidades.

IX.

Descobre o fundo nunca descuberto
As arêas alli de prata fina;
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa crystalina:
Quando se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he crystal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro, e radiante.

X.

As portas d'ouro fino, e marchetadas
Do rico aljofar, que nas conchas nasce,
De escultura fermosa estam lavradas,
No qual do irado Bacco a vista pace:
E vê primeiro em côres variadas
Do velho Chaos tam confusa face:
Vem-se os quatro elementos trasladados,
Em diversos officios occupados.

Alli

XI.

Alli ſublime o Fogo eſtava em cima,
Que em nenhuma materia ſe ſuſtinha;
Daqui as couſas vivas ſempre anima,
Depois que Promethêo furtado o tinha:
Logo apôs elle leve ſe ſublima
O invencivel Ar, que mais aſinha
Tomou lugar, e nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo eſtar vaſio.

XII.

Eſtava a Terra em montes reveſtida
De verdes hervas, e arvores floridas,
Dando paſto diverſo, e dando vida
Aas alimarias nella produzidas:
A clara fórma alli eſtava eſculpida
Das agoas entre a terra deſparzidas,
De peſcados criando varios modos
Com ſeu humor mantendo os corpos todos.

XIII.

N'outra parte eſculpida eſtava a guerra,
Que tiveraõ os Deoſes c'os Gigantes;
Eſtá Tifêo debaixo da alta ſerra
Do Etna, que as flamas lança crepitantes:
Eſculpido ſe vê ferindo a terra
Neptuno, quando as gentes ignorantes
Della o cavallo houveram, e a primeira
De Minerva pacifica Oliveira.

Pouca

XIV.

Pouca tardança faz Lyêo irado
Na vista destas cousas; mas entrando
Nos paços de Neptuno, que avisado
Da vinda sua, o estava já aguardando
Aas portas o recebe, acompanhado
Das Ninfas, que se estaõ maravilhando
De ver que, comettendo tal caminho,
Entre no Reino d'agoa o Rei do vinho.

XV.

Oh Neptuno, lhe disse, naõ te espantes
De Bacco nos teus Reinos receberes;
Porque tambem c'os grandes, e possantes
Mostra a Fortuna injusta seus poderes:
Manda chamar os Deoses do mar, antes
Que fale mais, se ouvir-me o mais quizeres;
Veram da desventura grandes modos:
Ouçaõ todos o mal, que toca a todos.

XVI.

Julgando já Neptuno, que seria
Estranho caso aquelle, logo manda
Tritaõ, que chame os Deoses da agoa fria,
Que o mar habitaõ d'hũa, e d'outra banda:
Tritaõ, que de ser filho se gloria
Do Rei, e da Salacia veneranda;
Era mancebo grande, negro, e feio,
Trombeta de seu pai, e seu correio.

Os

XVII.

Os cabellos da barba, e os que decem
Da cabeça nos hombros, todos eram
Huns limos prenhes d'agoa, e bem parecem
Que nunca brando pentem conheceram:
Nas pontas pendurados nam fallecem
Os negros mexilhoens, que alli se géram;
Na cabeça por gorra tinha posta
Huma mui grande casca de lagosta.

XVIII.

O corpo nú, e os membros genitaes,
Pór naõ ter ao nadar impedimento;
Mas porém de pequenos animaes,
Do mar todos cubertos cento, e cento:
Camaroens, e Cangrejos, e outros mais,
Que recebem de Febo crescimento,
Ostras, e Birbigoens do musgo çujos,
A's costas com a casca os Caramujos.

XIX.

Na maõ a grande concha retorcida,
Que trazia, com força já tocava;
A voz grande, e canora foi ouvida
Por todo o mar, que longe retumbava:
Já toda a companhia apercebida
Dos Deoses, para os paços caminhava
Do Deos, que fez os muros de Dardania,
Destruidos depois da Grega insania.

Vinha

XX.

Vinha o Padre Oceano acompanhado
Dos filhos, e das filhas, que gerara;
Vem Nerêo, que com Doris foi casado,
Que todo o mar de Ninfas povoara:
O Propheta Prothêo, deixando o gado
Maritimo pacer pela agoa amára,
Alli veio tambem, mas já sabia
O que o Padre Lyêo no mar queria.

XXI.

Vinha por outra parte a linda espoſa
De Neptuno, de Celo, e Veſta filha,
Grave, e leda no geſto, e taõ fermoſa,
Que ſe amançava o mar de maravilha:
Veſtida huma camiſa precioſa
Trazia de delgada beatilha,
Que o corpo criſtalino deixa ver-ſe;
Que tanto bem naõ he para eſconder-ſe.

XXII.

Amfitrite fermoſa como as flores,
Neſte caſo naõ quiz que falleceſſe;
O Delfim traz comſigo, que aos amores
Do Rei lhe aconſelhou que obedeceſſe:
C'os olhos, que de tudo ſaõ ſenhores,
Qualquer parecerá, que o Sol venceſſe;
Ambas vem pela maõ, igual partido;
Pois ambas ſaõ eſpoſas de hum marido

Aquella,

XXIII.

Aquella, que, das furias de Athamante
Fugindo, veio a ter divino eſtado,
Comſigo traz o filho, bello Infante,
No numero dos Deoſes relatado:
Pela praia brincando vem diante
Com as lindas conchinhas, que o ſalgado
Mar ſempre cria; e ás vezes pela arêa
No colo a toma a bella Panopéa.

XXIV.

E o Deos, q̃ foi n'um tempo corpo huma-
E por virtude da herva poderoſa (no,
Foi convertido em peixe, e deſte damno
Lhe reſultou deidade glorioſa,
Inda vinha chorando o feo engano,
Que Circes tinha uſado co' a fermoſa
Scylla, que elle ama, della ſendo amado;
Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV.

Já finalmente todos aſſentados
Na grande ſala nobre, e divinal,
As Deoſas em riquiſſimos eſtrados,
Os Deoſes em cadeiras de criſtal,
Foraõ todos do Padre agaſalhados,
Que c'o Thebano tinha aſſento igual;
De fumos enche a caſa a rica maſſa,
Que no mar naſce, e a Arabia ẽ cheiro paſſa.

Eſtan-

XXVI.

Estando sossegado já o tumulto
Dos Deoses, e de seus recebimentos,
Começa a descubrir do peito occulto
A causa o Tyonêo de seus tormentos:
Hum pouco carregando-se no vulto,
Dando mostra de grandes sentimentos,
Só por dar aos de Luso triste morte
C'o ferro alheio, fala desta sorte.

XXVII.

Principe, que de juro senhoreas
De hum Polo a outro Polo o mar irado;
Tu, que as gentes da terra toda enfreas,
Que naõ passem o termo limitado:
E tu, Padre Oceano, que rodeas
O mundo universal, e o tens cercado,
E com justo decreto assi permittes,
Que dentro vivam só de seus limites.

XXVIII.

E vós Deoses do mar, que naõ soffreis
Injuria alguma em vosso Reino grande,
Que com castigo igual vos naõ vingueis
De quem quer, que por elle corra, e ande;
Que descuido foi este, em que viveis?
Quem póde ser, que tanto vos abrande
Os peitos, com razaõ endurecidos
Contra os humanos fracos, e atrevidos?

Vistes

XXIX.

Viſtes, que com grandiſſima ouſadia
Foram já cometter o Ceo ſupremo:
Viſtes aquella inſana fantaſia
De tentarem o mar com vella, e remo:
Viſtes, e ainda vemos cada dia,
Soberbas, e inſolencias taes, que temo,
Que do Mar, e do Ceo, em poucos annos,
Venhaõ Deoſes a ſer, e nós humanos.

XXX.

Vedes agora a fraca geraçaõ,
Que d'hum vaſſallo meu o nome toma;
Com ſoberbo, e altivo coraçaõ,
A vós, e a mim, e o mundo todo doma:
Vedes, o voſſo mar cortando vam,
Mais do que fez a gente alta de Roma;
Vedes, que o voſſo Reino devaſtando,
Os voſſos eſtatutos vam quebrando.

XXXI.

Eu vi que contra os Mynias, que primeiro
No voſſo Reino eſte caminho abriram,
Boreas injuriado, e o companheiro
Aquilo, e os outros todos reſiſtiram:
Pois ſe do ajuntamento aventureiro
Os ventos eſta injuria aſſi ſentiram;
Vós, a quem mais compete eſta vingança,
Que eſperais, porque a pondes em tardança?

XXXII.

E naõ consinto, Deoses, que cuideis,
Que por amor de vós do Ceo desci,
Nem da magoa da injuria, que soffreis,
Mas da que se me faz tambem a mi:
Que aquellas grandes honras, que sabeis,
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente.

XXXIII.

Que o gram Senhor, e Fados, que destinaõ
Como lhes bem parece o baixo mundo,
Famas móres, que nunca determinaõ
De dar a estes varoens, no mar profundo:
Aqui vereis, oh Deoses, como ensinaõ
O mal tambem a Deoses, que, segundo
Se vê, ninguem já tem menor valia,
Que quem com mais razaõ valer devia.

XXXIV.

E por isso do Olimpo já fugi,
Buscando algum remedio a meus pezares,
Por ver o preço, que no Ceo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.
Mais quiz dizer, e naõ passou daqui,
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe saltáraõ dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d'agoa em fogo.

A ira

XXXV.

A ira, com que ſubito alterado
O coraçaõ dos Deoſes foi n'um ponto,
Naõ ſoffreo mais conſelho bem cuidado,
Nem dilaçaõ, nem outro algum deſconto:
Ao grande Eolo mandaõ já recado
Da parte de Neptuno, que ſem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes,
Que naõ haja no mar mais navegantes.

XXXVI.

Bem quizera primeiro alli Protheo
Dizer neſte negocio o que ſentia;
E ſegundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda profecia:
Porém tanto o tumulto ſe moveo
Subito na divina companhia,
Que Thetis indignada lhe bradou:
Neptuno ſabe bem o que mandou.

XXXVII.

Já lá o ſoberbo Hypotades ſoltava
Do carcere fechado os furioſos
Ventos, que com palavras animava
Contra os Varoens audaces, e animoſos:
Subito o Ceo ſereno ſe obumbrava,
Que os ventos mais que nunca impetuoſos,
Começaõ novas forças a ir tomando,
Torres, montes, e caſas derribando.

Em

XXXVIII.

Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda, e lassa frota
Com vento socegado proseguia
Pelo tranquilo mar a longa rota:
Era no tempo, quando a luz do dia
Do Eoo Emisferio está remota,
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.

XXXIX.

Vencidos vem do sono, e mal despertos,
Bocejando a meudo, se encostavaõ
Pelas antenas, todos mal cubertos
Contra os agudos ares, que assopravaõ:
Os olhos, contra seu querer abertos,
Mal esfregando, os membros estiravaõ;
Remedios contra o sono buscar querem;
Historias contam, casos mil referem.

XL.

Com que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar, que he tam pezado,
Se naõ com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o sono carregado?
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
Que contos poderemos ter melhores,
Para passar o tempo, que de amores?

Naõ

XLI.

Naõ he, diſſe Velloſo, couſa juſta
Tratar branduras em tanta aſpereza;
Que o trabalho do mar, que tanto cuſta,
Naõ ſoffre amores, nem delicadeza:
Antes de guerra fervida, e robuſta
A noſſa hiſtoria ſeja, pois dureza
Noſſa vida hade ſer, ſegundo entendo;
Que o trabalho por vir mo eſtá dizendo.

XLII.

Conſentem niſto todos, e encomendaõ
A Velloſo que conte iſto, que aprova.
Contarei, diſſe, ſem que me reprendaõ
De contar couſa fabuloſa, ou nova:
E porque os q̃ me ouvirem daqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos naſcidos direi na noſſa terra,
E eſtes ſejaõ os doze de Inglaterra.

XLIII.

No tempo, que do Reino a redea leve
Joam filho de Pedro moderava;
Depois que ſocegado, e livre o teve
Do viſinho poder, que o moleſtava;
Lá na grande Inglaterra, que de neve
Boreal ſempre abunda, ſemeava
A fera Erimnis dura, e má cizania,
Que luſtre foſſe á noſſa Luſitania.

Entre

LXIV.

Entre as damas gentis da Corte Ingleza,
E nobres Cortezaõs, a caſo hum dia
Se levantou diſcordia em ira acceza,
Ou foi opiniaõ, ou foi porfia:
Os Cortezaõs, a quem tam pouco peza
Soltar palavras graves de ouſadia,
Dizem, que provarám, que honras, e famas,
Em taes damas nam ha para ſer damas.

XLV.

E q̃ ſe houver alguem com lança, e eſpada,
Que queira ſuſtentar a parte ſua,
Que elles em campo razo, ou eſtacada,
Lhe darám fea infamia, ou morte crúa:
A femenil fraqueza pouco uſada,
Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-ſe núa
De forças naturaes convenientes,
Soccorro pede a amigos, e parentes.

XLVI.

Mas como foſſem grandes, e poſſantes
No Reino os inimigos, nam ſe atrevem
Nem parentes, nem fervidos amantes
A ſuſtentar as damas, como devem.
Com lagrimas fermoſas, e baſtantes
A fazer, que em ſoccorro os Deoſes levem
De todo o Ceo por roſtos de alabaſtro,
Se vam todas ao Duque de Alencaſtro.

Era

XLVII.

Era este Inglez potente, e militara
C'os Portuguezes já contra Castella,
Onde as forças magnanimas provara
Dos companheiros, e benina estrella:
Naõ menos nesta terra exprimentara
Namorados effeitos, quando nella
A filha vio, que tanto o peito doma
Do forte Rei, que por mulher a toma.

XLVIII.

Este, que soccorer lhe naõ queria,
Por naõ causar discordias intestinas,
Lhe diz: Quando o direito pertendia
Do Reino lá das terras Iberinas,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
Tanto primor, e partes taõ divinas,
Que elles sós poderiaõ (se naõ erro)
Sustentar vossa parte a fogo, e ferro.

XLIX.

E se, aggravadas Damas, sois servidas,
Por vós lhes mandarei Embaixadores,
Que por cartas discretas, e polidas,
De vosso aggravo os façaõ sabedores:
Tambem por vossa parte encarecidas,
Com palavras de afagos, e de amores,
Lhe sejam vossas lagrimas; que eu creio,
Que alli tereis soccorro, e forte esteio.

Dessa

L.

Desta arte as aconselha o Duque experto,
E logo lhes nomea doze Fortes:
E porque cada Dama hum tenha certo,
Lhes manda, que sobre elles lancem sortes;
Que ellas só doze saõ: e descuberto
Qual a qual tem cahido dos consortes,
Cad'hũa escreve ao seu por varios modos,
E todas a seu Rei, e o Duque a todos.

LI.

Já chega a Portugal o mensageiro;
Toda a Corte alvoroça a novidade;
Quizera o Rei sublime ser primeiro,
Mas naõ lho soffre a Regia Magestade:
Qualquer dos Cortezaõs aventureiro
Deseja ser com férvida vontade,
E só fica por bemaventurado
Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII.

Lá na leal Cidade, donde teve
Origem (como he fama) o nome eterno
De Portugal, armar madeiro leve
Manda o que tem o leme do governo:
Apercebem-se os doze em tempo breve
De armas, e roupas de uso mais moderno,
De elmos, cimeiras, letras, e primores,
Cavallos, e concertos de mil côres.

Já

LIII.

Já do seu Rei tomado tem licença
Para partir do Douro celebrado
Aquelles, que escolhidos por sentença
Foraõ do Duque Inglez exprimentado:
Naõ ha na companhia differença
De cavalleiro, destro, ou esforçado,
Mas hum só, que Magriço se dizia,
Desta arte falla á forte companhia.

LIV.

Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de andar terras estranhas,
Por ver mais agoas, q̃ as do Douro, e Tejo,
Varias gentes, e leis, e varias manhas:
Agora, que aparelho certo vejo,
(Pois q̃ do mundo as cousas saõ tamanhas)
Quero, se me deixais, ir só por terra;
Porque eu serei comvosco em Inglaterra.

LV.

E quando caso for, que eu impedido
Por quem das cousas he ultima linha,
Naõ for com vosco ao prazo instituído,
Pouca falta vos faz a falta minha:
Todos por mi fareis o que he devido;
Mas se a verdade o esprito me adevinha,
Rios, montes, fortuna, ou sua enveja,
Naõ faraõ, que eu com vosco lá naõ seja.

Assi

LVI.

Assi diz, e abraçados os amigos,
E tomada licença, em fim se parte.
Passa Leaõ, Castella, vendo antigos
Lugares, que ganhara o patrio Marte:
Navarra, e os altissimos perigos
Do Pirenéo, que a Espanha, e Gallia parte:
Vistas em fim de França as cousas grandes,
No grande Imperio foi parar de Frandes.

LVII.

Alli chegado, ou fosse caso, ou manha,
Sem passar, se deteve muitos dias;
Mas dos onze a illustrissima companha
Cortaõ do mar do Norte as ondas frias:
Chegados de Inglaterra á costa estranha,
Para Londres já fazem todos vias;
Do Duque saõ com festa agazalhados,
E das Damas servidos, e amimados.

LVIII.

Chega-se o prazo, e dia assinalado
De entrar em campo já c'os doze Inglezes,
Que pelo Rei já tinhaõ segurado:
Armaõ-se d'elmos, grevas, e de arnezes:
Já as Damas tem por si fulgente, e armado
O Mavorte feroz dos Portuguezes,
Vestem-se ellas de côres, e de sedas,
De ouro, e de joias mil ricas, e ledas.

Mas

LIX.

Mas aquella, a quem fora em ſorte dado
Magriço, que naõ vinha, com triſteza
Se véſte, por naõ ter quem nomeado
Seja ſeu Cavalleiro neſta empreza:
Bem que os onze apregoaõ que, acabado
Será o negocio aſſi na Corte Ingleza;
Que as Damas vencedoras ſe conheçaõ,
Poſto que dous, e tres dos ſeus falleçaõ.

LX.

Já n'um ſublime, e publico theatro
Se aſſenta o Rei Inglez com toda a Corte:
Eſtavaõ tres, e tres, e quatro, e quatro,
Bem como a cada qual coubera em ſorte:
Naõ ſaõ viſtos do Sol do Tejo ao Batro
De força, esforço, e de animo mais forte
Outros doze ſahir, como os Inglezes
No campo contra os onze Portuguezes.

LXI.

Maſtigaõ os cavallos eſcumando
Os aureos freos com feroz ſemblante;
Eſtava o Sol nas armas rutilando
Como em criſtal, ou rigido diamante:
Mas enxerga-ſe n'um, e outro bando
Partido deſigual, e diſſonante,
Dos onze contra os doze; quando a gente
Começa a alvoroçar-ſe geralmente.

Viraõ

LXII.

Viraõ todos o roſto, aonde havia
A cauſa principal do reboliço:
Eis entra hum Cavalleiro, que trazia
Armas, cavallo ao bellico ſerviço:
Ao Rei, e ás Damas falla, e logo ſe hia
Para os onze, que eſte era o gram Magriço;
Abraça os companheiros como amigos,
A quem naõ falta certo nos perigos.

LXIII.

A Dama como ouvio, q̃ eſte era aquelle,
Que vinha a defender ſeu nome, e fama,
Se alegra, e veſte alli do animal de Helle,
Que a gente bruta mais que a virtude ama:
Já daõ ſinal, e o ſom da tuba impelle
Os bellicoſos animos, que inflama;
Picaõ d'eſpóras, largaõ redeas logo,
Abaixaõ lanças, fere a terra fogo.

LXIV.

Dos cavallos o eſtrepito parece
Que faz que o chaõ debaixo todo treme;
O coraçaõ no peito, que eſtremece,
De quem os olha, ſe alvoroça, e teme:
Qual do cavallo voa, que naõ deſce,
Qual c'o cavallo em terra dando geme,
Qual vermelhas as armas faz de brancas,
Qual co's penachos do elmo açouta as an-
(cas. Al-

LXV.

Algum dalli tomou perpetuo ſono,
E fez da vida ao fim breve intervallo;
Correndo algum cavallo vai ſem dono,
E n'outra parte o dono ſem cavallo:
Cahe a ſoberba Ingleza de ſeu throno,
Que dous, ou tres já fóra vaõ do vallo;
Os que de eſpada vem fazer batalha,
Mais achaõ já que arnês, eſcudo, e malha.

LXVI.

Gaſtar palavras em contar eſtremos
De golpes feros, cruas eſtocadas,
He deſſes gaſtadores, que ſabemos
Maos do tempo, com fabulas ſonhadas:
Baſta por fim do caſo, que entendemos,
Que com finezas altas, e afamadas,
C'os noſſos fica a palma da victoria,
E as Damas vencedoras, e com gloria.

LXVII.

Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos ſeus paços com feſtas, e alegria;
Cozinheiros occupa, e caçadores
Das Damas a fermoſa companhia:
Querem dar aos ſeus libertadores
Banquetes mil, cada hora, e cada dia,
Em quanto ſe detem em Inglaterra,
Até tornar á doce, e cara terra.

LXVIII.

Mas dizem, q̃ com tudo o gram Magriço
Deſejoſo de ver as couſas grandes,
Lá ſe deixou ficar, onde hum ſerviço
Notavel á Condeſſa fez de Frandes:
E como quem naõ era já noviço
Em todo o trance, onde tu, Marte, mandes,
Hum Francez mata em campo, q̃ o deſtino
Lá teve de Torcato, e de Corvino.

LXIX.

Outro tambem dos doze em Alemanha
Se lança, e teve hum fero deſafio
C'um Germano enganoſo, que com manha
Naõ devida o quiz pôr no extremo fio:
Contando aſſi Vellozo, já a companha
Lhe pede, que naõ faça tal deſvio
Do caſo de Magriço, e vencimento,
Nem deixe o de Alemanha em eſquecimẽto.

LXX.

Mas neſte paſſo aſſi prontos eſtando,
Eis o Meſtre, que olhando os ares anda,
O apito toca; acordaõ deſpertando
Os marinheiros d'hũa, e d'outra banda:
E porque o vento vinha refreſcando,
Os traquetes das gaveas tomar manda:
Alerta, diſſe, eſtai, que o vento crece
Daquella nuvem negra, que apparece.

Naõ

LXXI.

Naõ eraõ os traquetes bem tomados,
Quando dá a grande, e ſubita procella:
Amaina, diſſe o Meſtre a grandes brados,
Amaina, diſſe, amaina a grande vella:
Naõ eſperaõ os ventos indinados
Que amainaſſem, mas juntos dando nella,
Em pedaços a fazem com ruîdo,
Que o mundo pareceo ſer deſtruido.

LXXII.

O Ceo fere com gritos niſto a gente,
Cum ſubito temor, e deſacordo,
Que no romper da vella a nao pendente,
Toma gram ſoma d'agoa pelo bordo:
Alija, diſſe o Meſtre rijamente,
Alija tudo ao mar, naõ falte acordo,
Vaõ outros dar á bomba, naõ ceſſando,
Aa bomba, que nos imos alagando.

LXXIII.

Correm logo os ſoldados animoſos
A dar á bomba; e tanto que chegaraõ,
Os balanços, que os mares temeroſos
Deraõ á nao, n'um bordo os derribaraõ:
Tres marinheiros duros, e forçoſos
A menear o leme naõ baſtaraõ,
Talhas lhe punhaõ d'hũa, e d'outra parte,
Sem aproveitar d' homens força, e arte.

LXXIV.

Os ventos eraõ taes, que naõ puderaõ
Moſtrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar entaõ vieraõ
A fortiſſima torre de Babel:
Nos altiſſimos mares, que creſceraõ,
A pequena grandura d'hum batel
Moſtra a poſſante náo, que move eſpanto,
Vendo que ſe ſoſtem nas ondas tanto.

LXXV.

A nao grande, em q̃ vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o maſto pelo meio,
Quaſi toda alagada, a gente chama
Aquelle, que a ſalvar o mundo veio:
Naõ menos gritos vaõs ao ar derrama
Toda a nao de Coelho com receio,
Com quanto teve o Meſtre tanto tento,
Que primeiro amainou, que déſſe o vento.

LXXVI.

Agora ſobre as nuves os ſobiaõ
As ondas de Neptuno furibundo,
Agora a ver parece, que deſciaõ
As intimas entranhas do profundo:
Noto, Auſtro, Boreas, Aquilo queriaõ
Arruinar a maquina do mundo;
A noite negra, e fea ſe allumia
Co's raios, em que o Polo todo ardia.

As

LXXVII.

As Alcionéas aves triſte canto
Junto da coſta brava levantarão,
Lembrando-ſe de ſeu paſſado pranto,
Que as furioſas agoas lhes cauſarão:
Os Delfins namorados entre tanto
Lá nas covas maritimas entrarão,
Fugindo á tempeſtade, e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa eſtar ſeguros.

LXXVIII.

Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera ſoberba dos Gigantes
O gram Ferreiro ſordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o gram Tonante arremeçou
Relampagos ao mundo fulminantes
No gram diluvio, donde ſós viverão
Os dous, q̃ em gente as pedras converterão.

LXXIX.

Quantos montes então, que derribarão
As ondas, que batião denodadas!
Quantas arvores velhas arrancarão
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçoſas raizes não cuidarão,
Que nunca para o Ceo foſſem viradas,
Nem as fundas arêas, que pudeſſem
Tanto os mares, que em cima as revolveſſem.

Vendo

LXXX.

Vendo Vaſco da Gama, que tam perto
Do fim de ſeu deſejo ſe perdia,
Vendo ora o mar até o Inferno aberto,
Ora com nova furia ao Ceo ſubia:
Confuſo de temor, da vida incerto,
Onde nenhum remedio lhe valia,
Chama aquelle remedio ſanto, e forte,
Que o impoſſivel póde, deſta ſorte:

LXXXI.

Divina guarda, angelica, celeſte,
Que os Ceos, o Mar, e Terra ſenhoreas;
Tu, que a todo Iſrael refugio déſte,
Por metade das agoas Erithréas;
Tu, que livraſte Paulo, e defendeſte
Das Sirtes arenoſas, e ondas feas,
E guardaſtes c'os filhos o ſegundo
Povoador do alagado, e vacuo mundo;

LXXXII.

Se tenho novos medos perigoſos,
D'outra Scilla, e Caribdis já paſſados,
Outras Sirtes, e baixos arenoſos,
Outros Acroceraunos infamados:
No fim de tantos caſos trabalhoſos,
Porque ſomos de ti deſemparados,
Se eſte noſſo trabalho naõ te offende,
Mas antes teu ſerviço ſó pretende?

Oh di-

LXXXIII.

Oh ditoſos aquelles, que puderaõ
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer, em quanto fortes ſoſtiveraõ
A Santa Fé nas terras Mauritanas!
De quem feitos illuſtres ſe ſouberaõ,
De quem ficaõ memorias ſoberanas,
De quem ſe ganha a vida com perdella,
Doce fazendo a morte as honras della.

LXXXIV.

Aſſi dizendo, os ventos, que lutavaõ
Como touros indomitos bramando,
Mais, e mais a tormenta accreſcentavaõ,
Pela miuda enxarcia aſſoviando:
Relampagos medonhos naõ ceſſavaõ,
Feros trovoens, que vem repreſentando
Cahir o Ceo dos eixos ſobre a terra,
Comſigo os elementos terem guerra.

LXXXV.

Mas já a amoroſa Eſtrella ſcintilava
Diante do Sol claro no orizonte,
Menſageira do dia, e viſitava
A terra, e o largo mar com leda fronte:
A Deoſa, que nos Ceos a governava,
De quem foge o enſifero Oriente,
Tanto que o mar, e a cara armada vira,
Tocada junto foi de medo, e de ira.

Eſtas

LXXXVI.

Eſtas obras de Bacco ſaõ por certo,
Diſſe, mas naõ ſerá que avante leve
Taõ damnada tençaõ; que deſcuberto
Me ſerá ſempre o mal, a que ſe atreve.
Iſto dizendo, deſce ao mar aberto,
No caminho gaſtando eſpaço breve,
Em quanto manda ás Ninfas amoroſas
Grinaldas nas cabeças pôr de roſas.

LXXXVII.

Grinaldas manda pôr de varias côres
Sobre cabellos louros á porfia:
Quem naõ dirá que naſcem roxas flores
Sobre ouro natural, que amor infia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojoſa companhia,
Moſtrando-lhe as amadas Ninfas bellas,
Que mais fermoſas vinhaõ, que as eſtrellas.

LXXXVIII.

Aſſi foi: porque tanto que chegaraõ
Aa viſta dellas, logo lhes falecem
As forças, com que dantes peleijaraõ,
E já como rendidos lhe obedecem:
Os pés, e maõs parece, que lhe ataraõ
Os cabellos, que os raios eſcurecem:
A Boreas, que do peito mais queria,
Aſſi diſſe a belliſſima Orithia:

Naõ

LXXXIX.

Naõ creas, fero Boreas, que te creio
Que me tiveſte nunca amor conſtante;
Que brandura he de amor mais certo arreio,
E naõ convem furor a firme amante.
Se já naõ poens a tanta inſania freio,
Naõ eſperes de mi daqui em diante
Que poſſa mais amarte, mas temerte;
Que amor contigo em medo ſe converte.

XC.

Aſſim meſmo a fermoſa Galatea
Dizia ao fero Noto, que bem ſabe
Que dias ha que em vela ſe recrea;
E bem crê, que com elle tudo acabe.
Naõ ſabe o bravo tanto bem ſe o crea;
Que o coraçaõ no peito lhe naõ cabe,
De contente de ver, que a Dama o manda;
Pouco cuida que faz, ſe logo abranda.

XCI.

Deſta maneira as outras amançavaõ
Subitamente os outros amadores;
E logo á linda Venus ſe entregavaõ,
Amançadas as iras, e os furores:
Ella lhes prometteo, vendo que amavaõ
Sempiterno favor em ſeus amores,
Nas bellas maõs tomando-lhe omenagem,
De lhe ſerem leaes neſta viagem.

Já

XCII.

Já a manhãa clara dava nos outeiros,
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da excelsa gavea os marinheiros
Enxergaraõ terra alta pela proa:
Já fóra de tormenta, e dos primeiros
Mares o temor vaõ do peito voa;
Disse alegre o Piloto Melindano:
Terra he de Calecut, se naõ me engano.

XCIII.

Esta he por certo a terra, que buscais
Da verdadeira India, que aparece:
E se do mundo mais naõ desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece.
Soffrer aqui naõ póde o Gama màis
De ledo em ver que a terra se conhece;
Os giolhos no chaõ, as maõs ao Ceo,
A mercê grande a Deos agradeceo.

CXIV.

As graças a Deos dava, e razaõ tinha;
Que naõ sómente a terra lhe mostrava,
Que com tanto temor buscando vinha,
Por quem tanto trabalho exprimentava;
Mas via-se livrado taõ asinha
Da morte, que no mar lhe aparelhava
O vento duro, fervido, e medonho,
Como quem despertou de horrendo sonho.

Por

CXV.

Por meio deſtes horridos perigos,
Deſtes trabalhos graves, e temores,
Alcançaõ os que ſaõ de fama amigos
As honras immortaes, e os gráos maiores:
Naõ encoſtados ſempre nos antigos
Troncos nobres de ſeus anteceſſores,
Naõ nos leitos dourados, entre os finos
Animaes de Moſcovia Zebellinos.

XCVI.

Naõ c'os manjares novos, e exquiſitos,
Naõ c'os paſſeos molles, e ocioſos,
Naõ nos varios deleites, e infinitos,
Que afeminaõ os peitos generoſos:
Naõ c'os nunca vencidos apetitos,
Que a fortuna tem ſempre taõ mimoſos;
Que naõ ſoffre nenhum, que o paſſo mude
Para alguma obra heroica de virtude.

XCVII.

Mas com buſcar c'o ſeu forçoſo braço
As honras, que elle chame proprias ſuas,
Vigiando, e veſtindo o forjado aço,
Soffrendo tempeſtades, e ondas cruas:
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e Regioens de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'um arduo ſoffrimento.

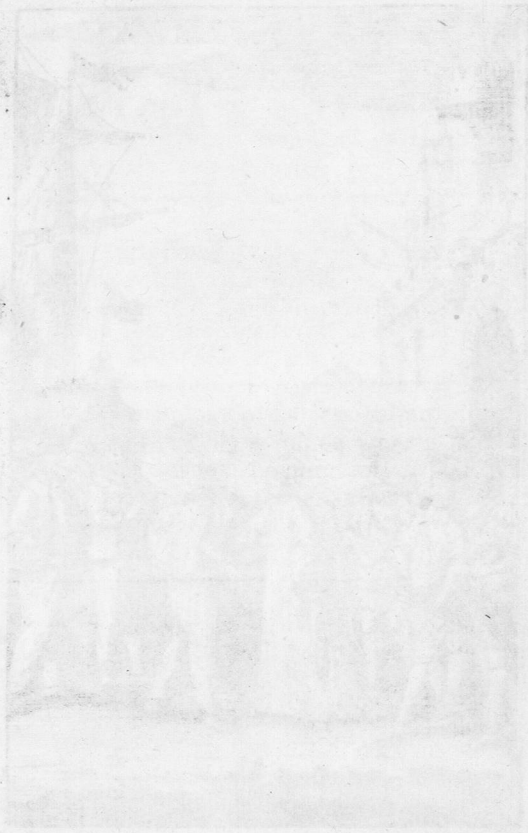
E com

XCVIII.

E com forçar o roſto, que ſe enfia,
A parecer ſeguro, ledo, inteiro
Para o pilouro ardente, que aſſovia,
E leva a perna, ou braço ao companheiro:
Deſta arte o peito hum calo honroſo cria,
Deſprezador das honras, e dinheiro;
Das honras, e dinheiro, que a ventura
Forjou, e naõ virtude juſta, e dura.

XCIX.

Deſta arte ſe eſclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repouſado,
E fica vendo, como de alto aſſento,
O baixo trato humano embaraçado:
Eſte, onde tiver força o regimento
Direito, e naõ de affeitos occupado,
Subirá (como deve) a illuſtre mando
Contra vontade ſua, e naõ rogando.





canto 7.

CANTO VII.

ARGUMENTO.

Dá fundo a frota a Calecut chegada;
Manda-se mensageiro ao Rei potente,
Chega Monçaide a ver a Lusa armada,
E da Provincia informa largamente.
Faz Gama ao Samori sua embaixada;
E recebido bem da Indica gente,
C'o Regedor da terra ao mar se torna,
Que de toldos, e flamulas se adorna.

I.

JA' se viaõ chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encer-
E o Ganges, que no Ceo terreno mora: (ra,
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.

A vós

II.

A vós, oh geraçaõ de Luſo, digo,
Que taõ pequena parte ſois no mundo,
Naõ digo inda no mundo, mas no amigo
Curral, de quem governa o Ceo rotundo:
Vós, a quem naõ ſómente algum perigo
Eſtorva conquiſtar o povo immundo,
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos Ceos eſtá em eſſencia.

III.

Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder voſſo naõ pezais,
Vós, que á cuſta de voſſas varias mortes
A lei da vida eterna dilatais;
Aſſi do Ceo deitadas ſaõ as ſortes,
Que vós, por muito poucos que ſejais,
Muito façais na ſanta Chriſtandade;
Que tanto, oh Chriſto, exaltas a humildade!

IV.

Vede os Alemaens, ſoberbo gado,
Que por taõ largos campos ſe apacenta,
Do Succeſſor de Pedro rebelado,
Novo paſtor, e nova ſeita inventa:
Vede-o em feas guerras occupado,
Que inda c'o cego error ſe naõ contenta,
Naõ contra o ſuperbiſſimo Otomano,
Mas por ſahir do jugo ſoberano.

Ve-

V.

Vedes o duro Inglez, que se nomea
Rei da velha, e santissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea
(Quem vio honra taõ longe da verdade!)
Entre as Boreaes neves se recrea,
Nova maneira faz de Christandade,
Para os de Christo tem a espada nua,
Naõ por tomar a terra, que era sua.

VI.

Guarda-lhe por em tanto hum falso Rei
A Cidade Hyerosolima terreste,
Em quanto elle naõ guarda a santa Lei
Da Cidade Hyerosolima celeste.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Naõ para defendelo, nem guardalo,
Mas para ser contra elle, e derribalo?

VII.

Achas, que tens direito em senhorios
De Christaõs, sendo o teu taõ largo, e tanto,
E naõ contra o Cynifio, e Nilo rios,
Inimigos do antigo nome santo?
Alli se haõ de provar da espada os fios
Em quem quer reprovar da Igreja o canto;
De Carlos, de Luiz o nome, e a terra
Herdaste, e as causas naõ da justa guerra.

Pois

VIII.

Pois que direi daquelles, que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz consigo,
Gastaõ as vidas, lograõ as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tyrannia inimicicias,
Que o povo forte tem de si inimigos:
Contigo, Italia, fallo, já sumersa
Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

IX.

Oh miseros Christaõs, pela ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que huns aos outros se daõ a morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Naõ vedes a divina sepultura,
Possuida de caens, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antiga terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?

X.

Vedes que tem por uso, e por decreto
(Do qual saõ taõ inteiros observantes)
Ajuntarem o exercito inquieto
Contra os povos, q̃ saõ de Christo amantes?
Entre vós nunca deixa a fera Aleto
De semear cizanias repugnantes:
Olhai, se estais seguros de perigos;
Que elles, e vós sois vossos inimigos.

Se

XI.

Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheas,
Naõ vedes que Pactolo, e Hermo rios,
Ambos volvem auriferas arêas?
Em Libia, Assiria lavraõ de ouro os fios,
Africa esconde em si luzentes vêas;
Mova-vos já se quer riqueza tanta,
Pois movervos naõ póde a Casa Santa.

XII.

Aquellas invençoens feras, e novas
De instrumentos mortaes de artilharia,
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Bizancio, e de Turquia:
Fazei que torne lá ás silvestres covas
Dos Caspios montes, e da Scythia fria
A Turca geraçaõ, que multiplica
Na politica de vossa Europa rica.

XIII.

Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,
Bradando vos estaõ, que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceitos do Alcoraõ (duro tributo)
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte, e astuto,
E naõ queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.

Mas

XIV.

Mas em tanto que cegos, e ſedentos
Andais de voſſo ſangue, oh gente inſana,
Naõ faltaráõ Chriſtaõs atrevimentos
Neſta pequena Caſa Luſitana:
De Africa tem maritimos aſſentos;
He na Aſia mais que todas ſoberana,
Na quarta parte nova os campos ara;
E ſe mais mundo houvera, lá chegara.

XV.

E vejamos em tanto o que acontece
Aaquelles tam famoſos navegantes,
Depois que a branda Venus enfraquece
O furor vaõ dos ventos repugnantes:
Depois que a larga terra lhe apparece,
Fim de ſuas profias taõ conſtantes,
Onde vem ſemear de Chriſto a Lei,
E dar novo coſtume, e novo Rei.

XVI.

Tanto que á nova terra ſe chegaraõ,
Leves embarcaçoens de peſcadores
Acharaõ, que o caminho lhes moſtraraõ
De Calecut, onde eraõ moradores:
Para lá logo as proas ſe inclinaraõ,
Porque eſta era a Cidade das melhores
Do Reino Malavar, onde vivia
O Rei, que a terra toda poſſuhia.

Além

XVII.

Além do Indo jaz, e áquem do Gange
Hum terreno mui grande, e aſſaz famoſo,
Que pela parte Auſtral o mar abrange,
E para o Norte o Emodio cavernoſo:
Jugo de Reis diverſos o conſtrange
A varias leis; alguns o vicioſo
Mafoma, alguns os Idolos adoraõ,
Alguns os animaes, que entre elles moraõ.

XVIII.

Lá bem no grande monte, que cortando
Taõ larga terra, toda Aſia diſcorre,
Que nomes taõ diverſos vai tomando,
Segundo as Regioens por onde corre;
As fontes ſahem, donde vem manando
Os rios, cuja graõ corrente morre
No mar Indico, e cercaõ todo o pezo
Do terreno, fazendo o Cherſonezo.

XIX.

Entre hum, e outro rio, em grande eſpaço,
Sahe da larga terra huma longa ponta,
Quaſi piramidal, que no regaço
Do mar, com Ceilaõ, Inſula confronta:
E junto donde naſce o largo braço
Gimgetico, o rumor antigo conta,
Que os vizinhos da terra moradores
Do cheiro ſe mantem das lindas flores.

Mas

XX.

Mas agora de nomes, e de uſança,
Novos, e varios ſaõ os habitantes,
Os Deliis, os Patânes, que em poſſança
De terra, e gente ſaõ mais abundantes:
Decaniis, Oriâs, que a eſperança
Tem de ſua ſalvaçaõ nas reſonantes
Agoas do Gange, e a terra de Bengala,
Fertil de ſorte, que outra naõ lhe iguala.

XXI.

O Reino de Cambaya bellicoſo,
(Dizem que foi de Póro Rei potente)
O Reino de Narſinga poderoſo
Mais de ouro, e pedras, que de forte gente:
Aqui ſe enxerga lá do mar undoſo
Hum monte alto, que corre longamente,
Servindo ao Malavar de forte muro,
Com que do Canará vive ſeguro.

XXII.

Da terra os naturaes lhe chamaõ Gate,
Do pé do qual, pequena quantidade,
Se eſtende hũa fralda eſtreita, que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras Cidades, ſem debate,
Calecut tem a illuſtre dignidade
De cabeça de Imperio rica, e bella;
Samori ſe intitulla o ſenhor della.

Che-

XXIII.

Chegada a frota ao rico ſenhorio,
Hum Portuguez mandado logo parte
A fazer ſabedor o Rei gentio,
Da vinda ſua a taõ remota parte:
Entrando o menſageiro pelo rio,
Que alli nas ondas entra, a naõ viſta arte,
A côr, o geſto eſtranho, o trajo novo,
Fez concorrer a velo todo o povo.

XXIV.

Entre a gente, que a velo concorria,
Se chega hum Mahometa, que naſcido
Fora na regiaõ de Berberia,
Lá onde fora Anteo obedecido:
Ou pela viſinhança já teria
O Reino Luſitano conhecido,
Ou foi já aſſinalado de ſeu ferro;
Fortuna o trouxe a taõ longo deſterro.

XXV.

Em vendo o menſageiro, com jocundo
Roſto, como quem ſabe a lingoa Iſpana,
Lhe diſſe: Quem te trouxe a eſtoutro mũdo,
Taõ longe da tua patria Luſitana?
Abrindo, lhe reſponde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buſcar do Indo a graõ corrente,
Por onde a Lei Divina ſe accreſcente.

Eſpan-

XXVI.

Espantado ficou da graõ viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressoens, que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava:
Mas vendo em fim, q̃ a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz, que estava fóra da Cidade,
Mas de caminho pouca quantidade.

XXVII.

E que em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repouzasse,
E do manjar da terra comeria:
E depois que se hum pouco recreasse
Com elle, para a armada tornaria;
Que alegria naõ póde ser tamanha,
Que achar gente visinha em terra estranha.

XXVIII.

O Portuguez aceita de vontade
O que o ledo Monçaide lhe offerece:
Como se longa fora já a amizade,
Com elle come, e bebe, e lhe obedece;
Ambos se tornaõ logo da Cidade
Para a frota, que o Mouro bem conhece;
Sobem á Capitania, e toda a gente,
Monçaide recebeo benignamente.

O Ca-

XXIX.

O Capitaõ o abraça em cabo ledo,
Ouvindo clara a lingoa de Caſtella:
Junto de ſi o aſſenta, e prompto, e quedo,
Pela terra pergunta, e couſas della:
Qual ſe ajuntava em Rhodope o arvoredo
Só por ouvir o amante da donzella
Euridice, tocando a lira de ouro;
Toda a gente ſe ajunta a ouvir o Mouro.

XXX.

Elle começa: Oh gente, que a natura
Vizinha fez de meu paterno ninho,
Que deſtino taõ grande, ou que ventura
Vos trouxe a cometterdes tal caminho?
Naõ he ſem cauſa naõ occulta, e eſcura,
Vir do longinquo Tejo, e ignoto Minho,
Por mares nunca de outro lenho arados
A Reinos taõ remotos, e apartados.

XXXI.

Deos por certo vos traz, porque pretende
Algum ſerviço ſeu por vós obrado;
Por iſſo ſó vos guia, e vos defende,
Dos imigos do mar, do vento irado:
Sabei, que eſtais na India, onde ſe eſtende
Diverſo povo, rico, e proſperado,
De ouro luzente, e fina pedraria,
Cheiro ſuave, ardente eſpeciaria.

Eſta

XXXII.

Esta Provincia, cujo porto agora
Tomado tendes, Malavar se chama;
Do culto antigo os Idolos adora,
Que cá por estas partes se derrama:
De diversos Reis he, mas de hum só fora
N'outro tempo; e segundo a antiga fama,
Saramâ Perimal foi derradeiro
Rei, que este Reino teve unido, e inteiro.

XXXIII.

Porém como a esta terra então viessem
De lá do seio Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituirão aos meus parentes:
Succedeo, que prégando converteſſem
O Perimal, de sabios, e eloquentes,
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que presupoz de nella morrer santo.

XXXIV.

Naos arma, e nellas mette curioso
Mercadoria, que offereça rica,
Para ir nellas a ser Religioso,
Onde o Profeta jaz, que a lei publica:
Antes que parta, o Reino poderoso
C'os seus reparte; porque não lhe fica
Erdeiro proprio, faz os mais aceitos,
Ricos de pobres, livres de sogeitos.

A hum

XXXV.

A hum Cochim, e a outro Cananor,
A qual Chalé, a qual a Ilha da Pimenta,
A qual Coulam, a qual dá Cranganor,
E o mais, a quem o mais ſerve, e contenta:
Hum ſó moço, a quem tinha muito amor,
Depois que tudo deu, ſe lhe apreſenta,
Para eſte Calecut ſómente fica,
Cidade já por trato nobre, e rica.

XXXVI.

Eſta lhe dá c'o titulo excellente
De Imperador, que ſobre os outros mande;
Iſto feito, ſe parte diligente
Para onde em ſanta vida acabe, e ande:
E daqui fica o nome de potente
Samori, mais que todos digno, e grande,
Ao moço, e deſcendentes, donde vem
Eſte, que agora o Imperio manda, e tem.

XXXVII.

A lei da gente toda rica, e pobre,
De fabulas compoſta ſe imagina;
Andaõ nús, e ſómente hum pano cobre,
As partes, que a cubrir natura enſina:
Dous modos ha da gente, porque a nobre
Naires chamados ſaõ, e a menos dina
Poleâs tem por nome; a quem obriga
A lei naõ miſturar a caſta antiga.

XXXVIII.

Porq̃ os q̃ uſaraõ ſempre hum meſmo offi-
De outro naõ podem receber conſorte, (cio
Nem os filhos teraõ outro exercicio,
Senaõ de ſeus paſſados até morte:
Para os Naires he certo grande vicio,
Deſtes ſerem tocados; de tal ſorte,
Que quando algum ſe toca por ventura,
Com ceremonias mil ſe alimpa, e apura.

XXXIX.

Deſta ſorte o Judaico povo antigo
Naõ tocava na gente de Samaria;
Mais eſtranhezas inda, das que digo
Neſta terra vereis de uſança varia:
Os Naires ſós ſaõ dados ao perigo
Das armas, ſós defendem da contraria
Banda o ſeu Rei, trazendo ſempre uſada
Na eſquerda a adarga, e na direita a eſpada.

XL.

Bramenes ſaõ os ſeus Religioſos,
(Nome antigo, e de grande preeminencia)
Obſervaõ os preceitos taõ famoſos
De hum, que primeiro poz nome á ſciencia:
Naõ mataõ couſa viva, e temeroſos
Das carnes tem grandiſſima abſtinencia;
Sómente no venereo ajuntamento,
Tem mais licença, e menos regimento.

Geraes

XLI.

Geraes saõ as mulheres, mas sómente
Para os da geraçaõ de seus maridos;
Ditosa condiçaõ, ditosa gente,
Que naõ saõ de ciumes offendidos!,
Estes, e outros costumes variamente
Saõ pelos Malavares admittidos:
A terra he grossa em trato, e tudo aquillo,
Que as ondas podem dar da China ao Nillo.

XLII.

Assi contava o Mouro. Mas vagando
Andava a Fama já pela Cidade
Da vinda desta gente estranha, quando
O Rei saber mandava da verdade.
Já vinhaõ pelas ruas caminhando,
Rodeados de todo sexo, e idade,
Os principaes, que o Rei buscar mandara
O Capitaõ da armada, que chegara.

XLIII.

Mas elle, que do Rei já tem licença
Para desembarcar, acompanhado
Dos nobres Portuguezes, sem detença
Parte, de ricos pannos adornado;
Das côres a fermosa differença
A vista alegra ao povo alvoroçado;
O remo compassado fere frio
Agora o mar, depois o fresco rio.

XLIV.

Na praia hum Regedor do Reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa ao nobre Gama:
Já na terra nos braços o levava,
E n'um portatil leito huma rica cama
Lhe offerece, em que vá, costume usado,
Que nos hombros dos homens he levado:

XLV.

Desta arte o Malavar, desta arte o Luso
Caminhaõ lá para onde o Rei o espera;
Os outros Portuguezes vaõ ao uso,
Que infantaria segue esquadra fera:
O povo, que concorre, vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quizera
Perguntar, mas, no tempo já passado,
Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI.

O Gama, e o Catual hiaõ fallando
Nas cousas, que lhe o tempo offerecia;
Monçaide entre elles vai interpretando
As palavras, que de ambos entendia:
Assi pela Cidade caminhando,
Onde huma rica fabrica se erguia
De hum sumptuoso templo já chegavaõ,
Pelas portas do qual juntos entravaõ.

Alli

XLVII.

Alli eſtaõ das Deidades as figuras
Eſculpidas em pao, e em pedra fria,
Varios de geſtos, varios de pinturas,
E ſegundo o Demonio lhes fingia:
Vem-ſe as abominaveis eſculturas,
Qual a chiméra em membros ſe varía;
Os Chriſtãos olhos, a ver Deos uſados
Em fórma humana, eſtaõ maravilhados.

XLVIII.

Hum na cabeça cornos eſculpidos,
Qual Jupiter Amon em Lybia eſtava;
Outro n'um corpo roſtos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano ſe pintava;
Outro com muitos braços divididos,
A Briarêo parece que imitava;
Outro fronte Canina tem de fóra,
Qual Anubis Memfitico ſe adora.

XLIX.

A qui feita do barbaro Gentio
A ſuperſticioſa adoraçaõ,
Direitos vaõ, ſem outro algum deſvio,
Para onde eſtava o Rei do povo vaõ:
Engroſſando ſe vai da gente o fio
C'os que vem ver o eſtranho Capitaõ;
Eſtaõ pelos telhados, e janellas
Velhos, e moços, donas, e donzellas.

Já

L.

Já chegaõ perto, e naõ com paſſos lentos,
Dos jardins odoriferos fermoſos,
Que em ſi eſcondem os Regios apoſentos,
Altos de torres naõ, mas ſumptuoſos:
Edificaõ os nobres ſeus aſſentos
Por entre os arvoredos deleitoſos:
Aſſi vivem os Reis daquella gente,
No campo, e na Cidade juntamente.

LI.

Pelos portaes da cerca a ſubtileza
Se enxerga da Dedalea faculdade,
Em figuras moſtrando por nobreza
Da India a mais remota antiguidade:
Affiguradas vaõ com tal viveza
As hiſtorias daquella antiga idade,
Que quem dellas tiver noticia inteira,
Pela ſombra conhece a verdadeira.

LII.

Eſtava hum grande exercito, que piza
A terra Oriental, que o Idaſpe lava;
Rege-o hum Capitaõ de fronte liza,
Que com frondentes Tirſos pelejava:
Por elle edificada eſtava Niza
Nas ribeiras do rio, que manava,
Tam proprio, que, ſe alli eſtiver Semelle,
Dirá por certo, que he ſeu filho aquelle.

Mais

LIII.

Mais avante bebendo secca o rio
Mui grande multidaõ da Assiria gente,
Sogeita a feminino senhorio
De huma tam bella, como incontinente:
Alli tem junto ao lado nunca frio
Esculpido o feroz ginete ardente,
Com quem teria o filho competencia,
Amor nefando, bruta incontinencia.

LIV.

Daqui mais apartadas tremolavaõ
As bandeiras de Grecia glorioſas,
Terceira Monarquia, e ſobjugavaõ
Até as agoas Gangeticas undoſas:
D'um Capitaõ mancebo ſe guiavaõ,
De palmas rodeado valeroſas,
Que já naõ de Felipo, mas ſem falta
De progenie de Jupiter ſe exalta.

LV.

Os Portuguezes vendo eſtas memorias
(Dizia o Catual ao Capitaõ)
Tempo cedo virá, que outras victorias
Eſtas, que agora olhais, abateráõ:
Aqui ſe eſcreveráõ novas hiſtorias
Por gentes eſtrangeiras, que viráõ;
Que os noſſos fabios Magos o alcançaraõ,
Quando o tempo futuro eſpecularaõ.

E diz-

LVI.

E diz-lhe mais a Magica sciencia,
Que, para se evitar força tamanha,
Naõ valerá dos homens resistencia;
Que contra o Ceo naõ val da gente manha:
Mas tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas, e na paz da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor, por gloria do vencido.

LVII.

Assi fallando entravaõ já na sala,
Onde aquelle potente Imperador
N'ũa camilha jaz, que naõ se iguala
De outra alguma no preço, e no valor:
No recostado gesto se assinala
Hum venerando, e prospero senhor;
Hum panno de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemas se adereça.

LVIII.

Bem junto delle hum velho reverente
C'os giolhos no chaõ de quando em quãdo
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando:
Hum Bramene, pessoa preeminente,
Para o Gama se vem com passo brando,
Para que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena que se assente.

Sen-

LIX.

Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, prompto em vista
Estava o Samori no trajo, e geito
Da gente nunca dantes delle vista:
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande authoridade logo aquista
Na opiniaõ do Rei, e povo todo,
O Capitaõ lhe falla deste modo:

LX.

Hum grande Rei de lá das partes, onde
O Ceo volubil com perpetua roda
Da terra a luz solar co' a terra esconde,
Tingindo, a que deixou, de escura noda;
Ouvindo do rumor, que lá responde
O ecco, como em ti da India toda
O Principado está, e a Magestade,
Vinculo quer contigo de amizade.

LXI.

E por longos rodeos a ti manda;
Por te fazer saber, que tudo aquillo
Que sobre o mar, que sobre as terras anda,
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
E desde a fria plaga de Gelanda,
Até bem donde o Sol naõ muda o estilo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu Reino em grande copia.

E se

LXII.

E se queres com pactos, e liançaS
De paz, e de amizade sacra, e nua,
Commercio consentir das abundançaS
Das fazendas da terra sua, e tua;
Porque crescaõ as rendas, e bastançaS,
(Por quem a gente mais trabalha, e súa)
De vossos Reinos, será certamente
De ti proveito, e delle gloria ingente.

LXIII.

E sendo assi, que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará prompto a toda adversidade,
Que por guerra a teu Reino se offereça,
Com gente, armas, e naos de qualidade,
Que por irmaõ te tenha, e te conheça:
E da vontade, em ti sobre isto posta,
Me dês a mim certissima reposta.

LXIV.

Tal embaixada dava o Capitaõ,
A quem o Rei gentio respondia,
Que em ver Embaixadores de naçaõ
Taõ remota graõ gloria recebia:
Mas neste caso a ultima tençaõ
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo de quem era
O Rei, e a gente, e terra, que differa.

E que

LXV.

E que em tanto podia do trabalho
Paſſado ir repouſar, e em tempo breve
Daria a ſeu deſpacho hum juſto talho,
Com que a ſeu Rei repoſta alegre leve.
Já niſto punha a noite o uſado atalho
Aas humanas canceiras, porque ceve
Do doce ſomno os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI.

Agaſalhados foraõ juntamente
O Gama, e Portuguezes no apoſento
Do nobre Regedor da Indica gente,
Com feſtas, e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De ſeu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente eſtranha; donde vinha,
Que coſtumes, que lei, que terra tinha.

LXVII.

Tanto que os igneos carros do fermoſo
Mancebo Delio vio, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, deſejoſo
De poder-ſe informar da gente nova:
Já lhe pergunta prompto, e curioſo,
Se tem noticia inteira, e certa prova
Dos eſtranhos, quem ſaõ; que ouvido tinha
Que he gente de ſua patria mui vizinha.

Que

LXVIII.

Que particularmente alli lhe déſſe
Informaçaõ mui larga, pois fazia
Niſſo ſerviço ao Rei, porque ſoubeſſe
O que neſte negocio ſe faria.
Monçaide torna: Poſto que eu quizeſſe
Dizer-te diſto mais, naõ ſaberia;
Sómente ſei, que he gente lá de Eſpanha,
Onde o meu ninho, e o Sol no mar ſe banha.

LXIX.

Tem a lei de hum Profeta, que gerado
Foi ſem fazer na carne detrimento
Da Mãi, tal que por bafo eſtá approvado
Do Deos, que tem do mundo o regimento:
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor ſanguinolento
Das armas no ſeu braço reſplandece;
O que em noſſos paſſados ſe parece.

LXX.

Porque elles com virtude ſobre humana
Os deitáraõ dos campos abundoſos
Do rico Tejo, e freſco Guadiana,
Com feitos memoraveis, e famoſos:
E naõ contentes inda na Africana
Parte, cortando os mares proceloſos,
Nos naõ querem deixar viver ſeguros,
Tomando-nos Cidades, e altos muros.

Naõ

LXXI.

Naõ menos tẽ moſtrado esforço, e manha
Em quaesquer outras guerras, q̃ aconteçaõ,
Ou das gentes belligeras de Eſpanha,
Ou lá de alguns, que do Pyrene deçaõ:
Aſſi que nunca em fim com lança eſtranha
Se tem que por vencidos ſe conheçaõ,
Nem ſe ſabe, inda naõ, te affirmo, e aſſello,
Para eſtes Annibaes nenhum Marcello.

LXXII.

E ſe eſta informaçaõ naõ for inteira
Tanto, quanto convém, delles pretende
Informar-te; que he gente verdadeira,
A quem mais falſidade enoja, e offende.
Vai ver-lhe a frota, as armas, e a maneira
Do fundido metal, que tudo rende,
E folgarás de veres a policia
Portugueza na paz, e na milicia.

LXXIII.

Já com deſejo o Idolatra ardia
De ver iſto, que o Mouro lhe contava:
Manda eſquipar batéis, que ir ver queria
Os lenhos, em que o Gama navegava.
Ambos partem da praia, a quem ſeguia
A Naira geraçaõ, que o mar coalhava;
Aa Capitana ſobem forte, e bella,
Onde Paulo os recebe a bordo della.

Pur-

LXXIV.

Purpureos saõ os toldos, e as bandeiras
Do rico fio saõ, que o bicho géra,
Nelles estaõ pintadas as guerreiras
Obras, que o forte braço já fizera:
Batalhas tem campaes aventureiras,
Desafios crueis, pintura féra,
Que tanto que ao Gentio se apresenta,
Attento nella os olhos apacenta.

LXXV.

Pelo que vê pergunta, mas o Gama
Lhe pedia primeiro, que se assente,
E que aquelle deleite, que tanto ama
A Seita Epicuréa, experimente:
Dos espumantes vasos se derrama
O licor, que Noé mostrára á gente:
Mas comer o Gentio naõ pretende,
Que a seita, que seguia, lho defende.

LXXVI.

A trombeta, que em paz no pensamento
Imagem faz da guerra, rompe os ares,
Co' fogo o diabolico instrumento
Se faz ouvir no fundo lá dos mares:
Tudo o Gentio nota, mas o intento
Mostrava sempre ter nos singulares
Feitos dos homens, que em retrato breve
A muda poezia alli descreve.

Alça-

LXXVII.

Alça-se em pé, com elle os Gamas junto,
Coelho de outra parte, e o Mauritano
Os olhos poem no bellico tranſumpto
De hum velho branco, aſpeito ſobrehuma-
Cujo nome naõ póde ſer defunto, (no,
Em quanto houver no mũdo trato humano;
No trajo a Grega uſança eſtá perfeita,
Hum ramo por inſignia na direita.

LXXVIII.

Hum ramo na maõ tinha, mas oh cego
Eu, que cometto inſano, e temerario,
Sem vós, Ninfas do Tejo, e do Mondego,
Por caminho taõ arduo, longo, e vario!
Voſſo favor invoco, que navego
Por alto mar com vento taõ contrario,
Que ſe naõ me ajudais hei grande medo,
Que o meu fraco batel ſe alague cedo.

LXXIX.

Olhai, que ha tanto tempo, que cantando
O voſſo Tejo, e os voſſos Luſitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo, e novos damnos:
Agora o mar, agora exprimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos;
Qual Canace, que á morte ſe condena,
N'ũa maõ ſempre a eſpada, noutra a penna.

Agora

LXXX.

Agora com pobreza aborrecida,
Por hoſpicios alheos degradado;
Agora da eſperança já adquirida,
De novo mais que nunca derribado:
Agora ás coſtas eſcapando a vida,
Que de hum fio pendia taõ delgado,
Que naõ menos milagre foi ſalvarſe,
Que para o Rei Judaico accreſcentarſe.

LXXXI.

E ainda, Ninfas minhas, naõ baſtava,
Que tamanhas miſerias me cercaſſem,
Senaõ que aquelles, q̃ eu cantando andava,
Tal premio de meus verſos me tornaſſem:
A troco dos deſcanços, que eſperava,
Das capellas de Louro, que me honraſſem,
Trabalhos nunca uſados me inventáraõ,
Com que em taõ duro eſtado me deitáraõ.

LXXXII.

Vede Ninfas, que engenhos de ſenhores
O voſſo Tejo cria valeroſos,
Que aſſi ſabem prezar com taes favores,
A quem os faz cantando glorioſos:
Que exemplos a futuros eſcriptores,
Para eſpertar engenhos curioſos,
Para porem as couſas em memoria,
Que merecerem ter eterna gloria.

Pois

LXXXIII.

Pois logo em tantos males he forçado,
Que só vosso favor me naõ faleça,
Principalmente aqui, que sou chegado,
Onde feitos diversos engrandeça;
Daimo vós sós, que eu tenho já jurado,
Que naõ o empregue em quẽ o naõ mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sobpena de naõ ser agradecido.

LXXXIV.

Nem creaes, Ninfas, naõ que Fama désse,
A quem ao bem commum, e do seu Rei
Antepuzer seu proprio interesse,
Imigo da divina, e humana Lei:
Nenhum ambicioso, que quizesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercicios,
Usar mais largamente de seus vicios.

LXXXV.

Nenhum, que use de seu poder bastante
Para servir a seu desejo feio,
E que por comprazer ao vulgo errante,
Se muda em mais figuras que Protheio:
Nem Camenas tambem cuideis, que cante,
Quem com habito honesto, e grave veio,
Por contentar o Rei no officio novo,
A despir, e roubar o pobre povo.

Nem

LXXXVI.

Nem quem acha q̃ he juſto, e q̃ he direito
Guardar-ſe a lei do Rei ſeveramente,
E naõ acha, que he juſto, e bom reſpeito,
Que ſe pague o ſuor da ſervil gente:
Nem qué ſempre com pouco experto peito,
Razoẽs aprende, e cuida, que he prudente
Para taxar, com maõ rapace, e eſcaſſa,
Os trabalhos alheos, que naõ paſſa.

LXXXVII.

Aquelles ſós direi, que aventuráraõ
Por ſeu Deos, por ſeu Rei a amada vida,
Onde perdendo-a, em fama a dilatáraõ,
Taõ bem de ſuas obras merecida:
Apollo, e as Muſas, que me acompanháraõ
Me dobráraõ a furia concedida,
Em quanto eu tomo alento deſcançado,
Por tornar ao trabalho mais folgado.

CAN-



canto 8

CANTO VIII.

ARGUMENTO.

Vem-se de Luſitania os Fundadores,
E aquelles, que por feitos valeroſos,
De alta memoria ſaõ merecedores,
De hymnos, e de verſos numeroſos:
Como de Calecut os Regedores,
Conſultaõ os Aruſpices famoſos,
E corruptos com dadivas poſſantes,
Tratаõ de deſtruir os navegantes.

I.

NA primeira figura ſe detinha
O Catual, que vira eſtar pintada,
Que por diviſa hũ ramo na maõ ti-
A barba branca, longa, e penteada: (nha,
Quem era, e porque cauſa lhe convinha
A diviſa, que tem na maõ tomada?
Paulo reſponde, cuja voz diſcreta
O Mauritanio ſabio lhe interpreta.

Eſtas

II.

Eſtas figuras todas, que apparecem,
Bravos em viſta, e féros nos aſpeitos,
Mais bravos, e mais féros ſe conhecem
Pela fama, nas obras, e nos feitos:
Antigos ſaõ, mas inda reſplandecem
Co' nome, entre os engenhos mais perfeitos;
Eſte, que vês he Luſo, donde a fama
O noſſo Reino Luſitania chama.

III.

Foi filho, e campanheiro do Thebano,
Que tam diverſas partes conquiſtou,
Parece vindo ter ao ninho Hiſpano,
Seguindo as armas, que contino uſou:
Do Douro, e Guadiana o campo ufano,
Já dito Elíſio tanto o contentou,
Que alli quiz dar aos já cançados oſſos,
Eterna ſepultura, e nome aos noſſos.

IV.

O ramo, que lhe vês para diviſa,
O verde Tyrſo foi de Bacco uſado,
O qual á noſſa idade moſtra, e aviſa,
Que foi ſeu companheiro, ou filho amado.
Vês outro, que do Tejo a terra piza,
Depois de ter tam longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Palas, que em memoria fica?

Ulyſſes

V.

Ulyſſes he o que faz a ſanta caza
Aa Deoſa, que lhe dá lingua facunda,
Que ſe lá na Aſia Troya inſigne abraza,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.
Quem ſerá eſtoutro cá, que o campo arraza
De mortos, com preſença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as Aguias nas bandeiras tem pintadas.

VI.

Aſſi o Gentio diz; reſponde o Gama:
Eſte, que vês, paſtor já foi de gado,
Viriato ſabemos que ſe chama,
Deſtro na lança, mais que no cajado:
Injuriada tem de Roma a fama,
Vencedor invencivel afamado;
Naõ tem com elle naõ, nem ter puderaõ
O primor, que com Pirrho já tiveraõ.

VII.

Com força naõ, com manha vergonhoſa
A vida lhe tiráraõ, que os eſpanta,
Que o grãde aperto em gẽte, inda q̃ honroſa,
A's vezes leis magnanimas quebranta.
Outro eſtá aqui, que contra a patria iroſa,
Degradado comnoſco ſe levanta,
Eſcolheo bem, com quem ſe levantaſſe,
Para que eternamente ſe illuſtraſſe.

Vês

VIII.

Vês com nosco tambem vence as bandei-
Dessas aves de Jupiter validas ; (ras
Que já naquelle tempo as mais guerreiras
Gentes, de nós souberaõ ser vencidas:
Olha taõ subtis artes, e maneiras,
Para adquirir póvos taõ fingidas,
A fatidica Cerva, que o avisa:
Elle he Sertorio, e ella a sua Divisa.

IX.

Olha estoutra bandeira, e vê pintado
O gram Progenitor dos Reis primeiros ;
Nós Ungaro o fazemos, porém nado
Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:
Depois de ter os Mouros superado,
Galegos, e Leonezes Cavalleiros,
Aa Casa santa passa o santo Enrique,
Porque o tronco dos Reis se santifique.

X.

Quem he, me dize estoutro, q̃ me espanta
(Pergunta o Malabar maravilhado)
Que tantos esquadroens, que gente tanta,
Com taõ pouca, tem roto, e destroçado?
Tantos muros asperrimos quebranta,
Tantas batalhas dá nunca cançado,
Tantas coroas tem por tantas partes,
A seus pés derribadas, e estandartes?

Este

XI.

Este he o primeiro Affonso, disse o Gama,
Que todo Portugal aos Mouros toma,
Por quem no Estigio lago jura a fama,
De mais naõ celebrar nenhum de Roma:
Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
Com cujo braço o Mouro imigo doma,
Para quem de seu Reino abaixa os muros,
Nada deixando já pera os futuros.

XII.

Se Cesar, se Alexandre Reis, tiveraõ
Taõ pequeno poder, taõ pouca gente,
Contra tantos imigos, quantos eraõ
Os que desbaratava este excellente;
Naõ creas, que seus nomes se estenderaõ
Com glorias immortaes taõ largamente,
Mas deixo os feitos seus inexplicaveis,
Vê, que os de seus Vassallos taõ notaveis.

XIII.

Este, que vês olhar com gesto irado,
Pera o rompido Alumno mal soffrido,
Dizendo-lhe, que o exercito espalhado
Recolha, e torne ao campo defendido;
(Torna o moço do velho acompanhado,
Que vencedor o torna de vencido)
Egas Moniz se chama o forte velho,
Pera leaes Vassallos claro espelho.

Velo

XIV.

Velo cá vai c'os filhos a entregar-se,
A corda ao cólo, nú de seda, e panno,
Porque naõ quiz o moço sugeitar-se,
Como elle promettêra ao Castelhano:
Fez com sizo, e promessas levantar-se
O cerco, que já estava soberano;
Os filhos, e mulher obriga á pena,
Para que o Senhor salve, a si condena.

XV.

Naõ fez o Consul tanto, que cercado
Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
Quando a passar por baixo foi forçado
Do Samnitico jugo triumfante:
Este pelo seu povo injuriado,
A si se entrega só firme, e constante,
Estoutro a si, e aos filhos naturais,
E á consorte sem culpa, que doe mais.

XVI.

Vês este, que sahindo da cilada,
Dá sobre o Rei, que cerca a Villa forte,
Já o Rei tem prezo, e a Villa descercada;
Illustre feito digno de Mavorte?
Velo cá vai pintado nesta armada,
No mar tambem aos Mouros dádo a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a gloria
Da primeira maritima victoria.

He

XVII.

He Dom Fuas Roupinho, que na terra,
E no mar reſplandece juntamente,
C'o fogo, que accendeo jun o da ſerra
De Abila nas galés da Maura gente:
Olha como entaõ juſta, e ſanta guerra
De acabar pelejando eſtá contente;
Das maõs dos Mouros entra a felice alma
Triunfando nos Ceos com juſta palma.

XVIII.

Naõ vês o ajuntamento de eſtrangeiro
Trajo ſahir da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de ſi dando ſanta prova?
Olha Enrique famoſo Cavalleiro,
A palma, que lhe naſce junto á cóva;
Por elles moſtra Deos milagre viſto,
Germanos ſaõ os Martyres de Chriſto.

XIX.

Hum Sacerdote vê brandindo a eſpada
Contra Arronches, que toma por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enriſta a lança:
He Theotonio Prior; mas vê cercada
Santarém, e verás a ſegurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das Quinas a bandeira.

XX.

Velo cá donde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo o Alferes mata,
E o Iſpalico pendaõ derriba em terra:
Mem Moniz he que em ſi o valor retrata,
Que o ſepulchro do pai c'os oſſos cerra,
Digno deſtas bandeiras, pois ſem falta
A contraria derriba, e a ſua exalta.

XXI.

Olha aquelle, que deſce pela lança
Com as duas cabeças das vigias,
Onde cilada eſconde com que alcança
A cidade por manhas, e ouſadias:
Ella por armas toma a ſemelhança
Do Cavalleiro, que as cabeças frias
Na maõ levava, feito nunca feito;
Giraldo ſem pavor he o forte peito.

XXII.

Naõ vês hum Caſtelhano, que aggravado
De Affonſo nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara, c'os Mouros he deitado,
De Portugal fazendo-ſe inimigo?
Abrantes Villa toma acompanhado
Dos duros Infieis, que traz conſigo;
Mas vê q̃ hum Portuguez com pouca gente
O desbarata, e o prende ouſadamente.

Mar-

XXIII.

Martim Lopes se chama o Cavalleiro,
Que destes levar póde a palma, e o louro:
Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
Que em lança de aço torna o bago d'ouro:
Velo entre os duvidosos taõ inteiro
Em naõ negar batalha ao bravo Mouro:
Olha o final no Ceo, que lhe apparece,
Com que nos poucos seus o esforço crece.

XXIV.

Vês vaõ os Reis de Cordova, e Sevilha
Rotos c'os outros dous, e naõ de espaço;
Rotos, mas antes mortos: maravilha
Feita de Deos, que naõ de humano braço:
Vês já a Villa de Alcaçere se humilha,
(Sem lhe valer defeza, ou muro de aço)
A Dom Matheus, o Bispo de Lisboa,
Que a Coroa de palma alli coroa.

XXV.

Olha hum Mestre, que desce de Castella,
Portuguez de naçaõ, como conquista
A terra dos Algarves, e já nella
Naõ acha quem por armas lhe resista:
Com manha, esforço, e com benigna estrella
Villas, castellos toma á escala vista:
Vês Távira tomada aos moradores
Em vingança dos sete caçadores.

XXVI.

Vês com bellica aſtucia ao Mouro ganha
Silves, que elle ganhou com força ingente:
He Dom Paio Correa, cuja manha,
E grande esforço faz inveja á gente:
Mas naõ paſſes os tres, q̃ em França, e Eſpa-
Se fazem conhecer perpetuamente (nha
Em deſafios, juſtas, e torneos,
Nellas deixando publicos troféos.

XXVII.

Velos c'o nome vem de aventureiros
A Caſtella, onde o preço ſós levaraõ
Dos jogos de Bellona verdadeiros,
Que com damno de alguns ſe exercitaraõ:
Vê mortos os ſoberbos Cavalleiros,
Que o principal dos tres deſafiaraõ,
Que Gonçalo Ribeiro ſe nomea,
Que póde naõ temer a lei Lethea.

XXVIII.

Atenta n'um, que a fama tanto eſtende;
Que de nenhum paſſado ſe contenta,
Que a Patria, que de hum fraco fio pende,
Sobre ſeus duros hombros a ſuſtenta:
Naõ o vez tinto de ira, que reprende
A vil deſconfiança inerte, e lenta
Do povo, e faz, que tome o doce freio
De ſeu Rei natural, e naõ de alheio.

Olha

XXIX.

Olha por seu conselho, e ousadia,
De Deos guiado só, e de santa Estrella,
Só póde (o que impossivel parecia)
Vencer o povo ingente de Castella:
Vês por industria, esforço, e valentia
Outro estrago, e victoria clara, e bella,
Na gente assi feroz, como infinita,
Que entre o Tartesso, e Guadiana habita?

XXX.

Mas naõ vês quasi já desbaratado
O poder Lusitano pela ausencia
Do Capitaõ devoto, que apartado
Orando invoca a Summa, e Trina Essencia?
Velo com pressa já dos seus achado,
Que lhe dizem, que falta resistencia
Contra poder tamanho, e que viesse,
Porque comsigo esforço aos fraco desse.

XXXI.

Mas olha com que santa confiança,
Que inda naõ era tempo respondia;
Como quem tinha em Deos a segurança
Da victoria, que logo lhe daria:
Assi Pompilio ouvindo, que a possança
Dos imigos a terra lhe corria,
A quem lhe a dura nova estava dando,
Pois eu (responde) estou sacrificando.

Se

XXXII.

Se quem com tanto esforço em Deos se
Ouvir quizeres como se nomea, (atreve,
Portuguez Scipiaõ chamar se deve;
Mas mais de Dom Nuno Alverez se arrea:
Ditosa Patria, que tal filho teve;
Mas antes Pai; que em quanto o Sol rodea
Este globo de Ceres, e Neptuno,
Sempre suspirará por tal aluno.

XXXIII.

Na mesma guerra vê que prezas ganha
Estoutro Capitaõ de pouca gente;
Cõmendadores vence, e o gado apanha,
Que levavaõ roubado ousadamente:
Outra vez vê que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar c'o amor ardente
O prezo amigo, prezo por leal,
Pero Rodrigues he do Landroal.

XXXIV.

Olha este desleal o como paga
O perjurio, que fez, e vil engano;
Gil Fernandez he de Elvas, quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xeres rouba o campo, e quasi alaga
C'o sangue de seus donos Castelhano;
Mas olha Rui Pereira, que c'o rosto
Faz escudo ás galés, diante posto.

Olha

XXXV.

Olha, que dezaſete Luſitanos,
Neſte outeiro ſubidos, ſe defendem
Fortes de quatrocentos Caſtelhanos,
Que em derredor pelos tomar ſe eſtendem:
Porém logo ſentiraõ com ſeus danos,
Que naõ ſó ſe defendem, mas offendem;
Digno feito de ſer no mundo eterno,
Grande no tempo antigo, e no moderno.

XXXVI.

Sabe-ſe antigamente, que trezentos
Já contra mil Romanos pelejáraõ,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto ſe illuſtráraõ:
E delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixáraõ,
Que os muitos por ſer poucos naõ temamos,
O que depois mil vezes amoſtrámos.

XXXVII.

Olha cá dous Infantes, Pedro, e Henri-
Progenie generoſa de Joanne; (que,
Aquelle faż, que Fama illuſtre fique
Delle em Germania, com q̃ a morte engane:
Eſte, que ella nos mares o publique
Por ſeu deſcubridor, e deſengane
De Ceita a Maura, tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da Cidade.

Vês

XXXVIII.

Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Barbaria?
Vês outro Conde está, que representa
Em terra Marte em forças, e ousadia?
De poder defender se naõ contenta
Alcacere da ingente companhia,
Mas do seu Rei defende a cara vida,
Pondo por muro a sua alli perdida,

XXXIX.

Outros muitos verias, que os pintores
Aqui tambem por certo pintariaõ;
Mas faltam-lhes pincel, faltam-lhes côres,
Honra, premio, favor, que as artes criaõ:
Culpa dos viciosos successores,
Que degeneraõ certo, e se desviaõ
Do lustre, e do valor dos seus passados,
Em gostos, e vaidades atolados.

XL.

Aquelles pais illustres, que já deraõ
Principio á geraçaõ, que delles pende,
Pela virtude muito entaõ fizeraõ,
E por deixar a casa, que descende:
Cegos! que dos trabalhos, que tiveraõ
(Se alta fama, e rumor delles se estende)
Escuros deixaõ sempre seus menores,
Com lhes deixar descanços corruptores.

Outros

XLI.

Outros tambem ha grandes, e abaſtados,
Sem nenhum tronco illuſtre donde venhaõ
Culpa de Reis, que ás vezes a privados
Daõ mais, q̃ a mil, q̃ esforço, e ſaber tenhaõ:
Eſtes os ſeus naõ querem ver pintados,
Crendo que côres vans lhes naõ convenhaõ;
E como a ſeu contrario natural,
A a pintura, que falla, querem mal.

XLII.

Naõ nego, que ha com tudo deſcendentes
Do generoſo tronco, e caſa rica,
Que com coſtumes altos, e excellentes
Suſtentaõ a nobreza, que lhes fica:
E ſe a luz dos antigos ſeus parentes
Nelles mais o valor naõ clarifica,
Naõ falta ao menos, nem ſe faz eſcura;
Mas deſtes acha poucos a pintura.

XLIII.

Aſſi eſtá declarando os grandes feitos
O Gama, que alli moſtra a varia tinta,
Que a douta maõ taõ claros, taõ perfeitos
Do ſingular artifice alli pinta:
Os olhos tinha promptos, e direitos
O Catual na hiſtoria bem diſtinta;
Mil vezes perguntava, e mil ouvia
As goſtoſas batalhas, que alli via.

Mas

XLIV.

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
Porque a lampada grande se escondia
Debaixo do Orizonte, e luminosa
Levava aos antipodas o dia:
Quando o Gentio, e a gente generosa
Dos Naires, da nao forte se partia
A buscar o repouso, que descança
Os lassos animaes na noite mança.

XLV.

Entre tanto os Aruspices famosos,
Na falsa opiniaõ, que em sacrificios
Antevém sempre os casos duvidosos
Por sinaes diabolicos, e indicios;
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitavaõ a arte, e seus officios
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que ás suas terras vem da ignota Espanha.

XLVI.

Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpetuo, eterno cativeiro,
Destruiçaõ de gente, e de valia:
Vai-se espantado o atonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os sinais temerosos, que alcançára
Nas entranhas das victimas, que olhara.

A isto

XLVII.

A isto mais se ajunta, que hum devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos naõ remoto,
Contra a Divina Fé, que tudo excede,
Em fórma do Profeta falso, e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Bacco odioso em sonhos lhe aparece,
Que de seus odios inda senaõ dece.

XLVIII.

E diz-lhe assi: Guardai-vos gente minha,
Do mal, que se aparelha pelo imigo,
Que pelas agoas humidas caminha,
Antes, que esteis mais perto do perigo:
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha
Espantado do sonho; mas comsigo
Cuida, que naõ he mais, que sonho usado:
Torna a dormir quieto, e sossegado.

XLIX.

Torna Bacco dizendo: Naõ conheces
O graõ legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos bautizados?
Eu por ti tudo vêllo, e tu adormeces?
Pois saberás, que aquelles, que chegados
De novo saõ, seraõ mui grande dano
Da lei, que eu dei ao nescio povo humano.

Em

L.

Em quanto he fraca a força deſta gente,
Ordena como em tudo ſe reſiſta:
Porque quando o Sol ſahe, facilmente
Se póde nelle pôr a aguda viſta;
Porém depois que ſobe claro, e ardente,
Se a agudeza dos olhos o conquiſta
Taõ cega fica, quanto ficareis,
Se raizes criar lhe naõ tolheis.

LI.

Iſto dito, elle, e o ſono ſe deſpede,
Tremendo fica o atonito Agareno:
Salta da cama, lume aos ſervos pede,
Lavrando nelle o fervido veneno:
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,
Moſtrára roſto angelico, e ſereno,
Convoca os principais da torpe ſeita,
Aos quaes do que ſonhou dá conta eſtreita.

LII.

Diverſos pareceres, e contrarios
Alli ſe daõ, ſegundo o que entendiaõ,
Aſtucias, traiçoens, enganos varios,
Perfidias inventavaõ, e teciaõ:
Mas deixando conſelhos temerarios,
Deſtruiçaõ da gente pertendiaõ
Por manhas mais ſubtis, e ardís melhores,
Com peitas adquirindo os Regedores.

Com

LIII.

Com peitas, ouro, e dadivas ſecretas
Conciliaõ da terra os principais,
E com razoens notaveis, e diſcretas
Moſtraõ ſer perdiçaõ dos naturais:
Dizendo, que ſaõ gentes inquietas,
Que, os mares diſcorrendo Occidentais,
Vivem ſó de piraticas rapinas,
Sem Rei, ſem leis humanas, ou divinas.

LIV.

Oh quanto deve o Rei, que bem governa,
De olhar que os conſelheiros, ou privados,
De conſciencia, e de virtude interna,
E de ſincero amor ſejaõ dotados!
Porque, como eſté poſto na ſuperna
Cadeira, póde mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingoa conſelheira.

LV.

Nem taõ pouco direi que tome tanto
Em groſſo a conſciencia limpa, e certa,
Que ſe enleve n'um pobre, e humilde mãto,
Onde ambiçaõ acaſo ande encuberta:
Que quando hum bom em tudo he juſto, e
Em negocios do mundo pouco acerta, (sãto,
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia em ſó Deos promta.

Mas

LVI.

Mas aquelles avaros Catuais,
Que o Gentilico povo governavaõ,
Induzidos das gentes infernais
O Portugnez deſpacho dilatavaõ.
Mas o Gama, que naõ pertende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavaõ,
Que levar a ſeu Rei hum ſinal certo
Do mundo, que deixava deſcuberto,

LVII.

Niſto trabalha ſó; que bem ſabia
Que, depois que levaſſe eſta certeza,
Armas, e naos, e gentes mandaria
Manoel, que exercita a ſumma Alteza;
Com que a ſeu jugo, e lei ſometteria
Das terras, e do mar a redondeza;
Que elle naõ era mais, que hum diligente
Deſcubridor das terras do Oriente:

LVIII.

Fallar ao Rei Gentio determina,
Porque com ſeu deſpacho ſe tornaſſe;
Que já ſentia em tudo da malina
Gente impedirſe quanto deſejaſſe.
O Rei, que da noticia falſa, e indina,
Naõ era de eſpantar ſe ſe eſpantaſſe
(Que taõ credulo era em ſeus agouros)
E mais ſendo affirmados pelos Mouros.

Eſte

LIX.

Este temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a força da cobiça,
A quem por natureza está sogeito,
Hum desejo immortal lhe accende, e atiça:
Que bem vê, que grandissimo proveito
Fará, se com verdade, e com justiça
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe comette o Rei dos Lusitanos.

LX.

Sobre isto nos conselhos, que tomava,
Achava mui contrarios pareceres;
Que naquelles, com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande Capitaõ chamar mandava,
A quem chegado disse: Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa, e nua,
Perdaõ alcançarás da culpa tua.

LXI.

Eu sou bem informado, que a embaixada,
Que de teu Rei me déste, que he fingida,
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida:
(Que) quem da Esperia ultima alongada,
Rei, ou senhor de insania desmedida,
Ha de vir cometter com naos, e frotas
Tam incertas viagens, tam remotas?

E se

LXII.

E se de grandes Reinos poderosos
O teu Rei tem a Regia Magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinaes de tua incognita verdadde?
Com peças, e doens altos sumptuosos
Se lia dos Reis altos a amizade;
Que final, nem penhor, naõ he bastante
As palavras de hum vago navegante.

LXIII.

Se por ventura vindes desterrados,
Como já foraõ homens de alta sorte,
Em meu Reino sereis agasalhados;
Que toda a terra he patria para o forte:
Ou se piratas sois, ao mar usados,
Dizei-mo, sem temor de infamia, ou morte,
Que, por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.

LXIV.

Isto assi dito, o Gama, que já tinha
Sospeitas das insidias, que ordenava
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo, que taõ mal o Rei cuidava:
Cũa alta confiança, qual convinha,
(Com que seguro credito alcançava)
Que Venus Acidalia lhe influia,
Taes palavras do sabio peito abria:

Se

LXV.

Se os antigos delitos, que a malícia
Humana cometteo na prisca idade,
Naõ causaraõ que o vaso da nequicia
(Açoute taõ cruel da Christandade)
Viera por pepetua inimicicia,
Na geraçaõ de Adam, c'o a falsidade,
Oh poderoso Rei da torpe seita,
Naõ conceberas tu taõ ma sospeita.

LXVI.

Mas porq̃ nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressoens, e em todo effeito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito:
Me mostras tu taõ pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razoẽs em contrario, que acharias,
Se naõ cresses, a quem crer naõ devias.

XLVII.

Porque se eu de rapinas só vivesse
Undivago, ou da patria desterrado,
Como crês que tam longe me viesse
Buscar assento incognito, e apartado?
Por que esperanças, ou por que interesse
Viria exprimentando o mar irado,
Os Antarcticos frios, e os ardores,
Que soffrem do Carneiro os moradores?

Se

LXVIII.

Se com grandes preſentes de alta eſtima
O credito me pedes do que digo, (ma,
Eu naõ vim mais q̃ a achar o eſtranho cli-
Onde a natura poz teu Reino antigo:
Mas ſe a fortuna tanto me ſublima,
Que torne á minha patria, e Reino amigo,
Entaõ verás o dom ſoberbo, e rico,
Com que minha tornada certifico.

LXIX.

Se te parece inopinado feito,
Que Rei da ultima Heſperia a ti me mande,
O coraçaõ ſublime, o regio peito
Nenhum caſo poſſivel tem por grande:
Bem parece, que o nobre, e graõ conceito,
Do Luſitano eſpirito demande
Maior credito, e fê de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.

LXX.

Sabe, que ha muitos annos, q̃ os antigos
Reis noſſos firmemente propuzeraõ
De vencer os trabalhos, e perigos,
Que ſempre a grandes couſas ſe opuzeraõ:
E deſcobrindo os mares inimigos
Do quieto deſcanço, pretenderaõ
De ſaber que fim tinhaõ, e onde eſtavaõ
As derradeiras praias, que lavavaõ.

Con-

LXXI.

Conceito digno foi de ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho caro
O morador de Abila derradeiro:
Este por sua industria, e engenho raro,
N'um madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pode a parte, que faz clara
De Argos, da Ydra a luz, da Lebre, e da Ara.

LXXII.

Crescendo c'os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriraõ
Pouco, e pouco caminhos estrangeiros,
Que hús succedêdo aos outros proseguiraõ:
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flamas viraõ,
Foraõ vistos de nós, atraz deixando
Quantos estaõ os Tropicos queimando.

LXXIII.

Assi com firme peito, e com tamanho
Proposito vencemos a fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima columna:
Rompendo a força do liquido estanho,
Da tempestade horrifica, e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Sinal, que ao nosso Rei de ti levemos.

Esta

LXXIV.

Esta he a verdade, Rei; que naõ faria
Por taõ incerto bem, taõ fraco premio,
(Qual, naõ sendo isto assi esperar podia)
Taõ longo, taõ fingido, e vaõ proemio:
Mas antes descançar me deixaria
No nunca descançado, e fero gremio
Da Madre Thetis, qual pirata iniquo,
Dos trabalhos alheos feito rico.

LXXV.

Assi que, oh Rei, se minha gram verdade
Tens por qual he, sincera, e naõ dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Naõ me impidas o gosto da tornada.
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razaõ, que está provada,
Que com claro juizo póde ver-se;
Que facil he a verdade de entender-se.

LXXVI.

Attento estava o Rei na segurança,
Com que provava o Gama o que dizia:
Concebe delle certa confiança,
Credito firme em quanto proferia:
Pondera das palavras a abastança,
Julga na authoridade gram valia:
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corruptos mal julgados.

Junta-

LXXVII.

Juntamente a cobiça do proveito,
Que espera do contrato Lusitano,
O faz obedecer, e ter respeito
C'o Capitaõ, e naõ c'o Mouro engano:
Em fim ao Gama manda, que direito
Aas naos se vá, e seguro de algum dano,
Possa a terra mandar qualquer fazenda,
Que pela especiaria troque, e venda.

LXXVIII.

Que mande da fazenda em fim lhe man-
Que nos Reinos Gangeticos faleça, (da,
Se alguma traz idonea lá da banda
Donde a terra se acaba, e o mar começa.
Já da Real presença veneranda
Se parte o Capitaõ para onde peça
Ao Catual, que delle tinha cargo,
Embarcaçaõ, que a sua está de largo.

LXXIX.

Embarcaçaõ, que o leve ás naos, lhe pede;
Mas o mao Regedor, que novos laços
Lhe maquinava, nada lhe concede,
Interpondo tardanças, e embaraços:
Com elle parte ao caes, porque o arrede
Longe quanto puder dos Regios paços,
Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
Faça o que lhe ensinar sua malicia.

Lá

LXXX.

Lá bem longe, lhe diz, que lhe daria
Embarcaçaõ baſtante, em que partiſſe,
Ou que para a luz craſtina do dia
Futuro ſua partida differiſſe:
Já com tantas tardanças entendia
O Gama, que o Gentio conſentiſſe
Na má tençaõ dos Mouros torpe, e fera;
O que delle até li naõ entendera.

LXXXI.

Era eſte Catual hum dos que eſtavaõ
Corruptos pela Mahometana gente,
O principal, por quem ſe governavaõ
As Cidades do Samorî potente:
Delle ſómente os Mouros eſperavaõ
Effeito a ſeus enganos torpemente;
Elle, que no conceito vil conſpira,
De ſuas eſperanças naõ delira.

LXXXII.

O Gama com inſtancia lhe requere
Que o mande pôr nas naos; (e naõ lhe val)
E que aſſi lho mandára, lhe refere,
O nobre ſucceſſor de Perimal:
Porque razaõ lhe impede, e lhe differe,
A fazenda trazer de Portugal,
Pois aquillo, que os Reis já têm mandado,
Naõ póde ſer por outrem derogado.

Pouco

LXXXIII.

Pouco obedece o Catual corruto
A taes palavras, antes revolvendo
Na fantasia algum subtil, e astuto
Engano, diabolico, e estupendo:
O como banhar possa o ferro bruto
No sangue avorrecido estava vendo,
Ou como as naos em fogo lhe abrazasse,
Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIV.

Que nem hum torne á patria só pertende
O conselho infernal dos Mahometanos,
Porque naõ saiba nunca onde se estende
A terra Eoa o Rei dos Lusitanos:
Naõ parte o Gama em fim, que lho defende
O Regedor dos Barbaros profanos,
Nem sem licença sua ir-se podia,
Que as almadias todas lhe tolhia.

LXXXV.

Aos brados, e razoens do Capitaõ,
Responde o idolátra, que mandasse
Chegar á terra as naos, que longe estaõ,
Porque melhor dalli fosse, e tornasse:
Sinal he de inimigo, e de ladraõ,
Que lá taõ longe a frota se alargasse,
Lhe diz, porque do certo, e fido amigo
He naõ temer do seu nenhum perigo.

Nestas

LXXXVI.

Neſtas palavras o diſcreto Gama
Enxerga bem que as naos deſeja perto
O Catual, porque com ferro, e flama
Lhas aſſalte, por odio deſcuberto:
Em varios penſamentos ſe derrama:
Fantaſiando eſtá remedio certo,
Que deſſe a quanto mal ſe lhe ordenava:
Tudo temia, tudo em fim cuidava.

LXXXVII.

Qual o reflexo lume do polido
Eſpelho de aço, ou de criſtal fermoſo,
Que, do raio ſolar ſendo ferido,
Vai ferir noutra parte luminoſo;
E ſendo da ocioſa maõ movido
Pela caſa do moço curioſo,
Anda pelas paredes, e telhado,
Tremulo aqui, e alli deſſoſſegado:

LXXXVIII.

Tal o vago juizo flutuava
Do Gama prezo, quando lhe lembrara
Coelho, ſe por caſo o eſperava
Na praia c'os bateis, como ordenara:
Logo ſecretamente lhe mandava
Que ſe tornaſſe á frota, que deixara,
Naõ foſſe ſalteado dos enganos,
Que eſperava dos feros Mahometanos.

Tal

LXXXIX.

Tal ha de ſer quem quer c'o dom de Mar-
Imitar os illuſtres, e igualallos, (te
Voar c'o penſamento a toda a parte,
Adivinhar perigos, e evitallos:
Com militar engenho, e ſubtil arte
Entender os imigos, e enganallos,
Crer tudo em fim, que nunca louvarei
O Capitaõ, que diga: *naõ cuidei.*

XC.

Inſiſte o Malabar em tello prezo,
Se naõ manda chegar á terra a armada:
Elle conſtante, e de ira nobre accezo,
Os ameaços ſeus naõ teme nada:
Que antes quer ſobre ſi tomar o pezo
De quanto mal a vil malicia ouſada
Lhe andar armando, que pôr em ventura
A frota de ſeu Rei, que tem ſegura.

XCI.

Aquella noite eſteve alli detido,
E parte do outro día, quando ordena
De ſe tornar ao Rei; mas impedido
Foi da guarda, que tinha naõ pequena:
Comette-lhe o Gentio outro partido,
Temendo de ſeu Rei caſtigo, ou pena,
Se ſabe eſta malicia, a qual aſinha
Saberá, ſe mais tempo alli o detinha.

XCII.

Diz-lhe, que mande vir toda a fazenda
Vendivel, que trazia, pera a terra,
Para que de vagar ſe troque, e venda;
Que quẽ naõ quer cõmercio, buſca guerra:
Poſto que os maos propoſitos entenda
O Gama, que o damnado peito encerra,
Conſente, porque ſabe por verdade
Que compra c'o a fazenda a liberdade.

XCIII.

Concertaõ-ſe, que o negro mande dar
Embarcaçoens idoneas, com que venha;
Que os ſeus bateis naõ quer aventurar
Onde lhos tome o imigo, ou lhos detenha:
Partem as almadias a buſcar
Mercadoria Hiſpana, que convenha:
Eſcreve a ſeu irmaõ, que lhe mandaſſe
A fazenda, com que ſe reſgataſſe.

XCIV.

Vem a fazenda á terra, aonde logo
A agaſalhou o infame Catual;
Com ella fica Alvaro, e Diogo,
Que a podeſſem vender pelo que val:
Se mais, que obrigaçaõ, que mando, e rogo,
No peito vil o premio póde, e val,
Bem o moſtra o Gentio a quem o entenda,
Pois o Gama ſoltou pela fazenda.

Por

XCV.

Por ella o ſolta, crendo que alli tinha
Penhor baſtante, donde recebeſſe
Intereſſe maior, do que lhe vinha,
Se o Capitaõ mais tempo detiveſſe:
Elle vendo que já lhe naõ convinha
Tornar á terra, porque naõ podeſſe
Ser mais retido, ſendo ás naos chegado,
Nellas eſtar ſe deixa deſcançado.

XCVI.

Nas naos eſtar ſe deixa vagaroſo,
Até ver o que o tempo lhe deſcobre,
Que naõ ſe fia já do cobiçoſo
Regedor corrompido, e pouco nobre:
Veja agora o juizo curioſo,
Quanto no rico, aſſi como no pobre
Póde o vil intereſſe, e ſede imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

XCVII.

A Polidoro mata o Rei Threicio,
Só por ficar ſenhor do gram theſouro;
Entra pelo fortiſſimo edificio
Com a filha de Acriſio a chuva de ouro:
Póde tanto em Tarpeia o avaro vicio,
Que a troco do metal luzente, e louro
Entrega aos inimigos a alta torre,
Da qual quaſi afogada em pago morre.

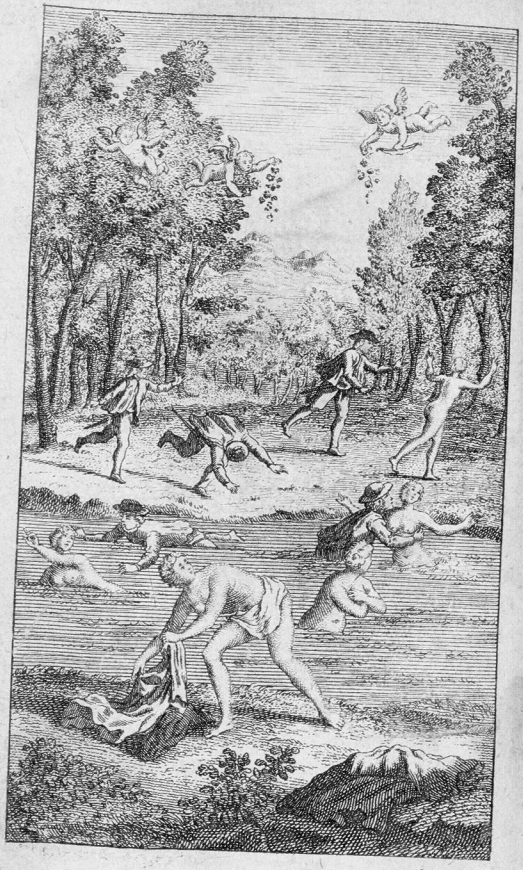
XCVIII.

Este rende munidas fortalezas,
Faz trédores, e falsos os amigos;
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega Capitaens aos inimigos;
Este corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra, ou fama algũs perigos;
Este deprava ás vezes as sciencias,
Os juizos cegando, e as consciencias.

XCIX.

Este interpreta mais, que subtilmente,
Os textos; este faz, e desfaz leis;
Este causa os prejurios entre a gente,
E mil vezes tirannos torna os Reis:
Até os que só a Deos Omnipotente
Se dedicaõ, mil vezes ouvireis,
Que corrompe este encantador, e illude,
Mas naõ sem côr com tudo de virtude.





canto 9

CANTO IX.

ARGUMENTO.

Parte de Calecut o Luſitano
Com as alegres novas do Oriente:
E no meio do tumido Oceano
Venus lhe moſtra huma Inſula excellente:
Aqui de todo bem ſoffrido damno,
Acha repouſo aſſaz conveniente,
E com Ninfas gentis o mais do dia
Em feſtas paſſa, e jogos de alegria.

I.

TIveraõ longamente na Cidade, (res
Sem vender-ſe a fazẽda, os dous feito-
Que os infieis por manha, e falſidade,
Fazem, que naõ lha comprem mercadores:
Que todo ſeu propoſito, e vontade
Era deter alli os deſcubridores
Da India, tanto tempo, que vieſſem
De Meca as naos, que as ſuas desfizeſſem.

Lá

II.

Lá no ſeio Eritreo, onde fundada
Arſinoe foi do Egypcio Ptolomeu,
Do nome da irmãa ſua aſſi chamada,
Que depois em Suez ſe converteu:
Naõ longe o porto jaz da nomeada
Cidade Meca, que ſe engrandeceu
Com a ſuperſtiçaõ falſa, e profana
Da religioſa agoa Mahometana.

III.

Gidá ſe chama o porto, aonde o trato
De todo o roxo mar mais florecia,
De que tinha proveito grande, e grato
O Soldaõ, que eſſe Reino poſſuía:
Daqui aos Malabares, por contrato
Dos infieis (formoſa companhia
De grandes naos) pelo Indico Oceano
Eſpeciaria vem buſcar cada anno.

IV.

Por eſtas naos os Mouros eſperavaõ;
Que, como foſſem grandes, e poſſantes,
Aquellas, que o cõmercio lhe tomavaõ,
Com flammas abraſaſſem crepitantes:
Neſte ſoccorro tanto confiavaõ,
Que já naõ querem mais dos navegantes,
Senaõ que tanto tempo alli tardaſſem,
Que da famoſa Meca as naos chegaſſem.

Mas

V.

Mas o Governador dos Ceos, e gentes,
(Que, para quanto tem determinado,
De longe os meios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado)
Influío piedosos accidentes
De affeiçaõ em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama avizo,
E merecer por isso o Paraizo.

VI.

Este, de quẽ se os Mouros naõ guardavaõ,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto maquinavaõ,
A tençaõ lhe descobre torpe, e fera:
Muitas vezes as naos, que longe estavaõ,
Visita; e com piedade considera
O damno, e semrazaõ, que se lhe ordena
Pela maligna gente Saracena.

VII.

Informa o cauto Gama das armadas,
Que da Arabica Meca vem cada anno,
Que agora saõ dos seus taõ desejadas
Para ser instrumento deste dano:
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovoens horrendos de Vulcano;
E que póde ser dellas opprimido,
Segundo estava mal apercebido.

O Ga-

VIII.

O Gama, que tambem conſiderava
O tempo, que para a partida o chama,
E que deſpacho já naõ eſperava
Melhor do Rei, que os Mahometanos ama:
Aos feitores, que em terra eſtaõ, mandava
Que ſe tornem ás naos: e porque a fama
Deſta ſubita vinda os naõ impida,
Lhes manda que a fizeſſem eſcondida.

IX.

Porém naõ tardou muito, que voando
Hum rumor naõ ſoaſſe com verdade,
Que foraõ prezos os feitores, quando
Foraõ ſentidos virſe da Cidade:
Eſta fama as orelhas penetrando
Do ſabio Capitaõ, com brevidade
Faz reprezaria nuns, que ás naos vieraõ
A vender pedraria, que trouxeraõ.

X.

Eraõ eſtes antigos mercadores,
Ricos em Calecut, e conhecidos;
Da falta delles, logo entre os melhores
Sentido foi, que eſtaõ no mar retidos:
Mas já nas naos os bons trabalhadores
Volvem o cabreſtante; e repartidos
Pelo trabalho, huns puxaõ pela amarra,
Outros quebraõ c'o peito duro a barra.

Ou-

XI.

Outros pendem da verga, e já desatão
A vella, que com grita se soltava,
Quando com maior grita ao Rei relatão
A pressa, com que a armada se levava:
As mulheres, e filhos, que se matão,
Daquelles, que vaõ prezos, aonde estava
O Samorí, se queixaõ que perdidos
Huns tem os pais, as outras os maridos.

XII.

Manda logo ós feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pezar dos imigos Mahometanos,
Porque lhe torne a sua preza gente:
Disculpas manda o Rei de seus enganos:
Recebe o Capitaõ de melhormente
Os prezos, que as disculpas; e tomando
Alguns negros, se parte, ás vellas dando.

XIII.

Parte-se costa abaixo, porque entende
Que em vaõ c'o Rei gentio trabalhava
Em querer delle paz, a qual pertende
Por tomar o cõmercio, que tratava.
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava;
Com estas novas torna á patria cara,
Certos finaes levando do que achára.

Leva

XIV.

Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorî mandára
Quando os prezos feitores lhe tornou;
Leva pimenta ardente, que comprára:
A seca flor de Banda naõ ficou;
A Noz, e o negro Cravo, que faz clara
A nova Ilha Maluco, c'o a Canella,
Com que Ceilaõ he rica, illuſtre, e bella.

XV.

Iſto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva,
Que, inſpirado de Angelica influencia,
Quer no livro de Chriſto, que ſe eſcreva:
Oh ditoſo Africano, que a clemencia
Divina aſſi tirou de eſcura treva,
E tam longe da patria achou maneira
Para ſubir á patria verdadeira!

XVI.

Apartadas aſſi da ardente coſta
As venturoſas naos, levando a proa
Para onde a natureza tinha póſta
A meta Auſtrina da Eſperança boa:
Levando alegres novas, e repoſta
Da parte Oriental para Lisboa,
Outra vez comettendo os duros medos
Do mar incerto, timidos, e ledos.

O pra-

XVII.

O prazer de chegar á patria cara,
A ſeus penates caros, e parentes,
Para contar a peregrina, e rara
Navegaçaõ, os varios Ceos, e gentes:
Vir a lograr o premio, que ganhára
Por taõ longos trabalhos, e accidentes,
Cada hum o tem por goſto taõ perfeito,
Que o coraçaõ para elle he vaſo eſtreito.

XVIII.

Porém a Deoſa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Luſitanos,
Do Padre Eterno, e por bom genio dada,
Que ſempre os guia já de longos annos:
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfaçaõ de bem ſoffridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares triſtes alegria.

XIX.

Depois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegáraõ;
Os trabalhos, que pelo Deos naſcido,
Nas Anfioneas Thebas ſe cauſáraõ:
Já trazia de longe no ſentido,
Para premio de quanto mal paſſáraõ,
Buſcar-lhe algum deleite, algum deſcanço
No Reino de criſtal liquido, e manço.

Algum

XX.

Algum repouſo em fim, com que pudeſſe
Refucilar a laſſa humanidade
Dos navegantes ſeus, como intereſſe
Do trabalho, que incurta a breve idade:
Parece-lhe razaõ, que conta déſſe
A ſeu filho, por cuja poteſtade
Os Deoſes faz deſcer ao vil terreno,
E os humanos ſubir ao Ceo ſereno.

XXI.

Iſto bem revolvido, determina
De ter-lhe aparelhada lá no meio
Das agoas alguma Inſula divina,
Ornada de eſmaltado, e verde arreio:
Que muitas tem no Reino, que cofina
Da mãi primeira c'o terreno ſeio,
A fóra as que poſſue ſoberanas,
Para dentro das portas Herculanas.

XXII.

Alli quer que as aquaticas donzellas
Eſperem os fortiſſimos varoens,
Todas as que tem titulo de bellas,
Gloria dos olhos, dôr dos coraçoens,
Com danças, e coreas; porque nellas
Influirá ſecretas affeiçoens,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar a quem ſe affeiçoarem.

Tal

XXIII.

Tal manha buſcou já, para que aquelle,
Que de Anchiſes pario, bem recebido
Foſſe no campo, que a bovina pelle
Tomou de eſpaço por ſubtil partido:
Seu filho vai buſcar, porque ſõ nelle
Tem todo ſeu poder (fero Cupido)
Que aſſi como naquella empreza antiga
A ajudou já, neſtoutra a ajude, e ſiga.

XXIV.

No carro junta as aves, que na vida
Vaõ da morte as exequias celebrando,
E aquellas, em que já foi convertida
Periſtera, as boninas apanhando:
Em derredor da Deoſa já partida,
No ar laſcivos beijos ſe vaõ dando;
Ella, por onde paſſa, o ar, e vento
Sereno faz, com brando movimento.

XXV.

Já lá ſobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frécheiro eſtava entaõ,
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer huma famoſa expediçaõ,
Contra o mundo rebelde, porque entende
Erros grandes, que ha dias nelle eſtaõ,
Amando couſas, que nos foraõ dadas,
Naõ para ſer amadas, mas uſadas.

Via

XXVI.

Via Acteon na caça taõ auſtero,
De cego na alegria bruta, inſana,
Que, por ſeguir hum feo animal fero,
Foge da gente, e bella fórma humana:
E por caſtigo quer doce, e ſevero,
Moſtrar-lhe a fermoſura de Diana,
E guarde-ſe naõ ſeja inda comido
Deſſes caens, que agora ama, e conſumido.

XXVII.

E vê do mundo todo os principaes,
Que nenhum no bem publico imagina;
Vê nelles que naõ tem amor a mais,
Que a ſi fómente, e a quem Filaucia enſina:
Vê, que eſſes, que frequentaõ os Reaes
Paços, por verdadeira, e ſáa doctrina,
Vendem adulaçaõ; que mal conſente
Mondar-ſe o novo trigo florecente.

XXVIII.

Vê que aquelles, que devem á pobreza
Amor divino, e ao povo caridade,
Amaõ fómente mandos, e riqueza,
Simulando juſtiça, e integridade:
Da fea tyrannia, e da aſpereza
Fazem direito, e váa ſeveridade;
Leis em favor do Rei ſe eſtabelecem,
As em favor do povo ſó perecem.

Vê

XXIX.

Vê em fim, que ninguem ama o que deve,
Senaõ o que sómente mal deseja:
Naõ quer que tanto tempo se releve
O castigo, que duro, e justo seja:
Seus ministros ajunta, porque leve
Exercitos conformes á peleja,
Que espera ter c'o a mal regida gente,
Que lhe naõ for agora obediente.

XXX.

Muitos destes mininos voadores
Hiaõ em varias obras trabalhando,
Huns amolando ferros passadores,
Outros asteas de ferro adelgaçando:
Trabalhando, cantando vaõ de amores
Varios casos em verso modulando,
Melodía sonora, e concertada,
Suave a letra, angelica a toada.

XXXI.

Nas fragoas immortaes, onde forjavaõ
Para as settas as pontas penetrantes,
Por lenha, coraçoens ardendo estavaõ,
Vivas entranhas inda palpitantes:
As agoas, onde os ferros temperavaõ,
Lagrimas saõ de miseros amantes;
A viva flama, o nunca morto lume,
Desejo he só, que queima, e naõ consume.

Alguns

XXXII.

Alguns exercitando a maõ andavaõ
Nos duros coraçoens da plebe dura,
Crebros ſuſpiros pelo ar ſoavaõ
Dos que feridos vaõ da ſetta aguda:
Fermoſas Ninfas ſaõ as que curavaõ
As chagas recebidas, cuja ajuda
Naõ ſómente dá vida aos mal feridos,
Mas poem em vida os inda naõ naſcidos.

XXXIII.

Fermoſas ſaõ algumas, e outras feas,
Segundo a qualidade for das chagas;
Que o veneno eſpalhado pelas veas
Curaõ-no ás vezes aſperas triagas:
Alguns ficaõ ligados em cadêas
Por palavras ſubtis de ſabias Magas;
Iſto acontece ás vezes, quando as ſettas
Acertaõ de levar ervas ſecretas.

XXXIV.

Deſtes tiros aſſi deſordenados,
Que eſtes moços mal deſtros vaõ tirando,
Nacem amores mil deſconcertados
Entre o povo ferido miſerando:
E tambem nos heroes de altos eſtados
Exemplos mil ſe vem de amor nefando,
Qual o das moças Bibli, e Cyniréa,
Hum mancebo de Aſſiria, hum de Judéa.

E vós,

XXXV.

E vós, oh poderosos, por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes;
E por baixos, e rudes vós, senhoras,
Tambem vos tomaõ nas Vulcaneas redes:
Huns esperando andais nocturnas horas,
Outros subís telhados, e paredes:
Mas eu creio, que deste amor indino
He mais culpa a da mãi, que a do minino.

XXXVI.

Mas já no verde prado o carro leve
Punhaõ os brancos Cisnes mançamente,
E Dióne, que as rosas entre a neve
No rosto traz, decia diligente:
O frécheiro, que contra o Ceo se atreve,
A recebela vem ledo, e contente;
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a maõ á Deosa dos amores.

XXXVII.

Ella, porque naõ gaste o tempo em vaõ,
Nos braços tendo o filho, confiada
Lhe diz: Amado filho, em cuja maõ
Toda minha potencia está fundada;
Filho, em quẽ minhas forças sempre staõ;
Tu, que as armas Tifeas tens em nada,
A soccorrerme á tua potestade
Me traz especial necessidade.

Bem

XXXVIII.

Bem vês as Lusitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei minhas amigas,
Que me haõ de venerar, e ter em preço:
E porque tanto imitaõ as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhes dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX.

E porque das insidias do odioso
Bacco foraõ na India molestados,
E das injurias sós do mar undoso
Puderaõ ser mais mortos, que cançados:
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejaõ repousados,
Tomando aquelle premio, e doce gloria
Do trabalho, que faz clara a memoria.

XL.

E para isso queria, que feridas
As filhas de Neréo, no ponto fundo,
Do amor dos Lusitanos encendidas,
Que vem de descubrir o novo mundo;
Todas n'uma Ilha juntas, e subidas,
Ilha, que nas entranhas do profundo
Oceano terei aparelhada,
De doens de Flora, e Zefiro adornada;

Alli

XLI.

Alli com mil refreſcos, e manjares,
Com vinhos odoriferos, e roſas,
Em criſtalinos paços ſingulares,
Fermoſos leitos, e ellas mais fermoſas:
Em fim com mil deleites naõ vulgares
Os eſperem as Ninfas amoroſas,
De amor feridas, para lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cobiçarem.

XLII.

Quero que haja no Reino Neptunino,
Onde eu naſci, progenie forte, e bella,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia ſe rebela:
Porque entendaõ, que muro adamantino,
Nem triſte hypocriſia val contra ella,
Mal haverá na terra quem ſe guarde,
Se teu fogo immortal nas agoas arde.

XLIII.

Aſſi Venus propoz, e o filho iniquo,
Para lhe obedecer, já ſe apercebe:
Manda trazer o arco eburneo rico,
Onde as ſettas de pontas de ouro embebe:
Com geſto ledo a Cypria, e impudico,
Dentro no carro o filho ſeu recebe,
A redea larga ás aves, cujo canto
A Faetontea morte chorou tanto.

Mas

XLIV.

Mas, diz Cupido, que era neceſſaria
Huma fermoſa, e celebre terceira,
Que, poſto que mil vezes lhe he contraria,
Outras muitas a tem por companheira:
A Deoſa Gigantea temeraria,
Jactante, mentiroſa, e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde voa,
O que vê com mil bocas apregoa.

XLV.

Vaõ-na buſcar, e mandaõ-na diante,
Que celebrando vá com tuba clara
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os doutrem celebrára:
Já murmurando a fama penetrante
Pelas fundas cavernas ſe eſpalhára,
Falla verdade, havida por verdade,
Que junto á Deoſa traz credulidade.

XLVI.

O louvor grande, o rumor excellente,
No coraçaõ dos Deoſes, que indinados
Foraõ por Bacco contra a illuſtre gente,
Mudando os fez hum pouco affeiçoados:
O peito feminil, que levemente
Muda quaisquer propoſitos tomados,
Já julga por mao zelo, e por crueza
Deſejar mal a tanta fortaleza

Deſ-

XLVII.

Despede nisto o fero moço as settas,
Huma apoz outra, geme o mar c'os tiros,
Direitas pelas ondas inquietas
Algumas vaõ, e algumas fazem giros:
Caem as Ninfas, lançaõ das secretas
Entranhas ardentissimos suspiros,
Cae qualquer, sem ver o vulto, que ama:
Que tanto como a vista póde a fama.

XLVIII.

Os cornos ajuntou da eburnea lua,
Com força o moço indomito excessiva,
Que Thetis quer ferir mais que nenhuma,
Porque mais que nenhuma lhe era esquiva:
Já naõ fica na aljava setta alguma,
Nem nos equoreos campos Ninfa viva;
E se feridas inda estaõ vivendo,
Será para sentir que vaõ morrendo.

XLIX.

Dai lugar altas, e ceruleas ondas,
Que vedes Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas vellas, e redondas,
Que vem por cima da agoa Neptunina:
Para que tu reciproco respondas,
Ardente amor, á flama feminina,
He forçado, que a pudicia honesta
Faça quanto lhe Venus admoesta.

L.

Já todo o bello coro ſe aparelha
Das Nereidas, e junto caminhava
Em coreas gentîs, uſança velha,
Para a Ilha, a que Venus as guiava:
Alli a formoſa Deoſa lhe aconſelha
O que ella fez mil vezes, quando amava:
Ellas, que vaõ do doce amor vencidas,
Eſtaõ a ſeu conſelho offerecidas.

LI.

Cortando vaõ as naos a larga via
Do mar ingente, para a patria amada,
Deſejando prover-ſe de agoa fria,
Para a grande viagem prolongada:
Quando juntas com ſubita alegria
Houveraõ viſta da Ilha namorada.
Rompendo pelo Ceo a mái formoſa
De Mennonio ſuave, e deleitoſa.

LII.

De longe a Ilha viraõ freſca, e bella,
Que Venus pelas ondas lha levava
(Bem como o vento leva branca vella)
Para onde a forte armada ſe enxergava:
Que porque naõ paſſaſſem ſem que nella
Tomaſſem porto, como deſejava,
Para onde as naos navegaõ a movia
A Accidalia, que tudo em fim podia.

Mas

LIII.

Mas firme a fez, e immovel, como vio
Que era dos Nautas viſta, e demandada,
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona a Febo, e a Deoſa á caça uſada:
Pera lá logo a proa o mar abrio,
Onde a coſta fazia huma enſeada
Curva, e quieta, cuja branca arêa
Pintou de ruivas conchas Cytherêa.

LIV.

Tres fermoſos outeiros ſe moſtravaõ
Erguidos com ſoberba gracioſa,
Que de gramineo eſmalte ſe adornavaõ,
Na fermoſa Ilha alegre, e deleitoſa:
Claras fontes, e liquidas manavaõ
Do cume, que a verdura tem viçoſa;
Por entre pedras alvas ſe deriva
A ſonoroza lympha fugitiva.

LV.

N'um valle ameno, que os outeiros fende,
Vinhaõ as claras agoas ajuntar-ſe,
Onde huma meſa fazem, que ſe eſtende
Taõ bella, quanto póde imaginar-ſe:
Arvoredo gentil ſobre ella pende,
Como que prompto eſtá pera enfeitar-ſe,
Vendo-ſe no criſtal reſplandecente,
Que em ſi o eſtá pintando propriamente.

Mil

LVI.

Mil arvores eſtaõ ao Ceo ſubindo
Com pomos odoriferos, e bellos,
A larangeira tem no fruito lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos:
Encoſta-ſe no chaõ, que eſtá cahindo
A cidreira c'os pezos amarellos,
Os fermoſos limoens, alli cheirando,
Eſtaõ virgineas tetas imitando.

LVII.

As arvores agreſtes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
Alamos ſaõ de Alcides, e os Loureiros
Do louro Deos amados, e queridos:
Mirtos de Cytherêa c'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos,
Eſtá apontando o agudo Cypariſo
Para onde he poſto o eterno Paraiſo.

LVIII.

Os doens, que dá Pomóna alli natura
Produze differentes nos ſabores,
Sem ter neceſſidade de cultura,
Que ſem ella ſe daõ muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura,
As amoras, que o nome tem de amores,
O pomo, que da patria Perſia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

Abre

LIX.

Abre a Romãa, moſtrando a rubicunda
Côr, com que tu Rubi teu preço perdes,
Entre os braços do ulmeiro eſtá a jucunda
Vide cũs cachos roxos, e outros verdes:
E vós ſe na voſſa arvore fecunda,
Peras piramidais, víver quizerdes,
Entregaivos ao damno, que c'os bicos
Em vós fazem os paſſaros iniquos.

LX.

Pois a tapeſſaria bella, e fina,
Com que ſe cobre o ruſtico terreno,
Faz ſer a de Achemenia menos digna,
Mas o ſombrio valle mais ameno:
Alli a cabeça a flor Ceſiſia inclina,
Sobolo tanque lucido, e ſereno
Florece o filho, e neto de Cyniras,
Por quem tu, Deoſa Paſia, inda ſuſpiras.

LXI.

Para julgar difficil couſa fora,
No Ceo vendo, e na terra as meſmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou ſe lha daõ a ella as bellas flores:
Pintando eſtava alli Zefiro, e Flora
As violas da côr dos amadores,
O lirio roxo, a freſca roſa bella,
Qual reluze nas faces da donzella.

LXII.

A candida Cecem das matutinas
Lagrimas rociada, e a Manjarona;
Vem-se as letras nas flores Hyacintinas,
Taõ queridas do filho de Latona:
Bem se enxerga nos pomos, e boninas,
Que competia Cloris com Pomona;
Pois se as aves no ar cantando voaõ,
Alegres animais o chaõ povoaõ.

LXIII.

Ao longo da agoa o niveo Cisne canta,
Responde-lhe do ramo Filomella,
Da sombra de seus cornos naõ se espanta,
Acteon n' agoa cristalina, e bella:
Aqui a fugace Lebre se levanta
Da espessa mata, ou timida Gazella,
Alli no bico traz ao caro ninho
O mantimento o leve passarinho.

LXIV.

Nesta frescura tal desembarcavaõ
Já das naos os segundos Argonautas,
Onde pela floresta se deixavaõ
Andar as bellas Deosas, como incautas:
Algumas doces cytharas tocavaõ,
Algumas arpas, e sonoras frautas,
Outras c'os arcos de ouro se fingiaõ
Seguir os animais, que naõ seguiaõ.

Assi

LXV.

Assi lho aconselhara a mestra experta,
Que andassem pelos campos espalhadas;
Que vistas dos varoens a preza incerta,
Se fizessem primeiro dezejadas:
Algumas, que na fórma descuberta
Do bello corpo estavaõ confiadas,
Depostа a artificiosa fermosura,
Núas lavar se deixaõ na agoa pura.

LXVI.

Mas os fortes mancebos, que na praia
Punhaõ os pés da terra cobiçosos,
Que naõ ha nenhum delles, que naõ saia
De acharem caça agreste desejosos:
Naõ cuidaõ que sem laço, ou redes caia,
Caça naquelles montes deleitosos,
Taõ suave domestica, e benigna,
Qual ferida lha tinha já Ericina.

LXVII.

Alguns, que em espingardas, e nas béstas
Para ferir os Cervos se fiavaõ,
Pelos sombrios matos, e floréstas
Determinadamente se lançavaõ:
Outros nas sombras, que das altas séstas
Defendem a verdura, passeavaõ,
Ao longo da agoa, que suave, e queda
Por alvas pedras corre á praia leda.

LXVIII.

Começaõ de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos varias côres,
Côres, de quem a vista julga, e sente,
Que nam eram das rosas, ou das flores:
Mas da lãa fina, e seda differente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.

LXIX.

Dá Veloso espantado hum grande grito:
Senhores, caça estranha, disse, he esta,
Se inda dura o Gentio antigo rito,
A Deosas he sagrada esta floresta:
Mais descubrimos do que humano espirito
Desejou nunca; e bem se manifesta,
Que saõ grandes as cousas, e excellentes,
Que o mũdo encobre aos homẽs imprudẽtes.

LXX.

Sigamos estas Deosas, e vejamos,
Se fantasticas saõ, se verdadeiras.
Isto dito, velozes mais, que gamos,
Se lançaõ a correr pelas ribeiras:
Fugindo as Ninfas vaõ por entre os ramos;
Mas mais industriosas, que ligeiras,
Pouco, e pouco surrindo, e gritos dando,
Se deixaõ ir dos galgos alcançando.

De

LXXI.

De hũa os cabellos de ouro o vento leva
Correndo, e da outra as fraldas delicadas;
Accende-se o desejo, que se ceva
Nas alvas carnes subito mostradas:
Huma de industria cahe, e já releva
Com mostras mais macias, que indignadas,
Que sobre ella empeçando tambem caia
Quem a seguio pela arenosa praia.

LXXII.

Outros por outra parte vaõ topar
Com as Deosas despidas, que se lavaõ.
Ellas começaõ subito a mostrar,
Como que assalto tal naõ esperavaõ:
Humas fingindo menos estimar
A vergonha, que a força, se lançavaõ
Nuas por entre o mato, aos olhos dando
O que ás maõs cobiçosas vaõ negando.

LXXIII.

Outra como acodindo mais depressa
Aa vergonha da Deosa caçadora,
Esconde o corpo n'agoa, outra se apressa
Por tomar os vestidos, que tem fóra:
Tal dos mancebos ha que se arremessa,
Vestido assi, e calçado, que c'o a mora
De se despir ha medo, que inda tarde
A matar na agoa o fogo, que nelle arde.

Qual

LXXIV.

Qual caõ de caçador, ſagaz, e ardido,
Uſado a tomar na agoa ave ferida,
Vendo no roſto o ferreo cano erguido,
Para a Garganha, ou Pata conhecida:
Antes que ſoe o eſtouro, mal ſoffrido
Salta na agoa, e da preza naõ duvida,
Nadando vai, e latindo; aſſi o mancebo
Remete a que naõ era irmãa de Febo.

LXXV.

Leonardo ſoldado bem diſpoſto
Manhoſo cavalleiro, e namorado,
A quem amor naõ déra hum ſó deſgoſto,
Mas ſempre fora delle maltratado:
E tinha já por firme preſupoſto
Ser com amores mal afortunado,
Porém naõ que perdeſſe a eſperança
De inda poder ſeu fado ter mudança.

LXXVI.

Quiz aqui ſua ventura, que corria
Apoz Efire, exemplo de belleza,
Que mais caro, que as outras dar queria,
O que deo para dar-ſe á natureza:
Já canſado correndo lhe dizia:
Oh fermoſura indina de aſpereza,
Pois deſta vida te concedo a palma,
Eſpera hum corpo de quem levas a alma.

Todas

LXXVII.

Todas de correr cançaõ, Ninfa pura,
Rendendo-se á vontade do inimigo;
Tu só de mi só foges na espessura;
Quem te disse, que eu era o que te sigo?
Se to tem dito já aquella ventura,
Que em toda parte sempre anda comigo,
Oh naõ na creas, porque eu quando a cria,
Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII.

Naõ cances, que me canças; e se queres
Fugirme, porque naõ possa tocarte,
Minha ventura he tal, que, inda que esperes,
Ella fará que naõ possa alcançarte:
Espera, quero ver se tu quizeres,
Que subtil modo buscas de escaparte,
E notarás no fim deste succesſo,
Tra la spica e la man, qual muro é messo.

LXXIX.

Oh naõ me fujas! assim que nunca o (breve
Tempo fuja de tua fermosura,
Que só com refrear o passo leve
Vencerás da fortuna a força dura:
Que Imperador, que exercito se atreve
A quebrantar a furia da ventura,
Que em quanto desejei me vai seguindo,
O que tu só farás naõ me fugindo?

Poemste

LXXX.

Poemſte da patte da desdita minha,
Fraqueza he dar ajuda ao mais potente;
Levaſme hum coraçaõ, que livre tinha,
Solta-mo, e correras mais levemente:
Naõ te carrega eſſa alma taõ meſquinha,
Que neſſes fios de ouro reluzente
Atada levas, ou depois de preza
Lhe mudaſte a ventura, e menos peza?

LXXXI.

Neſta eſperança ſó te vou ſeguindo,
Que, ou tu naõ ſoffreras o pezo della,
Ou na virtude de teu geſto lindo
Lhe mudarás a triſte; e dura eſtrella:
E ſe ſe lhe mudar, naõ vás fugindo;
Que amor te ferirá, gentil donzella:
E tu me eſperarás, ſe amor te fere:
E ſe me eſperas, naõ ha mais que eſpere.

LXXXII.

Já naõ fugia a bella Ninfa tanto,
Por ſe dar cara ao triſte que a ſeguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas magoas, que dizia:
Volvendo o roſto já ſereno, e ſanto,
Toda banhada em riſo, e alegria,
Cahir ſe deixa aos pés do vencedor,
Que todo ſe desfaz em puro amor.

Oh que

LXXXIII.

Oh que famintos beijos na floreſta,
E que mimoſo choro, que ſoava!
Que afagos taõ ſuaves, que ira honeſta,
Que em riſinhos alegres ſe tornava!
O que mais paſſaõ na menhãa, e na ſeſta,
Que Venus com prazeres inflamava,
Melhor he experimentallo, que julgallo;
Mas julgueo quem naõ póde experimẽtallo.

LXXXIV.

Deſta arte em fim conforme já as fermoſas
Ninfas c'os ſeus amados navegantes,
Os ornaõ de capellas deleitoſas,
De louro, e de ouro, e flores abundantes:
As maõs alvas lhes davaõ como eſpoſas;
Com palavras formais, e eſtipulantes
Se promettem eterna companhia,
Em vida, e morte de honra, e alegria.

LXXXV.

Huma dellas maior, a quem ſe humilha
Todo o coro das Ninfas, e obedece,
Que dizem ſer de Celeo, e Veſta filha,
O que no geſto bello ſe parece:
Enchendo a terra, e o mar de maravilha,
O Capitaõ illuſtre, que o merece,
Recebe alli com pompa honeſta, e regia,
Moſtrando-ſe ſenhora grande, e egregia.

Que

LXXXVI.

Que depois de lhe ter dito quem era,
Com alto exordio de alta graça ornado,
Dando-lhe a entender, que alli viera
Por alta influiçaõ do immobil fado:
Para lhe deſcubrir da unida eſfera,
Da terra immenſa, e mar naõ navegado,
Os ſegredos por alta profecia,
O que eſta ſua naçaõ ſó merecia.

LXXXVII.

Tomando-o pela maõ, o leva, e guia
Para o cume dum monte alto, e divino,
No qual huma rica fabrica ſe erguia
De criſtal toda, e de ouro puro, e fino:
A maior parte aqui paſſaõ do dia
Em doces jogos, e em prazer contino,
Ella nos paços logra ſeus amores,
As outras pelas ſombra entre as flores.

LXXXVIII.

Aſſi a fermoſa, e forte companhia
O dia quaſi todo eſtaõ paſſando,
Numa alma, doce, e incognita alegria,
Os trabalhos tam longos compenſando:
Porque dos feitos grandes, da ouſadia
Forte, e famoſa, o mundo eſtá guardando
O premio lá no fim bem merecido,
Com fama grande, nome alto, e ſubido.

Que

LXXXIX.

Que as Ninfas do Oceano tam fermoſas,
Thetis, e a Ilha angelica pintada,
Outra couſa naõ he, que as deleitoſas
Honras, que a vida fazem ſublimada:
Aquellas preminencias glorioſas,
Os triunfos, a fronte coroada
De Palma, e Louro, a gloria, e maravilha,
Eſtes ſaõ os deleites deſta Ilha.

XC.

Que as immortalidades, que fingia
A antiguidade, que os illuſtres ama,
Lá no eſtellante Olimpo, a que ſubia
Bem ſobre as azas inclitas da fama:
Por obras valeroſas, que fazia,
Pelo trabalho immenſo, que ſe chama
Caminho da virtude alto, e fragoſo,
Mas no fim doce, alegre, e deleitoſo.

XCI.

Naõ eraõ ſenaõ premios, que reparte
Por feitos immortaes, e ſoberanos,
O mundo c'os varoens, que esforço, e arte,
Divinos os fizeraõ, ſendo humanos:
Que Jupiter, Mercurio, Febo, e Marte,
Eneas, e Quirino, e os dous Thebanos,
Ceres, Pallas, e Juno com Diana,
Todos foraõ de fraca carne humana.

Mas

XCII.

Mas a fama, trombeta de obras taes,
Lhes deu no mundo nomes taõ eſtranhos
De Deoſes, Semideoſes immortais,
Indigetes, Heroicos, e de Magnos:
Por iſſo, oh vós, que as famas eſtimais,
Se quizerdes no mundo ſer tamanhos,
Deſpertai já do ſono do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz eſcravo.

XCIII.

E ponde na cobiça hum freo duro,
E na ambiçaõ tambem, que indinamente
Tomais mil vezes, e no torpe, e eſcuro
Vicio da tyrannia, infame, e urgente:
Porque eſtas honras vans, eſſe ouro puro,
Verdadeiro valor naõ daõ á gente;
Melhor he merecellos ſem os ter,
Que poſſuillos ſem os merecer.

XCIV.

Ou dai na paz as leis iguaes, conſtantes,
Que aos grandes naõ dem o dos pequenos,
Ou vos veſti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
Fareis os Reinos grandes, e poſſantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos,
Poſſuireis riquezas merecidas
Com as honras, que illuſtraõ tanto ás vidas.

E fareis

LCV.

E fareis claro o Rei, que tanto amaes,
Agora c'os conselhos bem cuidados,
Agora c'o as espadas, que immortaes
Vos faraõ, como os vossos já passados:
Impossibilidades naõ façaes,
Que quem quiz sempre póde, e numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta Ilha de Venus recebidos.

CANTO X.

ARGUMENTO.

As meſas de vivificos manjares,
Com as Ninfas os Luſos valeroſos,
Ouvem de ſeus vindouros ſingulares
Façanhas, em acentos numeroſos:
Moſtra lhe Thetis tudo quanto os mares,
E quanto os Ceos rodeam luminoſos,
A pequeno volume reduzido;
E torna a frota ao Tejo tam querido.

I.

MAs já o claro amador da Lariſſea
Adultera inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodea
Temiſtitam nos fins Occidentaes:
O grande ardor do Sol Favonio enfrea
C'o ſopro, que nos tanques naturaes
Encreſpa agoa ſerena, e deſpertava
Os Lirios, e Jaſmins, que a calma agrava.

Quan-



canto 10

II.

Quando as fermoſas Ninfas c'os amantes
Pela maõ já conformes, e contentes
Subiaõ para os paços radiantes,
E de metais ornados reluzentes:
Mandados da Rainha, que abundantes
Meſas, de altos manjares excellentes,
Lhes tinha aparelhado, que a fraqueza
Reſtaurem da canſada natureza.

III.

Alli em cadeiras ricas criſtalinas
Se aſſentaõ dous, e dous, amante, e dama;
Noutras á cabeceira de ouro finas,
Eſtá c'o a bella Deoſa o claro Gama:
De iguarias ſuaves, e divinas,
A quem naõ chega a Egipcia antiga Fama,
Se acumulaõ os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico theſouro.

IV.

Os vinhos odoriferos, que acima
Eſtaõ naõ ſó do Italico Falerno,
Mas da Ambroſia, que Jove tanto eſtima
Com todo o ajuntamento ſempiterno:
Nos vaſos, onde em vaõ trabalha á lima,
Creſpas eſcumas erguem, que no interno
Coraçaõ movem ſubita alegria,
Saltando c'o a miſtura d'agoa fria.

Mil

V.

Mil praticas alegres se tocavaõ,
Rizos doces, subtis, e argutos ditos,
Que entre hum, e outro manjar se levanta-
Despertando os alegres apetitos: (vaõ,
Musicos instrumentos naõ faltavaõ,
Quaes no profundo Reino os nús espritos
Fizeraõ descançar da eterna pena
Cuma voz d' huma angelica Syrena.

VI.

Cantava a bella Ninfa, e c'os acentos,
Que pelos altos paços vaõ soando,
Em consonancia igual os instrumentos
Suaves vem a hum tempo conformando:
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As agoas, e nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.

VII.

Com doce voz está subindo ao Ceo
Altos varoens, que estaõ por vir ao mundo,
Cujas claras idéas vio Protheo
N'um globo vaõ, diafano, e rotundo:
Que Jupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, e depois no Reino fundo,
Vaticinando o disse, e na memoria
Recolheo logo a Ninfa a clara historia.

Materia

VIII.

Materia he de Coturno, e naõ de Soco,
A que a Ninfa aprendeo no immenſo lago
Qual Yópas naõ ſoube, ou Demodóco,
Entre os Feáces hum, outro em Cartago:
Aqui minha Calliope te incovo
Neſte trabalho extremo, porque em pago
Me tornes, do q̃ eſcrevo, e em vaõ pretendo
O goſto de eſcrever, que vou perdendo.

IX.

Vaõ os annos decendo, e já do Eſtio
Ha pouco, que paſſar até o Outono:
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já naõ me jacto, nem me abono:
Os deſgoſtos me vaõ levando ao rio
Do negro eſquecimento, e eterno ſono;
Mas tu me dá que cumpra, oh graõ Rainha
Das muſas, c'o que quero á naçaõ minha.

X.

Cantava a bella Deoſa, que viriaõ
Do Tejo pelo mar, que o Gama abrira,
Armadas; que as ribeiras venceriaõ,
Por onde o Oceano Indico ſuſpira:
E que os Gentios Reis, que naõ dariaõ
A cerviz ſua ao jugo, o ferro, e íra,
Provariaõ do braço duro, e forte,
Até render-ſe a elle, ou logo á morte.

Can-

XI.

Cantava de hum, que tem nos Malabares
Do ſummo ſacerdocio a dinidade,
Que ſó por naõ quebrar c'os ſingulares
Varoẽs os nós, que déra de amizade:
Soffrerá ſuas cidades, e lugares
Com ferro, incendios, ira, e crueldade
Ver deſtruir do Samorí potente,
Que tais odios terá c'o a nova gente.

XII.

E canta como lá ſe embarcaria
Em Belem o remedio deſte dano,
Sem ſaber o que em ſi ao mar traria
O graõ Pacheco, Achiles Luſitano:
O pezo ſentiráõ, quando entraria
O curvo lenho em o fervido Oceano,
Quando mais n'agoa os troncos, q̃ gemerem
Contra a ſua natureza ſe metterem.

XIII.

Mas já chegado aos fins Orientaes,
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim, com poucos naturais,
Nos braços do ſalgado, e curvo rio:
Desbaratará os Naires infernais,
No paſſo Cambalaõ, tornando frio
D'eſpanto o ardor immenſo do Oriente,
Que verá tanto obrar tam pouca gente.

Cha-

XIV.

Chamará o Samorí mais gente nova,
Viráõ Reis de Bipúr, e de Tanor,
Das ſerras de Narſinga, que alta próva
Eſtaráõ promettendo a ſeu ſenhor:
Fará que todo o Naire em fim ſe mova,
Que entre Calecut jaz, e Cananor,
Dambas as leis imigas, para a guerra,
Mouros por mar, Gentios pela terra.

XV.

E todos outra vez desbaratando
Por terra, e mar o graõ Pacheco ouſado,
A grande multidaõ, que irá matando,
A todo o Malavar terá admirado:
Cometterá outra vez naõ dilatando
O Gentio os combates apreſſado,
Injuriando os ſeus, fazendo votos
Em vaõ aos Deoſes vaõs, ſurdos, e immotos.

XVI.

Já naõ defenderá ſómente os paſſos,
Mas queimar-lhe-ha lugares, templos, caſas,
Accezo de ira o Caõ, naõ vendo laſſos
Aquelles, que as cidades fazem razas:
Fará, que os ſeus de vida pouco eſcaſſos
Comettaõ o Pacheco, que tem azas,
Por dous paſſos n'um tempo, mas voando,
D' hum noutro, tudo irá desbaratando.

Virá

XVII.

Virá alli o Samorí porque em peſſoa
Veja a batalha, e os ſeus eſforce, e anime;
Mas hum tiro, que com zonido voa,
De ſangue o tingirá no andor ſublime:
Já naõ verá remedio, ou manha boa,
Nem força, que o Pacheco muito eſtime;
Inventará traiçoens, e vaõs venenos,
Mas ſempre, o Ceo querendo, fará menos.

XVIII.

Que tornará a vez ſeptima, cantava,
Pelejar c'o invicto, e forte Luſo,
A quem nenhum trabalho peza, e aggrava,
Mas com tudo, eſte ſó o fará confuſo:
Trará para a batalha horrenda, e brava
Maquinas de madeiros fóra de uſo,
Para lhe abalroar as Caravellas,
Que atélli vaõ lhe fora cometellas.

XIX.

Pela agoa levara ſerras de fogo,
Para abrazar-lhe quanta armada tenha;
Mas a militar arte, e engenho, logo
Fará ſer váa a braveza com que venha
Nenhum claro varaõ no Marcio jogo
(Que nas azas da Fama ſe ſoſtenha)
Chega a eſte, que a palma a todos tóma,
E perdoe-me a illuſtre Grecia, ou Roma.

Por-

XX.

Porque tantas batalhas ſuſtentadas
Com muito pouco mais de cem ſoldados,
Com tantas manhas, e artes inventadas,
Tantos Cães naõ imbelles profligados,
Ou pareceráõ fabulas ſonhadas,
Ou que os celeſtes Córos invocados
Deceráõ a ajudallo, e lhe daráõ
Eſforço, força, ardil, e coraçaõ.

XXI.

Aquelle, que nos campos Maratonios
O graõ poder de Dario eſtrue, e rende:
Ou quem com quatro mil Lacedemonios
O paſſo de Termopilas defende:
Nem o mancebo Cocles dos Auſonios,
Que com todo o poder Tuſco contende
Em defenſa da ponte, ou quinto Fabio,
Foi como eſte na guerra, forte, e ſabio.

XXII.

Mas neſte paſſo a Ninfa o ſom canoro
Abaixando, fez ronco, e entriſtecido,
Cantando em baixa voz envolta em choro,
Oh grande eſforço mal agradecido!
Oh Beliſario, diſſe, que no coro
Das Muſas ſerás ſempre engrandecido,
Se em ti viſte abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem pódes conſolarte.

Aqui

XXIII.

Aqui tens companheiro assi nos feitos,
Como no galardaõ, injusto, e duro;
Em ti, e nelle veremos altos peitos
A baixo estado vir humilde, e escuro:
Morrer nos hospitais em pobres leitos,
Os que ao Rei, e á lei servem de muro:
Isto fazem os Reis, cuja vontade
Manda mais, que a justiça, e que a verdade.

XXIV.

Isto fazem os Reis, quando embebidos
N'ũa aparencia branda, que os contenta,
Daõ os premios de Ayace merecidos
Aa lingua vam de Ulysses fraudulenta:
Mas vingo-me, que os bens mal repartidos
Por quem sós doces sombras apresenta,
Se naõ os daõ a sabios Cavalleiros,
Dam-nos logo a avarentos lisongeiros.

XXV.

Mas tu, de quem ficou tam mal pagado
Hum tal vassallo, oh Rei, só nisto iniquo,
Se naõ és para dar-lhe honroso estado,
He elle para dar-te hum Reino rico:
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apollineos raios, eu te fico,
Que elle seja entre a gente illustre, e claro,
E tu nisto culpado por avaro.

Mas

XXVI.

Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome Real, e traz consigo
O filho, que no mar será illustrado
Tanto como qualquer Romano antigo:
Ambos daraõ com braço forte armado
Aa Quiloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rei leal, e humano,
Deitado fóra o perfido tyranno.

XXVII.

Tambem faraõ Mombaça, que se arrea
De casas sumptuosas, e edificios,
C'o ferro, e fogo seu, queimada, e fea,
Em pago dos passados maleficios:
Depois na costa da India, andando chea,
De lenhos inimigos, e artificios,
Contra os Lusos com vellas, e com remos,
O mancebo Lourenço fará estremos.

XXVIII.

Das grandes naos do Samorí potente,
Que encheraõ todo o mar com ferrea pella,
Que sae como trovaõ do cobre ardente,
Fará pedaços leme, masto, e vella:
Depois lançando arpéos ousadamente
Na Capitania imiga, dentro nella
Saltando, a fará só com lança, e espada,
De quatrocentos Mouros despejada.

Mas

XXIX.

Mas de Deos a escondida providencia,
Que elle só sabe o bem, de que se serve,
O porá onde esforço, nem prudencia
Poderá haver, que a vida lhe reserve:
Em Chaul, onde em sangue, e resistencia
O mar todo com fogo, e ferro ferve,
Lhe faraõ, que com vida se naõ saia,
As armadas de Egypto, e de Cambaia.

XXX.

Alli o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos, que faltáraõ, e os perigos
Do mar, que sobejáraõ, tudo offende;
Aqui resurjam todos os antigos,
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende;
Outro Sceva veraõ, que espedaçado
Naõ sabe ser rendido, nem domado.

XXXI.

Com toda hũa coxa fóra, que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro, que passara,
Se serve inda dos animosos braços,
E do gram coraçaõ, que lhe ficára;
Até que outro pilouro quebra os laços,
Com que com a alma o corpo se liára,
Ella solta voou da prizaõ fóra,
Onde subito se acha vencedora.

Vaite

XXXII.

Vaite alma em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceſte paz ſerena;
Que o corpo, que em pedaços ſe apreſenta,
Quem o gerou, vingança já lhe ordena:
Que eu ouço retumbar a gram tormenta,
Que vem já dar a dura, e eterna pena,
De Eſperás, Baſiliſcos, e Trabucos,
A Cambaicos erueis, e a Mamelucos.

XXXIII.

Eis vem o pai com animo eſtupendo,
Trazendo furia, e magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe eſtá movendo
Fogo no coraçaõ, agoa nos olhos:
A nobre ira lhe vinha promettendo,
Que o ſangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas naos; ſentilo-ha o Nilo,
Podelo-ha o Indo ver, e o Gange ouvilo.

XXXIV.

Qual o Touro cioſo, que ſe enſaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco de hum carvalho, ou alta faia,
E o ar ferindo, as forças exprimenta:
Tal, antes que no ſeio de Cambaia
Entre Franciſco irado, na opulenta
Cidade de Dabul, a eſpada afia,
Abaixando-lhe a tumida ouſadia.

XXXV.

E logo entrando fero na enſeada
De Dio, illuſtre em cercos, e batalhas,
Fará eſpalhar a fraca, e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas:
A de Melique Yaz acautelada,
C'os pelouros, que tu Vulcano eſpalhas,
Fará ir ver o frio, e fundo aſſento,
Secreto leito do humido elemento.

XXXVI.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando
A furia eſperará dos vingadores,
Verá braços, e pernas ir nadando,
Sem córpos, pelo mar, de ſeus ſenhores;
Raios de fogo iraõ repreſentando,
No cego ardor, os bravos domadores,
Quanto alli ſentiráõ olhos, e ouvidos,
He fumo, ferro, flamas, e alaridos.

XXXVII.

Mas ah! que deſta proſpera victoria,
Com que depois virá ao patrio Tejo,
Quaſi lhe roubará a fama, e gloria
Hum ſucceſſo, que triſte, e negro vejo;
O Cabo Tormentorio, que a memoria
C'os oſſos guardará, naõ terá pejo
De tirar deſte mundo aquelle eſprito,
Que naõ tiraraõ toda a India, e Egyto.

Alli

XXXVIII.

Alli Cafres ſalvagens poderão
O que déſtros imigos naõ pudérão;
E rudes paos toſtados ſó farão
O que arcos, e pelouros naõ fizerão:
Occultos os juizos de Deos ſaõ,
A's gentes vãs, que naõ nos entenderaõ,
Chamaõ-lhe Fado mao, Fortuna eſcura,
Sendo ſó providencia de Deos pura.

XXXIX.

Mas oh que luz tamanha, que abrir ſinto,
(Dizia a Ninfa, e a voz alevantava)
Lá no mar de Melinde em ſangue tinto,
Das Cidades de Lamo, de Oja, e Brava:
Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
Será ſeu nome em todo o mar, que lava
As Ilhas do Auſtro, e praias, que ſe chamaõ
De S. Lourenço, e em todo o Sul ſe afamaõ.

XL.

Eſta luz he do fogo, e das luzentes
Armas, com q̃ Albuquerque irá amanſando
De Ormuz os Parſeos, por ſeu mal valentes,
Que refuſaõ o jugo honoroſo, e brando.
Alli veraõ as ſettas eſtridentes
Reciprocarſe, as pontas no ar virando
Contra quem as tirou, que Deos peleja
Por quem eſtende a Fé da Madre Igreja.

XLI.

Alli do sal os montes naõ defendem
De corrupçaõ os corpos no combate,
Que mortos pela praia, e mar se estendem
De Gerum, de Mazcate, e Calaiate:
Até que a força só do braço aprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigaçaõ de dar o Reino iniquo
Das perlas de Bárem tributo rico.

XLII.

Que glorioſas palmas tecer vejo;
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra van de medo, ou pejo
Toma a Ilha illustrissima de Goa:
Depois obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e occasiaõ espera boa,
Com q̃ a torne a tomar, que esforço; e arte
Venceráõ a Fortuna, e o proprio Marte.

XLIII.

Eis já sobrella torna, e vai rompendo
Por muros, fogo, lanças, e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso, e horrendo
Esquadraõ de Gentios, e de Mouros:
Iráõ soldados inclitos fazendo
Mais que Leoens famelicos, e Touros,
Na luz, que sempre celebrada, e dina
Será de Egicia Santa Catharina.

Nem

XLIV.

Nem tu menos fugir ſpoderás deſte,
Poſto que rica, e poſto que aſſentada
Lá no gremio da Aurora, onde naceſte,
Opulenta Malaca nomeada:
As ſettas venenoſas, que fizeſte,
Os Criſes, com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jaos valentes,
Todos farás ao Luſo obedientes.

XLV.

Mais eſtanças cantara eſta Sirena
Em louvor do illuſtriſſimo Albuquerque;
Mas lembrou-lhe hũa ira, que o condena,
Poſto que a fama ſua o mundo cerque:
O grande Capitaõ, que o Fado ordena,
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ſer hum brando companheiro
Para os ſeus, que juiz cruel, e inteiro.

LXVI.

Mas em tempo, que fomes, e aſperezas,
Doenças, frechas, e trovoens ardentes,
A ſazaõ, e o lugar fazem cruezas
Nos ſoldados a tudo obedientes:
Parece de ſelvaticas brutezas,
De peitos inhumanos, e inſolentes,
Dar extremo ſuplicio pela culpa,
Que a fraca humanidade, e amor deſculpa.

Naõ

XLVII.

Naõ era a culpa abominoſo inceſto,
Nem violento eſtupro em virgem pura,
Nem menos adulterio deſoneſto,
Mas cũa eſcrava vil, laſciva, e eſcura:
Se o peito, ou de cioſo, ou de modeſto,
Ou de uſado a crueza fera, e dura,
C'os ſeus huma ira inſana naõ refrea,
Poem na Fama alva noda negra, e fea.

XLVIII.

Vio Alexandre Apelles namorado
Da ſua Campaſpe, e deu-lha alegremente,
Naõ ſendo ſeu ſoldado eſprimentado,
Nem vendo-ſe n'um cerco duro, e urgente:
Sentio Ciro, que andava já abraſado
Araſpes de Pantea em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, e promettia,
Que nenhum mao deſejo o venceria.

XLIX.

Mas vendo o illuſtre Perſa, que vencido
Fora de amor, que em fim naõ tem defenſa,
Levemente o perdoa, e foi ſervido
Deſte n'um caſo grande em recompenſa:
Por força, de Judita foi marido
O ferreo Balduino, mas diſpenſa
Carlos pai della, poſto em couſas grandes,
Que viva, e povoador ſeja de Frandes.

Mas

L.

Mas proſeguindo a Ninfa o lindo canto,
De Soarez cantava, que as bandeiras
Faria tremolar, e pôr eſpanto,
Pelas roxas Arabicas ribeiras:
Medina abominavel teme tanto,
Quanto Meca, e Gidá, c'o as derradeiras
Praias de Abaſia, Barborá ſe teme
Do mal, de que o Emporio Zeila geme.

LI.

A nobre Ilha tambem da Taprobana,
Já pelo nome antigo tam famoſa,
Quanto agora ſoberba, e ſoberana,
Pela cortiça calida, cheiroſa:
Della dará tributo á Luſitana
Bandeira, quando excelſa, e glorioſa,
Vencendo ſe erguerá na torre erguida
Em Columbo, dos proprios tam temida.

LII.

Tambem Siqueira as ondas Eritréas
Dividindo, abrirá novo caminho
Para ti grande Imperio, que te arteas
De feres de Candace, e Sabá ninho:
Maçuá com ciſternas de agoa cheas
Verá, e o porto Arquico alli vizinho,
E fará deſcubrir remotas Ilhas,
Que daõ ao mundo novas maravilhas.

Virá

LIII.

Virá depois Menezes, cujo ferro
Mais na Africa, que cá terá provado;
Caſtigará de Ormuz ſoberba o erro,
Com lhe fazer tributo dar dobrado:
Tambem tu Gama em pago do deſterro,
Em que eſtás, e ſerás inda tornado,
C'os titulos de Conde, e de honras nobres,
Virás mandar a terra, que deſcobres.

LIV.

Mas aquella fatal neceſſidade,
De quem ninguem ſe exime dos humanos,
Illuſtrado c'o a Regia dignidade,
Te tirará do mundo, e ſeus enganos:
Outro Menezes logo, cuja idade
He maior na prudencia, que nos annos,
Governará, e fará o ditoſo Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.

LV.

Naõ vencerá ſómente os Malabares,
Deſtruindo Panáne, com Coulete,
Comettendo as bombardas, que nos ares
Se vingaõ ſó do peito, que as comette:
Mas com virtudes certo ſingulares
Vence os imigos d'alma todos ſete,
De cobiça triunfa, e incontinencia,
Que em tal idade he ſumma excellencia.

Mas

LVI.

Mas depois que as Estrellas o chamarem,
Succederás, oh forte Mascarenhas;
E se injustos o mando te tomarem,
Promettote que fama eterna tenhas:
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o Fado quer que venhas
A mandar mais de palmas coroado,
Que de Fortuna justa acompanhado.

LVII.

No Reino de Bintam, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'um só dia as injurias de mil annos
Vingarás c'o valor de illustres peitos:
Trabalhos, e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico que rompas, e sometas.

LVIII.

Mas na India cobiça, e ambiçaõ,
Que claramente poem aberto o rosto
Contra Deos, e justiça, te faraõ
Vituperio nenhum, mas só desgosto:
Quem faz injuria vil, e semrazaõ
Com a força, e poder em que está posto,
Naõ vence; que a victoria verdadeira,
He saber ter justiça nua, e inteira.

Mas

LIX.

Mas com tudo naõ nego que Sampaio
Será no esforço illustre, e sinalado,
Mostrando-se no mar hum féro raio,
Que de inimigos mil verá qualhado:
Em Bacanôr fará cruel ensaio,
No Malabar, para que amedrontado
Depois a ser vencido delle venha
Cutiale com quanta armada tenha.

LX.

E naõ menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá de grande, e ousada,
Fará c'o a vista só perdida, e rota
Por Heitor da Silveira, e destroçada:
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaia sempre armada
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

LXI.

A Sampaio feroz succederá
Cunha, que longo tempo tem o leme,
De Chalé as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre delle treme:
O forte Baçaim se lhe dará,
Naõ sem sangue porém; que nelle geme
Melique, porque á força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.

Traz

LXII.

Traz este vem Noronha, cujo auspicio
De Dio os Rumes feros afugenta,
Dio, que o peito, e bellico exercicio
De Antonio da Silveira bem sustenta:
Fará em Noronha a morte o usado officio,
Quando hũ teu ramo, oh Gama, se exprimẽ-
No governo do Imperio, cujo zelo (ta
Com medo o roxo mar fará amarelo.

LXIII.

Das maõs do teu Estevaõ vem tomar
As redeas hum, que já será illustrado
No Brasil com vencer, e castigar
O Pirata Francez ao mar usado:
Depois, Capitaõ mór do Indico mar,
O muro de Damaõ soberbo, e armado
Escalla, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo, e frechas mil teraõ cuberta.

LXIV.

A este o Rei Cambaico soberbissimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio:
Depois irá com peito esforçadissimo
A tolher que naõ passe o Rei Gentio
De Calecut, que assim com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio.

Destruirá

LXV.

Deſtruirá a Cidade Repelim,
Pondo o ſeu Rei com muitos em fugida,
E depois junto ao Cabo Comorim
Huma façanha faz eſclarecida:
A frota principal do Samorim,
Que deſtruir o mundo naõ duvída.
Vencerá c'o furor do ferro, e fogo,
Em ſi verá Beadalla o Marcio jogo.

LXVI.

Tendo aſſi limpa a India dos imigos,
Virá depois com Ceptro a governalla,
Sem que ache reſiſtencias, nem perigos,
Que todos tremem delle, e nenhum falla:
Só quiz provar os aſperos caſtigos
Baticalá, que vira já Beadalla,
De ſangue, e corpos mortos ficou chea,
E de fogo, e trovoens desfeita, e fea.

LXVII.

Eſte ſerá Martinho, que de Marte
O nome tem c'o as obras dirivado,
Tanto em armas illuſtre em toda parte,
Quanto em conſelho ſabio, e bem cuidado:
Succeder-lhe-ha alli Caſtro, que o Eſtendarte
Portuguez terá ſempre levantado,
Conforme ſucceſſor ao ſuccedido,
Que hũ ergue Dio, outro o defẽde erguido.

Perſas

LXVIII.

Perſas ferozes, Abaſſis, e Rumes,
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de geſtos, varios de coſtumes,
Que mil naçoens ao cerco feras vem:
Faraõ dos Ceos ao mundo vaõs queixumes,
Porque huns poucos a terra lhe detem,
Em ſangue Portuguez juraõ deſcridos
De banhar os bigodes retorcidos.

LXIX.

Baſiliſcos medonhos, e Leoens,
Trabucos feros, minas encubertas
Suſtenta Maſcarenhas c'os varoens,
Que tam ledos as mortes tem por certas:
Até que nas maiores oppreſſoens,
Caſtro libertador, fazendo offertas
Das vidas de ſeus filhos, quer que fiquem
Com fama eterna, e a Deos ſe ſacrifiquem.

LXX.

Fernando hũ delles, ramo de alta planta,
Onde o violento fogo com ruído
Em pedaços os muros no ar levanta,
Será alli arrebatado, e ao Ceo ſubido:
Alvaro, quando o inverno o mundo eſpãta,
E tem o caminho humido impedido,
Abrindo-o, vence as ondas,, e os perigos,
Os ventos, e depois os inimigos.

Eis

LXXI.

Eis vem depois o pai, que as ondas corta
C'o reſtante da gente Luſitana,
E com força, e ſaber, que mais importa,
Batalha dá felice, e ſoberana:
Huns, paredes ſubindo, eſcuſaõ porta,
Outros a abrem na fera eſquadra inſana,
Feitos grandes taõ dinos de memoria,
Que naõ caibaõ em verſo, ou larga hiſtoria.

LXXII.

Eſte depois em campo ſe apreſenta
Vencedor forte, e intrepido ao poſſante
Rei de Cambaia, e a viſta lhe amedrenta
Da fera multidaõ quadrupedante:
Naõ menos ſuas terras mal ſuſtenta
O Hidalcam do braço triunfante,
Que caſtigando vai Dabul na coſta;
Nem lhe eſcapou Pondá no ſertaõ poſta.

LXXIII.

Eſtes, e outros Varoens por varias partes
Dinos todos de fama, e maravilha,
Fazendo-ſe na terra bravos Martes,
Viraõ lograr os goſtos deſta Ilha:
Varrendo triunfantes eſtendartes
Pelas ondas, que corta a aguda quilha,
E acharaõ eſtas Ninfas, e eſtas meſas,
Que glorias, e hõras ſaõ de arduas emprezas.

Aſſi

LXXIV.

Assi cantava a Ninfa ; e as outras todas
Com sonoroso applauso vozes davaõ,
Com que festejaõ as alegres vodas,
Que com tanto prazer se celebravaõ :
Por mais que da Fortuna andem as rodas,
Numa consona voz todas soavaõ :
Naõ vos ha de faltar, gente famosa
Honra, valor, e fama glorioſa.

LXXV.

Depois que a corporal neceſſidade
Se ſatisfez do mantimento nobre,
E na armonica, e doce ſuavidade
Viraõ os altos feitos, que deſcobre :
Thetis de graça ornada, e gravidade,
Para que com mais alta gloria dobre,
As feſtas deſte alegre, e claro dia,
Para o felice Gama aſſi dizia :

LXXVI.

Faz-te mercê, varaõ, a Sapiencia
Suprema, de c'os olhos corporaes
Veres o que naõ póde a van ſciencia
Dos errados, e miſeros mortaes :
Sigueme firme, e forte com prudencia
Por eſte monte eſpeſſo tu c'os mais.
Aſſi lhe diz ; e o guia por hum mato
Arduo, difficil, duro a humano trato.

Naõ

LXXVII.

Naõ andaõ muito, que no erguido cumẽ
Se acharaõ, onde hum campo ſe eſmaltava
De Eſmeraldas, Rubis, tais que preſume
A viſta, que divino chaõ pizava:
Aqui hum Globo vem no ar, que o lume
Clariſſimo por elle penetrava
De modo, que o ſeu centro eſtá evidente
Como a ſua ſuperficie claramente.

LXXVIII.

Qual a materia ſeja naõ ſe enxerga;
Mas enxerga-ſe bem, que eſtá compoſto
De varios orbes, que a divina verga
Compoz, e hũ centro a todos ſó tem poſto:
Volvendo, ora ſe abaixe, agora ſe erga,
Nunca s' ergue, ou s' abaixa; e hum meſmo
Por toda a parte tẽ, e em toda a parte (roſto,
Começa, e acaba em fim por divina arte.

LXXIX.

Uniforme, perfeito, em ſi ſoſtido,
Qual em fim o Archetipo, que o creou,
Vendo o Gama eſte Globo, commovido
De eſpanto, e de deſejo alli ficou.
Diz-lhe a Deoſa: O tranſunto, reduzido
Em pequeno volume aqui te dou,
Do mundo aos olhos teus, para que vejas
Por onde vás, e irás, e o que deſejas.

Vês

LXXX.

Vès aqui a grande maquina do mundo,
Etherea, e elemental, que fabricada
Assi foi do Saber alto, e profundo,
Que he sem principio, e méta limitada:
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo, e sua superficie tam limada,
He Deos; mas o q̃ he Deos, ninguẽ o entende;
Que tanto o engenho humano naõ se estẽde.

LXXXI.

Este Orbe, que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos, que em si tem,
Que está com luz tam clara radiando,
Que a vista cega, e a mente vil tambem,
Empireo se nomea, onde logrando
Puras almas estaõ daquelle bem
Tamanho, que elle só se entende, e alcança,
De quem naõ ha no mundo semelhança.

LXXXII.

Aqui só verdadeiros glorioſos
Divos estaõ, porque eu, Saturno, e Jano,
Jupiter, Juno, somos fabulosos,
Fingidos de mortal, e cego engano:
Só para fazer versos deleitosos
Servimos; e se mais o trato humano
Nos póde dar, he só que o nome nosso
Nestas estrellas poz o engano vosso.

E tem

LXXXIII.

E tambem porque a ſanta Providencia,
Que em Jupiter aqui ſe repreſenta,
Por eſpiritos mil, que tem prudencia,
Governa o mundo todo, que ſuſtenta:
Enſina-o a profetica ſciencia
Em muitos dos exemplos, que apreſenta:
Os que ſaõ bons, guiando favorecem;
Os maos, em quanto podem nos empecem.

LXXXIV.

Quer logo aqui a pintura, que varia
Agora deleitando, ora enſinando,
Dar-lhe nomes, que a antiga poeſia
A ſeus Deoſes já déra fabulando:
Que os Anjos, da celeſte companhia
Deoſes, o ſacro verſo eſtá chamando;
Nem nega, que eſte nome preminente
Tambem aos máos ſe dá, mas falſamente.

LXXXV.

Em fim q̃ o ſummo Deos, que por ſegun-
Cauſas obra no mundo, tudo manda (das
E tornando a contarte das profundas
Obras da maõ Divina veneranda:
Debaixo deſte circulo, onde as mundas
Almas divinas gozam, que naõ anda,
Outro corre taõ leve, e taõ ligeiro,
Que naõ ſe enxerga, he o Mobile primeiro.

Com

LXXXVI.

Com este rapto, e grande movimento
Vaõ todos, os que dentro tem no seio:
Por obra deste o Sol andando atento,
O dia, e noite faz, com curso alheio:
Debaixo deste leve anda outro lento,
Tam lento, e sojugado a duro freio,
Que, em quanto Febo de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.

LXXXVII.

Olha estoutra debaixo, que esmaltado
De corpos lizos anda, e radiantes,
Que tambem nelle tem curso ordenado,
E nos seus exos correm cintilantes;
Bem vês como se véste, e faz ornado
C'o largo cinto d'ouro, que estellantes
Animais doze traz afigurados,
Apostentos de Fébo limitados.

LXXXVIII.

Olha por outras partes a pintura,
Que as estrellas fulgentes vaõ fazendo;
Olha a carreta, atenta a Cinosura,
Andromeda, e seu pai, e o drago horrendo:
Vê de Cassiopea a fermosura,
E do Oriente o gésto turbulento,
Olha o Cisne morrendo, que suspira;
A Lebre, e os Caens, a Nao, e a doce Lyra.

Debai-

LXXXIX.

Debaixo deſte grande firmamento
Vês o Ceo de Saturno, Rei antigo;
Jupiter logo faz o movimento;
E Marte abaixo bellico inimigo:
O claro olho do Ceo no quarto aſſento,
E Venus, que os amores traz conſigo,
Mercurio de eloquencia ſoberana,
Com tres roſtos debaixo vai Diana.

XC.

Em todos eſtes Orbes differente
Curſo verás, nuns grave, e noutros leve,
Hora fogem do centro longamente,
Hora da terra eſtaõ caminho breve:
Bem como quiz o Padre Omnipotente,
Que o Fogo fez, e o Ar, o Vento, e Neve,
Os quaes verás, que jazem mais a dentro,
E tem c'o mar a terra por ſeu centro.

XCI.

Neſte centro pouſada dos humanos,
Que naõ ſómente ouſados ſe contentaõ
De ſoffrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar inſtavel exprimentaõ:
Verás as varias partes, que os inſanos
Mares dividem, onde ſe apozentaõ
Varias naçoens, que mandaõ varios Reis,
Varios coſtumes ſeus, e varias leis.

Vês

XCII.

Vês Europa Chriſtan mais alta, e clara,
Que as outras em policia, e fortaleza;
Vês Africa dos bens do mundo avára,
Inculta, e toda chea de braveza:
C'o Cabo, que atéqui ſe vos negára,
Que aſſentou para o Auſtro a natureza,
Olha eſſa terra toda, que ſe habita
Deſſa gente ſem lei, quaſi infinita.

XCIII.

Vê do Monomotapa o grande Imperio
De ſelvatica gente negra, e núa;
Onde Gonçalo morre, e vituperio
Padecerá pela Fé ſanta ſua:
Nace por eſte incognito Emiſferio
O metal, porque mais a gente ſua:
Vê que do lago, donde ſe derrama
O Nilo, tambem vindo eſtá Cuama.

CXIV.

Olha as caſas dos negros como eſtaõ
Sem portas, confiados em ſeus ninhos
Na juſtiça Real, e defenſaõ,
E na fidelidade dos viſinhos:
Olha delles a bruta multidaõ,
Qual bando eſpeſſo, e negro de Eſtorninhos
Combaterá em Sofala a fortaleza,
Que defenderá Naia com deſtreza.

Olha

XCV.

Olha lá as alagoas, donde o Nilo
Naſce, que naõ ſouberaõ os antigos;
Vêlo rega, gerando o Cocodrilo,
Os póvos Abaſſis de Chriſto amigos:
Olha como ſem muros (novo eſtilo)
Se defendem melhor dos inimigos:
Vê Méroe, que Ilha foi de antiga fama,
Que ora dos naturais Noba ſe chama.

XCVI.

Neſta remota terra hum filho teu
Nas armas contra os Turcos ſerá claro;
Ha de ſer Dom Chriſtovaõ nome ſeu,
Mas contra o fim fatal naõ ha reparo:
Vê cá a coſta do mar, onde te deu
Melinde hoſpicio gaſalhoſo, e charo;
O rapto rio nota, que o romance
Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

XCVII.

O Cabo vê já Aromata chamado,
E agora Guardafu, dos moradores,
Onde começa a bocca do afamado
Mar Roxo, que do fundo toma as côres:
Eſte como limite eſtá lançado,
Que divide Aſia de Africa, e as melhores
Povoaçoens, que a grande Africa alli tem,
Maçuá ſaõ, Arquico, & Suaquem.

Vês

XCVIII.

Vês o extremo Suez, que antigamente
Dizem, que foi dos Heroas a Cidade;
Outros dizem, que Arsinoe; e ao presente
Tem das frotas do Egypto a potestade:
Olha as agoas, nas quaes abrio patente
Estrada o graõ Moysés na antiga idade:
Asia começa aqui, que se apresenta
Em terras grande, em Reinos opulenta.

XCIX.

Olha o Monte Sinay, que se ennobrece
C'o sepulchro de Santa Catherina;
Olha Toro, e Gidà, que lhe falece
Agoa das fontes doce, e christalina:
Olha as portas do Estreito, que fenece
No Reino da seca Adem, que confina
Com a serra de Arzira, pedra viva,
Onde chuva dos Ceos senaõ deriva.

C.

Olha as Arabias tres, que tanta terra
Tomaõ todas de gente vaga, e baça,
Donde vem os cavallos para a guerra,
Ligeiros, e ferozes, de alta raça:
Olha a costa, que corre até que cerra
Outro estreito de Persia, e faz a traça
Ao Cabo, que c'o nome se apellida
Da cidade Fartâque alli sabida.

Olha

CI.

Olha Dofar insigne, porque manda
O mais cheiroso incenso para as aras:
Mas atenta já cá destrouta banda
De Roçalgate, e praias sempre avaras:
Começa o Reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que inda serão claras,
Quando as galés do Turco, e fera armada
Virem de Castel-Branco núa a espada.

CII.

Olha o Cabo Asabóro, que chamado
Agora he Monçandam dos navegantes;
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, e Persia, terras abundantes:
Attenta a Ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas, e imitantes
Aa côr da Aurora; e vê na agoa salgada
Ter o Tygres, e Eufrates huma entrada.

CIII.

Olha da grande Persia o Imperio nobre,
Sempre posto no campo, e nos cavallos,
Que se injuria de usar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os callos:
Mas vê a Ilha Gerum, como descobre
O que fazem do tempo os intervallos,
Que da Cidade Armuza, que alli esteve,
Ella o nome depois, e gloria teve.

Aqui

CIV.

Aqui de Dom Filippe de Menezes
Se moſtrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Parſeos vencerá de Lara:
Viráõ provar os golpes, e revezes
De Dom Pedro de Souſa, que provára
Já ſeu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra á força ſó de eſpada.

CV.

Mas deixemos o eſtreito, e o conhecido
Cabo de Jaſque, dito já Carpella,
Com todo o ſeu terreno mal querido
Da natura, e dos doens uſados della:
Carmania teve já por apellido;
Mas vês o fermoſo Indo, que daquella
Altura nace, junto á qual tambem
Doutra altura correndo o Gange vem.

CVI.

Olha a terra de Ulcinde fertiliſſima,
E de Jaquete a intima enſeada,
Do mar a enchente ſubita grandiſſima,
E a vazante, que foge apreſſurada:
A terra de Cambaya vê riquiſſima,
Onde do mar o ſeio faz entrada,
Cidades outras mil, que vou paſſando,
A vosoutros aqui ſe eſtaõ guardando.

CVII.

Vês corre a costa celebre Indiana
Para o Sul até o Cabo Camori,
Já chamado Cori, que Taprobana
(Que hora he Ceilaõ) defronte tem de si;
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá depois de ti,
Terá victorias, terras, e Cidades,
Nas quaes haõ de viver muitas idades.

CVIII.

As Provincias, que entre hum, e outro rio
Vês com varias naçoens, saõ infinitas:
Hum Reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o Demonio leis escritas:
Olha, que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias santas, e bemditas
Do corpo de Thomé varaõ sagrado,
Que a Jesu Christo teve a maõ no lado.

CIX.

Aqui a Cidade foi, que se chamava
Meliapor, fermosa, grande, e rica;
Os Idolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente iniqua:
Longe do mar naquelle tempo estava,
Quando a Fé, que no mundo se publica,
Thomé vinha prégando, e já passara
Provincias mil do mundo, que ensinara.

Che-

CX.

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes saude, a mortos vida,
Acaso traz hum dia o mar vagando
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer delle madeira, e naõ duvida
Poder tirallo a terra com possantes (tes.
Forças de homens, de engenhos, de elefan-

CXI.

Era tam grande o pezo do madeiro,
Que só para abalarse, nada abasta;
Mas o Nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordaõ, que traz, por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva, e arrasta
Para onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII.

Sabia bem, que se com fé formada
Mandar a hum monte surdo, que se mova,
Que obedecerá logo á voz sagrada;
Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova:
A gente ficou disto alvoroçada,
Os Bramenes o tem por cousa nova,
Vendo os milagres, vendo a santidade,
Haõ medo de perder autoridade.

CXIII.

Saõ eſtes Sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha a inveja;
Buſcaõ maneiras mil, buſcaõ deſvios,
Com q̃ Thomé naõ ſe ouça, ou morto ſeja:
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caſo horrendo faz, que o mundo veja;
Que inimiga naõ ha tam dura, e fera,
Como a virtude falſa da ſincéra.

CXIV.

Hum filho proprio mata, e logo acuſa
De homicidio a Thomé, que era innocente;
Dá falſas teſtimunhas, como ſe uſa;
Condenaraõ-no á morte brevemente:
O Santo, que naõ vê melhor eſcuſa,
Que apellar para o Padre Omnipotente,
Quer diante do Rei, e dos ſenhores,
Que ſe faça hum milagre dos maiores.

CXV.

O corpo morto manda ſer trazido,
Que reſuſcite, e ſeja perguntado,
Quem foi ſeu matador; e ſerá crido
Por teſtimunho o ſeu mais approvado:
Viraõ todos o moço vivo erguido
Em nome de Jeſu Crucificado;
Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,
deſcobre ſeu pai ſer homicida.

Eſte

CXVI.

Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rei se banha logo na agoa santa,
E muitos apoz elle, hum beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta:
Os Bramenes se encheraõ de odio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que, persuadindo a isso o povo rudo,
Determinaõ matallo em fim de tudo.

CXVII.

Hum dia, que prégando ao povo estava,
Fingiraõ entre a gente hum arruido:
Já Christo neste tempo lhe ordenava,
Que padecendo fosse ao Ceo subido:
A multidaõ das pedras, que voava,
No Santo dá já a tudo offerecido:
Hum dos máos, por fartar-se mais depressa,
Com cruel lança o peito lhe atravessa.

CXVIII.

Chorараõ-te Thomé o Gange, e o Indo,
Chorou-te toda a terra, que pizaste,
Mais te choraõ as almas, que vestindo
Se hiaõ da Santa Fé, que lhe ensinaste:
Mas os Anjos do Ceo cantando, e rindo,
Te recebem na gloria, que ganhaste:
Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
Com que os teus Lusitanos favoreças.

E vós

CXIX.

E vós outros, que os nomes uſurpais
De mandados de Deos como Thomé,
Dizei, ſe ſois mandados, como eſtais
Sem irdes a prégar a Santa Fé?
Olhai que, ſe ſois ſal, e vos danais
Na patria, onde Profeta ninguem he,
Com que ſe ſalgaráõ em noſſos dias
(Infieis deixo) tantas hereſias?

CXX.

Mas paſſo eſta materia perigoſa,
E tornemos á coſta debuxada.
Lá com eſta Cidade tam famoſa
Se faz curva a Gangetica enſeada:
Corre Narſinga rica, e poderoſa,
Corte Orixá de roupas abaſtada;
No fundo da enſeada o illuſtre rio
Ganges vem ao ſalgado ſenhorio.

CXXI.

Ganges, no qual os ſeus habitadores
Morrem banhados, tendo por certeza
Que, inda que ſejaõ grandes peccadores,
Eſta agoa ſanta os lava, e dá pureza:
Vê Chatigaõ Cidade das melhores
De Bengala provincia, que ſe preza
De abundante; mas olha que eſtá póſta
Para o Auſtro daqui virada a coſta.

Olha

CXXII.

Olha o Reino Arracam, olha o assento
De Pegú, que já monstros povoáraõ,
Monstros filhos do feo ajuntamento
De hũa mulher, e hum caõ, q̃ sós se acharaõ:
Aqui soante arame no instrumento
Da geraçaõ costumaõ; o que usaraõ
Por manha da Rainha, que, inventando
Tal uso, deitou fóra o error nefando.

CXXIII.

Olha Tavai Cidade, onde começa
De Siaó largo o Imperio tam comprido,
Tenassari, Quedá, que he só cabeça
Das que pimenta alli tem produzido:
Mais avante fareis que se conheça
Malaca por Emporio ennobrecido,
Onde toda a Provincia do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.

CXXIV.

Dizem que desta terra, c'o as possantes
Ondas o mar entrando dividio
A nobre Ilha Samatra, que já dantes
Juntas ambas a gente antiga vio,
Chersoneso foi dita, e das prestantes
Vêas de ouro, que a terra produzio,
Aurea por epitheto lhe ajuntaraõ,
Alguns que fosse Ofir imaginaraõ.

Mas

CXXV.

Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho ás naos se estreita;
Daqui tomando a costa á Cynosura
Se encurva, e para a Aurora se endireita:
Vês Pam, Patane, Reinos, e a longura
De Siaõ, que estes, e outros mais sugeita:
Olha o rio Menam, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.

CXXVI.

Vês neste graõ terreno os differentes
Nomes de mil naçoens nunca sabidas,
Os Laos em terra, e numero potentes,
Avas, Bramás, por serras tam compridas:
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamaõ, de salvages vidas,
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente, usança crua.

CXXVII.

Vês passa por Camboja Vecom rio,
Que Capitaõ das agoas se interpreta,
Tantas recebe de outro só no Estio,
Que alaga os campos largos, e inquieta:
Tem as enchentes quaes o Nilo frio;
A gente delle crê como indiscreta,
Que pena, e gloria tem despois de morte
Os brutos animais de toda sorte.

Este

CXXVIII.

Este receberá placido, e brando
No seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste, e miserando,
Dos procelloſos baxos escapado:
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja Lyra sonorosa,
Será mais afamada, que ditosa.

CXXIX.

Vês corre a costa, que Champá se chama,
Cuja mata he do páo cheiroso ornada;
Vês Cauchichina está de escura fama,
E de Ainam vê a incognita enseada:
Aqui o soberbo Imperio, que se afama
Com terras, e riqueza naõ cuidada,
Da China corre, e occupa o senhorio,
Desdo Tropico ardente ao cinto frio.

CXXX.

Olha o muro, edificio nunca crido,
Que entre hum Imperio, e outro se edifica,
Certissimo final, e conhecido,
Da potencia Real, soberba, e rica:
Estes o Rei que tem, naõ foi nascido
Principe, nem dos pais aos filhos fica;
Mas elegem aquelle, que he famoso
Por Cavalleiro, sabio, e virtuoso.

Inda

CXXXI.

Inda outra muita terra ſe te eſconde,
Até que venha o tempo de moſtrar-ſe;
Mas naõ deixes no mar as Ilhas, onde
A natureza quiz mais afamar-ſe:
Eſta mea eſcondida, que reſponde
De longe á China, donde vem buſcar-ſe,
He Japaõ, onde naſce a prata fina,
Que illuſtrada ſerá co' a Lei Divina.

CXXXII.

Olha cá pelos mares do Oriente
As infinitas Ilhas eſpalhadas:
Vê Tidóre, e Ternate, c'o fervente
Cume, que lança as flamas ondeadas:
As arvores verás do Cravo ardente,
C'o ſangue Portuguez inda compradas:
Aqui ha as aureas aves, que naõ decem
Nunca á terra, e ſó mortas aparecem.

CXXXIII.

Olha de Bandá as Ilhas, que ſe eſmaltaõ
Da varia côr, que pinta o roxo fruto,
As aves variadas, que alli ſaltaõ
Da verde Noz tomando ſeu tributo:
Olha tambem Borneo, onde naõ faltaõ
Lagrimas, no licor qualhado, e enxuto
Das arvores, que Canfora he chamado,
Com que da Ilha o nome he celebrado.

Alli

CXXXIV.

Alli tambem Timôr, que o lenho manda
Sandalo salutifero, e cheiroso:
Olha a Sunda tam larga, que huma banda
Esconde para o Sul difficultoso:
A gente do Sertaõ, que as terras anda,
Hum rio diz, que tem miraculoso,
Que por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o páo, que nelle cae.

CXXXV.

Vê naquella, que o tempo tornou Ilha,
Que tambem flamas tremulas vapóra
A fonte, que olio mana, e a maravilha
Do cheiroso licor, que o tronco chora:
Cheiroso mais, que quanto estila a filha
De Cyniras na Arabia, onde ella mora,
E vê que tendo quanto as outras tem,
Branda seda, e fino ouro dá tambem.

CXXXVI.

Olha em Ceilaõ, que o monte se levanta
Tanto, q̃ as nuvens passa, ou a vista engana;
Os naturais o tem por cousa santa,
Pela pedra onde está a pégada humana:
Nas Ilhas de Maldiva nasce a pranta,
No profundo das agoas soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
He tido por antidoto excellente.

Verás

CXXXVII.

Verás defronte estar do Roxo Estreito
Socotorá c'o amaro Aloe famosa;
Outras Ilhas no mar tambem sogeito
A vós na costa de Africa arenosa;
Aonde sae do cheiro mais perfeito
A massa ao mundo occulta, e preciosa;
De Sam Lourenço vê a Ilha afamada,
Que Madagascar he de alguns chamada.

CXXXVIII.

Eis aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tam forte peito navegais:
Mas he tambem razaõ, que no ponente
De hum Lusitano hum feito inda vejais,
Que de seu Rei mostrando-se agravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX.

Vedes a grande terra, que contina
Vai de Calisto ao seu contrario Polo,
Que, soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do louro Apollo:
Castella, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o colar ao rudo cólo,
Varias Provincias tem de varias gentes,
Em rios, e costumes differentes.

Mas

CXL.

Mas cá, onde mais se alarga, alli tereis
Parte tambem qu'o páo vermelho nota,
De Santa Cruz o nome lhe poreis,
Descubrilaha a primeira vossa Frota:
Ao longo desta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhaens, no feito com verdade
Portuguez, porém naõ na lealdade.

CXLI.

Des que passar a via mais que mea,
Que ao Antartico Polo vai da linha,
De huma estatura quasi Gigantea
Homens verá da terra alli vizinha:
E mais avante o Estreito, que se arrea
C'o nome delle agora, o qual caminha
Para outro mar, e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXLII.

Atéqui, Portuguezes, concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já deixais sabido,
Viráõ fazer Varoens de fortes peitos:
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos que vos façaõ ser aceitos
As eternas esposas, e formosas,
Que coroas vos tecem glorioſas.

Pode-

CXLIII.

Podeis-vos embarcar, que tendes vento,
E mar tranquilo, para a patria amada:
Assi lhe disse, e logo movimento
Fazem da Ilha alegre, e namorada:
Levaõ refresco, e nobre mantimento,
Levaõ a companhia desejada
Das Ninfas, que haõ de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquẽte.

CXLIV.

Assi foraõ cortando o mar sereno
Com vento sempre manso, e nunca irado,
Até que ouveraõ vista do terreno,
Em que nasceraõ, sempre desejado:
Entráraõ pela foz do Tejo ameno,
E á sua patria, e Rei temido, e amado,
O premio, e gloria daõ, porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.

CXLV.

Naõ mais Musa naõ mais, q̃ a Lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida,
E naõ do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda, e endurecida:
O favor, com q̃ mais se accende o engenho,
Naõ no dá a Patria, naõ, que está metida
No gosto da cubiça, e na rudeza
De huma austéra, apagada, e vil tristeza.

E naõ

CXLVI.

E naõ sei porque influxo do destino
Naõ tem hum lédo orgulho, e geral gosto
Que os animos levanta de contino,
A ter para trabalhos lédo o rosto:
Por isso vós, oh Rei, que por divino
Conselho estais no Regio solio posto,
Olhai que sois, e vede as outras gentes,
Senhor só de vassallos excellentes.

CXLVII.

Olhai que lédos vaõ por varias vias,
Quaes rompentes Leoens, e bravos Touros,
Dando os corpos a fomes, e vigias,
A ferro, a fogo, a settas, e pilouros:
A quentes regioens, a plagas frias,
A golpes de idolatras, e de Mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo.

CXLVIII.

Por vos servir a tudo aparelhados,
De vós tam longe sempre obedientes,
A quaesquer vossos asperos mandados,
Sem dar reposta prontos, e contentes:
Só com saber que saõ de vós olhados,
Demonios infernaes, negros, e ardentes,
Cometteráõ com vosco, e naõ duvido
Que vencedor vos façaõ, naõ vencido.

Favo-

CXLIX.

Favoreceios logo, e alegraios
Com a preſença, e léda humanidade,
De riguroſas leis deſaliviaios,
Que aſſi ſe abre o caminho á ſantidade:
Os mais experimentados levantaios,
Se com a experiencia tem bondade,
Para voſſo conſelho, pois que ſabem
O como, o quando, e onde as couſas cabẽ.

CL.

Todos favorecei em ſeus officios,
Segundo tem das vidas o talento,
Tenhaõ religioſos exercicios
De rogavem por voſſo regimento:
Com jejuns, diſciplina pelos vicios
Communs, toda ambiçaõ teraõ por vento
Que o bom Religioſo verdadeiro
Gloria van naõ pretende, nem dinheiro.

CLI.

Os Cavalleiros tende em muita eſtima,
Pois com ſeu ſangue intrepido, e fervente,
Eſtendem naõ ſómente a Lei de cima,
Mas inda voſſo Imperio preeminente:
Pois aquelles, que a tam remoto clima
Vos vaõ ſervir com paſſo diligente,
Dous inimigos vencem, huns os vivos,
E o que he mais, os trabalhos exceſſivos.

Fazei

CLII.

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemaens, Gallos, Italos, e Inglezes
Poſſaõ dizer, que ſaõ para mandados,
Mais, que para mandar os Portuguezes:
Tomai conſelho ſó de experimentados,
Que viraõ largos annos, largos mezes;
Que poſto que em ſcientes muito cabe,
Mais em particular o experto ſabe.

CLIII.

De Formiaõ Filoſofo elegante
Vereis como Anibal o eſcarnecia,
Quando das artes bellicas diante
Delle com larga voz tratava, e lia:
A diſciplina militar preſtante
Naõ ſe aprende, Senhor, na fantaſia
Sonhando, imaginando, ou eſtudando,
Senaõ vendo, tratando, e peleijando.

CLIV.

Mas eu, que fallo humilde, baxo, e rudo,
De vós naõ conhecido, nem ſonhado,
Da boca dos pequenos ſei com tudo,
Que o louvor ſahe ás vezes acabado:
Naõ me falta na vida honeſto eſtudo,
Com longa experiencia miſturado,
Nem engenho, que aqui vereis preſente;
Couſas, que juntas ſe achaõ raramente.

Para

CLV.

Para ſervirvos braço ás armas feito,
Para cantarvos mente ás Muſas dada,
Só me falece ſer a vós aceito,
De quem virtude deve ſer prezada:
Se me iſto o Ceo concede, e o voſſo peito
Dina empreza tomar de ſer cantada,
Como a preſaga mente vaticina,
Olhando a voſſa inclinaçaõ divina.

CLVI.

Ou fazendo, que mais que a de Meduza,
A viſta voſſa tema o monte Atlante,
Ou rompendo nos campos de Ampeluza
Os muros de Marrocos, e Trudante:
A minha já eſtimada, e léda Muſa,
Fico, que em todo o mundo de vós cante,
De ſorte, que Alexandro em vós ſe veja,
Sem á dita de Achiles ter inveja.

INDICE

DE TODOS OS NOMES PROPRIOS

CONTEUDOS NESTE POEMA,

Recolhidos, e ordenados por Joaõ Franco Barreto.

A

ABASSIA, parte de Africa, dividida de Arabia com as portas do mar Roxo, cujos povos se chamaõ Abyxins, ou Abassis, sugeitos ao Preste Joaõ, hum dos grandes Reis do Oriente, e dos mais poderosos de Africa; porque tem debaixo de seu mando mais de 40 Reinos.

Abyla, monte de Africa, sobre o qual está a cidade de Ceita, pertencente aos Reis de Portugal. Chamaõ os auctores a este monte Columna de Hercules.

Abrahaõ, primeiro Patriarca, he a saber o primeiro dos pais, do qual, e de Agar

Agar sua escrava, dizem os Mouros que procede Mafamede.
Abranches, lugar, e Condado de França.
Abrantes, Villa de Portugal, junto do Rio Tejo.
Accias guerras, as que houve entre Augusto, e Marco Antonio, no Cabo Figalo, que os antigos chamavaõ Accio: em as quaes Marco Antonio, e Cleopatra Rainha de Egypto foraõ desbaratados.
Achemenia, Regiaõ de Persia, onde se fazem as melhores alcatifas, e tapiceria do Mundo.
Acheronte, Rio Infernal, segundo fingem os Poetas.
Achilles, Principe Grego fortissimo, filho de Peleo Rei de Thessalia, e de Thetis filha de Chiron. Matou o Paris enganosamenta em Troya, no templo de Apollo, onde havia ido sobre o concerto de casar com Policena filha de Priamo.
Acidalia, sobrenome de Venus; dita assi por huma fonte deste nome, que está em Beocia, adonde se lavaõ as Graças, dedicadas a Venus.
Acroceraunos, montes de Epiro, a que hoje

hoje chamamos Albania. Os Poetas os chamaõ Infames pelos naufragios, que alli acontecem.

Acrisio, Rei dos Argivos, filho de Abante: o qual querendo ter a Danae sua filha recolhida, e guardada, a metteo numa torre, que alguns querem fosse de metal; porém nem isto lhe valeo, porque Jupiter convertido em chuva de ouro entrou na sua camera, e houve della a Perseo.

Acteon, filho de Aristeo, e Autono; do qual contaõ os Poetas, que chegando a beber em huma fonte, vio a Diana, que os Antigos tinhaõ por Deosa da Caça, a qual se estava lavando com suas companheiras; e sentida de Acteon a ver em aquelle estado, o converteo em Cervo, e logo visto de seus caens foi por elles mesmos espedaçado.

Adam, primeiro homem, e primeira figura de Deos, viveo 930 annos, e esteve no limbo 5231.

Adamastor, hum dos Gigantes filhos da Terra; os quaes tendo guerra com Jupiter, foraõ vencidos, e sepultados debaixo de diversos montes, como Adamastor transformado no cabo, que commum-

mummente chamamos da Esperança. Do nome deste Gigante se lembrou Sidonio, e Carlos Estephano em seu diccionario, ainda que Claudiano, e outros o chamaõ Damastor.

Adem, cidade na Arabia Felix, situada ao pé de huma serra, a quem os Naturaes chamaõ de Arzira, que he toda de pedra viva, sem arvore, nem herva alguma.

Adonis, bellissimo mancebo, filho de Cinara, e de sua filha Mirrha, a qual foi convertida em huma arvore de seu nome. Foi este muito amado de Venus.

Adriatica Veneza, chama-se assi está cidade por estar fundada no mar Adriatico, o qual se chama assi de huma cidade por nome Adria, que antigamente esteve entre as bocas do rio Pó, de que agora nam ha rasto.

Africa, nome da terceira parte do mundo, e de huma cidade principal della.

Africo, he o vento, que os marinheiros chamaõ Oesudueste.

Affonsos: sinco Reis teve Portugal deste nome, e todos de muito valor: o primeiro filho do Conde Dom Henrique: o segundo filho delRei Dom Sancho primeiro;

meiro: o terceiro filho do meſmo Rei Dom Affonſo ſegundo: o quarto filho delRei Dom Diniz: o quinto filho del-Rei Dom Duarte.

Aganippe, fonte de Beocia, dedicada ás Muſas.

Agar, eſcrava de Abraham, da qual dizem os Mouros que procedem, e aſſi ſe chamaõ netos de Agar, e Agarenos.

Agrippina, mãi do Imperador Nero.

Ayace, filho de Thelamon, e de Heſione, filha de Laomedonte. Foi o mais valeroſo, e esforçado de todos os Gregos deſpois de Achilles. Do qual ſe diz, que como (Achiles morto) pediſſe ſuas armas, e Ulyſſes com ſua eloquencia moveſſe os animos dos Juizes Gregos, para que a elle lhas deſſem, endoudeceo de paixaõ; e entendendo que matava a Ulyſſes, e ſeus companheiros, matou muito gado, até que ſe matou a ſi meſmo, de cujo ſangue, dizem os Poetas, ſahio a flor Jacinto.

Ainam, ilha ſita em huma ponta da terra da China, e na boca da enſeada Cauchichina, em a qual ſe peſca aljofar, e perolas.

Alanquer, villa de Portugal.

Albis, hum rio de Germania, chamado vulgarmente Elva, ou Elba: o qual nace em os montes, que dividem a Bohemía, e Moravia de Suevia, e penetrando a Saxonia entra no mar Oceano.

Albuquerque, he o grande Affonſo de Albuquerque, que ſuccedeo a Dom Franciſco de Almeida na governança da India.

Alcacere do Sal, villa do Alentejo.

Alcinoo, Rei dos Pheacos, na ilha Corcira, diligente cultivador de hortas, e pomares; o qual recebeo em ſua caſa a Ulyſſes affligido com ſeus companheiros humaniſſimamente.

Alencaſtro, foi eſte Duque ſogro delRei Dom Joaõ o primeiro, e irmaõ delRei Duarte de Inglaterra.

Alexandro, cognominado o Magno, foi filho de Filippo Rei de Macedonia, e foi liberaliſſimo.

Alcides, cognome de Hercules, de Alceo ſeu avô, ou de alci, dicçaõ Grega, que ſignifica vigor, ou força.

Alcioneas aves, ſaõ os Maſſaricos, em os quaes Alcione filha de Eolo foi convertida.

Alcmena, mãi de Hercules.

Alcoraõ,

Alcoraõ, he entre os Mouros o livro de ſua ſeita maldita, compoſto por Sergio Monaco, em o qual poz algumas couſas da lei Moſaica, algumas da Evangelica, e muitas falſas.

Alecto, huma das tres furias Infernaes.

Alemanha, provincia de Europa, bem conhecida, cheia de Principados potentiſſimos, de Cidades groſſiſſimas, povos, e mantimento infinito. Primeiro foi chamada Germania.

Algarves, Reino annexo ao de Portugal.

Almeidas, eſtes foraõ Dom Franciſco de Almeida, primeiro Viſo-Rei da India, e Dom Lourenço de Almeida ſeu filho.

Aloe, ganero de páo, muito pezado, ſemilhante ao de Aquila.

Alpheo, rio que naſce junto a Elis, cidade de Arcadia, e corre até Achaia, e fumindo-ſe alli na terra corre por baixo do chaõ, e do mar larguiſſimo eſpaço, e vai ſahir á fonte Arethuſa de Sicilia: diz-ſe agora vulgarmente Roſea.

Alvaro: de dous faz o Poeta menção, hum he Dom Alvaro de Caſtro, filho de Dom Joaõ de Caſtro, o qual deixando ſeu pai em Goa, foi no meio do Inverno a ſoccorrer Dio; e o outro Al-

varo de Braga, ou Alvaro Dias (que no sobrenome desconcordaõ Barros, e Goes) o qual com Diogo Dias, ou Correa (em que tambem os sobreditos variaõ) ficaraõ em Calecut por feitores, em quanto se a fazenda vendia.

Amalthea, filha de Melisso Rei de Grecia, foi ama de Jupiter, a qual tinha hum corno, chamado commummente Cornucopia, que tudo o que queriaõ achavaõ nelle.

Amasis, Rio de Alemanha, grande, e navegavel: corre entre o Rheno, e o Albis, e entra no Oceano junto a Emdem Metropoli da Phrisia Oriental.

Ambrosia, especie de herva semilhante ao Apio, manjar (segundo os Gentios) dos Deoses.

Amon, assi se chamava Jupiter em figura de Carneiro, como era adorado em Lybia.

Ampaza, cidade da Persia nos confins de Ormuz.

Ampelusa, promontorio entre Ceita, e Tanger: chama-se hoje a ponta de Alcacere.

Amphioneas Thebas, contaõ os Poetas, que foi Amphion hum musico tam excellente,

cellente, que em tocando a sua viola, e cantando, o seguiaõ as cousas insensiveis, como pedras, páos, e outras cousas semihantes, e que desta maneira ajuntou a pedra, com que fez os muros a Thebas, cidade de Beocia, que hoje se diz Estibes: e por esta razaõ os Poetas a chamaõ Amphionea: na qual dizem nasceo Baccho.

Anchyses, filho de Capis, e pai de Eneas, ao qual ouve na Deosa Venus.

Andalusia, segundo ElRei Dom Affonso o Sabio, he toda aquella terra, que está desde o rio Guadiana até o mar Mediterraneo, e desde o mar Oceano até o rio Xucar, assi como cahe no mar Mediterraneo.

Andromeda, filha de Cepheo Rei de Ethiopia, e de Cassiope; e tambem hum signo celeste.

Annibal, Capitaõ valerosissimo, natural de Cartago cidade antiga de Africa.

Antaõ Vasques de Almada, Portuguez valerosissimo, e hum dos doze Cavalleiros, que foraõ a Inglaterra pedidos pelas Damas daquelle Reino, para as desagravar de certos Cavalleiros Inglezes, que as haviaõ publicamente afrontado.

Antarctico polo, he o Sul.
Antenor, hum dos principaes Troianos, que entregaraõ por traiçaõ Troia aos Gregos, a qual queimada se acolheo a Italia, e edificou no territorio de Veneza huma cidade, que de seu nome se chamou Antenoria, e hoje Padua.
Anteo, Gigante filho da Terra, e primeiro fundador de Tinge, que agora se diz Tanger.
Antonio, hum he Antonio da Silveira Capitam de Diu, a qual elle defendeo valerosamente de Solimaõ Baxá, Rei do Cano, que foi sobre ella com 63 vellas de Turcos, e 1200 homens, aos quaes desbaratou com muito pouco poder. O outro Marco Antonio, Cidadaõ Romano principal, o qual em companhia de Marco Lepido, e de Cesar Octaviano teve o governo do Romano Imperio. Delle se conta que era taõ afeiçoado á musica, que por ouvir trovinhas, e chistes de Glasita deixava a sua mulher Fulvia.
Anubis, em lingua Egypcia significa caõ, em cuja fórma os Egypcios honraraõ ao Deos Mercurio.
Aonia, parte montuosa de Beocia, em a qual

qual havia huma fonte, que todos os que bebiaõ della ficavaõ Poetas.

Apelles, pintor eximio.

Apenino, monte altiſſimo, ſituado juſtamente no meio de Italia. Começa nos Alpes, e acaba no eſtremo de Calabria.

Apio, foi Governador de Roma, o qual por querer tomar huma Virginia a ſeu marido, acabou mal a vida prezo em ferros.

Apollo, filho de Jupiter, e de Latona; tido entre os Antigos por Deos da ſabedoria, dos Poetas, das Muſas, e ſe toma ordinariamente pelo Sol.

Apulia, Regiaõ de Italia; vizinha ao mar Adriatico.

Aquilo, vento Septentrional.

Ara, conſtellaçaõ celeſte.

Arabia, Provincia entre Judea, e Egypto.

Arabio, o natural de Arabia, donde dizem que era Mafamede.

Arabica lingua, a lingua dos Arabes, chamados corruptamente Alarves; e ſe fala naõ ſó em Africa, mas na Perſia, e muitas partes de Aſia.

Aragaõ, Reino de Eſpanha, cuja Metropoli he Çaragoça.

Araſpas, hum certo Medo, a quem Cyro Rei

Rei dos Perſas deu a guardar Panthea, mulher de Abradatas Rei dos Suſos, que cativara no arraial dos Aſſirios: e ſe houvera perder com ella, ſe o meſmo Cyro o naõ remediara tirando-lha das maõs.

Arcadia, Provincia na Morea, dita aſſi de Arcade filho de Jupiter, ſugeita hoje ao Graõ Caõ.

Archetypo, he o traslado primeiro, ou principal fórma de qualquer couſa, e o Poeta o toma por Deos Noſſo Senhor Criador de todas as couſas.

Arcturo, he huma eſtrella na parte ſeptentrional, que he o Norte.

Arethuſa, fonte de Sicilia junto a Çaragoça, em a qual foi convertida Arethuſa Ninfa de Diana, amada de Alpheo.

Argo, cidade inſigne de Grecia, dedicada á Deoſa Juno. Dita aſſi do nome del-Rei Argos, que Reinou nella.

Argos, primeira nao, que (ſegundo a Filoſofia Ethnica) houve no mundo, em a qual Jaſon, e ſeus companheiros paſſaraõ a Colchos a roubar o vellocino de ouro: ainda que, ſegundo as divinas letras, primeiro foi a Arca de Noé. Houve tambem hum paſtor deſte nome, filho,

filho de Ariſteo, que dizem tinha cem olhos, e foi morto por Mercurio, andando por mandado de Juno em guarda de Jó, amada de Jupiter. E he tambem Argos huma conſtellaçaõ celeſte.

Argonautas, foraõ huns Cavalleiros Gregos, que em a nao Argo foraõ na conquiſta do Vellocino de Colchos.

Aries, conſtellaçaõ na zona torrida, a qual he hum dos doze ſignos celeſtes.

Armenia, Regiaõ de Aſia, entre os montes Tauro, e Caucaſo, a qual ſe divide em maior, e menor.

Armuſa, cidade antiga na terra de Magoſtaõ, vizinha de Ormuz, da qual hoje naõ aparecem mais que as ruinas.

Aromata, he o cabo Guardafû, no fim da terra de Africa, e no principio de Aſia.

Arquiquo, lugar de Ethiopia, ſugeito ao Preſte Joaõ, e unico porto de toda aquella coſta.

Arracaõ, Reino, que confina com o de Bengala nas partes da India.

Arronches, lugar de Alentejo.

Arſinario cabo, he o que nós agora chamamos Verde.

Arſinoe, filha, ou irmãa de Ptolemeu Rei de

de Egypto, a qual fundou hum lugar, que de seu nome se chamou Arsinoe, e agora Suez, na costa do mar roxo.

Artabro, he o monte, a que hoje chamamos Cabo de finis terræ.

Arzira, huma serra na Arabia Felix, toda de pedra viva, sem arvore, nem herva alguma.

Asaboro, he hum Cabo, a que os nossos chamaõ Moçandaõ, no Reino de Ormuz.

Asia, a terceira parte da terra em numero, ainda que a ametade em quantidade.

Assiria, Provincia de Asia, dita vulgarmente Soria, ou Suria.

Astianas, filho unico de Heitor, e de Andromacha, ao qual Ulysses lançou de huma torre abaixo, quando os Gregos entraraõ na cidade de Troia.

Astrea, filha de Astreo Gigante, e de Aurora, ou, segundo outros, de Jupiter, e Themis.

Asturias, Provincia de Espanha, cuja Metropoli he Oviedo, onde se salvaraõ na inudaçaõ dos Arabes aquelles poucos Godos, que escaparaõ, e com muitas reliquias de Santos.

Athamante, foi conduzido por Juno a tanta furia, que sahindo-lhe ao encontro seu

seu filho Learco, o matou: do que espantada, e atemorizada Ino sua mulher, com outro filho Meliceta, se lançou no mar, e foraõ convertidos em Deoses marinhos.

Athenas, cidade na Grecia, domicilio antigamente de todas as doutrinas, ainda que hoje de todo destruida.

Atila, Rei dos Hunos, e de Dacia, chamado açoute de Deos.

Atlante, filho de Japeto, e Climene, ou Asia Ninfa, e irmaõ de Prometheo: foi Rei de Mauritania, Provincia de Africa, do qual se diz que tem o mundo em os hombros. Este avizado do Oraculo que se precatasse de hum filho de Jupiter, naõ dava hospicio a pessoa alguma: o que soffrendo mal Perseo filho de Jupiter lhe mostrou a cabeça de Medusa, e logo foi convertido em hum mónte de seu nome, o qual he na Mauritania, ondè reinou, e hoje se chama Carena, taõ alto que seu cume nunca se mostra descuberto de nuves.

Atropos huma das tres Parcas: vê *Parcas*.

Avás, povos do Oriente, sugeitos ao Rei de Siaõ.

Augusto, significa lugar venerando, e sacro

cro com alguma ceremonia; donde veio, que todos os succeſſores de Ceſar em o Imperio até eſtes tempos ſaõ chamados Auguſtos, e o de quem o Poeta faz mençaõ foi Octaviano.

Aurea Cherſoneſo, he Malaca.

Aurora, filha do Sol, e da Terra, mulher de Titaõ, e mãi de Memnon Rei de Ethiopia, he propriamente aquella claridade, que no Ceo apparece antes que o Sol ſaia. E neſte Poema havemos de entender por Reinos, terras, ou portos da Aurora, a India, por eſtar no Oriente.

Auſtro, vento da parte do Sul, chamado vulgarmente Vendaval.

Auſonia, foi antigamente parte de Italia, hoje ſe toma por toda Italia.

Axio, rio chamado hoje Brade, ou Varadi, o qual atraveſſa Macedonia.

Azenegues, povos de Africa, dos quaes ſe começa a terra de Guiné, he terra muito falta de agua, e mantimentos.

B

BAbel, em vez de Babylonia.

Babylonia, cidade dita a grande, onde foi

foi a grande torre de Nembroth, pela qual foraõ divididas as linguas. Edificou-a, segundo alguns, Semiramis Rainha do Egypto, com tam admiraveis edificios, que com razaõ foi contada entre as sete maravilhas do mundo. Passa-lhe pelo meio o rio Euphrates, e antigamente foi dita Memphis.

Baçaim, lugar entre Chaul, e Diu, em cuja fortaleza havia 400 peças de artilharia, quando o grande Nuno da Cunha a tomou no anno de 1533.

Bacanor, lugar da India na costa do Malavar, em cujo porto Lopo Vaz de Sampaio destruio huma grande armada de Paraos delRei de Calecut.

Baccho, filho de Jupiter, e de Semele, foi o primeiro que achou o triunfo, o modo de comprar, e vender, a musica, e o uso do vinho, do qual os Antigos o fingiraõ Deos.

Bactro, rio na Regiaõ Bactriana de Asia; o qual nasce no monte Tauro; e tem alguns que hoje se chame Bachara.

Badajoz, cidade da Estremadura, fronteira a Elvas.

Balduino, hum esforçado Cavalleiro no tempo de Carlos II. Imperador dos Romanos,

manos, a quem furtou huma filha, por nome Juditha; e o Imperador naõ ſómente diſſimulou a afronta, mas com ella lhe deu a terra de Frandes, que naquelle tempo era deſerta, e elle a aproveitou, e povoou.

Banda, ſaõ ſinco Ilhas, que contém eſte nome, habitadas de Mouros, e Gentios, entre a Jaoa, e Maluco: em as quaes ha muita noz moſcada, cujas arvores ſaõ como loureiros.

Barbora, lugar em Africa muito abundante, em o qual o Capitaõ Antonio de Saldanha queimou muitas naos aMouros.

Barem, huma ilha de Ormuz, onde ſe peſca o aljofar.

Baticalá, fortaleza na coſta do Malavar algumas 30 leguas de Goa.

Beadala, cidade junto ao cabo Comorim, deſtruida por Martim Affonſo de Souſa, Capitaõ mór do mar da India em tempo do Governador Nuno da Cunha.

Beatriz, foi filha delRei Dom Fernando de Portugal, caſada com ElRei Dom Joaõ de Caſtella.

Béja, cidade de Portugal na provincia de Alentejo.

Belem, àcerca do noſſo Poeta he a caſa de

de Noſſa Senhora de Belem, a que deu principio o Infante Dom Henrique, ennobrecida deſpois por ElRei Dom Manoel, ſita no lugar chamado antigamente Reſtello, donde partem neſte Reino todas as armadas para fóra.

Beliſario, valeroſiſſimo Capitaõ de Juſtiniano Imperador: o qual houve grandes victorias em Perſia, e em Italia, e pagou-lhe Juſtiniano com o prender, e deſterrar.

Bellona, Deoſa das batalhas, irmãa, e cocheira de Marte.

Bengala, Reino Oriental, abundante, e rico, pelo meio do qual paſſa o rio Ganges.

Benjamim, tribu entre os Hebreos, o qual por forçarem huma mulher da Tribu de Levi, acabou de todo, e a terra foi aſſolada.

Benomotapa, ou Menomotapa, he o meſmo, que entre nós Imperador, e he nome do Senhor do grande Reino de Sofala.

Berberia, terra de Africa, onde antigamente foi Rei Anteo, hum dos filhos da Terra.

Bethis, he o meſmo que Guadalquibir, rio de Eſpanha.

Bible,

Bible, fonte de Meſopotamia, em a qual foi convertida Bibli filha de Mileto, a qual amava muito ao irmaõ Cauno, de quem naõ era amada.
Bintaõ, Reino da India.
Bripur, lugar na Coſta do Malavar.
Biſcainho, o natural de Biſcaia, provincia de Eſpanha, abundantiſſima de ferro.
Bizancio, he Conſtantinopla, Corte agora do Graõ Turco.
Boemios, ſaõ os de Boemia, provincia de Europa, a qual fez Reino o Imperador Federico.
Bolonhes, eſte Conde, de que o Poeta faz mençaõ, foi Dom Affonſo irmaõ del-Rei Dom Sancho de Portugal.
Bootes, conſtellaçaõ celeſte, chamada o Sete eſtrello, e ſe toma pelas partes do Norte.
Boreas, he o vento, que commummente chamaõ Nornordeſte, e aſſi pelas partes Boreaes entenderemos as do Norte.
Borneo, ilha muito grande, e muito fertil, e abundante de todas as couſas, principalmente de canphora.
Bramás, naçaõ ſugeita ao Rei de Siaõ.
Bramenes, aſſi chamaõ os Malavares aos ſeus Religioſos, os quaes ſeguem a ſeita do

do Filoſofo Pythagoras.

Braſil, Provincia na America, chamada por outro nome Santa Cruz, o qual lhe deu Pedralves Cabral, que a deſcubrio no anno de 1500.

Brava, cidade na coſta de Melinde.

Bretanha. he Inglaterra.

Briareo, Gigante celebre, filho da Terra, do qual dizem tinha ſincoenta corpos, e cem braços.

Brigo, ſegundo alguns, Rei de Eſpanha.

Bruſios, ou Baruſios, povos de Bruſia, provincia de Sarmacia.

Buſiris, foi hum grande tyranno de Egypto, o qual ſacrificava os hoſpedes a ſeus idolos.

C

CAdmo, filho de Agenor Rei de Phenicia, o qual indo por mandado de ſeu pai buſcar a Europa ſua irmãa, que Jupiter havia furtado, como a naõ achaſſe, nem ſe atreveſſe tornar a ſeu pai ſem ella, fundou em Beocia a cidade de Thebas; e como ſeus companheiros foſſem já todos mortos por huma grande ſerpente, que ſahio de huma fonte, onde haviaõ

haviaõ ido por agua, Cadmo em vingança delles a matou; e ſemeando ſeus dentes, naſceraõ delles homens armados, os quaes peleijando entre ſi ſe mataraõ, excepto ſinco, com que edificou a cidade.

Cairo, grandiſſima, e admiravel cidade, edificada no coraçaõ de Egypto, a qual dizem tem de circuito 22 milhas, ſem comprehenſler muitos, e grandiſſimos arrabaldes. He terra de grande trato, e commercio de toda Aſia, Africa, e Europa.

Calayate, lugar de Socotorá para Ormuz.

Calatrava, o Meſtre de que o Poeta faz mençaõ.

Calecut, cidade do Malavar, e a mais rica de toda a India: da qual ſe chama Calecut toda a terra de Malavar.

Caliſto, filha de Licaon Rei de Arcadia, mudada em Urſa por Juno, e depois em Eſtrella por Jupiter, a qual ſe toma pelo Norte.

Calliope, huma das nove Muſas, e a principal, e aſſi invocada dos Poetas nos verſos heroicos.

Calpe, hum monte de Gibraltar, chamado Herculano do Poeta, por ſe dizer huma

ma das columnas de Hercules.

Calypſos, filha de Tethis, e Oceano, grande eſperdiçada de Ulyſſes, o qual a naõ largara nunca, ſe Jupiter, a requerimento de Pallas, o naõ obrigara.

Cambaia, Reino muito rico, e abaſtado, pelo qual entra o rio Indo.

Cambalo, he huma pequena ilha junto a Cochim, onde Duarte Pacheco desbaratou tres vezes ao Samorim.

Camboja, Reino maritimo ſugeito ao Reino de Siaõ, pelo qual paſſa hum grandiſſimo rio chamado Mecom, que quer dizer Capitaõ das agoas; cujo naſcimento he na China.

Camenas, nome das Muſas.

Campaſpe, huma das principaes concubinas de Alexandre Magno, o qual mandando-a retratar por Apelles, vio-o ao pintar taõ namorado, que lha deu por mulher.

Canace filha de Eolo, Rei dos ventos, a qual ſecretamente concebeo, e pario de Macareo ſeu irmaõ: e entendendo iſto ſeu pai, mandou deitar os mininos aos caens, para que os eſpedaçaſſem, e mandou a Canace huma eſpada numa maõ, e a penna noutra; eſcreveo a ſeu irmaõ aquella

aquella carta, que Ovidio refere entre as Heroidas.

Cananor, Reino da India, na coſta do Malavar.

Canará, ſaõ os moradores do Reino Biſnaga.

Canareas, ſaõ doze ilhas no mar Oceano, as quaes os Eſcritores antigos chamavaõ Fortunadas.

Canas, lugar de Apulia, junto ao qual Annibal desbaratou os Conſules Paulo Emilio, e Terencio Varraõ, com morte de 40000 Romanos, e foi taõ grande o numero dos Cavalleiros, que ſe tomaraõ tres alqueires de aneis, os quaes ſó a gente nobre podia trazer, e foi a maior perda, que os Romanos tiveraõ em ſua Monarquia.

Cancro, ſigno celeſte.

Candace, Rainha de Ethiopia, no tempo de Auguſto, de taõ grande animo, e de tal merecimento entre os ſeus, que dalli por diante todas as Rainhas de Ethiopia foraõ chamadas Candaces.

Canuſio, lugar de Apulia, vizinho de Cannas.

Capadoces, os moradores de Capadocia, parte de Natholia, que hoje chamamos Turquia.

Carlos, de dous faz o Poeta menção, o primeiro chamado Magno Rei de França: e Imperador Christianissimo, filho de Pipino, e de Berta, filha de Eraclio Imperador de Constantinopla. O segundo foi Carlos segundo Imperapor dos Romanos, pai de Juditha, que casou com Baldovinos. Vide *Baldovinos*.

Carmania, Região da India.

Carpella, he o cabo Jasque, fóra da garganta do estreito Persico.

Carthago, cidade celebre de Africa, infesta aos Romanos, e em fim vencida; da qual era natural, e Rei hum dos musicos, que o Poeta diz, he a saber Jopas, hum dos competidores da Rainha Dido.

Caspia serra, Caspios montes, e Caspios apoſentos, tudo vem a ser huma cousa mesma, e finalmente huma região de Scithia.

Cassiopea, ou Cassiope, mulher de Cepheo, Rei de Ethiopia, a qual (contão) se quiz preferir em fermosura ás Ninfas: pelo que ellas indignadas atarão sua filha Andromeda a hum penhasco, para que huma besta marinha a comesse, mas Perseo a livrou, e casou com ella; e Cassiopea, pelos merecimentos do genro, foi trasladada-

trasladada ao Ceo, e agora he huma imagem, ou Conſtelaçaõ delle.

Caſſio Sceva, Capitaõ de huma companhia de Ceſar, o qual eſtando á porta de hum lugar de Macedonia, foi cõmettido por muitos inimigos, e tendo já hum olho quebrado, muito mal ferida huma coxa, e o braço, e o eſcudo eſpedaçado, com muitas feridas por todo o corpo, nunca ſe quiz render.

Caſtelbranco, foi Dom Pedro de Caſtelbranco Capitaõ de Ormuz, em cujos mares houve grandes victorias dos Turcos.

Caſtella, ſaõ duas Provincias de Eſpanha com eſte nome, e dividindo-ſe com huma montanha, que começa nos confins de Navarra, e atraveſſa quaſi toda Eſpanha até o mar, ſe diſtingue tambem com os nomes de velha, e nova. Da nova he cabeça Toledo, e da velha Burgos.

Caſtro, foi Dom Joaõ de Caſtro, Viſo-Rei da India, o qual teve muitas victorias contra ElRei de Cambaia, e contra o Hidalcaõ, e fez outras muitas couſas dignas de memoria.

Catherina Virgem, e Martyr, ſepultada no monte Sinay.

Catilina, Lucio Sergio Catilina, Conſul Romano,

Romano, o qual determinou, com outros de sua parcialidade, apoderarse de Roma.

Cauchichina, he Reino Oriental junto a Cambaia, ao qual os naturaes chamaõ Cacho.

Caudinas forcas, aquellas, por onde os Samnites, povos de huma Regiaõ de Italia, obrigaraõ passar sem armas aos Romanos, capitaneados pelo Consul Sp. Posthumo; afronta de que os Romanos se vingaraõ bem.

Chaul, cidade no Reino Adecaõ, que corruptamente chamamos Daquem, distante da cidade de Diu 50 legoas.

Chersoneso aurea, he Malaca, cabeça de todo o Reino assim chamado; cujo porto he muito bom, e frequentado de todas as naçoens do mundo, por ser muito abundante de todas as cousas.

Chiamai, lago donde nasce o rio Menaõ, que fende de alto abaixo todo o Reino de Siaõ.

Chimera, monte de Lycia, o qual lança fogo pelo mais alto, e no tempo passado era muito povoado de leoens, cabras montezas, serpes, e outros bichos venenosos, donde os Antigos fingiraõ ser hum monstro de tres cabeças de leaõ, cabra,

cabra, e dragaõ, por cujas boccas sahia muito fogo.

China, Imperio grande, e rico do Oriente, dividido em 15 Provincias, em as quaes se contém 245 cidades notaveis, além de outras terras, castellos, villas, e lugares infinitos.

Dom Christovaõ, entende da Gama, o qual indo por mandado de D. Estevaõ da Gama, Governador da India, em favor do Preste Joaõ, contra ElRei de Zeilá, desbaratou duas vezes os Mouros com 500 Portuguezes que levava.

Cybele, mãi dos Deoses gentilicos, e mulher de Saturno: á qual dedicavaõ o pinho, por quanto Atis, a que foi muito afeiçoada, foi convertido em esta arvore.

Cicero, he M. Tullio filho de hum Tullio, e de Olbia sua mulher, Consul Romano, e per si assaz conhecido, e louvado.

Ciclopes, foraõ tres, Brontes, Steropes, e Pyracmon, filhos de Neptuno; aos quaes fingem os Poetas obreiros de Vulcano, ferreiro de Jupiter seu pai, em a Ilha Lipara, huma das Eolidas, que estaõ entre Italia, e Sicilia.

Cycones, povos de Thracia, os quaes tiveraõ muita guerra com Ulysses, depois

pois da deſtruiçaõ de Troya.

Cilicios, ſaõ os de Cilicia, que hoje ſe chama Carmania, regiaõ da menor Aſia.

Cylleneo, he Mercurio, chamado aſſi de Cylene monte de Arcadia, onde naſceo, e era venerado.

Cyniſio, rio de Africa.

Cingapura, he hum cabo de terra defronte da Ilha Samatra.

Cyniras, Rei de Chipre, o qual de huma ſua filha chamada Mirrha, teve Adonis, por onde o Poeta o chama filho, e neto de Cyniras.

Cynirea, he Mirrha, filha de Cyniras, a qual foi convertida em huma arvore de ſeu nome.

Cynoſura, conſtelaçaõ celeſte, chamada por outro nome Urſa maior.

Cintra, lugar de Portugal, na coſta do mar Oceano, a cuja ſerra chama Varraõ Monte Tagro, e outros ſerra da Lua.

Cypariſſo, filho de Telepho, matando por deſaſtre hum ſervo, a que elle amava muito, ficou tam ſentido, que Apollo, de quem foi muito amado, tendo piedade delle, o converteo em Cipreſte.

Cyphiſio flor, he o lirio, em que Narciſſo, filho

filho da Ninfa Liriope, e do rio Cyphiſo foi convertido.

Cypria Deoſa, he Venus, chamada aſſi de Cypro onde era venerada.

Cypro, he a ilha Chypre, no mar Mediterraneo, ſugeita hoje ao Graõ Turco.

Circes, ſaõ as feiticeiras, porque Circe filha do Sol, e de Perſe Ninfa o foi taõ famoſa, que com ſeus encantos, e feiticerias transformou (ſegundo contaõ as fabulas) os companheiros de Ulyſſes em porcos.

Cyro, Rei dos Perſas: veja-ſe Araſpes, para entendimento do Poeta.

Cythera, ilha no Peloponeſo, chamada hoje Cetige, dedicada a Venus, a quem por eſſa razaõ chamaõ Citherea.

Cizimbra, lugar maritimo de Portugal.

Claudinas forcas, vide *Caudinas forcas*, que de hum modo, e outro ſe póde ler eſte lugar, aludindo a Claudio Pencio Imperador dos Samnites, ou ao lugar chamado Cauda onde foi o ſucceſſo, que o Poeta aponta, e atraz explicamos.

Cleoneo Leaõ, he o que matou Hercules junto a huma aldea chamada Cleone, entre Argos, e Corintho: e he o que por outro nome chama Nemeo.

Clicie,

Clicie, Ninfa, a quem Apollo foi muito afeiçoado.

Clymene, filha de Tethys, e do Oceano, a qual foi mãi de Phaetonte, que he o Sol.

Cloris, assi se chamava Flora Rainha das flores, antes que se casasse com Zephyro.

Cloto, huma das tres Parcas.

Cochim, cabeça de hum Reino assi chamado, 30 leguas de Calecut na costa do Malavar, com cujos Reis tiveraõ sempre os Portuguezes muita amizade.

Cocyto, rio do inferno, significa choro.

Cocles, foi Horacio Cocles, nobre Romano; o qual na guerra que Porsena Rei de Hetruria teve com os Romanos, pela restituiçaõ dos Tarquinios, sosteve o impeto dos inimigos, com dous companheiros sómente, querendo passar a ponte Sublicia sobre o Tevere, com tanto esforço, que os Romanos tiveraõ lugar de derribar a ponte; e estando já seus companheiros em salvo, armado como estava se lançou ao rio, e a nado passou sem perigo algum aos seus: pelo que os Romanos lhe levantaraõ huma estatua.

Codro, Rei dos Athenienses, o qual por salvar sua patria se entregou á morte certa.

Coelho, he Nicolao Coelho Capitaõ de hum dos ſinco navios, com que Vaſco da Gama foi em deſcobrimento da India.
Colchos Regiaõ de Aſia, que hoje ſe chama Mengulia, ſugeita ao Graõ Caõ Senhor dos Tartaros; em a qual diziaõ eſtava hum vello de ouro, chamado commummente o Vellocino.
Coloſſo, eſtatua de metal em Rhodes, dedicada ao Sol; a qual era de muito grande altura, e por eſte reſpeito tida por huma das ſete maravilhas do mundo.
Columbo, lugar pequeno, mas o principal porto da Ilha de Ceilaõ.
Comorim, he eſte cabo defronte de Ceilaõ.
Conca, cidade de Caſtella a Velha, donde naſce o Rio Tejo.
Congo, Reino antiquiſſimo de Africa.
Conſtantino, o primeiro foi por alcunha chamado Paleologo, o qual perdeo a cidade de Conſtantinopla: o ſegundo foi Conſtantino Magno, filho de Santa Elena, o qual fez a Conſtantinopla cabeça do Imperio.
Conſtantinopla, veja-ſe *Bizancio*.
Cordova, cidade clariſſima de Eſpanha Bethica, cabeça do Reino do meſmo nome, e patria dos dous Senecas, e de Lucano.

Cori, he o meſmo que Comorim.

Coriolano, varaõ illuſtre Romano, a que Cicero em muitos lugares compara com Themiſtocles; o qual ſendo em humas diſſenſoens lançado fóra de Roma, por vingar ſua injuria, lhe fez depois muita guerra.

Corvino. Valerio Meſſalla, tribuno de ſoldados ſahindo a deſafio com hum Francez, teve em ſua ajuda hum corvo; o qual pondo-ſe-lhe em ſima do capacete, de quando em quando fazia dalli ſuas arremetidas contra o Francez, aferrando-lhe no roſto, e nos olhos, com que o Romano ficou vencedor, e dalli por diante com o apellido de Corvino.

Coulaõ, terra da Provincia do Malavar.

Coulete, outro lugar na coſta do Malavar, 6 leguas de Calecut.

Cranganor, terra da meſma provincia.

Crocodilo, animal grandiſſimo da feiçaõ de lagarto.

Cuama, rio que naſce na alagoa do Nilo.

Cunha, hum he o grande Nuno da Cunha, e o outro Triſtaõ da Cunha, o qual deſcobrio as ilhas, que hoje ſe chamaõ de ſeu nome.

Cupido, bem conhecido he de todos.

Curcio, eſte he Marco Curcio, taõ afeiçoado á ſua patria, que naõ receou a perder a vida por amor della.
Cutiale, nome de hum Mouro, que viera de Meca á India; e tendo cento e trinta vellas muito bem artilhadas, Lopo Vaz de Sampaio o desbaratou com onze fómente.

D

DAbul, lugar de Cambaia, que Dom Franciſco de Almeida, Vizo-Rei da India, entrou á força de armas, e o deſtruhio ſem ficar pedra ſobre pedra, nem peſſoa viva.
Dalmatas, os de Dalmacia, que agora commummente ſe chama Eſclavonia.
Damaõ, cidade no Guzarate reino da India.
Damaſceno de Damaſco, em cujo campo Deos Noſſo Senhor creou o primeiro homem.
Dano, he o morador de Dania, que agora chamamos Dinamarca.
Danubio, o maior, e mais celebrado rio de toda Europa.

Daphne, Ninfa filha do rio Peneo, convertida em louro por cauſa de Apollo.

Dardania, aſſi ſe chamou Troia, de Dardano Rei della.

Dario, Rei dos Perſas.

David, Rei Santiſſimo, e Profeta, cheio de Eſpirito Santo, de quem diſſe Deos, que achara hum homem conforme o ſeu coraçaõ: com tudo namorado de Berſabé mulher de Urias ſeu Cavalleiro, veio a cometter hum adulterio, hum homicidio, e huma treiçaõ; de que depois arrependido cantou o Pſalmo *Miſerere*. Por filho de David, entenderemos a Chriſto Senhor Noſſo; fraſe, e termo de falar Hebraico, por ſer da geraçaõ de David. Vide *Saul*.

Decaniis, ſaõ os do Reino de Hidalcaõ, em o qual eſtaõ Chaul, Dabul, Goa, e outros muitos lugares conhecidos já por fama.

Decios, Romanos fortiſſimos, os quaes amaraõ tanto ſua patria, que ſe ſacrificaraõ por ella, o pai na guerra Latina, o filho na Hetruſca, e o neto em a guerra, que Pyrrho fez pelos Tarentinos.

Dedalea faculdade, obra, e artificio de Dedalo arquitecto famoſo.

Deli,

Deli, reino muito grandé no Oriente, ainda que hoje muito menor do que já foi.
Delio, he o Sol, chamado assi da Ilha Delos, onde dizem que nasceo.
Delo, Ilha no mar Egeo, ou Myrtoo; onde Latona pario a Apollo, e a Diana, e desde entaõ ficou firme, sendo de antes instavel, e que andava vagando pelo mar: por outro nome se chama Ortigia.
Demodoco, musico, e tangedor excellentissimo, da ilha dos Pheaces, que he a que hoje chamamos Corfu, e outros Corcyra.
Diana, filha de Jupiter, e de Latona, Deosa da Castidade, e da Caça, e a mesma que Lua no Ceo, e Proserpina no Inferno; e assi a pintavaõ os Antigos com tres rostos.
Dina, filha de Jacob, a quem a furtou Siquem filho de Hemor, por cuja causa foi morto, e todos os seus, e a terra destruida.
Diniz, he Dom Diniz Rei de Portugal filho delRei Dom Affonso o Terceiro.
Dio, ou Diu, cidade maritima em o Reino de Cambaia, fertil, abundante, sadia, e de muito trato.

Diogo,

Diogo, hum dos dous feitores, que Vasco da Gama em Calecut mandou a terra para vender as fazendas, aos quaes Joaõ de Barros chama Alvaro Dias, e Diogo Correa: Goes, Diogo Dias, e Alvaro de Braga.

Diomedes, Tyranno crueliſſimo de Thracia, o qual ſuſtentava os cavallos com a carne, e ſangue dos hoſpedes, que agaſalhava.

Dione, mãi de Venus, e filha do Oceano, e de Tethis. Algumas vezes ſe toma pela meſma Venus.

Dite, irmaõ de Jupiter, e Neptuno, Deos dos Infernos (ſegundo os Poetas) chamado por outro nome Plutaõ.

Dofar, cidade inſigne em a coſta de Arabia feliz, donde vem o melhor incenſo.

Dorcadas, chamadas por outro nome Gorgonas: querem alguns, que ſejaõ as ilhas de S. Thomé, e Principe, junto a Manicongo.

Doris, Ninfa do mar, filha do Oceano, e de Tethis, e mãi de todas as Ninfas marinhas. Toma-ſe algumas vezes pelo meſmo mar.

Douro, o maior rio de Eſpanha.

Duarte, primeiro do nome, e undecimo Rei

Rei de Portugal: foi filho delRei Dom Joaõ o primeiro.

E

EBorenſes campos, os de Evora cidade.
Eſire, Ninfa filha do Oceano, e de Tethis.
Egas, foi Egas Moniz, Aio delRei Dom Affonſo Henriques.
Egeo, nome de hum Gigante, filho de Titano, e da Terra.
Egypcia terra, he o Egypto, regiaõ junto de Africa, e parte da Aſia, abundante pela inundaçaõ do rio Nilo: da qual era Rainha Cleopatra, famoſa, mas pouco honeſta.
Eliſio, os campos Eliſios, onde os bemaventurados, deſpois de paſſar deſta vida (conforme a opiniaõ dos Ethnicos) hiaõ deſcanſar, e gozar de perpetua felicidade; huns os poem nas partes de Andaluſia, e outros em Beocia junto da cidade de Thebas.
Elvas, cidade na arraia de Portugal, e Praça fronteira a Badajoz.
Emathio campo de Emathia Regiaõ de Grecia, chamada por outro nome Theſſalia, e Emo-

e Emonia, onde Pompeio foi vencido de Julio Cesar seu sogro.

Emodio, he hum esgalho do monte Tauro, o qual serve de termino, pela parte do Norte, á terra, que chamamos India, e os naturaes, e vizinhos Indostan.

Encelado, Gigante grandissimo, filho de Titano, e da terra.

Eneas, Varaõ Troiano, filho de Anchises, e da Deosa Venus, bem conhecido pelos versos de Virgilio.

Eniocos, povos de Sarmacia Asiatica, que hoje chamamos Moscovia.

Eolo, filho de Jupiter, e de Sergesta, Rei das ilhas Eolias, dito Rei dos ventos, e das tempestades.

Eoo, he o mesmo que do Oriente.

Epicurea seita, a de Epicuro Filosofo de Athenas, ou Samos, o qual tinha por opiniaõ, que a nossa alma era mortal, e corruptivel: e entre outros diabolicos erros, dizia mais, que toda a felicidade da vida estava nos deleites della, e que naõ havia outro bem mais, que comer, beber, e levar boa vida.

Erycina, he Venus, assi chamada de Eryx, ou Erice monte de Sicilia, que hoje se diz de S. Juliaõ, onde antigamente era venerada.

Ery-

Erymantho, rio de Arcadia, que naſce de hum monte do meſmo nome, em o qual Hercules tomou hum porco Javaril, que deſtruia toda a terra, e o levou vivo a ElRei Euriſteo, por cujo mandado foi áquella impreza, crendo que morreſſe nella.

Erythreas ondas, as do mar Roxo, pelo qual o Povo de Iſrael paſſou a pé enxuto, fugindo de Faraó, que com toda ſua gente ſe afogou nelle.

Erythreo ſeio, aquelle eſpaço de mar que fica das portas do dito mar Roxo para dentro.

Eſcandinavia, he huma peninſula, onde eſtá o reino de Suevia, e outros.

Eſpanha, ou Heſpanha, por outro nome dita Heſperia, provincia de Europa, bem conhecida.

Eſtevaõ, he Dom Eſtevaõ da Gama, o qual ſuccedeo em o governo da India a Dom Gracia de Noronha, e a quem ſuccedeo Martim Affonſo de Souſa.

Eſtigio lago, o que os Poetas fingem haver no Inferno: o qual dizem haver ſido taõ venerado dos proprios Deoſes, que quando juravaõ por elle, naõ ouſavaõ quebrar o juramento.

Ethio-

Ethiopia, regiaõ de Africa, entre Arabia, e Egypto.

Etna, monte altiſſimo de Sicilia, chamado hoje Mongibello, o qual deita de ſi chammas de fogo.

Euphrates, rio celebre de Aſia, que corre por hum lado de Meſopotamia: he hum dos quatro rios, que naſcem no Paraizo Terreal; como parece no Geneſis cap. 3.

Evora, cidade celebre de Portugal.

Eurydice, mulher de Orpheo, muſico, e tangedor excellentiſſimo, o qual com ſua viola atrahia a ſi homens, pedras, arvores, e outras couſas inſenſiveis; e fazia que os rios ſe detiveſſem a ouvir ſua muſica.

Euriſteo, Rei de Grecia; o qual á inſtancia de Juno, mandava Hercules a varias emprezas, todas muito perigoſas, a fim de que em alguma pereceſſe.

Europa, huma das quatro partes da Terra.

Euxino mar, he o que hoje chamaõ mar maior, onde eſtá a grande cidade de Conſtantinopla, pelo qual navegou a nao Argo, da qual tratámos já em ſeu lugar.

Falerno,

F

FAlerno, monte de Campania, em o qual se daõ vinhos excellentissimos.
Farfaque, cidade principal na costa de Arabia Feliz: em a qual ha hum cabo do mesmo nome.
Favonio, vento Occidental, que por outro nome se diz Zephyro, que quer dizer dador da vida, porque he brando, e amigo da natureza.
Fernando, e Fernaõ, he o mesmo: quanto ao nome: porém quanto ás pessoas, hum delles foi ElRei Dom Fernando, primeiro, e ultimo do nome em Portugal, filho delRei Dom Pedro. Outro ElRei Dom Fernando, filho delRei Dom Joaõ de Aragaõ. Outro Fernaõ Martins, a quem Goes chama Martim Affonso, e diz que era hum marinheiro, interprete de Vasco da Gama para a lingoa Arabia. E outro finalmente foi Dom Fernando de Castro, irmaõ de Dom Alvaro de Castro, e filhos de D. Joaõ de Castro Viso-Rei da India.
Flora, tida entre os Antigqs por Deosa das flores.

Focas, lobos marinhos.

Formiaõ, Filoſofo da ſeita dos Peripateticos, o qual, hindo hum dia Annibal ouvilo á ſua eſcola, lhe fez huma larga oraçaõ ſobre o officio do bom Capitaõ, e couſas tocantes ao exercicio da guerra, com tanta eloquencia, que os circumſtantes ficaraõ todos admirados, excepto Annibal, que ſó o teve por doudo.

França, foi o Vizo-Rei Dom Franciſco de Almeida.

Frandes, regiaõ de Gallia Belgica.

Fuas, Dom Fuas Roupinho, Cavalleiro Portuguez, e esforçadiſſimo.

Fulvia, mulher de Marco Antonio.

G

GAbello, certo morador de Rages na Media, de quem indo Tobias por mandado de ſeu pai arrecadar hum pouco de dinheiro, e naõ ſe atrevendo ir ſem companheiro, lhe appareceo o Archanjo S. Rafael, e o acompanhou até o lugar aonde hia.

Gaditano mar, he o Occidental; dito aſſi de Gades, q̃ he a ilha de Cadis ſita no Poente.

Galerno,

Galerno, he o mesmo que Favonio vento, ou Zephyro.
Galatea, Ninfa do mar, filha de Nereo, e Doris, a qual foi muito amada do Gigante Polifemo.
Gallegos, povos de Espanha.
Gallia, he França.
Gallo, o Francez.
Gambea, rio de Africa, que alguns querem seja o Niger.
Ganges, rio da Indía, por outro nome Phison, hum dos quatro que nascem no Paraizo Terreal.
Gangetico, cousa do Ganges.
Garumna, rio de França, o qual nasce nos montes Pyreneos, e dividindo a Gasconha de França, entra no mar Oceano.
Gate, monte do reino de Narsinga, o qual serve aos Malavares de muro contra os moradores de Bisnaga vizinhos.
Gedrosia, provincia de Africa, na costa de Guiné.
Georgianos, povos de Asia menor, sugeita hoje ao Turco.
Germano, quer dizer Alemaõ.
Gerum, he huma pequena ilha onde está situada a cidade Ormuz.
Gida, a que outros chamaõ Juda, cidade na

na costa de Arabia, e porto da cidade Meca.

Gigantea, cousa de Gigante.

Gigantes, foraõ, segundo os Poetas, filhos de Titano, e da Terra, os quaes determinaraõ sobir ao Ceo, e lançar a Jupiter delle.

Gil Fernandes, por alcunha, ou sobrenome de Elvas, foi falsamente prezo por Paio Rodrigues Marinho, que era Alcaide Mór de Campo Maior, o qual tinha a voz de Castella; mas resgatado se encontrou despois com elle entre Elvas, e Campo Maior, onde Paio Rodrigues foi prezo, e morto.

Giraldo, foi hum Cavalleiro Portuguez de muito esforço, e sem medo algum; pelo que era chamado *sem pavor*, em tempo delRei Dom Affonso Henriques, em cuja disgraça andava lançado com os Mouros: e por se reconciliar com Deos, e com ElRei, deu traça com que Evora se tomasse aos Mouros.

Glafira, por cujos ditos, chistes, e trovinhas, Marco Antonio deixava a sua mulher Fulvia.

Gnido, ou Cnido, ilha do mar Carpathio.

Goa, cidade Metropoli Archiepiscopal da India.

Go-

Gofredo, ou Godifredo, que commummente chamamos Godofredo de Bulhaõ, foi filho de Euſtachio, e de Ida, Duque de Letena, o qual ganhou a Corbana Perſa a ſanta cidade de Jeruſalem, onde foi acclamado Rei anno de 1098.

Goliath, he o Gigante Filiſteu, a quem o Santo David matou com huma funda.

Gonçalo Ribeiro, chamava-ſe Gonçalo Rodrigues Ribeiro; o qual com Vaſco Annes, collaço da Rainha Dona Maria de Caſtella, e Fernaõ Martins de Santarem, fizeraõ grandes couſas em França, onde poſſaraõ a ganhar fama, por ſua cavallaria, como entaõ ſe coſtumava; e vindo Gonçalo Rodrigues ter a Caſtella, matou em deſafio a hum Caſtelhano; e em humas juſtas Reaes, que ElRei de Caſtella fez á ſua inſtancia, fizeraõ todos tres muitas ventagens.

Gonçalo, eſte foi o beato Gonçalo da Silveira da Companhia de Jeſus.

Gotica gente, os Godos, povos de Scythia, eſpanto antigamente de toda Italia, onde fizeraõ grandes crueldades, ſeguindo a Atila ſeu Rei, e ſeu Capitaõ.

Granada, Reino de Eſpanha, e huma cidade

dade assi chamada, na provincia Bethica, que he Andalusia.
Granadil, o de Granada.
Grecia, regiaõ de Europa, em todas as disciplinas antigamente celeberrima, hoje quasi sugeita ao Turco.
Grego sabio, he Ulysses, natural de Grecia.
Guadalquivir, he o Bethis rio que passa por Sevilha.
Guadiana, rio de Espanha, que nasce junto á serra de Alcarraz, e junto de hum lugar, que chamaõ La puebla de Alcacer, se mette debaixo do chaõ, e vai sahir dahi 9 ou dez leguas.
Guardafu, o cabo, a que os Antigos chamavaõ Aromata, no fim da terra de Africa, e principio de Asia.
Gueos, povos sugeitos ao Rei de Syaõ.
Guido cognominava-se Lusigniano, e foi ultimo Rei de Jerusalem.
Gusarares, saõ os moradores do reino de Cambaia, onde esta Diu.

H

HArpias, foraõ tres, Elo Ocypite, e Celeno, que tambem se chama Podarge;

darge; das quaes contaõ os Poetas, que quando Phineo Rei de Thracia, por conselho de sua segunda mulher, tirou os olhos aos filhos da primeira, os Deoses enojados disso lhe quebraraõ os seus; e para maior tormento, tudo quanto lhe punhaõ diante para comer lhe tiravaõ as Harpyas, que eraõ huma aves muito sujas, e golosas.

Hebrea mái, entende Emina mái de Mafamede, cujo pai foi Abdelá gentio de naçaõ.

Hector, hum foi Hector da Sylveira, que desbaratou a Halixa Capitaõ mór da Armada de Diu; e o outro, a quem o Poeta o compara, Hector Troiano, filho de Priamo Rei de Troia, e de Hecuba sua mulher, o qual por muitas vezes desbaratou os Gregos no cerco de Troia.

Helicon, monte de Beocia, nam longe de Parnasso, dedicado a Apollo, e ás Musas.

Heliogabalo, Imperador Romano, o mais vicioso, e afeminado homem, que houve no mundo.

Helle, filha de Athamante Rei de Thebas e de Nepheles, a qual fogindo com seu irmaõ Phrixo, do odio, e traiçoens de sua

ſua madraſta Ino, e indo para paſſar o Ponto em o carneiro de ouro, que ſeu pai lhe dera, cahio no mar; o qual por eſta occaſiaõ ſe ficou dalli chamando Helleſponto.

Helleſponto, he hum braço de mar, que divide Aſia de Europa, chamado hoje o eſtreito de Galipoli, ou braço de Saõ Jorge.

Hemiſpherio, quer dizer meia Eſphera, que ſignifica redondeza; e aſſi chamaõ os Gregos ao mundo, como os Latinos Orbe.

Hemo, monte de Thracia altiſſimo, em o qual ſe diz eſtar o domicilio de Marte; hoje ſe chama cadêa do mundo, e toda eſta terra he ſugeita ao Turco.

Henrique; o primeiro, de que o Poeta faz menção, foi o Conde Dom Henrique, pai delRei Dom Affonſo Henriques, primeiro de Portugal. O ſegundo, o Infante Dom Henrique, filho terceiro delRei Dom Joaõ o Primeiro, com que ſe achou na tomada de Ceita, e foi o primeiro, que entrou as portas della, como o Poeta adiante diz no Canto 8. eſt. 37. O terceiro, foi hum Cavalleiro Alemaõ, o qual morreo neſta cidade

de de Lisboa, quando foi tomada aos Mouros; ao longo de ſua ſepultura ſe conta que naſceo huma palmeira, com a qual, pela virtude deſte ſanto Varaõ, ſe obravaõ muitas maravilhas. E o quarto, Dom Henrique de Menezes, por alcunha o Roxo, que ſuccedeo no governo da India a Dom Vaſco da Gama, e foi muito virtuoſo, e esforçado Cavalleiro.

Hercules, filho de Jupiter, e Alcmena, do qual ſe eſcrevem grandes feitos, e ſe contaõ principalmente doze trabalhos, dos quaes ſe explicaõ alguns, por diverſos lugares deſte indice, onde convém para entender os do Poeta.

Hermo, rio de Lydia, que divide a Eolia da Jonia, com o qual ſe miſtura o Pactolo: ambos levaõ arêas de ouro.

Heroas, e Heroes, chamavaõ os Antigos aos Varoens illuſtres, e de grande valor, que por ſuas façanhas, e virtudes, mereceraõ ſer tidos por iguaes aos Deoſes: e de ahi, couſa Heroica.

Heroſtrato, hum louco, e perdido, o qual queimou o templo de Diana Epheſia, ſó por adquirir fama immortal no mundo.

Heſperia, a ultima, ou menor, he Eſpanha,

nha; a primeira, ou maior Italia.

Heſperides, foraõ tres, Egle, Aretuſa, e Heſperetuſa, filhas de Heſpero Rei de Africa: as quaes ſe diz tinhaõ hum pomar, que dava fruitos de ouro, e era guardado por hum dragaõ, que nunca dormia; mas Hercules o matou, e levou os ditos pomos. Habitavaõ as Heſperides em humas ilhas, que de ſeu nome, ou de Heſpero ſeu pai, ſe chamavaõ Heſperides, e, conforme a opiniaõ de alguns, ſaõ as que hoje dizemos do Caboverde.

Heſperio, he o meſmo que Heſpero.

Hyacintinas flores de Hyacinto, mancebo amado de Apollo, o qual ſe matou a ſi meſmo; e naõ podendo Apollo remediar ſua morte, o converteo em huma flor com as letras, A I. que vem a dizer ai, em lembrança do que Hyacinto deu quando cahio morto.

Hydalcaõ, Principe poderoſiſſimo da India em o Reino Decan, onde eſtá a cidade de Goa. A quem o dito Hildacaõ cercou no anno de 1572. com 7000. Infantes, 3500 cavallos, 200 Elephantes, e 250 peſſas de artilharia, ſem lhe aproveitar nada.

Hidaſ-

Hidaſpe, ou Idaſpe, rio da India, celebrado por ſua grandeza.
Hieruſalem, cidade principal, naõ ſó de Judea, mas de todo o mundo: e onde foi obrado o myſterio principal de noſſa Redempçaõ.
Hieroſolima cidade, he Hieruſalem.
Hymeneo, filho do Deos Bacco, e da Deoſa Venus, honrado por Deos das bodas entre os Ethnicos, e aſſi ſe toma pelas meſmas bodas, e caſamentos.
Hyperboreos montes, ſaõ huns, que ficaõ na parte ſeptentrional de Europa.
Hyperionio, he o meſmo Sol, do qual ſe finge que, depois de ter dado luz neſte Hemiſpherio, ſe recolhe ao mar, e com Tethis ſenhora delle, paſſa a noite, deſcanſado do trabalho do dia.
Hypocrene, fonte de Beocia, naſcida, como os Poetas dizem, da ferida, que o cavallo Pegaſo alli fez com o pé; a qual he dedicada ás Muſas.
Hypotades, he Eolo Rei dos ventos, por ſer caſado com Sergeſta filha de Hypotas Troiano.
Hircinia montanha, dizem ſer hum boſque muito grande, e muito eſpeſſo, entre o qual, e a terra de Sarmacia eſtá Alemanha.

Homero, Poeta Grego, e Principe dos Poetas; e por elle ſer eſte, depois de morto, contenderaõ muitas cidades de Grecia ſobre qual dellas era ſua patria.

Horizonte, no ſentido do Poeta, he aquella parte do Ceo, onde o Sol começa moſtrar ſeus raios.

Hunno, o Huno fero, foi Atila.

I

IAno, Rei antiquiſſimo de Italia, ao qual pintavaõ com dous roſtos.

Jaos, gente de Jaoa, Provincia do Oriente.

Japaõ, ilha do Oriente, que dizem terá 600 leguas de comprido, e 300 de largo: ſugeita toda a hum ſó Rei, ao qual elles chamaõ Voo, e o que agora reina ſe chama Tuxo Gunzama.

Japeto, Gigante filho de Titano, e da Terra, e pai de Prometeo, do qual contaõ os Poetas, que fazia homens de barro com tanto engenho, que pareciaõ vivos; e vendo a caſo Minerva a ſua obra, lhe deu ajuda para ſubir ao Ceo, donde trouxe fogo, que tirou do carro do Sol, com que deu vida aos homens,

mens, que de barro fazia; e daqui vem que alguns hoje presumem ser filhos do mesmo Sol. Mas querendo Jupiter castigar este atrevimento, o mandou amarrar no monte Caucaso com huma aguia, a qual de contino estivesse comendo-lhe as entranhas.

Jaquete, lugar no Reino de Cambaia ao longo da costa: junto ao qual faz o mar huma enseada muito mettida pela terra dentro, em a qual o mar enche, e vaza com tanta pressa, que trastorna todo o navio, que nam acha com a proa para a corrente da agoa.

Jasque, hum cabo nas partes da India, chamado antigamente Carpella, cujo sertaõ he muito esteril, e foi dito Carmania.

Ibero, he o Ebro, rio de Espanha, e assi terras Iberinas terras de Espanha.

Idalio, monte, bosque, e castello na Ilha de Chipre, dedicada a Venus.

Idaspe, vê *Hidaspe*.

Idea selva, huma do monte Ida junto a Troia, em o qual deu Paris o juizo das tres Deosas, Juno, Pallas, e Venus.

Illyricos, de Illyrico, ou Illyris, regiaõ na costa do mar Adriatico.

India, fica entre o meio dia, e o Oriente,

te, Regiaõ ſaluberrima, e bem conhecida.

Indo, hum dos maiores rios do mundo, que rega, e dá nome á India.

Inglaterra, ilha no mar Oceano bem conhecida, cujos Reis entre outros titulos, tem o de Hieruſalem.

Ines, foi Dona Ignez de Caſtro, Senhora muito principal, cuja hiſtoria com ElRei Dom Pedro he mui ſabida.

Joaõ, ou Joanne, hum foi ElRei Dom Joaõ o Primeiro, chamado de boa memoria, filho delRei Dom Pedro, outro ElRei Dom Joaõ o Segundo, filho delRei Dom Affonſo o Quinto, e o ultimo ElRei Dom Joaõ o Terceiro, filho deiRei Dom Manoel: e todos tres foraõ muito valeroſos.

Yopas, hum grande muſico de Africa, e tangedor excellentiſſimo.

Jordaõ rio, que naſce ao pé do monte Libano, e o primeiro do mundo pelas maravilhas, que nelle foraõ feitas, e por haver ſido baptizado nelle Chriſto Noſſo Salvador por S. Joaõ Baptiſta. A agoa deſte rio eſcreve o Senhor de Villamont Francez, em o livro que fez de ſuas viagens, que nam ſe corrom-

pe, nem se gasta já mais: o que experimentou por huma redoma, que cheia della trouxe desde Hierusalem até Veneza, distante mais de 700 leguas huma da outra, segundo o caminho que fez.

Yos, ilha do mar Mirtoo, em a qual dizem estar sepultado o poeta Homero.

Ismael, filho de Abraham, e de Agar escrava sua; do qual os Mouros saõ chamados Ismaelitas.

Ismar, hum dos sinco Reis Mouros, a quem ElRey Dom Affonso Henriques venceo no campo de Ourique.

Israel, nome que o Anjo poz a Jacob.

Istro, rio grandissimo de Europa, o qual por outro nome se diz Danubio.

Italia, nobilissima regiaõ de Europa.

Ithaco, he Ulysses, chamado assi de Ithaca sua patria, ilha do mar Egeo, vulgarmente dita Val du Compare, muito montuosa, e de pouco valor.

Juba, Rei antigo de Mauritania.

Judaico Rei, entende Ezequias, o qual estando já sentenciado por Deos á morte, foi milagrosamente por suas lagrimas remediado.

Judea, Regiaõ de Siria na Asia maior, a qual he parte de Palestina, chamada na Escri-

Escritura *Terra de Promissaõ*, em a qual está a cidade Santa de Hierusalem, e he toda sugeita ao Turco.

Juditta, vê *Balduino*.

Juliana manha, a que o Conde Dom Juliaõ teve para perder Hespanha, mettendo por Ceita os Mouros nella.

Juno, filha de Saturno, e de Opis, irmãa, e mulher de Jupiter, Deosa dos Reinos, e riquezas, a qual se diz presidir tambem nos casamentos, e partos, por cuja causa a chamaraõ Probuna, e Lucina.

Jupiter, filho de Opis, e da Saturno: nascido de hum parto com Juno, ao qual os Antigos veneravaõ pelo maior de todos os Deoses.

L

LActea via, ou Lacteo caminho, he o que chamamos commummente caminho de Santiago.

Lageia, he Cleopatra Rainha de Egypto.

Lamo, cidade na costa de Melinde.

Lampecia, irmãa de Phaetonte filho do Sol.

Lampetusa, outra irmãa do mesmo Phaetonte, a qual com suas irmãas fizeraõ tam

grande pranto pela cahida de seu irmaõ Phaetonte, que movidos os Deoses a piedade as converteraõ em alamos.

Laos, povos sugeitos ao Rei de Syaõ.

Lapia, Provincia da Europa Septentrional.

Lara, cidade da Persia, nos confins de Ormuz.

Lariſſea, entende-se Coronis Ninfa, filha de Leucippo, chamada por outro nome Arſinoe, a qual matou Apollo pelo adulterio, que contra elle cometteo.

Latona, mãi de Apollo, que he o Sol, e de Diana, que he a Lua.

Leiria, cidade de Portugal.

Leonardo, chamava-se Leonardo Ribeiro, ſoldado de Vaſco da Gama, o qual dizem era muito gracioſo, e namorado.

Lepido, foi Marco Lepido, o qual com Ceſar Octaviano, e Marco Antonio, ſendo Conſules, e inimigos entre ſi capitaes, vieraõ a dividir o Imperio Romano, que juntos governaraõ doze annos, e fizeraõ huma liga, e concerto, em que cada hum delles entregaſſe ſeus inimigos: e aſſi Marco Antonio entregou a Lucio Antonio ſeu tio irmaõ de ſeu pai; Marco Lepido a Paulo ſeu irmaõ, Ceſar Octaviano a Marco Tullio Cicero, a quem

a quem sempre chamara pai, e de quem fora sempre tratado como filho.

Levante, he onde o Sol nasce.

Leucate, Promontorio no Epiro, que hoje se chama Albania, e perto de outro cabo chamado Accio, entre os quaes foi aquella memoravel batalha entre Octaviano Augusto, e Marco Antonio, em a qual Marco Antonio, e Cleopatra Rainha do Egypto foraõ desbaratados.

Leucothoe ninfa filha de Orchamo, Rei de Babilonia, pela qual Apollo fez muitos extremos, que lhe nam custaraõ menos que a vida. E assi Apollo a converteo despois em a arvore, que dá o incenso.

Lianor, foi Dona Lianor Telles de Menezes, mulher de Joaõ Lourenço da Cunha, a quem ElRei Dom Fernando a tomou, e se casou com ella.

Liaõ, Reino de Espanha, sugeito á Coroa de Castella.

Libia, he o mesmo que Africa, terceira parte da terra, dita assi de Libia, filha de Epapho, e mãi de Busiris.

Libitina, Deosa dos sepulchros, e se toma pela mesma morte, segundo Ravisio.

Lycia, regiaõ de menor Asia, celebre pelo

pelo Oraculo de Apollo : cujos moradores, dizem os Poetas, foraõ convertidos em rans por negarem agoa a Latona, paſſando por allí, era tempo de grande calma, apertada da ſede.

Lyeo, hum dos nomes, que os Poetas daõ a Baccho, que os Antigos tinhaõ por inventor do vinho, havendo-o ſido o Patriarca Noé.

Lynces, animais, que vem muito.

Lyoa, ſerra aſperiſſima na coſta de Africa.

Lipuſcua, Provincia de Biſcaya.

Liſa, ou Luſo, companheiro, ou filho de Baccho, de cujo nome Portugal ſe diſſe Luſitania.

Lisboa, celeberrimo Emporio de Portugal, e cabeça de todo elle.

Livonios, povos de huma Provincia de Sarmacia, chamada agora Livonia.

Londres, cidade antiquiſſima de Inglaterra, e cabeça de todo o Reino.

Lotharingia, Provincia de Europa; a qual antigamente ſe dizia a Auſtria, e Auſtraſia.

Loto, arvore, em que foi convertida huma ninfa deſte nome; cujo fruito he tam ſaboroſo, ſegundo os Poetas, que dizem, que os que comem delle ſe eſqnecem

cem de ſua terras, mulheres, e filhos, como ſuccedeo aos companheiros de Ulyſſes.

Lourenço, eſte he Dom Lourenço de Almeida, o qual defronte de Cananor, com onze vellas, em que hiaõ ſómente 800 homens, desbaratou huma armada do Samorim, compoſta de 8 naos groſſas, e 124 paraos, em que havia gente ſem conto.

S. Lourenço, ilha famoſa na coſta de Ethiopia, a que os da terra chamaõ Madagaſcar. Ha nella differentes Reis, huns Mouros, outros Gentios.

Luiz, foi nono do nome em França, e dos Reis 45 filho de Luiz Outavo, canonizado por Santo na Igreja de Deos pelo Papa Bonifacio VIII. Anno de 1197.

Luſitania, he Portugal.

Luſo, vide *Lyſa*.

M

MAcedonia, Provincia de Europa, dita aſſi de Macedon filho de Oſiris, celebre pelos dous Reis Filippe, e Alexandro.

xandro. Tambem se disse Emacia, ou Emathia, e agora Turquesia.
Maçuá, cidade posta em huma ilha do mesmo nome na costa de Africa.
Madagascar, he a ilha de S. Lourenço, de que atraz fica dito.
Mafoma, ou Mafamede, Arabo inventor, e Principe da seita Mahometana. O qual dizem os Mouros proceder de Abraham, e de Agar sua escrava: foi filho de Abdelá Gentio, e de Emina Hebrea de naçaõ.
Mafra, villa no termo de Cintra.
Magalhaens, foi Fernaõ de Magalhens Portuguez, o qual aggravado delRei Dom Manoel, se passou a Castella: donde partio com sinco vellas para as Ilhas de Maluco, em cuja viagem descubrio o estreito, que de seu nome se chama de Magalhaens.
Magos: em a lingoa de Persia *Mago*, he o mesmo que na Grega *Filosofo*, e na nossa *Sabio*. Commummente se toma por qualquer feiticeiro, e assi
Magica sciencia, a feitiçaria.
Magriço, assi se chamava de alcunha Alvaro Gonçalves Coutinho, filho do Marichal Gonçalo Vasques Coutinho, e irmaõ

irmaõ de Dom Vaſco Coutinho, primeiro Conde de Marialva. O qual foi hum dos doze Portuguezes, que paſſaraõ a Inglaterra em favor das doze Damas, cuja hiſtoria com tanta elegancia o Poeta conta.

Mahometa, couſa de Mouros, os quaes ſe chamaõ Maometanos.

Malaca, cidade nobiliſſima do Oriente, chamada aurea, aſſi pelo muito ouro que nella ha, como por ſua fermoſura, e abundancia de todas as boas couſas do mundo; diz-ſe por outro nome Cherſoneſo.

Malayos, os moradores, e povos de Malaca.

Malavar, Reino do Oriente, onde eſtá ſituada a cidade de Calecut.

Maldiva, huma das ilhas deſte nome, e principal de todas ellas, ſitas defronte da coſta da India: debaixo da agoa tem arvores, que daõ o coco, que chamamos de Maldiva.

Maluco, ſaõ ſinco ilhas deſte nome, em as quaes ſe dá o cravo.

Mandinga, Provincia grandiſſima de Negros em a coſta de Africa, a qual he muito abundante de ouro.

Manoel,

Manoel, foi ElRei Dom Manoel, primeiro do nome, e 15 dos Reis de Portugal, e filho do Infante Dom Fernando, em cujo feliciſſimo Reinado ſe deſcubrio, e conquiſtou a India.

Maratonicos campos, eſtaõ na regiaõ Attica de Grecia, em os quaes Melciades valeroſiſſimo Capitaõ dos Athenienſes desbaratou a Date Capitaõ de Dario Rei dos Perſas.

Marcello, he Marco Marcello, Capitaõ Romano valeroſiſſimo, o primeiro que venceo a Anibal Capitaõ dos Cartaginezes.

Marcio Jogo, he a guerra de Marte, a quem os Antigos tinhaõ por Deos della.

Marcomanos, povos de Alemanha, chamados hoje Moravos.

Maria, foi a Rainha Dona Maria, filha delRei D. Affonſo o quarto do nome em Portugal, a qual foi caſada com ElRei Dom Affonſo, ſegundo do nome em Caſtella.

Mario, Capitaõ valeroſo entre os Romanos, mas tam cruel, e inhumano, que ſe matou com ſuas proprias maõs.

Marrocos, cidade de Berberia, e cabeça de hum Reino aſſi chamado.

Marte

Marte, filho de Jupiter, e de Juno, a que os Antigos tinhaõ por Deos da guerra, e de ordinario se toma pela mesma guerra.

Martim Lopes, foi hum fidalgo Portuguez muito esforçado, o qual na entrada, que em Portugal fez Dom Pedro Fernandes de Castro, pessoa principal de Castella, o qual por amor dos Condes de Lara, se havia lançado com os Mouros, e chegou a tomar Abrantes, com pouca gente o desbaratou, e rendeo.

Martinho, foi este Martim Affonso de Sousa, excellentissimo Capitaõ, e sabio, Governador na India, a quem succedeo Dom Joaõ de Castro, semelhante ao succedido.

Mascarenhas: de dous faz o Poeta menção, hum foi Pedro Mascarenhas Capitaõ de Malaca, que por segunda via succedia a Dom Henrique de Menezes em o governo da India, mas por estar ausente, lhe naõ foi possivel. Este fidalgo foi muito valeroso, e tomou a ilha Bintaõ sugeita aos Reis de Malaca, sendo que havia nella 300 peças de artilharia, e outros muitos petrechos, e invençoens de guerra, além de huma armada del-

Rei

Rei de Pam. O outro, Dom Joaõ Mascarenhas Capitaõ de Diu, no tempo de Dom Joaõ de Castro, o qual defendeo aquella fortaleza de mais de tres mil homens, e 600 Turcos, com menos de 600 Portuguezes, por espaço de seis mezes, até que foi soccorrido, com que depois ganhou huma grande victoria em batalha campal.

Mascate, Lugar, que está de Socotorá para Ormuz.

Massilia, he a que por outro nome chamamos Mauritania, e commummente Berberia.

Dom Mattheus, Bispo de Lisboa, dando batalha a quatro Reis Mouros, a saber, ao de Cordova, ao de Sevilha, ao de Badajoz, e ao de Jaem, que vinhaõ a soccorrer os Mouros de Alcacere, com muito menos gente os venceo, e os quatro Reis foraõ mortos, e muita de sua gente.

Mavorte, he o mesmo que Marte, Deos da guerra.

Mavorcios perigos, os da guerra.

Meca, cidade de Arabia, em a qual ha hum poço, com cuja agoa dizem os Mouros, que se lavava Mafamede, e por

por isso vaõ tantos a ella de differentes partes em romarias, porque cuidaõ, que este lavatorio sómente basta para sua salvaçaõ.

Mecom, rio grandissimo, o qual nasce na China, e corre pelo Reino de Camboja. Interpreta-se Capitaõ das agoas.

Medea, filha da Eta Rei de Colchos, grande feiticeira, e mui esperdiçada por Jasõn, por cujo amor matou a seu irmaõ, e indo fugindo de seu pai, lho hia lançando pelo caminho em pedaços, porque assi tivesse tempo para fugir, em quanto seu pai se detinha em os recolher.

Medina, lugar pequeno de Arabia, em o qual dizem está o Çancarraõ, ou calcanhar do maldito Mafamede.

Mediterrano mar, he aquelle que divide a Africa de nossa Europa.

Medusa, filha de Phorco, e de hum monstro marinho; cujo rosto mudava a quem o via, em pedra, como succedeo a Athlante, Rei de Africa, o qual foi convertido em hum monte do mesmo nome.

Megera, filha de Acheronte, e da Noite, huma das tres furias, que os Poetas fingem haver no Inferno.

Melcia-

Melciades, Capitaõ famoso Athenienſe, o qual com muito pouco poder desbaratou junto a hum lugar chamado Marathona Date General delRei Dario.

Meliapor, ou Mailapur, cidade do Reino de Narſinga: em a qual padeceo martyrio o Apoſtolo Saõ Thomé, que hoje eſtá nella ſepultado.

Melinde, cidade na coſta de Africa, cujo Rei foi ſempre grande amigo dos Portuguezes.

Melique Yaz, hum Mouro, que de cativo de hum Mercador, veio a ſer ſenhor de Diu, cidade rica, e bella da India.

Mem Moniz, filho de Egas Moniz, Aio, e Amo delRei Dom Affonſo Henriques; foi esforçadiſſimo Cavalleiro

Mem Rodrigues de Vaſconcellos, foi fidalgo mui valeroſo no tempo delRei Dom Joaõ o Primeiro.

Memnon, filho de Titon, e da Aurora, de quem morto por Aquiles, foi convertido em Ave.

Memphis, he hoje a graõ cidade do Cairo no Egypto.

Memphirico, quer dizer couſa do Egypto, onde Anubis Idolo era adorado em figura de Caõ.

Menaõ,

Menaõ, rio (cujo nome na lingoa dos naturaes quer dizer mái das agoas) divide de alto abaixo o Reino de Syaõ, e dizem, que tem de comprimento mais de 300 leguas.

Menezes, o primeiro foi Dom Duarte de Menezes filho herdeiro de Dom Joaõ de Menezes Conde de Tarouca, Prior do Crato, da Ordem de S. Joaõ, Capitaõ de Tangere, e Mordomo mór da Casa delRei Dom Manoel, e seu Alferes mór, pessoa notavel neste Reino, por seu sangue, e cavalleria. O segundo foi Dom Henrique de Menezes o Roxo de alcunha, de que atraz fica feita mençaõ, na dicçaõ *Henrique*.

Menonio, he o mesmo que Memnon.

Meotis, lagoa de Scitia na Regiaõ septentrional, a que os Scythas chamaraõ Temerinda, que quer dizer fim, ou mái do mar. Outros lhe chamaõ mar delle Sabaccho, Mar della Tana, Mar branco, e ultimamente Carpaloe.

Mercurio, filho de Jupiter, e de Maya, a quem os Poetas fazem nuncio dos Deoses, e da sciencia, e lhe daõ diversos nomes.

Meroe, ilha grandissima do Nilo, em a qual

qual ha huma cidade do meſmo nome, que dizem foi edificada por Caribiz, e lhe poz o nome de huma ſua irmãa alli ſepultada, hoje ſe chama Neba.

Mincio, rio que paſſa junto a Mantua patria do grande poeta Virgilio.

Minerva, filha de Jupiter, e Deoſa da ſabiduria, e de todas as artes.

Minho, rio aſſaz conhecido em eſtas noſſas partes.

Minias, povos de Theſſalia, os quaes paſſaraõ a Colchos em conquiſta do Vello de ouro, na nao Argos, a qual dizem os Poetas foi a primeira, que no mundo houve; mas he falſo, e contra toda a verdade.

Miralmuminim, na lingoa Arabia quer dizer Principe dos ſcientes, e aſſi ſe intitulava hum Abedramon, Imperador dos Mouros, que dizem fundou a cidade de Marrocos para metropoli, e cabeça de ſeu eſtado.

Mirhocem, foi hum Capitaõ do Soldaõ do Egypto.

Mirrha, filha de Cinaras Rei de Chipre, e mãi de Adonis, tam luxurioſa, que ſe deitou occultamente com ſeu proprio pai, e finalmente dizem foi converti-

da

da em a arvore de seu nome.

Moçambique, huma povoaçaõ pequena em a costa de Ethiopia: a qual he hoje a principal escala, que as nossas naos tem na viagem da India.

Moçandaõ, he hum cabo chamado por outro nome, Asaboro, entre Arabia, e Persia.

Mogor, he o que commummente chamamos Tartaro.

Moysés, primeiro Legislador, e Doutor da Lei Divina.

Molosso, he o lebreo, chamado assi de Molossia, Provincia de Epiro, que hoje se diz Albania, donde vem os melhores.

Mombaça, lugar na costa de Melinde, em o qual he todo o mato de Laranjaes.

Monçaide, foi hum Mouro natural de Tunes, o qual estava em Calecut quando Vasco da Gama alli chègou, e se fez tam familiar dos Portuguezes, com que havia cá communicado, em Oraõ, que se veio com elles a este Reino, onde recebeo a Fé de Nosso Senhor Jesu Christo, em a qual morreo.

Mondego, rio entre nós bem conhecido: nasce, e morre dentro deste Reino.

Mor-

Morpheo, fingiraõ os Poetas miniſtro, ou filho do Somno.
Moſcos, os de Moſcovia.
Moſcovia, por outro nome a Ruſſia, he hoje o Imperio do Gram Duque; em o qual ha o animal Zebello, cujas pelles ſaõ tam prezadas como as Marthas, e ſe dizem commummente Arminhos.
Moura, villa de Portugal, na Provincia de Alentejo.
Muluca, rio do Reino de Fez em Africa.
Murice, certo mariſco, do qual ſe tira a côr vermelha, que chamaõ Purpura.
Muſas, foraõ nove filhas de Jupiter, e Mnemoſyne, as quaes ſe diz foraõ inventoras dos verſos, e por taes invocadas dos Poetas.

N

NAbateos montes, ou Nabateas ſerras, ſaõ as terras do Oriente, onde he a regiaõ Nabathea chamada aſſi de Nabath primogenito de Iſmael, que nella reinou; cuja Metropole he Petra.
Nayades, ou Naides, ſaõ as Ninfas das fontes, e dos rios.

Naires, ſobrenome dos nobres entre os Malavares, gente da India.

Napoles, chamada Parthenope, de huma Sirena deſte nome: he huma illuſtre, e gentil cidade na Campania regiaõ de Italia, e cabeça de Reino do meſmo nome.

Narſinga, Reino grande, e rico do Oriente, o qual por outro nome ſe chama Biſnagà, da grandiſſima cidade de Biſnaga, cabeça, e Metropoli do Reino.

Navarra, parte, e Reino ſeptentrional de Eſpanha.

Navarro, ou Navarra.

Nectar, dizem os Poetas, que he o beber dos Deoſes, como a Ambroſia o comer.

Nemeo, animal, he o Leaõ, que Hercules matou no boſque Nemeo em Achaya.

Nemeſis, chamada por outro nome Rhamnuſia, foi filha do Oceano, e da noite, e tida dos Antigos por Deoſa da juſtiça.

Neptuno, filho de Saturno, e de Opis, foi entre os Antigos tido por Deos do mar, e o principal de todos os Deoſes Marinhos. Toma-ſe algumas vezes pelo meſmo mar.

Nereo, Deos do mar, filho do Oceano, e Te-

e Tethis, o qual da Deosa Doris sua mulher, entre grande numero de filhas, as quaes se dizem Nereidas, figuradamente se toma tambem pelo mesmo mar.

Nereides, as Ninfas filhas de Nereo, e de Doris.

Nero, crueliſſimo Imperador dos Romanos.

Nhaya, he Pero da Nhaya, Caſtelhano, mas caſado em Portugal, e morador em Santarem, o qual fez a fortaleza de Sofala, e matou o Rei Mouro da terra, que lho queria impedir.

Nicolao Sacro, pelo bemaventurado S. Nicolao grande advogado dos navegantes.

Nicolao Coelho, Capitaõ de hum dos finco navios, com que Vaſco da Gama foi em deſcubrimento da India.

Nilo, rio grandiſſimo do Egypto, e hum dos maiores do mundo, o qual naſce em hum monte da inferior Mauritania, e dividindo Africa de Aſia, entra no mar por ſete bocas.

Niloricas enchentes, as do Nilo.

Ninfas, Deoſas que os Poetas fingem: das quaes as que preſidem nas agoas ſe chamaõ Nayades, as que nos montes Oreades, as que nas arvores, e boſques Dria-

Driades, Hamadriades, e Napeas.

Nino, filho de Bello, que foi primeiro Rei de Aſſiria, e de Semiramis, a qual ſe diz, que foi criada pelas Pombas.

Niobe, filha de Tantalo, irmãa de Pelope, e mulher de Amphion Rei de Thebas, a qual por ſe querer preferir a Latona foi convertida em pedra.

Niſa, cidade da India, em a qual naſceo Baccho.

Niſe, ninfa do mar, filha de Nereo.

Noba, vide Meroe.

Nocturno Deos, he Erebo, que os Poetas fazem caſado com a noite, e dizem ſer o porteiro do Sol.

Noé, pai de Sem, Cam, e Japhet, foi o primeiro Patriarca da ſegunda idade, o qual deſpois do diluvio enſinou o modo de prantar as vinhas.

Noronha, he Dom Garcia de Noronha, Viſo-Rei que foi da India.

Noruega, Provincia de Europa Septentrional.

Noto, he o vento Sul, ou Vendaval.

Nuno Alvares Pereira Condeſtavel deſtes Reinos, e deſenfor delles: de cujas maravilhas eſtá o mundo cheio.

Oby,

O

OBy, rio do Oriente.
Obidos, villa de Portugal.
Oceano, filho de Celo, e Veſta, Deos do mar, caſado com Thetis, e pai de todos os rios, e fontes. Os Poetas o tomaraõ por qualquer mar.
Octaviano, Ceſar Octaviano, Imperador de Roma.
Octavio, he o meſmo que Octaviano.
Ogygia, Ilha no mar Jonio.
Oja, cidade na coſta de Melinde.
Olimpo, monte de Macedonia, chamado hoje de Santa Cruz, pelo ſucceſſo que alli teve Santa Helena vindo de Jeruſalem. Diz-ſe que he taõ alto, que paſſa a regiaõ do ar, e ordinariamente ſe toma pelo meſmo Ceo.
Olympica morada, he o Ceo.
Omphale, Rainha de Lidia, por quem Hercules fez grandes extremos, até fiar, e lavrar como mulher.
Ophir, regiaõ celebre na Sagrada Eſcritura, abundantiſſima de ouro, pelo que alguns tem para ſi, que he a ilha Samatra, junto a Malaca.

Oriás,

Oriás, povos ao longo do rio Ganges.

Oriente, onde o Sol nasce, e assi se toma pela India.

Orionte, constellaçaõ junto ao signo Tauro; os Poetas o fazem filho de Neptuno, e de Mercurio, gerado da ourina de ambos.

Orithia, nome de huma das Ninfas do mar, amada do vento Boreas.

Orixa, Reino do Oriente, o qual começa da terra de Narsinga, e acaba no cabo Segogoza.

Orlando, por opiniaõ de Marco Antonio Sabellico, foi verdadeiramente hum daquelles Paladinos valerosos, e esforçados nas armas, os quaes em muitas emprezas tiveraõ singulares, e glorioſas victorias. A este matou Geneleaõ á traiçaõ com outros muitos, e fortissimos Capitaens.

Ormus, cidade inclita da India situada em huma pequena ilha chamada Gerum em a garganta do mar Parseo.

Orpheo, filho de Apollo, e da musa Caliope, poeta excellentissimo, e amante de Euridice.

Ottomano, nomes dos Imperadores de Turquia.

Ourique

Ourique, lugar no reino do Algarve.

P

PAcheco, he Duarte Pacheco Pereira, que venceo sete vezes o Imperador do Malavar, chamado entre elles Samori, vindo de todas com grande poder. Em satisfaçaõ do que, depois de muitas perseguiçoens, veio a morrer pelos hospitaes.

Pactolo, rio de Lidia, que dizem levar arêas de ouro.

Pado, o mais famoso rio de toda Italia; os Gregos lhe chamaõ Eridano, e nós vulgarmente o Po.

Payo, he Dom Payo Correa, Portuguez de naçaõ Mestre de Calatrava em Castella, grande cavalleiro, e perseguidor de Infiéis.

Pallas, he Minerva.

Palmella, villa de Portugal, e cabeça dos Cavalleiros da Ordem de Santiago neste Reino.

Paõ, neste poema nam he o Deos dos Pastores, mas hum Reino do Oriente.

Panane, huma das principaes povoaçoens delRei de Calecut.

Pan-

Panchaya, regiaõ de Arabia, em a qual ha muitas arvores de incenſo.

Panonios, os de Panonia, regiaõ vaſtiſſima de Europa, agora dita Hungria.

Panopea, Ninfa do mar, filha de Nereo, e Doris.

Panthea, mulher de Abradatas Rei dos Suſos, fermoſa, e caſta. Vide *Araſpas.*

Paphia Deoſa, he Venus, de Paphos.

Paphos, cidade da Ilha de Chipre, dedicada a Venus, donde foi chamada Paphia.

Parcas, ſaõ tres, Cloto, Lacheſis, e Atropos: filhas de Erebo, e da noite, as quaes dizem os Poetas que deſde o naſcimento de huma criatura diſpoem de ſua vida, como lhes parece, fiando; e aſſi pintaõ Cloto com a roca, Lacheſis fiando, Atropos cortando o fio.

Pares, eraõ doze peſſoas, ſeis Eccleſiaſticos, e ſeis Seculares, que Carlos Magno Rei de França eſcolheo entre os Principaes do Reino, para os levar conſigo á guerra; e chamou-os Pares, que foi tanto como ſe os chamara iguaes. Por outro nome ſe dizem Paladinos.

Parnaſo, monte de Phocis, dedicado ás Muſas; ao pé do qual eſtá a fonte Caſtalia, cuja agua tinha tal virtude, que os

que bebiaõ della ficavaõ logo Poetas.
Parſeos, he o meſmo que Perſas.
Parthenope, vide *Napoles*.
Patanes, povos da India, poderoſos em gente, e terra.
Paulo, hum foi o bemaventurado S. Paulo Apoſtolo de Chriſto: o qual indo prezo para Roma, teve no mar huma grandiſſima tormenta. O outro Paulo da Gama, irmaõ de Vaſco da Gama, deſcubridor da India.
Pedro: de muitos faz o Poeta mençaõ. Seja o primeiro o Principe dos Apoſtolos. O ſegundo D. Pedro Rei de Portugal, filho delRei D. Affonſo o Quarto. O terceiro, o Infante D. Pedro, filho delRei D. Joaõ o Primeiro, o qual foi Duque de Coimbra, e Governador deſtes Reinos em tempo delRei D. Affonſo o Terceiro ſeu ſobrinho. O qual Infante eſteve em Alemanha, onde fez muitas couſas memoraveis. O quarto o Conde D. Pedro, filho de D. Joaõ Affonſo de Menezes, Conde de Viana; foi o primeiro Capitaõ, e Governador de Ceita, a qual defendeo de dous cercos valeroſiſſimamente contra toda a Berberia. O quinto, D. Pedro de Souſa, Capi-

Capitaõ de Ormuz, muito esforçado Cavalleiro. E o sexto Pedro Rodrigues, chamado do Alandroal, por ser Alcaide mór desta villa, Cavalleiro de muito valor em tempo delRei D. Joaõ o Primeiro.

Pegû, Reino Oriental, em o qual ha muito ouro, e outras pedras preciosas, e abundancia de mantimentos.

Peleo, Rei de Thessalia, o qual foi casado com Tethis senhora do mar.

Peno asperrimo, he Anibal.

Perithoo, filho de Ixiaõ, intimo amigo de Theseo.

Penates, os Deoses, a que honravaõ os Gentios dentro de suas casas.

Perillo, hum homem de grande engenho natural de Athenas, o qual inventou a Phalaris Tyranno hum genero de tormento para matar os homens, a que era naturalmente inclinado; que foi hum Touro de metal, em o qual mettidos os homens, e posto debaixo fogo, bramavaõ como Touros: e o primeiro, que padeceo esta cruel morte, foi o mesmo artifice.

Persas, saõ os moradores de Persia.

Persia, regiaõ de Asia.

Phaeton, ou Phaetonte, filho do Sol, e de Climene; querendo governar o carro de seu paí, abrazou o mundo até que Jupiter o matou com hum raio.

Phalaris, Tyranno de Sicilia, o qual naõ passava o tempo em mais que inventar generos de tormentos, com que matar os vassallos, despois de lhes tirar as fazendas.

Pharaó, Rei de Egypto, o qual foi castigado de Deos, só por mandar lhe levassem a casa Sara, mulher de Abraham.

Phasis, rio grandissimo, que nasce no monte Caucaso, e passa por Colchos provincia de Asia, chamada hoje Mengulia, sugeita ao Graõ Caõ, senhor de Tartaria.

Pheaces, ilha, a que hoje chamamos Corfú, e outros Corcyra, da qual era natural Demodoco, musico excellente.

Phebo, e Apollo, saõ nomes do Sol: o qual, e a Lua dizem os Poetas ser filhos de Jupiter, e de Latona, nascidos ambos na Ilha Delos.

Phenix, ave unica, e só no mundo, a qual dizem vive em Arabia.

Philaucia, he o amor proprio.

Dom Philippe de Menezes, Capitaõ de Ormuz,

muz, o qual houve grandes victorias na India.

Philippo, Rei de Macedonia, pai do grande Alexandre.

Philippicos campos, chamados assi da cidade de Philippos, em os quaes foi aquella batalha entre Cesar, e Pompeyo, e a de Octaviano, e Marco Antonio contra Bruto Cassio, e outros conjurados.

Philomella, he o rouxinol, em que foi convertida huma filha de Pandion deste nome.

Phlegon, hum dos cavallos do Sol.

Phrygios, he o mesmo que Troyanos.

Pindo, monte de Macedonia, dedicado a Apollo, e ás Musas.

Pyrene, filha delRei Bebryce, a qual morta pelas feras, foi sepultada em os montes, que de seu nome se chamarão Pyreneos, os quaes dividem a França de Espanha.

Pyreneo, vide *Pyrene.*

Pyrois, nome de hum dos cavallos do Sol.

Pyrrho, filho de Achilles, e de Deidamia, o qual por vingar a morte de seu pai sacrificou em seu sepulchro a Policena filha de Priamo Rei de Troya.

Plinio, dito Caio Plinio segundo, natural de

de Verona ; viveo nos tempos de Veſpaſiano , cujos negocios adminiſtrava. Eſcreveo huma obra da natureza das couſas, e morreo no incendio do monte Veſuvio querendo eſquadrinhar a cauſa delle.

Plutaõ , Rei dos Infernos , ſegundo os Poetas.

Poleas , ſaõ pela maior parte eſcravos dos Naires em a India , e tam vis entre elles, que o Naire , que trata com Poleá , tem pena de morte ; e o Poleá nunca póde medrar , nem ſer mais, nem ter outro gráo de honra.

Policena , filha de Priamo Rei de Troya : vide *Pyrrho*.

Polidoro , filho de Priamo Rei de Troya , ao qual matou Polimneſtor Rei de Thracia por avareza.

Polimneſtor , Rei de Thracia.

Poliphemo , Ciclope filho de Neptuno , e da Terra , o qual dizem os Poetas tinha hum ſó olho na teſta , tam grande como huma rodella. Eſte era fero , cruel , e comedor de carne humana.

Polonios , os de Polonia provincia vaſtiſſima de Europa.

Polos , ſaõ dous pontos aſtrologicos , que com-

commummente chamamos Norte, e Sul; e de ordinario este nome Polo se toma pelo Ceo.

Pomona, tinhaõ-na os Antigos por Deosa da fruita.

Pompeyo, chamado o Magno por suas victorias, e triunfos, foi vencido de Cesar, mas só nisto seu inferior.

Pompilio, foi Numa Pompilio Rei dos Romanos, o qual despois de se aquietar com seus inimigos se deu todo ao culto dos falsos Deoses.

Pomponio, cognominado Mella, escreveo elegantemente de *Situ orbis*.

Ponda, fortaleza do Hidalcaõ, tres legoas de Goa, pelo sertaõ dentro.

Ponente, onde o Sol se poem, a nosso modo de fallar.

Poro, antigo Rei de Guzarate, grande Cavalleiro, muito esforçado, e muito belicoso.

Prasso promontorio, he o que commummente chamamos Cabo das correntes.

Progne, filha de Pandiaõ Rei de Athenas, e irmãa de Philomena: a qual matou a seu filho, e o deu a comer a Tereo seu pai: convertida despois em andorinha.

Prometheo, vide *Japeto*.

Protheo,

Protheo, monſtro marinho, do qual contaõ os Poetas, que ſe transformava em varias fórmas. Eſte tem cuidado dos peixes do mar, que he o ſeu gado: e he grande adivinhador.
Ptolomeu, Aſtrologo inſigne natural de Egypto: vide *Arſinoe*.

Q

QUedá, cidade do Reino de Syaõ.
Quilmance, lugar ſituado na boca do rio Rapto, chamada por outro nome Oby, junto ao Reino de Melinde.
Quiloa, cidade na coſta de Melinde, toda cercada de mar, a qual tem muitos palmares, e muitas arvores, e hortaliças como as de Eſpanha.
Quinto Fabio, cognominado Maxímo, dictador Romano, o qual com cautellas, e ardís deſtruhio a Anibal ſem lhe dar batalha.
Quirino, he Romulo, primeiro fundador de Roma.

R

RHamnuſia, he a meſma que Nemeſis, Deoſa da Juſtiça, inimiga dos ſoberbos, e grande ſopeadora dos preſumidos.

Regulo, foi Marco Atilio Regulo Conſul Romano, o qual quiz antes perder ſua vida, que naõ que ſe perdeſſe ſua patria.

Repelim, cidade no Malavar.

Rheno, he hum pequeno rio, que naſce do Apenino para Piſtoia, e paſſa junto a Bolonha: chamou-ſe por outro nome Ebro, e hoje Rira.

Rhodamonte, hum famoſo Paladino em as poeſias de Orlando.

Rhudano, chamado por outro nome Rhoſne, rio que naſce nos Alpes, e faz o lago que dizem Loſana, a cuja ribeira eſtá Genova.

Rhodas, Ilha no mar Carpathio, antigamente aſſento dos Cavalleiros de S. Joaõ, hoje poſſuida dos Turcos.

Rhodope, monte de Tracia.

Ripheos, montes ſeptentrionaes de Scythia.

Roçalgate, cabo inſigne na Arabia Feliz, onde começa o Reino de Ormuz.

Rodrigo,

Rodrigo ; entende-se Bivar, chamado commummente o Cid Rui Dias, que foi valeroso nas armas, e ganhou muitas terras aos Mouros, havendo muitas victorias delles.

Roma, cidade mais celebre, e nomeada de todo o mundo, por haver noutro tempo sobjugado, e mettido debaixo de sua obediencia quasi todas as naçoens, e provincias, que estaõ debaixo do Ceo, e por sêr ao prezente a cidade Metropolitana de toda a Christandade.

Romanos, os de Roma.

Romulo, primeiro fundador, e primeiro Rei de Roma.

Rugerio, hum dos Paladinos, de que tratei na dicçaõ *Orlando*.

Rui Pereira, Cavalleiro esforçado, e leal Portuguez.

Rumes saõ os Turcos, chamados assi por virem (como o Poeta diz) da casta dos Romanos.

Ruthenos, chamados por outro nome Roxolanos, ou Russios, saõ os do Reino de Polonia.

Sabá,

S

SAbá, muito nomeada na Escritura sagrada, foi Rainha do grande Imperio do Preste Joaõ na Ethiopia.

Sabéas costas, as de Arabia, onde está a cidade Sabá: he terra abundante de incenso, e de especies odoriferas.

Salacia, Deosa do mar, mulher de Neptuno.

Saladino, Soldaõ do Egypto, que ganhou a santa cidade de Jerusalem, anno 1187.

Salamina, Ilha no mar Euboico, defronte de Athenas, onde Xerxes, por valor de Temistocles, foi desbaratado: nesta terra querem os naturaes que nascesse o Poeta Homero.

Samaria, cidade de Syria entre Judea, e Gallilea.

Samatra, ilha grandissima, e muito fermosa no Oriente; a qual dizem que antigamente foi huma mesma cousa com Malaca.

Samnitico Jugo, vide *Caudinas forcas*.

Samori, he o nome apellativo do senhor do Reino de Calecut, o qual soa tanto como *Imperador*, por elle ser o maior Rei de toda aquella costa.

Saõ-

Saõ-Paio, foi Lopo Vaz de Saõ-Paio Cavalleiro muito esforçado, Governador na India, onde fez couſas maravilhoſas.
Sanagá, rio que divide a terra dos Mouros Azeneges em Africa, dos primeiros negros de Guiné, chamados Gelofos.
Sancho, o primeiro foi ElRei Dom Sancho filho delRei Dom Affonſo Henriques, muito esforçado, e valeroſo; e o ſegundo ElRei Dom Sancho ſegundo, chamado *Capello*, filho delRei Dom Affonſo o ſegundo, remiſſo, e deſcuidado.
Sanſaõ, Hebreo de naçaõ, filho de Manue da tribu de Dan; foi milagroſamente dado por Deos a Manoe, ſendo eſteril ſua mulher, para deſtruiçaõ dos Philiſteos inimigos de ſeu povo. Tinha a fortaleza nos cabellos da cabeça.
Santarem, villa nobre de Portugal catorze legoas de Lisboa, junto ao Tejo.
Santiago, Apoſtolo ſagrado, padroeiro dos Eſpanhoes.
Sara, mulher de Abraham, vide *Pharaó*.
Sarama, vide *Perimal*.
Sardanapálo, ultimo Rei dos Aſſirios, monſtro de ſenſualidade, e luxuria.
Sarmacio Oceano, mar de Sarmacia.
Sarmatas, os de Sarmacia, provincia antiga,

tiga, chamada agora *Livonia.*

Sarracenos, nome de que os Mouros se jactaõ muito, dizendo que procedem de Sara mulher de Abrahaõ.

Saturno, filho de Celo, e Vesta, do qual fingem os Poetas que comia todos os filhos, que Opis sua mulher paria; e assi he figura do tempo, que tudo gasta.

Saul sexto Rei em Edom, em cujo tempo o Santo David matou aquelle soberbo gigante Goliath, ou Golias.

Saxones, povos de Alemanha.

Scabelicast o, he Santarem.

Sceva, este foi Cassio Sceva Capitaõ de huma companhia de Cesar, valerosissimo.

Scylla, de duas faz o Poeta menção; huma foi filha de Phorco, amante e amada de Glauco, a qual foi convertida em hum cachopo, que está no estreito de Messina entre Italia, e Sicilia, por arte, e industria da ciosa Circe: a outra foi filha de Niso Rei dos Megarenses, a qual foi occasiaõ da morte de seu pai, por amor delRei Mynos, a quem ella muito queria.

Scinis, ladraõ muito esforçado, o qual costumava matar todos seus hospedes com hum grande genero de tormento.

Scy-

Scypiaõ, foi Cornelio Publio Scypiaõ chamado o Africano, pelas grandes cavallarias, que em Africa fez, principalmente na deſtruiçaõ de Carthago.

Scythas, os de Scythia, vaſtiſſima regiaõ ſeptentrional; os quaes tiveraõ antigamente grandes contendas com os Egypcios ſobre a antiguidade de ſuas patrias, e naçoens.

Semelle, mãi de Baccho.

Semicapro peixe, he o que vulgarmente dizemos Capricornio, ſigno celeſte, o qual ſe pinta meio peixe, meio cabra.

Semiramis, Rainha dos Aſſirios, infame por ſua luxuria, ainda que bella, e valeroſa.

Sequana, he o rio Sena, que paſſa por meio da gram cidade de Pariz em França.

Serpa, villa de Portugal, na comarca de Alemtejo.

Septentrional meta, he o Norte.

Sertorio, natural de Nurſia (que hoje chamamos Nozza em Italia) o qual recolhendo-ſe a Eſpanha, fez grandes guerras aos Romanos, e lhes venceo muitos Capitaens. Eſte fez ſeu aſſento em Evora, a que ennobreceo muito, e fez trazer a ella a agoa da prata para ſeu ornato, e provimento.

Sevilha, cidade celebre em Eſpanha, pela qual paſſa o rio Berbis.

Syam, Reino poderoſo da India.

Sychem, filho de Hemor, foi morto, e todos os ſeus, e a terra deſtruida, por tomar Dina a Jacob ſeu pai.

Sicilia, ilha famoſa, e aſſaz conhecida; a qual foi antigamente junta com Calabria; e a dividio hum terremoto, pondo em meio aquelle mar chamado o Eſtreito de Meſſina. Foi mãi dos maiores tyrannos do mundo.

Siculo mar, o de Sicilia.

Siene, cidade de Egypto, em a qual dizem que em certo tempo do anno ſaõ nella taõ direitos, a hora de meio dia, os raios do Sol, que em nenhuma parte ha ſombra.

Sylla nobre Romano, da antiga familia dos Scipioens, mas cruel, e facinoroſo: morreo cuberto, e comido de piolhos.

Sylves, cidade no Reino do Algarve.

Sinai, monte altiſſimo de Arabia, em o qual Deos noſſo Senhor deu a Lei a Moyſés; e eſtá hoje hum moſteiro de Religioſos da vocaçaõ da Virgem, e Martyr Santa Catharina, que nelle tem ſua ſepultura.

Synon

Synon Grego, traidor, celebrado de Virgilio na deſtruiçaõ de Troia.
Sintra, terra de Portugal, taõ freſca, que no meſmo tempo, em que muitos lugares ao redor della eſtaõ ardendo em fogo, tem grandes orvalhos, e rocios.
Siqueira, foi Diogo Lopes de Siqueira, que ſuccedeo na governança da India a Lopo Soares de Albergaria, o qual entrou pelo eſtreito do mar Roxo com huma frota de 24 vellas.
Siracuſa, he o meſmo que *Sicilia*.
Smirna, cidade na menor Aſia, a qual, ſegundo a mais celebrada opiniaõ, foi patria de Homero, principe dos Poetas.
Soares, foi Lopo Soares de Albergaria, Governador da India; o qual paſſou ao eſtreito do mar Roxo com 36 vellas, em que levava tres mil Portuguezes; com que metteo em grande temor, e confuſaõ aos daquellas partes.
Socotorá, ilha entre o cabo de Fartaque, e o de Guardafû; em a qual ſe dá o pao Aloe, que he como o pao de Aguila, muito prezado.
Sofala, povoaçaõ na coſta de Mombaça.
Soldaõ, titulo dos Reis de Egypto, ſugeito hoje ao Graõ Turco.

Sophe-

Sophenos, os de Sopheno, provincia de Suria, gente molle, e affeminada.

Strabo, Filoſofo Cretenſe, e Geografo inſigne, nos tempos de Auguſto.

Suáquem, cidade, e porto o melhor de todo o eſtreito do mar Roxo, cercada de mar, á maneira de ilha; a qual naõ occupa mais terra que a cidade; cujas caſas ſaõ ao modo de Eſpanha.

Suecio, o de Suecia, provincia de Eſcandinavia.

Suez, lugar pequeno, e nobre na coſta do mar Roxo: antigamente dito Arſinoe de huma filha, ou irmãa de Ptolomeu Rei do Egypto, que o fundou.

Sumano, he o meſmo que Plutaõ, a que os Antigos chamaraõ Deos do Inferno.

Sunda, ilha do Oriente, além de Samatra, em a qual ha pimenta muito boa, e hum rio que naõ ſoffre ſobre ſi couſa alguma por leve que ſeja.

T

TAgides, as Ninfas do rio Tejo, chamado antigamente Tago.

Tanais, dito commummente Tana rio, que naſce

naſce nos montes Ripheos, e divide a Aſia de Europa.

Tanor, lugar na coſta de Melinde.

Taprobana, vide *Ceilaõ*.

Tarifa, cidade de Andaluſia, dita antigamente Tarteſo.

Tarpeia, huma donzella filha de Tarpeo Romano, Alcaide mór da fortaleza de Roma; a qual com cobiça de humas manilhas, que os Sabinos inimigos dos Romanos lhe prometeraõ, deo ordem pera entrarem no caſtello, e em lugar de manilhas lhe deraõ a morte.

Tarquinio, foi Sexto Tarquino filho de Tarquinio o ſoberbo de Alcunha: por cometter adulterio com Lucrecia mulher de Collatino, acabou mal fóra de Roma, e ſeu pai perdeo o Reino.

Tarragonez, o da Provincia Tarraconenſe, huma das tres em que Eſpanha foi dividida; a qual ſe chamou aſſi da cidade Tarragona ſua Metropoli.

Tarteſios, ſaõ os Andaluzes de Tarteſo, que he Taripha, cidade de Andaluſia.

Tavay, cidade antigamente do Reino de Syaõ, hoje a ultima do Reino de Pegú.

Taumante, pai de Iris, menſageira dos Deoſes, e principal de Juno: toma-ſe pelo

pelo arco celeſte, que commummente dizemos *da velha.*

Tavilla, lugar do Reino do Algarve.

Tauro, hum dos maiorès montes do mundo, o qual abraça toda Aſia, desde o Oceano Oriental até o Septentrional; mas com differentes nomes, conforme as varias naçoens, por onde paſſa.

Tejo, rio mui celebrado dos antigos por ſuas arêas de ouro: naſce nas ſerras de Conca, cidade de Caſtella a Velha, e entra no Oceano, quatro legoas de Lisboa.

Teneſſary, cidade do Reino de Syaõ, no Oriente, em a qual ſe dá a melhor pimenta do mundo, como tambem em Queda, cidade do meſmo Reino.

Tereſa, mulher do Conde Dom Henrique, pai delRei Dom Affonſo Henriques, o primeiro de Portugal; a qual foi filha delRei Dom Affonſo Sexto, Imperador de Eſpanha.

Ternate, huma das ilhas do Maluco, da qual ſahem chammas de fogo.

Tethis, filha de Celo, e Veſta; Deoſa do mar, e de ordinario ſe toma pelo meſmo mar.

Thebano, he Bacco, porque ſua mãi Semele foi de Thebas.

Themiſtocles, Capitaõ Athenienſe de grande nome.
Temitiſtaõ, he nome da cidade Mexico na nova Eſpanha.
Theotonio, foi Dom Theotonio Prior de Santa Cruz de Coimbra.
Thermodonte, rio de Themiſcyta, pequena regiaõ, viſinha de Capadocia, junto ao qual viviaõ antigamente as Amaſonas.
Thermopylas, paſſo aſpero, e eſtreito, que ao longo da praia faz o monte Oeta de Macedonia, regiaõ de Grecia; o qual Leonidas Rei de Macedonia com pouca gente defendeo de hum grandiſſimo exercito de Xerxes Rei dos Perſas
Theſeo, filho de Egeo Rei de Athenas, heroe clariſſimo, emulo de Hercules, e amigo grande de Perithoo.
Theſiponio, artifice famoſo, que fez o Templo de Diana em Epheſo.
Thioneo, he Bacco.
Thirintio, he Hercules, chamado aſſi de Thirintia ſua patria em Grecia.
Thomé, S. Thomé Apoſtolo de Noſſo Senhor Jeſu Chriſto, o qual eſteve, e padeceo martyrio na cidade Meliapor, onde eſtá ſepultado.
Thraces, os de Thracia, regiaõ de Grecia,

cia, chamada hoje Romania.

Tibre, celeberrimo rio de Italia, o qual aparta o Janiculo da cidade de Roma.

Tidore, huma das ilhas de Maluco na India.

Tigris, rio famoso na menor Armenia, o qual entra no mar da Persia.

Timavo, rio dos Venesianos, ao qual os Antigos chamavaõ mar, por ter a agoa salgada: entra no mar Adriatico com sete, ou nove bocas, e huma dellas de agoa doce.

Timor, ilha do Archipelago, onde estaõ as Malucas.

Tinge, cidade na Mauritania, e edificada por Anteo, Rei da ultima parte de Mauritania: hoje se diz Tanger.

Tingitana terra, quer dizer terra de Berberia.

Typheo, Gigante, filho de Titano, e da Terra, inimigo capital de Jupiter, e dos outros falsos Deoses.

Typheas armas, saõ os raios de que Jupiter usava.

Tyria cor, he a gram, chamada assi de Tiro, cidade de Phenicia, que hoje se chama Suria, onde se faz excellentissima.

Tyrios, os desta cidade. Tyro, de quem se diz foi fundada a cidade de Cadiz.

Titaõ,

Titaõ, fingem os Poetas pai da Aurora, que he a manhãa.
Tytiro, paſtor celebrado de Virgilio.
Tito, filho de Veſpaſiano, o qual tomou a Jeruſalem, e a aſſolou, e queimou, naõ deixando pedra ſobre pedra.
Tobias, nome proprio, celebrado nas ſagradas Letras; pelo ſeu guiador ſe entende o Archanjo S. Rafael.
Toledo, Reino de Eſpanha, chamado aſſi de huma Cidade deſte nome ſua Metropoli.
Tonante, he Jupiter.
Tormentorio cabo, he o que cõmummente chamamos de Boa Eſperança.
Toro, lugar, que fica deſoito legoas do Monte Synai, muito falto de agoa.
Torquato, chamava-ſe Tito Manlio, homem excellente, e tam obſervador da diſciplina militar, que fez morrer hum proprio filho, ainda que vencedor, por haver vencido ſem ſua ordem.
Torres-Vedras, lugar de Portugal.
Trajano, Imperador de Romanos, Eſpanhol de naçaõ, o qual ſugeitando varias naçoens por mar, e por terra, conquiſtou até á India, mas naõ entrou nella.
Trancoſo, villa famoſa de Portugal.

Tritaõ, filho de Neptuno, e de Salacia, ſenhores do mar; e ſeu trombeta.

Troia, cidade antigamente celebre em a Phrygia, provincia de Aſia menor junto do Helleſponto: a qual foi deſtruida pelos Gregos, ſem ficar pedra ſobre pedra.

Tropico, ſaõ os Tropicos certas baliſas, e terminos do Ceo, entre os quaes anda o Sol, ſem paſſar nenhuma dellas. Hum ſe chama do Cancro, da banda do Norte; outro de Capricornio, da banda do Sul.

Trudante, cidade populoſa de Berberia.

Tuy, cidade no Reino de Galiza.

Turcos, os povos de Turquia.

Tuſcos, os meſmos que Toſcanos de Toſcana Regiaõ de Italia.

Tutuaõ, lugar fronteiro de Africa.

V

VAndalia, he Andaluzia: chamada aſſi dos Vandalos povos de Alemanha, que neſta parte fizeraõ aſſento.

Venereo, couſa de Venus.

Veneza, cidade fermoſa, e rica, e de gran-

grandiſſimo trato, e commercio, edificada no mar, de que eſtá cercada, e ſe anda toda por mar.
Venus, entre os Antigos tida por Deoſa da fermoſura, e dos amores laſcivos.
Veſpero, ou Heſpero, he o Planeta Venus, que nas partes Occidentaes, em ſe pondo o Sol, apparece primeiro que todas as eſtrellas, e planetas; e antes que o Sol ſaia, ſe vê tambem no Ceo depois de eſcondidas as outras eſtrellas.
Veſta, filha de Saturno, e de Opis, mái de Thetis ſenhora do mar.
Viriato, Portuguez valeroſiſſimo, o qual de paſtor, e depois de ſalteador, veio a levantarſe com toda Luſitania, por cuja defenſaõ deu aſſaz em que entender aos Romanos, por eſpaço de catorze annos.
Ulcinde, Reino do Oriente entre Perſia, e Cambaia.
Ulyſſes, o mais aſtuto, e ſabio de todos os Gregos, que foraõ á guerra Troiana, foi filho de Laertes Rei de Ithaca, ilha, e fundador de Lisboa.
Ulyſſeos muros, os de Lisboa.
Ungaro, o de Ungria, donde alguns dizem era o noſſo Conde Dom Henrique.

Urſas,

Urſas, ſaõ as que chamamos guardas do Norte.

Vulcano, filho de Jupiter, e Juno, entre os Antigos venerado por Deos do fogo, e ſe toma pelo meſmo fogo: e os Poetas dizem que elle fazia os raios a Jupiter ſeu pai. Foi caſado com Venus, e fez tambem as armas a Eneas ſeu enteado.

X

XEque, quer dizer Governador nã lingoa Arabiga.

Xerez, lugar de Caſtella.

Xerxes, filho de Dario, o mais poderoſo Rei dos Perſas.

Y

YOpas, hum grande muſico de Africa, e tangedor excellentiſſimo.

Yos, ilha do mar Mirtoo, em a qual dizem eſtar ſepultado o Poeta Homero.

Z

Zaire, rio grandiſſimo de Africa, cuja fonte eſta no ſertaõ do Reino de Congo.

Zebellinos, animaes, ſaõ os que cõmummente chamamos arminhos.

Zeila, lugar na coſta de Africa.

Zelanda, terra do Norte.

Zephiro, vento, que por outro nome chamamos Favonio, e viraçaõ, que corre no veraõ. Os Poetas o fazem caſado com Flora Deoſa das flores.

Zona circulo, com que os Geografos dividem a terra, os quaes ſaõ ſinco.

Zopyro, Vaſſallo de Darió Rei dos Perſas.

LAUS DEO.

